



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Campus Presidente Prudente

**VULNERABILIDADE SOCIAL E A QUESTÃO SOCIAL
URBANA: a condição de existência precária em Londrina-PR e
Presidente Prudente-SP**

TESE DE DOUTORADO

FILIPPE ANTUNES LIMA

PRESIDENTE PRUDENTE

2023

Programa de Pós-Graduação em Geografia

Área de Concentração: Produção do Espaço

Linha de Pesquisa: Trabalho, Saúde Ambiental e Movimentos Sócio-territoriais

TESE DE DOUTORADO

**VULNERABILIDADE SOCIAL E A QUESTÃO SOCIAL URBANA: a condição de
existência precária em Londrina-PR e Presidente Prudente-SP**

FILIPPE ANTUNES LIMA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologias, da Universidade Estadual Paulista como requisito parcial para a obtenção de título de Doutorado em Geografia sob a orientação de Prof. Dr. Raul Borges Guimarães.

Presidente Prudente – SP

14 de setembro de 2023

L732v

Lima, Filipe Antunes

VULNERABILIDADE SOCIAL E A QUESTÃO SOCIAL URBANA: : a
condição de existência precária em Londrina-PR e Presidente
Prudente-SP / Filipe Antunes Lima. -- Presidente Prudente, 2023
223 p. : il., tabs., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Raul Borges Guimarães

1. Geografia. 2. Espaço. 3. Aspectos Sociais. 4. Existência. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e
Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE FILIPE ANTUNES LIMA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA - CÂMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE.

Aos 22 dias do mês de setembro do ano de 2023, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de FILIPE ANTUNES LIMA, intitulada **“VULNERABILIDADE SOCIAL E A QUESTÃO SOCIAL URBANA: a condição de existência precária em Londrina-PR e Presidente Prudente-SP”**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. RAUL BORGES GUIMARÃES (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Geografia / Unesp/FCT - Câmpus de Presidente Prudente, Profa. Dra. EDUARDA MARQUES DA COSTA (Participação Virtual) do(a) Instituto de Geografia e Ordenamento Territorial / Universidade de Lisboa, Prof. Dr. JORGE AMANCIO PICKENHAYN (Participação Virtual) do(a) Instituto de Geografia Aplicada / Universidad Nacional de San Juan - San Juan, Argentina, Profa. Dra. ROSIMÁR ALVES QUERINO (Participação Virtual) do(a) Instituto de Ciências da Saúde / Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, Prof. Dr. UMBERTO CATARINO PESSOTO (Participação Virtual) do(a) Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo / Instituto de Saúde. Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. RAUL BORGES GUIMARÃES



Documento assinado digitalmente
RAUL BORGES GUIMARAES
Data: 22/09/2023 11:17:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho ao meu maior exemplo de integridade, sabedoria e profissionalismo. Meu maior apoiador, meu eterno orientador e melhor amigo, meu pai, Professor Samuel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por me sustentar e guardar todos os dias, a Ele todo a honra, glória e louvor.

À minha esposa, Camila, melhor amiga e confidente, por todo amor, apoio, coragem e determinação. Por dividir comigo a caminhada, estando presente em todos os momentos. Por ser a minha companheira de vida e aventuras.

Aos meus pais, Samuel e Carmem, pelo amor, carinho e correção demonstrados todos esses anos. Pelo exemplo de trabalhadores, guiados por honestidade e verdade.

Ao meu orientador, Raul, pela confiança, todo o trabalho, pela longa jornada, pelas diversas oportunidades de aprendizado e, principalmente, pela coragem de propor novas abordagens para a ciência geográfica.

À Prof. Louise, pela oportunidade de estágio, coragem e dedicação durante o ano que estive na Universidade de Ottawa, por todo apoio durante tempos tão difíceis de pandemia.

Aos meus orientadores desde a graduação, formais e informais, João Carlos, Paulo Cezar, Eduarda, Mark Hamin e Marlene por todas as oportunidades e experiências, com certeza fazem parte desse resultado.

Agradeço a Universidade Estadual Paulista pela realização do doutorado. A todos os professores desta instituição, que contribuíram para a minha formação de doutorado, e que intensificaram a minha paixão e admiração pela complexidade e grandeza da Geografia.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À FAPESP, pelo fomento da pesquisa, proporcionando apoio financeiro e institucional para a pesquisa regular de doutorado e para o estágio de doutorado no exterior Processo nº

2018/08454-4, Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Processo nº 2019/18509-3, Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Aos colegas do BIOGEOS (Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde) por todo o aprendizado, companheirismo e cumplicidade. Pelas longas e prolíficas conversas, pelas discussões teórico-metodológicas, e pela alegria de sempre.

A todos os amigos que fiz nessa caminhada geográfica de mais de doze anos, pelas experiências, pelos debates, risadas e memórias cultivadas, que de alguma forma contribuíram com os seus conhecimentos, experiências, sabedoria e especialidades, que de uma forma ou de outra se desdobram nesse trabalho.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa longa caminhada, o meu muito obrigado!

RESUMO

A crescente urbanização tem produzido espaços com condições de vida precárias. Esse fenômeno não é recente, mas tem se intensificado muito nos países de capitalismo periférico, como é o caso do Brasil. Essa realidade social é produzida e reproduzida pelo capital e tem em sua existência, um caráter espacial. Dentre os vários conceitos empregados, essa tese privilegia o de vulnerabilidade social, conceito amplamente abordado nas ciências sociais, mas que na Geografia Crítica necessita de uma sistematização, e, para além da Gnoseologia, um esforço analítico acerca do Ser Social na análise da vulnerabilidade social. Por isso, este trabalho visa problematizar a vulnerabilidade social, considerando o aporte teórico-metodológico da Geografia, e para isso é necessário: analisar a questão da vulnerabilidade social à luz dos conceitos geográficos; identificar áreas de vulnerabilidade social em Londrina-PR e Presidente Prudente-SP; compreender a percepção de sujeitos inseridos em contextos de vulnerabilidade social acerca de sua realidade, e, finalmente, estabelecer as relações entre vulnerabilidade social, espacialidade e existência. Nessa pesquisa foi aplicado metodologia do Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social (IBVS) para a identificação das áreas de vulnerabilidade social nas duas cidades, foram selecionadas duas áreas, uma em Londrina-PR e outra em Presidente Prudente-SP, para a realização de entrevistas com os sujeitos inseridos nessa realidade. Além disso, propôs-se uma discussão acerca da incorporação da Ontologia do Ser Social na discussão da questão social urbana, visando estabelecer relações entre a vulnerabilidade social, a existência e a espacialidade. Por fim, apresentou-se a vulnerabilidade social enquanto uma condição de existência precária.

Palavras-chave: vulnerabilidade social, questão social urbana, existência, espacialidade, condição de existência precária

ABSTRACT

Increasing urbanization has produced spaces with precarious living conditions. This phenomenon is not recent, but it has intensified greatly in countries with peripheral capitalism, such as Brazil. This social reality is produced and reproduced by capital and has a spatial character in its existence. Among the various concepts used, this thesis privileges that of social vulnerability, a concept widely addressed in the social sciences, but which in Critical Geography requires systematization, and, in addition to Gnoseology, an analytical effort regarding the Social Being in the analysis of social vulnerability. Therefore, this work aims to problematize social vulnerability, considering the theoretical-methodological contribution of Geography, and for this it is necessary to: analyze the issue of social vulnerability in the light of geographic concepts; identify areas of social vulnerability in Londrina-PR and Presidente Prudente-SP; understand the perception of subjects inserted in contexts of social vulnerability regarding their reality, and, finally, establish the relationships between social vulnerability, spatiality and existence. In this research, the methodology of the Brazilian Social Vulnerability Index (IBVS) was applied to identify areas of social vulnerability in the two cities. Two areas were selected, one in Londrina-PR and the other in Presidente Prudente-SP, to carry out interviews with the subjects inserted in this reality. Furthermore, a discussion was proposed about the incorporation of the Ontology of the Social Being in the discussion of the urban social issue, aiming to establish relationships between social vulnerability, existence and spatiality. Finally, social vulnerability was presented as a condition of precarious existence.

Key-words: social vulnerability, urban social issues, existence, spatiality, precarious condition of existence

RÉSUMÉ

L'urbanisation croissante a produit des espaces aux conditions de vie précaires. Ce phénomène n'est pas récent, mais il s'est fortement intensifié dans les pays au capitalisme périphérique, comme le Brésil. Cette réalité sociale est produite et reproduite par le capital et a un caractère spatial dans son existence. Parmi les différents concepts utilisés, cette thèse privilégie celui de vulnérabilité sociale, concept largement abordé dans les sciences sociales, mais qui en Géographie Critique nécessite une systématisation, et, en plus de la Gnoséologie, un effort analytique sur l'Etre Social dans l'analyse des phénomènes sociaux. vulnérabilité. Par conséquent, ce travail vise à problématiser la vulnérabilité sociale, en considérant l'apport théorico-méthodologique de la Géographie, et pour cela il est nécessaire de : analyser la question de la vulnérabilité sociale à la lumière des concepts géographiques ; identifier les zones de vulnérabilité sociale à Londrina-PR et Presidente Prudente-SP ; comprendre la perception des sujets insérés dans des contextes de vulnérabilité sociale par rapport à leur réalité et, enfin, établir les relations entre vulnérabilité sociale, spatialité et existence. Dans cette recherche, la méthodologie de l'Indice Brésilien de Vulnérabilité Sociale (IBVS) a été appliquée pour identifier les zones de vulnérabilité sociale dans les deux villes. Deux zones ont été sélectionnées, l'une à Londrina-PR et l'autre à Presidente Prudente-SP, pour réaliser entretiens avec des sujets insérés dans cette réalité. En outre, une discussion a été proposée sur l'incorporation de l'ontologie de l'être social dans la discussion de la question sociale urbaine, visant à établir des relations entre vulnérabilité sociale, existence et spatialité. Enfin, la vulnérabilité sociale était présentée comme une condition d'existence précaire.

Mots-clés : vulnérabilité sociale, problématique sociale urbaine, existence, spatialité, condition d'existence précaire

LISTA DE SIGLAS

ACS - Agentes Comunitários de Saúde
AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CRAS - Centro de Referência da Assistência Social
HIV - Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBVS - Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
NOB-SUAS - Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social
OBVS - Orientações Básicas da Vigilância Socioassistencial
ONU - Organização das Nações Unidas
SUAS - Sistema Único de Assistência Social
SUS - Sistema Único de Saúde
UBS - Unidades Básicas de Saúde
UBSF - Unidades Básicas de Saúde da Família

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Fluxograma de cálculo do IBVS.....	34
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Índice de Vulnerabilidade da População da cidade de Londrina-PR.....	37
Gráfico 02 – Índice de Vulnerabilidade do Lugar da cidade de Londrina-PR.....	39
Gráfico 03 – Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social da cidade de Londrina-PR.....	41
Gráfico 04 – Índice de Vulnerabilidade da População da cidade de Presidente Prudente-SP...	43
Gráfico 05 – Índice de Vulnerabilidade do Lugar da cidade de Presidente Prudente-SP.....	45
Gráfico 06 – Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social da cidade de Presidente Prudente-SP	47
Gráfico 07 – Número e proporção de excertos por categorias temáticas.....	57

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Localização das cidades de Londrina-PR e Presidente Prudente-SP.....	31
Mapa 02 – Índice de Vulnerabilidade da População de Londrina-PR.....	38
Mapa 03 – Índice de Vulnerabilidade do Lugar da cidade de Londrina-PR.....	40
Mapa 04 – Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social da cidade de Londrina-PR.....	42
Mapa 05 – Índice de Vulnerabilidade da População de Presidente Prudente-SP.....	44
Mapa 06 – Índice de Vulnerabilidade do Lugar da cidade de Presidente Prudente-SP.....	46
Mapa 07 – Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social da cidade de Presidente Prudente-SP..	48
Mapa 08 – Situação de Vulnerabilidade Social - Área do Marco Zero, Londrina-PR.....	50
Mapa 09 – Situação da Vulnerabilidade Social - Área do Ep6.S2, Presidente Prudente-SP.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Variáveis selecionadas e seus respectivos pesos.....	34
Quadro 02 – Relação de entrevistados da pesquisa.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO10

1. A VULNERABILIDADE SOCIAL E SEUS (DES)CAMINHOS CONCEITUAIS17

1.1 A polifonia da vulnerabilidade social17

1.1.1 Vulnerabilidade Social aos Desastres Naturais18

1.1.2 Vulnerabilidade Social na Sociologia e Economia22

1.1.3 Vulnerabilidade Social em Saúde24

1.1.4 Vulnerabilidade Social nas Políticas Públicas de Assistência Social25

1.2 A consonância objetiva acerca da realidade social26

1.3 A intrínseca e sórdida relação entre risco e vulnerabilidade social27

1.4 A ruptura da subordinação da vulnerabilidade ao risco28

2. ANÁLISE QUANTITATIVA DA VULNERABILIDADE SOCIAL EM LONDRINA-PR E PRESIDENTE PRUDENTE-SP31

2.1 Identificação da Vulnerabilidade Social em Londrina-PR e Presidente Prudente-SP32

2.1.1 Metodologia do IBVS32

2.1.2 IBVS em Londrina-PR36

2.1.3 IBVS em Presidente Prudente43

2.2 A definição do recorte empírico da pesquisa49

2.2.1 Definição do recorte empírico em Londrina-PR49

2.2.2 Definição do recorte empírico em Presidente Prudente-SP51

3. PARA ALÉM DE INDICADORES: AS HISTÓRIAS DE SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL54

3.1 Análise narrativa das entrevistas56

3.2 Histórias de vida que contam uma outra história: possíveis fissuras na análise de indicadores74

3.3 Os impactos longínquos da vulnerabilidade social na vida dos sujeitos77

4. A INCORPORAÇÃO DA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL NA DISCUSSÃO DA QUESTÃO SOCIAL URBANA80

4.1 Afinal, o que é Ontologia?80

4.2 A presença da Ontologia na Geografia Brasileira81

4.3 A Ontologia do Ser Social e o Espaço84

4.4 A espacialidade enquanto categoria ontológica86

4.5 Vulnerabilidade social, a condição de existência precária89

CONSIDERAÇÕES FINAIS92

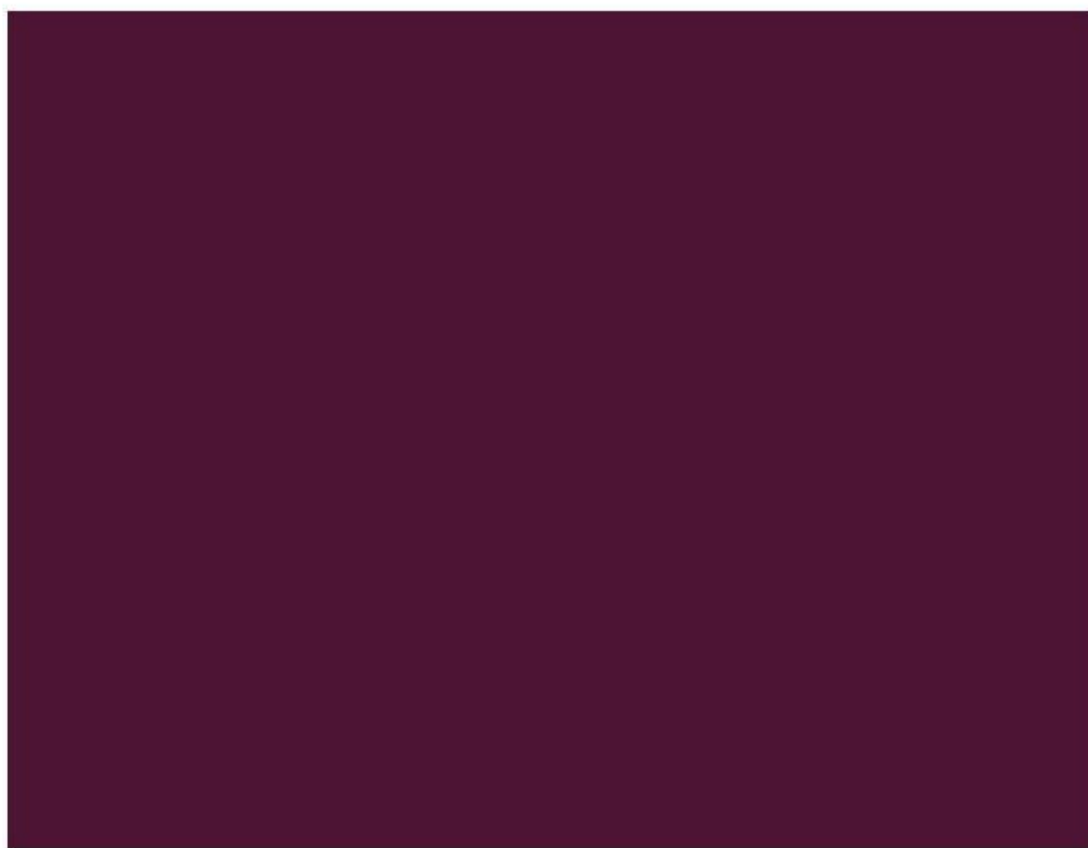
REFERÊNCIAS97

ANEXOS109

APÊNDICES118



INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

O processo de urbanização na sociedade capitalista moderna ocorreu, primeiramente na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, com a intensificação da produção industrial, provocando incontáveis transformações nas paisagens do país. Tal revolução causou êxodo rural sem precedentes na História, e conseqüentemente, um crescimento populacional exponencial nas cidades. O trecho abaixo de Engels (2008) enuncia tal momento da História na Inglaterra:

“Há sessenta ou oitenta anos, a Inglaterra era um país como todos os outros, com pequenas cidades, indústrias diminutas e elementares e uma população rural dispersa, mas relativamente importante; agora, é um país ímpar, com uma capital de 2,5 milhões de habitantes.” (ENGELS, 2008 p.58).

Cidades como Londres, Liverpool, Birmingham e Leeds sofreram tal processo de urbanização frenética nesse momento histórico e tal crescimento se deu de maneira predatória e insalubre. Engels descreve a paisagem urbana como um cenário de caos, repleto de poluição, lixo acumulado e esgoto a céu aberto (ENGELS, 2008; LIMA, 2016b; LIMA & LIMA, 2020). A seguir consta uma descrição de Engels (2008) acerca dos bairros de “má fama”, áreas da cidade repletas de cortiços, onde morava a classe operária:

“Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias” (ENGELS, 2008 p.70).

Os bairros operários, diferentemente das regiões aristocráticas, não possuíam as condições básicas de sobrevivência e salubridade das populações que ali habitavam. Diante disso, fica evidente que as cidades modernas foram desenvolvidas a partir de uma produção desigual do espaço urbano. Tal produção desigual não ocorreu de forma acidental ou casual,

mas *pari passu* com a lógica de acumulação capitalista. De um lado se acumulam riquezas e de outro, miséria e doenças (ENGELS, 2008; LIMA, 2016b; LIMA & LIMA, 2020).

Por essa razão, tal realidade miserável das cidades fabris da Europa nos séculos XVIII e XIX não foram fenômenos isolados no processo de urbanização mundial. Tal lógica de produção desigual do espaço urbano também pode ser identificada nos países de industrialização tardia, como o México, Argentina e o Brasil.

Santos (1993) aponta que há no Brasil um processo característico da urbanização tardia. Por um lado, conforme já explicitado, o processo de industrialização é um motor do crescimento urbano, porém, há outra questão preponderante, o processo de transição demográfica, fruto do aumento da natalidade e da diminuição da mortalidade (SANTOS, 1993; VASCONCELOS & GOMES, 2012).

Evidentemente, tal como nas experiências de industrialização clássica, a produção do espaço urbano brasileiro se deu de maneira desigual e iníqua. Maricato (1996) descreve tal processo da seguinte maneira:

“O processo de urbanização, acelerado e concentrado, marcado pelo ‘desenvolvimento moderno do atraso’, cobrou, a partir dos anos 80, após poucas décadas de intenso crescimento econômico do país, um alto preço, através da predação ao meio ambiente, baixa qualidade de vida, gigantesca miséria social e seu corolário, a violência” (MARICATO, 1996).

No caso específico das cidades médias brasileiras, presenciou-se uma explosão demográfica no fim do século XX, com taxas de crescimento superiores às metrópoles. Novamente, ficam notórios os processos de produção desigual do espaço urbano, a partir da concentração de infraestrutura e serviços urbanos no centro dessas cidades. Nas periferias, o que impera são as situações de irregularidade fundiária, inexistente ou insuficiente infraestrutura e oferta de serviços precários (MARICATO, 2001; TORRES et al., 2003; OLIVEN, 2010).

Esse breve retrato do processo de urbanização aponta para a inegável realidade que, por ser um produto da sociedade burguesa capitalista, reproduz nas cidades as contradições sistêmicas e estruturais do seu modo de produção e acumulação, resultando necessariamente em desigualdade social. Portanto, o espaço urbano deve ser analisado como um construto social, intencional e dinâmico, historicamente e espacialmente produzido, dentro da lógica capitalista vigente, como ensina Roberto Lobato Corrêa (1995):

“O espaço urbano capitalista (...) é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem. A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas ao espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infra-estrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade” (CORRÊA, 1995).

A partir dessa concepção, de que há intencionalidades de agentes sociais concretos, a partir de engendramentos da (re)organização espacial como alocação ou não de infraestrutura; o ordenamento do uso do solo, em particular, e a produção do espaço urbano de modo geral, deve ser analisado de forma crítica, não havendo margem para aleatoriedade ou casualidade. Portanto, discutir a questão social urbana é discutir os processos que a produzem (JAGUARIBE, 1988; IANNI, 1989; SANTOS, 1993; CORRÊA, 1995).

Um fato que emerge ao se debruçar sobre a literatura acadêmica acerca da questão social urbana é que ela é entendida a partir de diversos conceitos nas diversas áreas do conhecimento. Ainda, muitas vezes, utilizados de maneira conjunta, a partir de definições cíclicas e conceituações abertas. Fato é que, dada a complexidade do tema, é natural que múltiplas compreensões e enfoques sejam desenvolvidos.

Porém, é necessário que haja uma reflexão que permita explicar a complexidade da realidade social nas cidades, inclusive do ponto de vista da reprodução espacial desse fenômeno, o que direciona o olhar sobre a discussão no âmbito da Geografia.

Vários geógrafos têm discutido a temática das tensões sociais, lançando mão de diferentes conceitos para abordar tal fenômeno. Entre eles, faz-se menção aos conceitos mais celebrados na Geografia que abarcam a temática da questão social numa perspectiva espacial, sendo eles: exclusão social (MELAZZO, 2006; OLIVEIRA, 2007; VIEIRA, 2009; LINDO, 2015); segregação socioespacial (BOSCHETTI, 2004; SCHIMIDT, 2009; SILVA, 2005; MARTINS, 2014; SILVA, 2016) e vulnerabilidade social (TIMMERMAN, 1981; CONNORS, 1992; CUTTER, 1996; BIRKMANN, 2006; ALMEIDA, 2010; LIMA, 2016b). Na presente tese de doutorado, desses conceitos privilegiou-se o último, pela sua aplicação em trabalhos anteriores do autor (LIMA & MENDES, 2015a; LIMA & MENDES, 2015b; LIMA, 2016a; LIMA & GUIMARÃES, 2019a; 2019b). Apesar disso, as análises acerca da realidade social contidas neste trabalho podem ser aplicadas para outros conceitos e discussões, uma vez que tratam dessa mesma realidade social.

Esse trabalho se justifica pelo fato dessa realidade, a vulnerabilidade social, estar se intensificando ainda mais, com o avanço da urbanização no mundo. Evidência dessa intensificação, um relatório da Organização das Nações Unidas - ONU de 2015 aponta que até 2050, mais de 70% da população urbana mundial viverá em cidades, tendo como vetor de crescimento, os países subdesenvolvidos. Ainda o estudo aponta que hoje, um terço da população urbana vive em espaços precários e em condição de vida precária. As tendências apontam para um percentual de crescimento ainda maior entre essas populações (UNITED NATIONS, 2015).

A partir disso, a presente tese tem por objetivo problematizar a vulnerabilidade social, a partir do arcabouço teórico-metodológico da Geografia, a fim fazer avançar a análise da questão social urbana. Para a realização deste estudo, a pesquisa tomou como recorte

empírico para análise da vulnerabilidade social, as cidades de Londrina-PR e Presidente Prudente-SP, bem como foram selecionadas áreas para a realização de entrevistas com sujeitos inseridos em tais contextos.

O projeto intitulado “VULNERABILIDADE SOCIAL: pensar as políticas públicas de saúde e desenvolvimento social e os modos espaciais de existência”, financiado pela FAPESP¹ (Processo nº 2018/08454-4 - regular) e (Processo nº 2019/18509-3 - BEPE). teve seu título revisado, a partir dos desdobramentos teórico-metodológicos alcançados durante a pesquisa. A presente tese foi estruturada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo *1. A Vulnerabilidade Social e seus (des)caminhos conceituais* trata da discussão conceitual existente nas ciências humanas acerca do conceito de vulnerabilidade social e os desdobramentos para essa pesquisa.

Em *2. Análise Quantitativa da Vulnerabilidade Social em Londrina-PR e Presidente Prudente-SP*, segundo capítulo da tese, é apresentada a análise da vulnerabilidade social das cidades de Londrina-PR e Presidente Prudente-SP a partir do tratamento cartográfico de dados secundários, tendo por base procedimentos metodológicos desenvolvidos em estudos anteriores

No terceiro capítulo intitulado *3. Para além de Indicadores: as histórias de sujeitos em situação de vulnerabilidade social*, são analisadas as trajetórias de vida de sujeitos que vivem em situação de vulnerabilidade social nas áreas de abrangência da pesquisa nas duas cidades. As análises das entrevistas desses sujeitos apontam para a necessidade da ampliação da discussão da vulnerabilidade social para além da perspectiva quantitativa.

O capítulo quatro da tese, *4. A Incorporação da ontologia do ser social na discussão da questão social urbana*, propõe um salto teórico a partir dos resultados apresentados nos

¹ As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP

capítulos anteriores. Partindo das determinações acerca da questão social urbanas analisadas nos capítulos 2 e 3, este capítulo retorna à filosofia do Ser, para assim, (re)definir os caminhos teórico-metodológicos que a tese se propõe. São discutidos neste capítulo as relações ontológicas do Ser e do Espaço e as suas implicações na análise da realidade social. Assim, são lançadas as determinações produzidas pela problematização da vulnerabilidade social na tese. O capítulo sintetiza as ideias desenvolvidas em todo o movimento reflexivo da pesquisa e apresenta a vulnerabilidade social como uma categoria concreta, a condição de existência precária dos sujeitos.

Por fim, em *Considerações Finais*, são apontadas a apreciação geral do trabalho, incluindo uma ponderação acerca dos objetivos da pesquisa, uma avaliação da trajetória acadêmica e dos procedimentos metodológicos e dos resultados obtidos na tese.



I. A VULNERABILIDADE SOCIAL E SEUS (DES)CAMINHOS CONCEITUAIS



1. A VULNERABILIDADE SOCIAL E SEUS (DES)CAMINHOS CONCEITUAIS

O conceito de vulnerabilidade social tem sido usado amplamente por diversas ciências, com diferentes definições e metodologias de medição, servindo aos próprios objetivos e interesses de cada pesquisa. Isso significa dizer que há tantas definições de vulnerabilidade social para quantas apropriações desse conceito houverem.

O conceito de vulnerabilidade social tem sido usado principalmente por campos da Geografia, Economia, Saúde Pública, Antropologia, Sociologia e Serviço Social para discutir questões sociais típicas do mundo urbano contemporâneo, variando em função do enfoque dado pela disciplina. Ainda que haja pontos de congruência, a vulnerabilidade pode ser considerada um conceito polifônico.

1.1 A polifonia da vulnerabilidade social

O estudo da vulnerabilidade social avança desde o fim da década de 1970, em diversos campos das ciências modernas de maneira concomitante. Se por um lado, tal movimento enriquece a discussão a partir de abordagens plurais, do ponto de vista epistemológico acaba por gerar inconsistências e confusões, especialmente quando algumas dessas diferentes concepções são aplicadas simultaneamente em pesquisas, sem o devido cuidado.

Em linhas gerais, a produção acerca da vulnerabilidade social nas ciências humanas pode ser dividida em quatro grandes enfoques: o enfoque ecológico/ambiental, ligado especialmente aos desastres naturais, discussão essa encabeçada pela Geografia; o enfoque socioeconômico, relacionado à negação de direitos e privação, liderado pela Economia e Sociologia; o enfoque epidemiológico, ligado às questões da Saúde Pública, em especial no campo da Saúde Coletiva e; por fim, o enfoque relacionado às políticas públicas de Proteção Social Básica e Especial, liderado pelos pesquisadores do Serviço Social.

1.1.1 Vulnerabilidade Social aos Desastres Naturais

O primeiro enfoque em que se faz necessário discutir remete ao uso do termo vulnerabilidade, especialmente vulnerabilidade socioambiental/social, relacionado aos desastres naturais.

Internacionalmente, a origem dessa discussão remonta o fim do século XX, mais especificamente o fim da década de 1970 e começo dos anos de 1980 com autores como O'Keefe (1976), Gabor & Griffith (1980), Timmerman (1981), Susman et al. (1983) e Kates (1985).

O'Keefe (1976) em sua obra "Taking the naturalness out of natural disasters" apresenta uma crítica à naturalização dos desastres, iniciando uma discussão, ainda tímida, acerca da relação entre os impactos de fenômenos naturais e a incidência de desastres, que não se correlacionam de maneira direta, mas devem ser relacionados às condições dos países mais pobres e sem infraestrutura.

Gabor & Griffith (1980), também em uma perspectiva ambiental ou ecológica, discutindo acidentes com materiais perigosos, traz uma definição muito simples, porém extremamente potente para o conceito de vulnerabilidade:

"O termo "vulnerabilidade", por outro lado, será usado aqui para indicar o status de uma comunidade como uma totalidade. A vulnerabilidade, portanto, se refere à ameaça à qual uma comunidade está exposta, levando em consideração não apenas as propriedades dos agentes químicos envolvidos, mas também a situação ecológica da comunidade e o estado geral de preparação para emergências em um determinado momento [tradução própria] (GABOR & GRIFFITH, 1980).

Os autores, ainda que de maneira sucinta, apontam para questões importantíssimas para o avanço dessa conceituação. Já está presente na sua discussão um elemento chave para essa compreensão ambiental/ecológica de vulnerabilidade, tão necessária até hoje nos

estudos dessa natureza: uma perspectiva compreensiva que considera não apenas os riscos de um evento ou desastre, mas o estado geral da população exposta.

Já Timmerman (1981), um dos mais citados autores dessa primeira geração de pesquisadores em vulnerabilidade e desastres naturais, traz apontamentos que aprofundam a discussão da vulnerabilidade social, questionando se essa seria um conceito ou um recurso retórico, apontando para as fragilidades de uma definição absoluta de vulnerabilidade. Porém, ele faz o esforço de uma sistematização do conceito da seguinte maneira:

“Vulnerabilidade é o nível em que um sistema reage adversamente à ocorrência de um evento perigoso. O grau e a qualidade da reação adversa são condicionados pela resiliência do sistema (uma medida da capacidade do sistema de absorver e se recuperar do evento)” [tradução própria] (TIMMERMAN, 1981).

Essa compreensão é a base para a compreensão da vulnerabilidade social na perspectiva ambiental/ecológica até hoje. O estado de uma população aponta para as possibilidades de enfrentamento de um evento perigoso, que, necessariamente, condiciona a capacidade de absorver e se recuperar, em segundo momento.

Outra obra importante nesse período, Susman et al. (1983) publicaram um capítulo de livro intitulado “Global disasters: A radical interpretation”, em que os autores discutem a temática dos desastres naturais com vistas a uma teoria global para esse fenômeno moderno, a teoria da marginalização. No texto, os autores tratam de diversos elementos que diretamente afetam as comunidades em relação ao risco de um grande desastre. Em suma, os autores definem “vulnerabilidade enquanto o grau em que diferentes classes da sociedade sofrem com risco diferentemente” (SUSMAN et al., 1983).

Ainda Kates (1985), no capítulo de livro acerca das interações do clima com a sociedade, apresenta uma definição para vulnerabilidade como uma “capacidade de sofrer danos e reagir adversamente” [tradução própria] (KATES, 1985). Tal compreensão corrobora

com as demais para o entendimento da vulnerabilidade enquanto uma (má) capacidade de enfrentamento de uma situação crítica.

Posteriormente, já na década de 1990, diversos autores se dedicaram à temática da vulnerabilidade social. Em especial, faz-se menção daqueles que trouxeram alguns novos elementos para essa discussão como Smith (1992), Cutter (1993; 1996), Bohle et al. (1994) e Brookfield (1999).

Talvez a mais citada entre todos os autores do tema, Cutter (1993) tornou-se referência basilar para a discussão da vulnerabilidade social aos desastres naturais. Em seu texto, a autora define vulnerabilidade sendo:

“(...) a probabilidade de que um indivíduo ou grupo seja exposto e adversamente afetado por uma ameaça. É a interação dos perigos do local (risco e mitigação) com o perfil social das comunidades (CUTTER, 1993).

A definição proposta pela autora trata da vulnerabilidade social enquanto uma questão probabilística da exposição a um evento adverso, isto é, mantendo a herança de uma proximidade muito grande entre vulnerabilidade e risco.

A Geografia lusófona participou ativamente dessa discussão, de maneira profícua, principalmente em Portugal. No mesmo período em que nos países de língua inglesa, em especial com Rebelo (1981; 2001; 2005; 2010) e posteriormente, Mendes et al. (2009), Cunha (2013; 2016), entre vários outros, traçaram discussões que partiram do conceito de risco, e desembocaram em uma compreensão da vulnerabilidade social/socioambiental a partir da compreensão de exposição ao risco, resumido por Cunha (2013) da seguinte maneira:

“vulnerabilidade social, que tem a ver, fundamentalmente, com a capacidade de resistência e de resiliência dos indivíduos e da sociedade face à manifestação de processos perigosos” (CUNHA, 2013).

Semelhantemente aos autores anglófonos, a literatura lusófona acerca da vulnerabilidade social/socioambiental tem por característica estudos focados essencialmente

em eventos extremos, isto é, na excepcionalidade de processos físicos, intensificados pelo homem, seja pelo uso do solo, seja pelas alterações do meio natural.

Na Geografia brasileira, essa discussão toma corpo a partir das discussões de Hogan (2002), Hogan & Marandola Junior (2005), Marandola Junior & Hogan (2005; 2006; 2007) e Marandola Junior (2006), que importam essas discussões acerca dos desastres naturais, contextualizando-as na realidade brasileira. Nesses textos, os autores apresentam a vulnerabilidade social a partir de dois aspectos: a vulnerabilidade do lugar (ora chamada de biofísica) e a vulnerabilidade da população (ora chamada de grupos sociais).

Há a partir desse momento, em consonância com as discussões internacionais, a exemplo de Cutter et al. (2003), uma compreensão da vulnerabilidade social enquanto conjunto de fatores, que inter-relacionados entre si, produzem (ou são produzidos pela) a exposição ao risco.

Percebe-se que nesse retrato histórico dos esforços acadêmicos acerca da vulnerabilidade, desde as décadas de 70 e 80, muito se avançou acerca da compreensão dos componentes e metodologias de cálculo dessa vulnerabilidade social, porém pouco se avançou acerca do seu adensamento teórico. Os autores e pesquisadores da temática se preocuparam mais em instrumentalizar tal conceito (ou para alguns, essa noção) do que na construção de uma episteme propriamente dita.

Em seu texto, Marandola Jr. & Hogan (2005) apontaram a carência de avanços na sistematização do conceito de vulnerabilidade, bem como renunciaram a futura preponderância desse conceito, sendo novamente reforçadas anos depois por Marandola Jr. & Dantona (2014). Outros autores como Mendonça (2004; 2011; 2014) e Tominaga, Santoro e Amaral (2009), partem dessa mesma perspectiva ecológica/ambiental da vulnerabilidade, cada um apresentando desdobramentos específicos para a temática dos desastres naturais.

Nessa concepção, a vulnerabilidade diz respeito às condições dos homens e dos bens que são entendidas a partir de fatores que tornam esses homens mais ou menos suscetíveis aos impactos de certos riscos, em suma, desastres naturais. Na realidade, a vulnerabilidade social é entendida como o conjunto de fatores relacionados à população, que quando interpolada à dimensão ambiental e ao risco, produz-se uma condição tal chamada de vulnerabilidade social/socioambiental (ALVES, 2006; ALMEIDA, 2010; DIAS, 2013).

1.1.2 Vulnerabilidade Social na Sociologia e Economia

No campo da Sociologia e da Economia, o enfoque do conceito de vulnerabilidade social, que é dado acerca da negação dos direitos humanos e das interações sociais dos sujeitos, também possui uma bibliografia extensa, especialmente fora do Brasil, fortemente ligada à órgãos supranacionais como o Banco Mundial e a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe – CEPAL. Esses órgãos têm financiado pesquisas na área da vulnerabilidade social nos últimos 20 anos e tem sido recorrente a discussão da preponderância desse conceito no enfrentamento das questões sociais (BUSSO, 2001; KAZTMAN et al. 1999; MOSER, 1998; PIZARRO, 2001). Pizarro (2001) defende em sua obra que:

O conceito de vulnerabilidade social tem dois componentes explicativos. De um lado, a insegurança e a indefesa que as comunidades, famílias e indivíduos vivenciam em suas condições de vida em decorrência do impacto causado por algum tipo de evento econômico-social traumático. Por outro lado, a gestão dos recursos e as estratégias utilizadas pelas famílias e indivíduos para enfrentar os efeitos deste evento [tradução própria] (PIZARRO, 2001).

Nessa perspectiva, os autores consideram que a vulnerabilidade social também é condição dos homens, porém o termo escolhido para trabalhar asset ou ativo, designa as capacidades individuais condicionantes da vulnerabilidade. Vale ressaltar que esse conceito é aplicado para toda a sociedade e não apenas para a população mais pobre, visto que a

compreensão de vulnerabilidade não mais parte simplesmente das condições dos homens, mas da noção da falta da proteção social ou insegurança (MOSER, 1998; MONTEIRO, 2012).

Uma outra vertente de enfoque social dentro do campo da Sociologia são as discussões de vulnerabilidade social que ocorreram no mesmo período, principalmente na França. Cabe destacar, principalmente, as contribuições de Castel (1997; 2000; 2005), que discutiu o conceito de vulnerabilidade na perspectiva das transformações no mundo do trabalho, especialmente na França. Castel delimitou o olhar da vulnerabilidade não sobre as condições dos homens em si, mas estrutura a discussão em torno de dois eixos: do trabalho e da sociabilidade sociofamiliar.

Castel (1997) define a vulnerabilidade social da seguinte maneira:

[...] um espaço social de instabilidade, de turbulências, povoado de indivíduos em situação precária na sua relação com o trabalho e frágeis em sua inserção relacional. Daí o risco de caírem na última zona, que aparece, assim, como o fim de um percurso. É a vulnerabilidade que alimenta a grande marginalidade ou a desfiliação (CASTEL, p. 27, 1997).

Para ele, a vulnerabilidade contempla uma zona do espaço social em que há precariedade nas relações de trabalho e da fragilidade nas relações sociais (também chamada de fragilização dos vínculos socioafetivos). Interessante ressaltar que essa perspectiva parte de uma premissa completamente dissonante das outras concepções de vulnerabilidade e que, além disso, também possui um outro conceito para o agravamento dessa situação, a zona de desfiliação, que seria a ausência de trabalho e o isolamento social também chamado de rompimento dos vínculos socioafetivos. Isso significa que, para ele, a vulnerabilidade é uma condição intermediária da precarização das relações de trabalho e da sociabilidade (CASTEL, 1997; 2000; 2005; MONTEIRO, 2012; MACIEL, 2014;).

1.1.3 Vulnerabilidade Social em Saúde

Ainda entre as leituras e apropriações conceituais da vulnerabilidade social, há o enfoque epidemiológico de vulnerabilidade, especialmente na temática da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. - AIDS, que foi preponderante nas discussões de saúde coletiva, sendo até hoje utilizada como referência básica de vulnerabilidade nesta área do conhecimento.

Mann et al. (1993) apresenta em seu livro um ensaio da avaliação de vulnerabilidade à infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV e discute uma metodologia de caracterização a partir de compartimentações que, posteriormente, foram também discutidas por outros autores como Ayres et al. (1999). Eles discutem vulnerabilidade à AIDS, evocando a importância da abordagem coletiva e social no enfrentamento da vulnerabilidade (AYRES et al., 1999; 2003).

Ainda no mesmo trabalho, Ayres et al. (1999) apresentam uma classificação para o conceito de vulnerabilidade, baseada na natureza de cada fator que incide sobre uma sociedade, isto é, uma compartimentação da vulnerabilidade. A classificação foi definida em três dimensões: individual, social e programática (AYRES et al., 1999; 2003 CZERESNIA & FREITAS, 2003).

A vulnerabilidade individual, também chamada de pessoal, está ligada às características e comportamentos que aumentam as possibilidades de infecção pelo HIV como prática sexual desprotegida, compartilhamento de agulhas e materiais cortantes, uso de drogas injetáveis, o que evidencia a qualidade e disponibilidade da informação. O componente social da vulnerabilidade está relacionado com as características socioeconômicas, culturais e de tomada de decisão, bem como da capacidade de utilização desse arcabouço para a transformação de ações expositivas ao risco, ou seja, da capacidade protetiva desse conjunto. Por fim, a vulnerabilidade programática diz respeito propriamente à rede de esforços, antes chamada de Programa, voltados para a proteção dos indivíduos ao

risco de exposição ao HIV. Isso culmina na existência de políticas, ações e estruturas de combate a esse risco, como a existência e o acesso de políticas nacionais de conscientização, a existência de equipamentos intersetoriais como escolas, postos de saúde, centros de assistência social ,que façam a proteção da comunidade circunscrita, além de outros esforços programáticos (AYRES et al; 2003).

1.1.4 Vulnerabilidade Social nas Políticas Públicas de Assistência Social

Por fim, uma outra perspectiva acerca da vulnerabilidade social está apresentada na concepção do Sistema Único da Assistência Social - SUAS, política pública criada com inspiração no Sistema Único de Saúde - SUS. O SUAS tem por objetivo garantir a proteção social dos cidadãos, tendo como um dos seus objetivos o combate à pobreza e transformação da situação de vulnerabilidade e risco social.

Na Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social – NOB-SUAS, vulnerabilidade social é definido como “o estado de maior ou menor exposição dos indivíduos e das populações aos fatores de exclusão social, que em última instância, revelam uma situação de desigualdade social, em contextos de negação dos direitos sociais” (BRASIL, 2012).

Outro documento que apresenta uma definição para vulnerabilidade social são as Orientações Básicas da Vigilância Socioassistencial – OBVS, documento que descreve e instrumenta o serviço de vigilância socioassistencial dentro do SUAS, incluindo não somente monitoramento dos serviços prestados, mas principalmente da identificação de situação de vulnerabilidade social. Portanto, define:

(...) vulnerabilidade (social) se constitui em situações ou ainda em identidades que podem levar à exclusão social dos sujeitos. Estas situações se originam no processo de produção e reprodução de desigualdades sociais, nos processos discriminatórios, segregacionais engendrados nas construções sócio-históricas que privilegiam alguns pertencimentos em relação a outros (BRASIL, s./d.:11).

Nota-se no trecho extraído das OBVS, a definição de vulnerabilidade social é definida como uma situação em que há uma realidade existente na vida dos indivíduos e famílias que, ainda que temporárias, afligem essas pessoas, sendo o mecanismo promotor da exclusão social.

Tais definições apontam para vários elementos apresentados anteriormente, em especial aqueles relacionados à vulnerabilidade social enquanto asset e aos conceitos de desfiliação e desproteção, muito caros à Sociologia e ao Serviço Social.

1.2 A consonância objetiva acerca da realidade social

Diante do exposto, se observa uma consonância objetiva acerca da realidade social estudada por cada um dos enfoques apresentados. Tal condição das populações não se dá na escolha temática ou metodológica, mas na própria realidade, através da reprodução de uma condição de vida precária. Independentemente de quem se propõe a estudar, em sua grande maioria, aquilo que todas as metodologias apresentadas se baseiam como ponto de partida para suas análises, ou seja, a vulnerabilidade social, é invariavelmente igual aquelas de temas completamente diferentes.

Todos os enfoques, com objetivos diferentes, consideram a mesma realidade social precária como ponto de partida para suas análises. Essa tal realidade social, incidente em todas as perspectivas, é que esse trabalho tem como ponto de partida. A condição de vida da população que, por si, é uma questão social complexa e caríssima aos estudos geográficos.

Isso porque, também evidenciado pela literatura apresentada, a vulnerabilidade social é um processo em que a sua reprodução possui, intrinsecamente, um componente espacial, que pode ser recuperado do conceito de produção desigual do espaço. Ainda, tal processo é, por si, um desafio de planejamento e de superação, sem que haja outras nuances consequentes dessa realidade.

Não há necessidade da iminência de um desastre natural ou da contaminação de um vírus, tais populações em situação de vulnerabilidade social já estão em condições que, no presente, afetam pejorativamente as suas vidas.

1.3 A intrínseca e sórdida relação entre risco e vulnerabilidade social

Além disso, outro desafio teórico emerge na discussão da vulnerabilidade social, a sua intrínseca relação com o risco. Ao se deparar, especificamente, com esses dois conceitos amplamente usados pela ciência, tanto na literatura nacional quanto internacional, ainda perdura uma grande confusão acerca do significado dos mesmos, especialmente nas ciências aplicadas, como, por exemplo, na Geografia dos riscos. Isso porque suas conceituações são associadas à conceituações cíclicas e normalmente acompanhadas de cálculos de indicadores e índices explicativos. A problemática é tão veemente que há momentos que são utilizados como sinônimos (JANCZURA, 2012).

Buscando solucionar tal questão, especificamente diferenciar a vulnerabilidade, conceito caro para essa pesquisa, voltou-se a mais elementar forma de pensamento acerca da questão que se propõe a pensar: a realidade.

A partir da definição filosófica de Metafísica do real, oriundo de res, ou seja, coisa, Japiassú & Marcondes (2008) definem como:

Que existe, que diz respeito às coisas, aos fatos. Oposto à fictício, ilusório, aparente. Ex.: poder real, ameaça real. Que pode ser objeto de nossa experiência, de nosso conhecimento. Oposto à imaginário. 2. Em um sentido metafísico, distingue-se o real, aquilo que existe por si mesmo, autonomamente, da *ideia ou da *representação que formamos dessa *realidade. Distingue-se ainda o real, existente, do real possível, ou seja, aquilo que existe em um momento determinado daquilo que contém a *possibilidade de existir. [grifo nosso] (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2008).

Apoderando-se da distinção proposta pelo dicionário, tem-se real existente como condição, e, por sua vez, real possível como potência para existir. Com isso, torna-se um pouco mais clara a definição e consequente diferenciação entre vulnerabilidade e risco.

Considera-se vulnerabilidade aquilo estritamente ligado ao real existente, aquelas condições que caracterizam o objeto estudado. Consequentemente, o risco está ligado ao real possível, a questão estritamente ligada à possibilidade de algo vir a existir, um dado evento.

Isso significa dizer que tanto a vulnerabilidade (compreensão limitada de um real existente) quanto o risco (compreensão limitada de um real possível) são parte do real. Eles não são meras abstrações, mas relações complexas da realidade, uma enquanto realidade existente outra enquanto realidade possível.

Por consequência, o real existente diz respeito às questões do presente e o real possível diz respeito às questões do futuro, mas dependente do real existente. Ou seja, o evento é produzido pelas condições existentes e, consequentemente, a vulnerabilidade produz o risco. Escrevendo de outra maneira, o risco é o real possível da vulnerabilidade, o real existente.

Tal abordagem define claramente o objeto de cada pesquisa dentro de cada uma das temáticas. Estudos que discutem a vulnerabilidade, sejam quais forem, devem discutir as condições existentes e o seu foco deve ser dado exatamente na sua condição e relações, possivelmente na transformação dessas condições. Se o objeto de pesquisa é o evento, ainda que sejam elencadas as condições existentes e, portanto, da vulnerabilidade, o conceito caro do debate é risco, uma vez que a ênfase está no evento e não nas condições.

1.4 A ruptura da subordinação da vulnerabilidade ao risco

Diante do exposto, surge dessa discussão uma inquietação: a ruptura da subordinação dos estudos de vulnerabilidade social, seja em qual enfoque, da perspectiva do

risco. Isso significa emancipar toda uma discussão acerca da condição social, a vulnerabilidade social (real existente), dos eventos futuros, o risco (real possível).

Do ponto de vista prático, tal decisão significa desvincular epistemologicamente a noção de vulnerabilidade social à algo externo. Significa assumir a vulnerabilidade social enquanto objeto central da análise, uma condição do real existente, recorte da realidade social. Não somente importa a vulnerabilidade social aos desastres naturais, a vulnerabilidade ao HIV, mas a vulnerabilidade social em si, a vulnerabilidade social enquanto realidade existente na sociedade contemporânea.

Tal posição epistemológica desarma a condição de subordinação da vulnerabilidade social ao risco, isso porque quando colocada enquanto objeto central e, ao mesmo tempo, compreendida como real existente, um recorte da realidade social, a preocupação passa a ser a compreensão dos mecanismos de produção dessa realidade, e em segunda instância, da sua transformação. É valioso para o avanço dos estudos da vulnerabilidade social, em especial nos países periféricos, que a compreensão da vulnerabilidade social seja emancipada do conceito de risco, pois esse, a partir da sua especificidade, retira do âmbito da análise aquelas populações que não preenchem os critérios dessa especificidade, em outras palavras, que não estão expostos a esse tipo de risco.



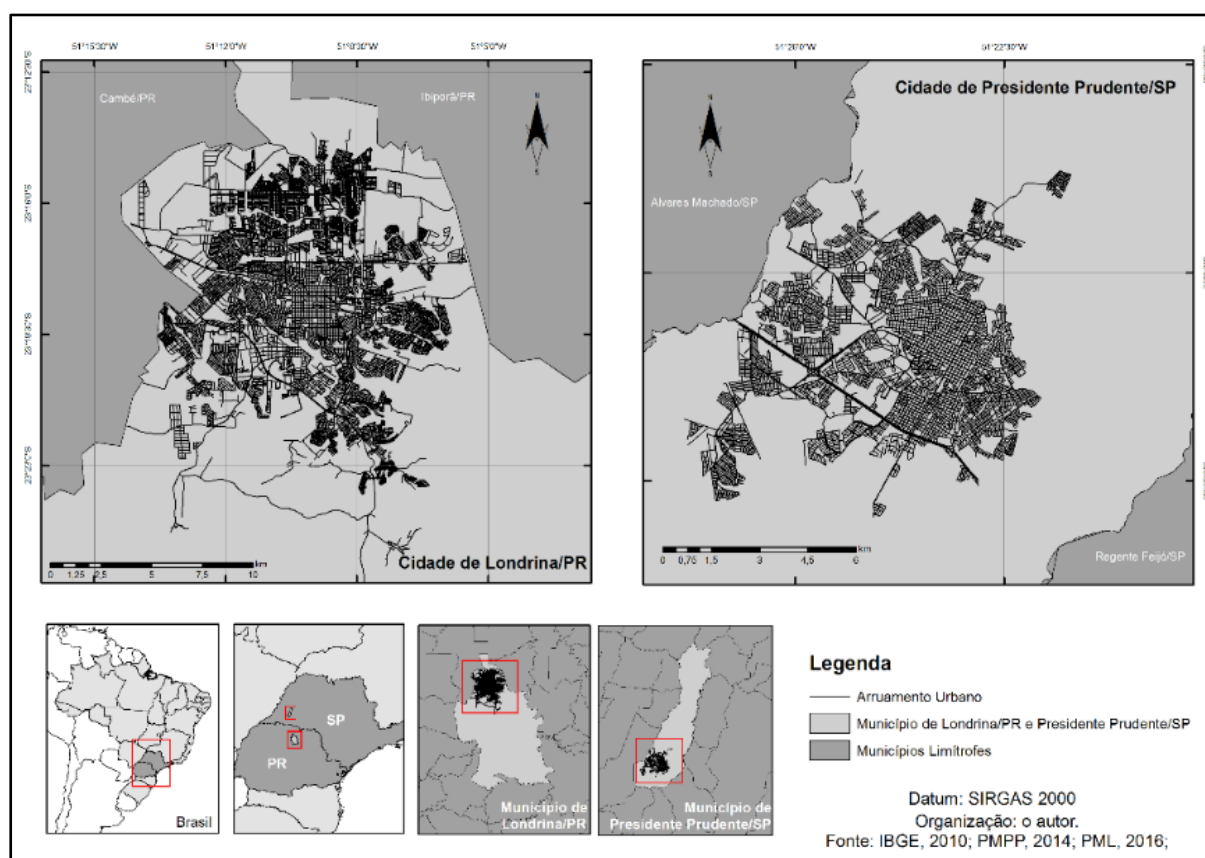
2. ANÁLISE QUANTITATIVA DA VULNERABILIDADE SOCIAL EM LONDRINA-PR E PRESIDENTE PRUDENTE-SP



2. ANÁLISE QUANTITATIVA DA VULNERABILIDADE SOCIAL EM LONDRINA-PR E PRESIDENTE PRUDENTE-SP

Buscando uma aproximação com o objeto, a questão social urbana, a pesquisa tomou como recorte empírico da realidade social as cidades de Londrina/PR e Presidente Prudente/SP. Ambas ocupam papel preponderante na dinâmica econômica de suas regiões, principalmente pela oferta de serviços especializados como educação, saúde, entre outros.

A primeira cidade, Londrina, sede do seu município, está situada na região norte do estado do Paraná e possui cerca de 555.937 pessoas segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE em 2022. A outra, Presidente Prudente, também sede do seu município, está localizada na região oeste do estado de São Paulo, e o mesmo possui cerca de 225.668 pessoas segundo o censo de 2022 (IBGE, 2022).



Mapa 01 – Localização das cidades de Londrina/PR e Presidente Prudente/SP
Elaboração: o autor

2.1 Identificação da Vulnerabilidade Social em Londrina-PR e Presidente Prudente-SP

Buscando identificar as áreas de maior vulnerabilidade social nas cidades de Londrina-PR e Presidente Prudente, decidiu-se pela aplicação da metodologia do Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social proposto na dissertação de mestrado do próprio autor (LIMA, 2016a). Tal metodologia tem por objetivo calcular a intensidade da vulnerabilidade social de maneira espacializada, tendo como resultado final o mapa representativo da vulnerabilidade social.

Faz-se necessário mencionar que essa metodologia se assemelha em seus resultados quando comparadas com tantas outras como Nahas et al. (2000), Nahas (2002), Alves (2006), Melazzo (2006), Vieira (2009), Belo Horizonte (2013). Porém, privilegiou-se essa por seu caráter conceitual mais próximo à discussão e da facilidade de instrumentalização da metodologia, uma vez que essa somente utiliza dados do Censo do IBGE (LIMA, 2016a).

2.1.1 Metodologia do IBVS

A metodologia utilizada por esse estudo, proposta por Lima (2016a), chamada de Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social – IBVS, utiliza dados de apenas uma base, o CENSO 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE que Lima (2016a) define como:

uma fonte de dados confiável, comunicável, especializada e abrangente; isso é, com uma fonte de dados de órgãos oficiais de metodologia de coleta consolidada, dados que possam ser cruzados e trabalhados simultaneamente, dados esses que tivessem em si informações espaciais para a espacialização e territorialização e ainda que tivessem sido produzidos para todo o país (LIMA, 2016a p. 36).

Tal decisão é explicada pela preocupação com a aplicabilidade da metodologia e da facilidade da reaplicação do estudo em outras cidades, independentemente do seu tamanho e da complexidade do seu aparato público. A obsolescência dos dados utilizados foi alvo de

avaliação, mas foi desconsiderada pela falta de outra fonte de dados que se enquadre nas necessidades da metodologia. A escolha das variáveis, então, seguiu tal decisão e foram selecionadas as que melhor representavam a questão da vulnerabilidade social entre as variáveis disponíveis no Resultados do Universo do CENSO 2010 (IBGE, 2010; LIMA, 2016a).

Foram selecionadas as variáveis que sintetizaram 21 indicadores que, juntos, melhor representavam a realidade social dos setores censitários demonstrados no quadro 01, juntamente com os pesos atribuídos para cada uma delas. Porém, para que pudessem ser utilizados nas fórmulas do algoritmo do IBVS precisavam ser normalizados e padronizados, ou seja, foram calculados os valores relativos de cada célula sobre o total e, posteriormente, a padronização de todos os valores entre 0,0 – 1,0. Com isso, todos os indicadores ficariam relativos à realidade da cidade e com valores de entrada compatíveis no algoritmo (LIMA, 2016a).

Tal decisão metodológica possui uma fragilidade, uma vez que os procedimentos adotados não evidenciam os territórios vulneráveis em absoluto, mas os territórios mais vulneráveis em relação ao resto da cidade. Tal fragilidade, ainda que existente, é pouco relevante porque o objetivo da metodologia é a identificação dos territórios prioritários para a atuação das políticas públicas de superação de vulnerabilidade social.

Como fica evidenciado no quadro abaixo pelas cores e pelo cabeçalho dos pesos, os indicadores foram divididos segundo sua dimensão e natureza. Foram separados em duas dimensões: vulnerabilidade da população e vulnerabilidade do lugar. Cada uma dessas dimensões foi subdividida segundo a sua natureza. A dimensão da vulnerabilidade da população foi subdividida em quatro grupos: renda, idade, educação & registro e responsabilidade pelo domicílio. Já a dimensão de lugar foi dividida em dois grupos: moradia e vizinhança.

Indicador de Vulnerabilidade	TOTAL
Renda per Capita ¼ Salário Mínimo;	17,33%
Renda per Capita ½ Salário Mínimo;	11,56%
Pessoas de 60 anos ou mais;	6,67%
Pessoas Menores de 1 ano;	3,33%
Pessoas com 1-6 anos;	3,33%
Analfabetismo;	11,56%
Falta de Registro;	1,77%
Responsáveis Analfabetos;	2,22%
Responsáveis Menores;	3,33%
Responsáveis Idosos;	5,56%
Moradias Inadequadas;	5%
Domicílios sem Água da Rede Geral;	4%
Domicílios sem Energia;	4%
Domicílios sem Coleta de Lixo;	3%
Indicador de Domicílios sem Banheiro;	4%
Domicílios com Esgoto à Céu Aberto;	4,44%
Domicílios sem Pavimentação;	2,67%
Domicílios com Lixo Acumulado no Logradouro;	1,79%
Domicílios sem Iluminação;	1,77%
Domicílios sem Calçada;	1,77%
Domicílios sem Arborização;	0,89%

Quadro 01 – Variáveis selecionadas e seus respectivos pesos (adaptado)
Fonte: LIMA, 2016a (p. 43-44)

Acerca dos pesos dos indicadores, eles foram calculados de maneira hierárquica, seguindo a divisão proposta e apresentada acima. Os pesos foram definidos em concordância com a metodologia proposta pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA para o Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios Brasileiros como explicitado no trecho abaixo:

Metodologicamente, optou-se por não utilizar modelos estatísticos para atribuir os pesos em função do comportamento dos indicadores. Considera-se, desta forma, que cada indicador retrata uma situação ou uma condição equivalente de vulnerabilidade social, independentemente de sua variância ou da correlação entre eles (BRASIL, 2015 p. 15).

Foi considerado que a dimensão de vulnerabilidade da população possuía preponderância sobre a de lugar, na ordem de 0,667 para 0,333 respectivamente. Seguindo a mesma lógica, foram elencados pesos para cada grupo de natureza e, posteriormente, para cada indicador dentro do grupo de natureza. Cada conjunto de pesos (dimensões, naturezas de cada dimensão, indicadores de cada natureza) totalizam o valor de 1,0 e com isso, os valores finais do IBVS também estarão entre 0,0 – 1,0. A representatividade de cada indicador no IBVS pode ser identificada, expressa em porcentagem, na última coluna do quadro 01.

A figura a seguir resume de maneira esquemática os passos da metodologia para cálculo do IBVS. As fórmulas do algoritmo derivam exatamente da soma de cada uma das variáveis, seguindo a sua ponderação, e seu produto são os índices de natureza, dimensão e de vulnerabilidade social.

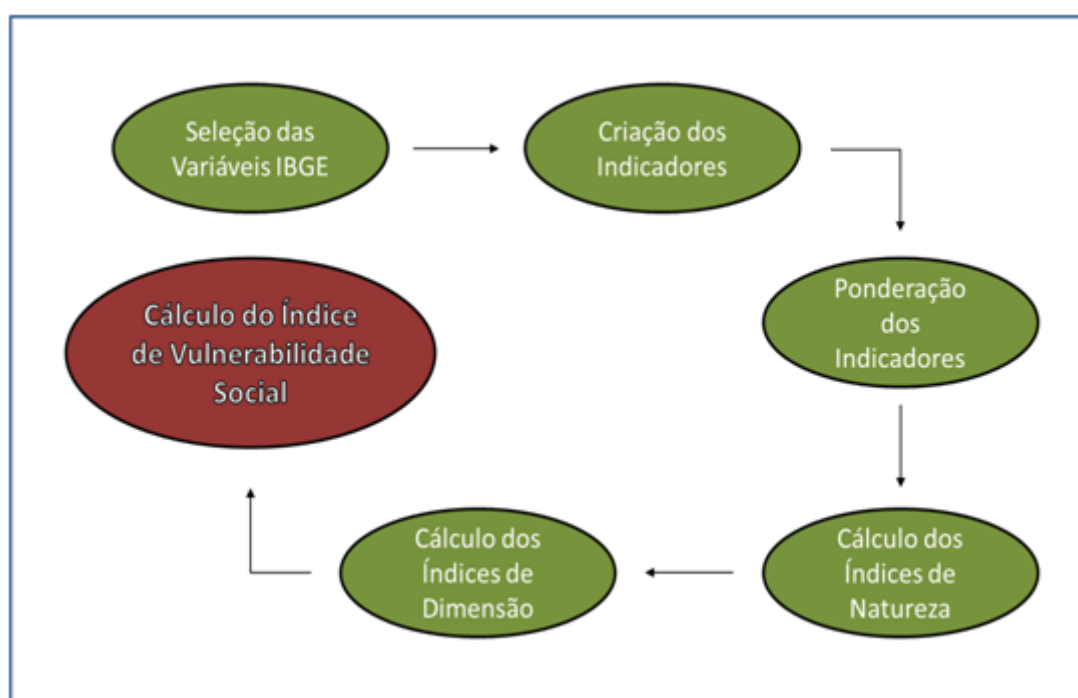


Figura 01 – Fluxograma de cálculo do IBVS

Fonte: LIMA, 2016a (p. 47)

Acerca dos materiais empregados na realização da pesquisa foram utilizados softwares de folha de cálculo (Microsoft Excel 2016), processamento de textos (Microsoft Word 2016) e mapeamento (ArcMap 10.1). Além das planilhas do CENSO 2010 do IBGE.

Também foram utilizados arquivos de dados geoespaciais (.shp) dos setores censitários, bairros integrados das cidades de Londrina-PR e Presidente Prudente-SP, além de limites municipais, conforme referenciado nos mapas (CORDOVEZ, 2002; ORMSBY et al., 2010; WERNECK & COSTA, 2005).

O corte das classes dos mapas foi realizado utilizando o método de classificação das Quebras Naturais (Natural Breaks – Jenks) que busca agrupar os dados de maneira que sejam os mais semelhantes dentro de cada classe e os mais diferentes das outras classes. Em outras palavras, criam-se blocos de dados de maior semelhança interna, maximizando o senso de unidade das classes (FINN, et al., 2006; RAMOS, et al., 2016).

A partir da aplicação do IBVS para as cidades de Londrina-PR e Presidente Prudente-SP foram identificadas as áreas de maior vulnerabilidade social, considerando os indicadores selecionados pela metodologia, como renda, idade, escolaridade, registro civil, responsabilidade pelo domicílio, adequação da moradia, condição da vizinhança. Foram publicados dois trabalhos, um artigo científico na Hygeia - Revista Brasileira de Geografia da Saúde acerca da vulnerabilidade social em Londrina e outro na forma de capítulo no livro “Mudanças Ambientais, Desastres e Vulnerabilidade Social” da editora Instituto Federal Catarinense (LIMA & GUIMARÃES, 2019a; 2019b).

2.1.2 IBVS em Londrina-PR

Na aplicação do IBVS em Londrina-PR foram considerados apenas setores censitários urbanos do município e que possuísem todas as informações necessárias para a aplicação do IBVS. Foram considerados inicialmente 677 setores censitários, porém desses, 49 não possuíam informações suficientes para a realização do cálculo. Portanto, foram calculados os indicadores, índices de natureza, índices de dimensão e o IBVS para cada um dos 628 setores censitários considerados viáveis para a pesquisa. Ainda, foram editados alguns polígonos periféricos que possuíam grandes áreas de vazio urbano, para melhor visualização e compreensão dos mapas produzidos.

Vulnerabilidade da População

Os resultados obtidos que representam a dimensão da vulnerabilidade da população apontam que 140 setores censitários da cidade de Londrina-PR ou cerca de 20,93% encontram-se em situação de alta ou altíssima vulnerabilidade da população, como representado no gráfico a seguir:

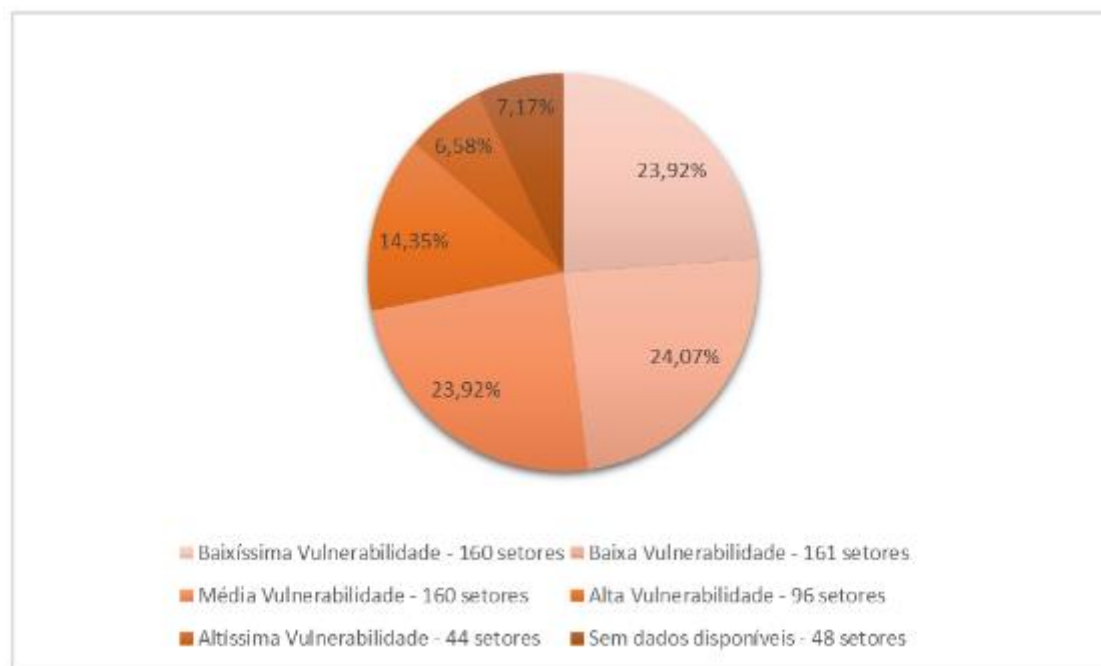
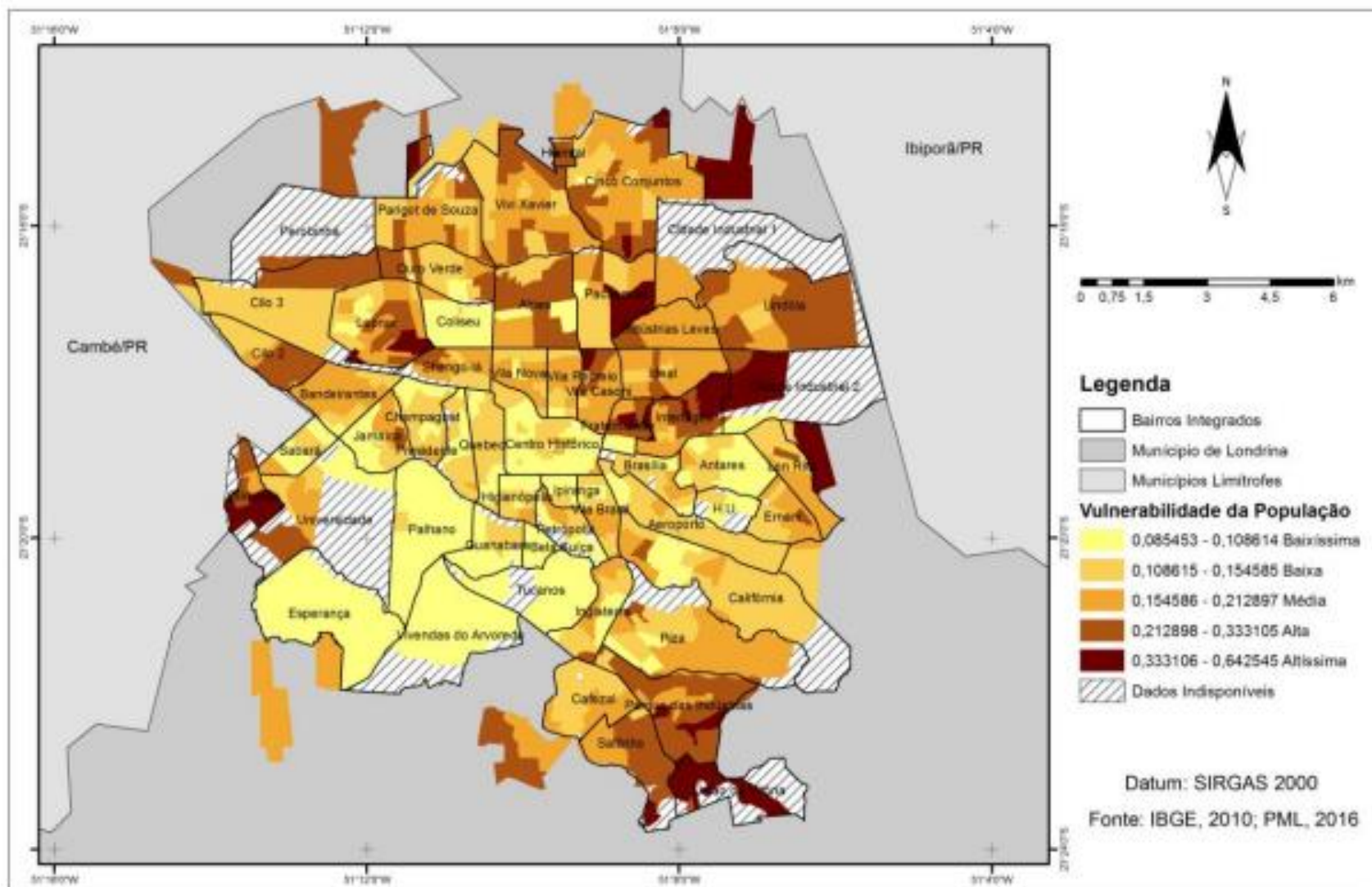


Gráfico 01 – Índice de Vulnerabilidade da População da cidade de Londrina-PR
Fonte: LIMA & GUIMARÃES, 2019a

No Mapa 02 – Índice de Vulnerabilidade da População de Londrina-PR é possível identificar, por cores, os territórios de vulnerabilidade da população e a sua disposição dentro dos bairros. Fica evidente uma maior concentração de territórios de vulnerabilidade da população na região norte da cidade, com destaque para áreas dos bairros Heimtal, Pacaembu e Parigot de Souza.

Vale ressaltar outras áreas que concentram essa questão social, como no bairro Olímpico na região Sudoeste na divisa com Cambé-PR e a região do Parque das Indústrias, Saltinho e União da Vitória, no extremo sul da cidade de Londrina-PR. Outro território que chama atenção é a região dos bairros Fraternidade e Interlagos que, mesmo sendo central e histórica (Região do Marco Zero), continua a apresentar questões sociais complexas.



Mapa 02 – Índice de Vulnerabilidade da População de Londrina-PR
 Fonte: LIMA & GUIMARÃES, 2019a

Vulnerabilidade do Lugar

Os resultados obtidos que representam a dimensão da vulnerabilidade do lugar identificaram 113 setores censitários da cidade de Londrina-PR, ou cerca de 16,89%, em situação de alta ou altíssima vulnerabilidade do lugar, como representado no Gráfico 02. Vale destacar que foi identificado que cerca de 71,15% dos setores encontram-se em situação de baixa ou baixíssima vulnerabilidade do lugar.

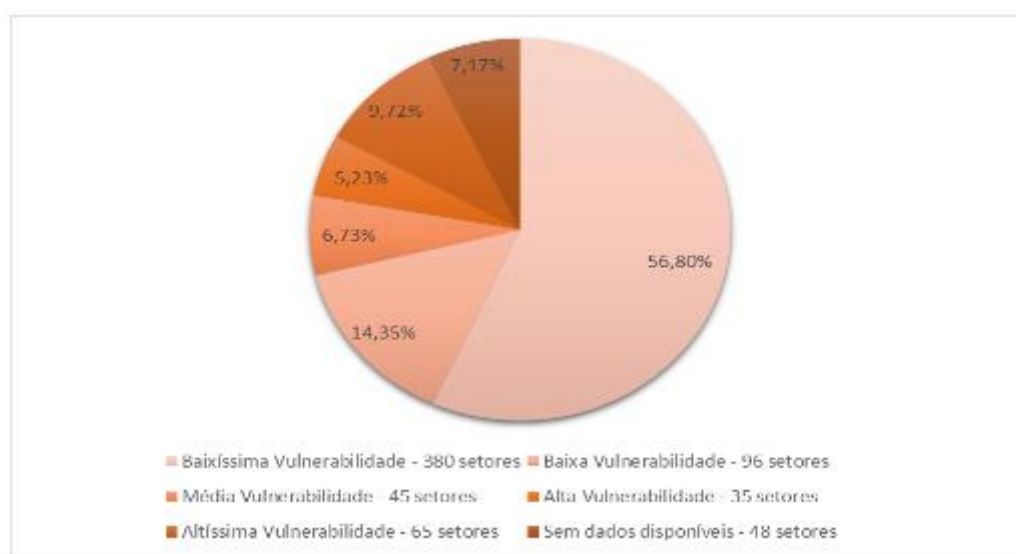
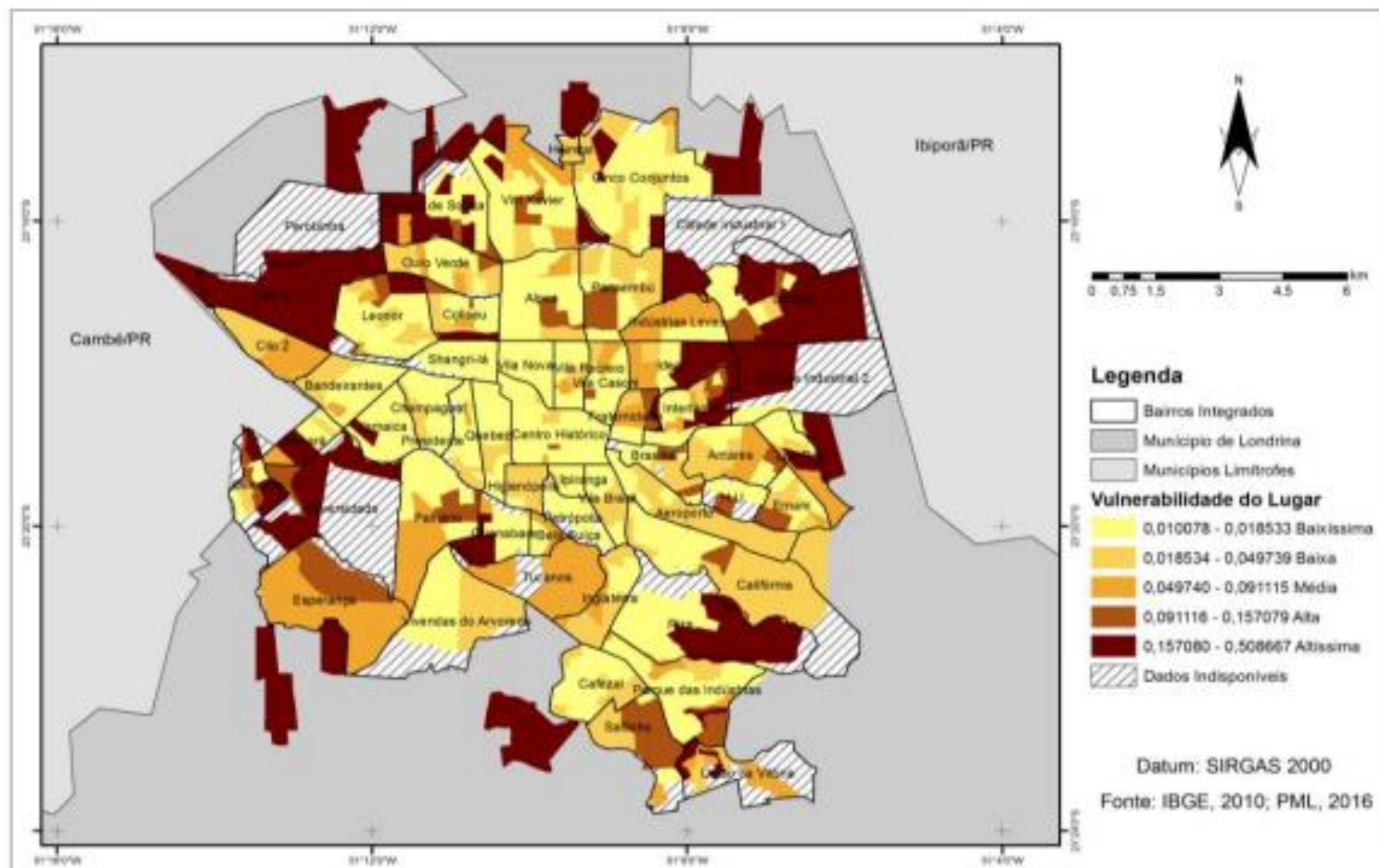


Gráfico 02 – Índice de Vulnerabilidade do Lugar da cidade de Londrina-PR
Fonte: LIMA & GUIMARÃES, 2019a

A representação da dimensão da vulnerabilidade do lugar pode ser visualizada no Mapa 03 - Índice de Vulnerabilidade do Lugar da cidade de Londrina-PR a seguir, evidencia a relação da periferia com a vulnerabilidade do lugar, carente de condições de moradia e vizinhança. A maior concentração de setores classificados como de alta e altíssima vulnerabilidade, encontra-se na região norte da cidade, especialmente nos bairros Coliseu, Cinco Conjuntos, Lindóia, Parigot de Souza e Vivi Xavier.

É preciso fazer uma ressalva para a limitação na representação gráfica dos setores censitários, que por terem tamanhos sensivelmente diferentes podem dar uma falsa impressão de intensidade, especialmente nos casos de setores censitários de grande área.



Mapa 03 – Índice de Vulnerabilidade do Lugar da cidade de Londrina-PR
Fonte: LIMA & GUIMARÃES, 2019a

Vulnerabilidade Social

Os resultados desse índice são o produto final desse estudo que busca identificar os territórios de vulnerabilidade social na cidade de Londrina-PR. Conforme apresentado no Gráfico 03 –Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social da cidade de Londrina-P, foram identificados 89 setores censitários, cerca de 13,30%, em situação de alta ou altíssima vulnerabilidade social.

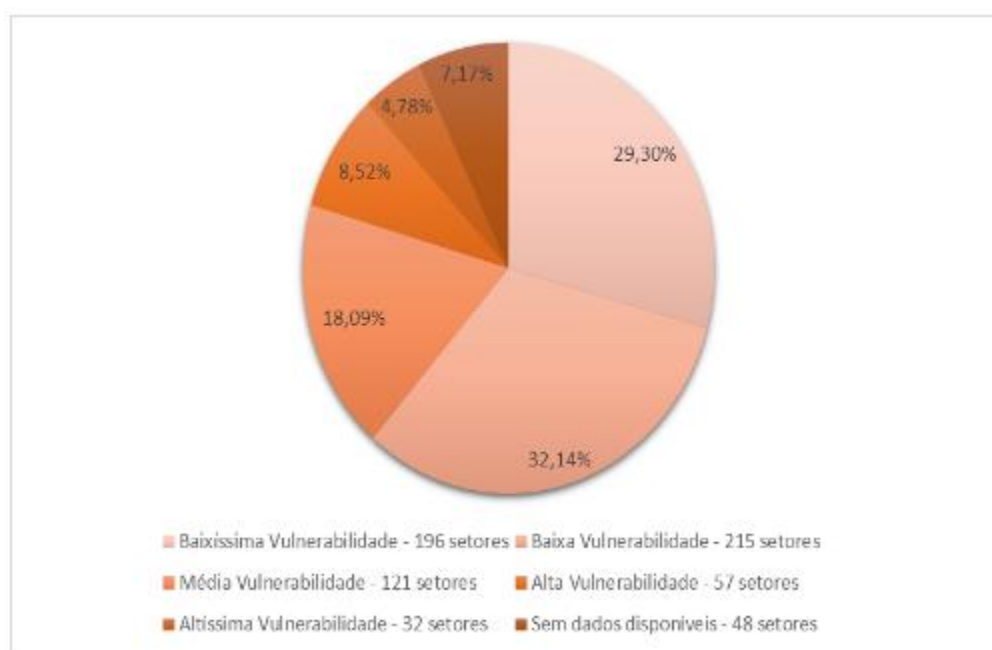
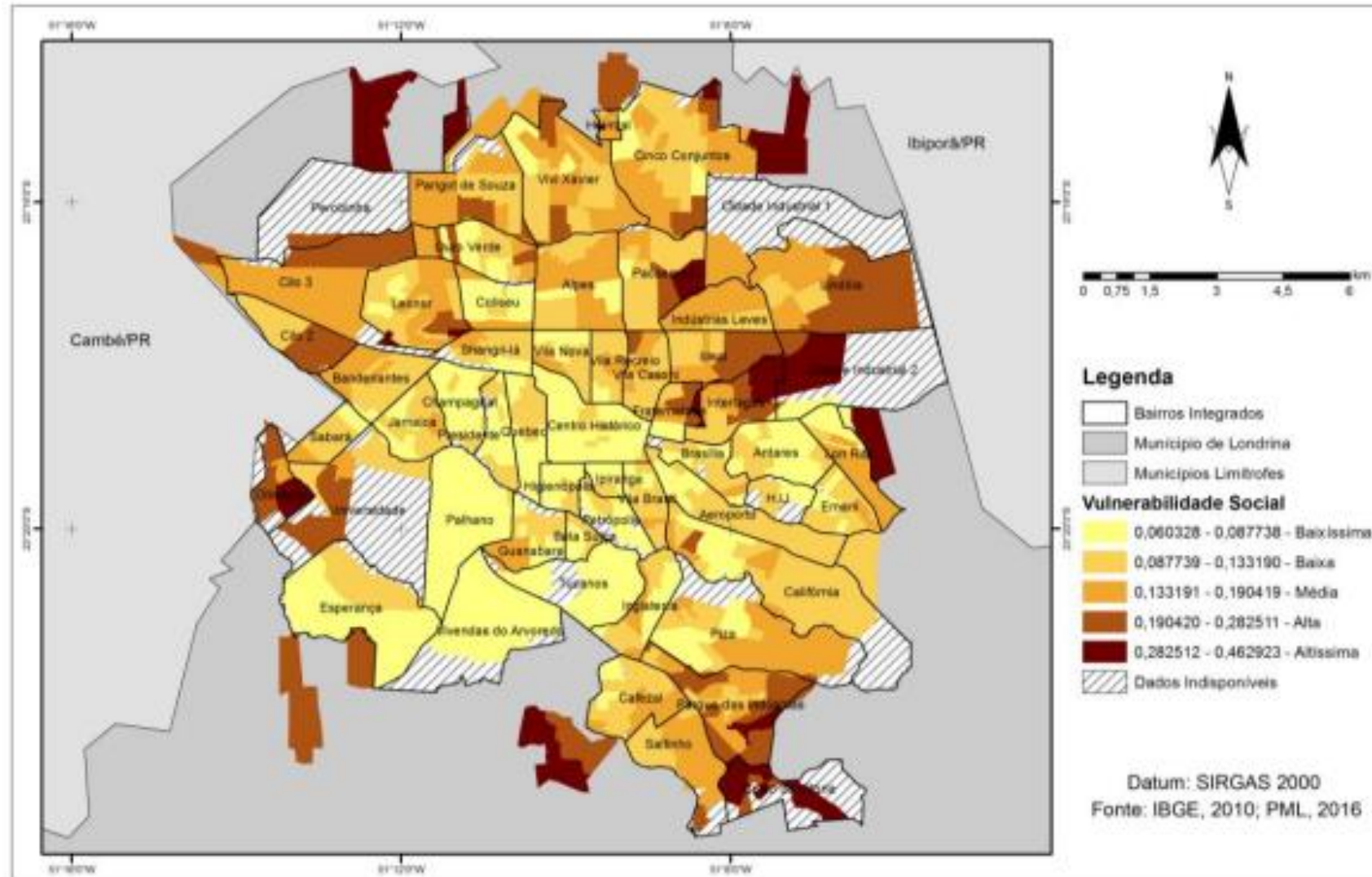


Gráfico 03 – Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social da cidade de Londrina-PR
Fonte: LIMA & GUIMARÃES, 2019a

Em números absolutos, tais valores representam 66.948 pessoas em 19.727 domicílios. Na direção oposta, foram 411 setores censitários, 61,43%, classificados com baixa ou baixíssima vulnerabilidade social. São valores que apresentam uma homogeneidade positiva da realidade social para 311.146 pessoas em 105.928 domicílios.

Por fim, o esforço desta etapa da pesquisa se materializa no Mapa 04, esse que sintetiza todos os indicadores, subgrupos de natureza, grupos de dimensão para, enfim, ter-se mapeados os territórios de vulnerabilidade social da cidade de Londrina-PR. O resultado dessa análise pode ser observado no mapa 4, na página seguinte.



Mapa 04 – Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social da cidade de Londrina-PR
Fonte: LIMA & GUIMARÃES, 2019a

2.1.3 IBVS em Presidente Prudente

Vulnerabilidade da População

O resultado da dimensão da vulnerabilidade da população aponta que apenas 53 setores, ou seja, 17.61% dos setores censitários com dados válidos da cidade de Presidente Prudente – SP foram classificados com vulnerabilidade da população alta ou altíssima.

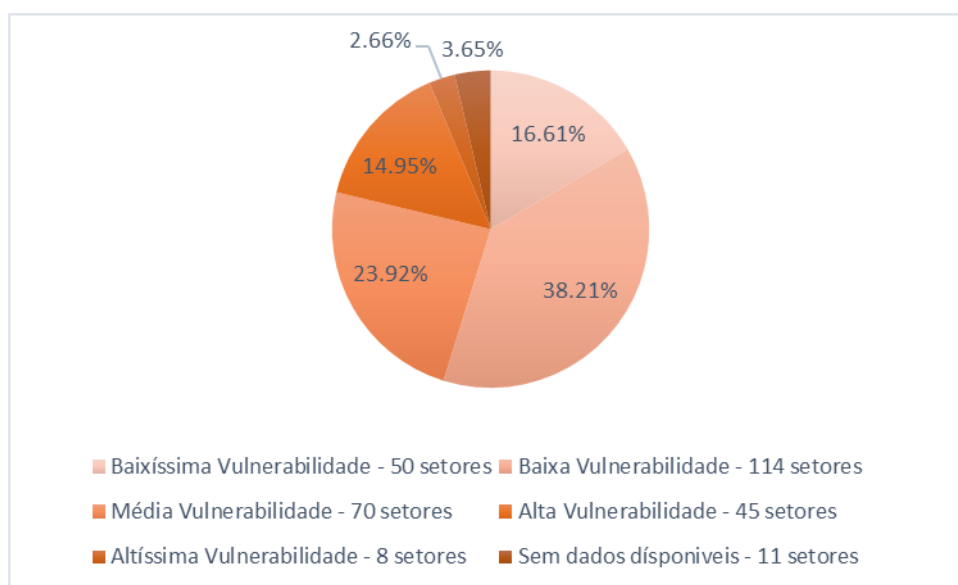
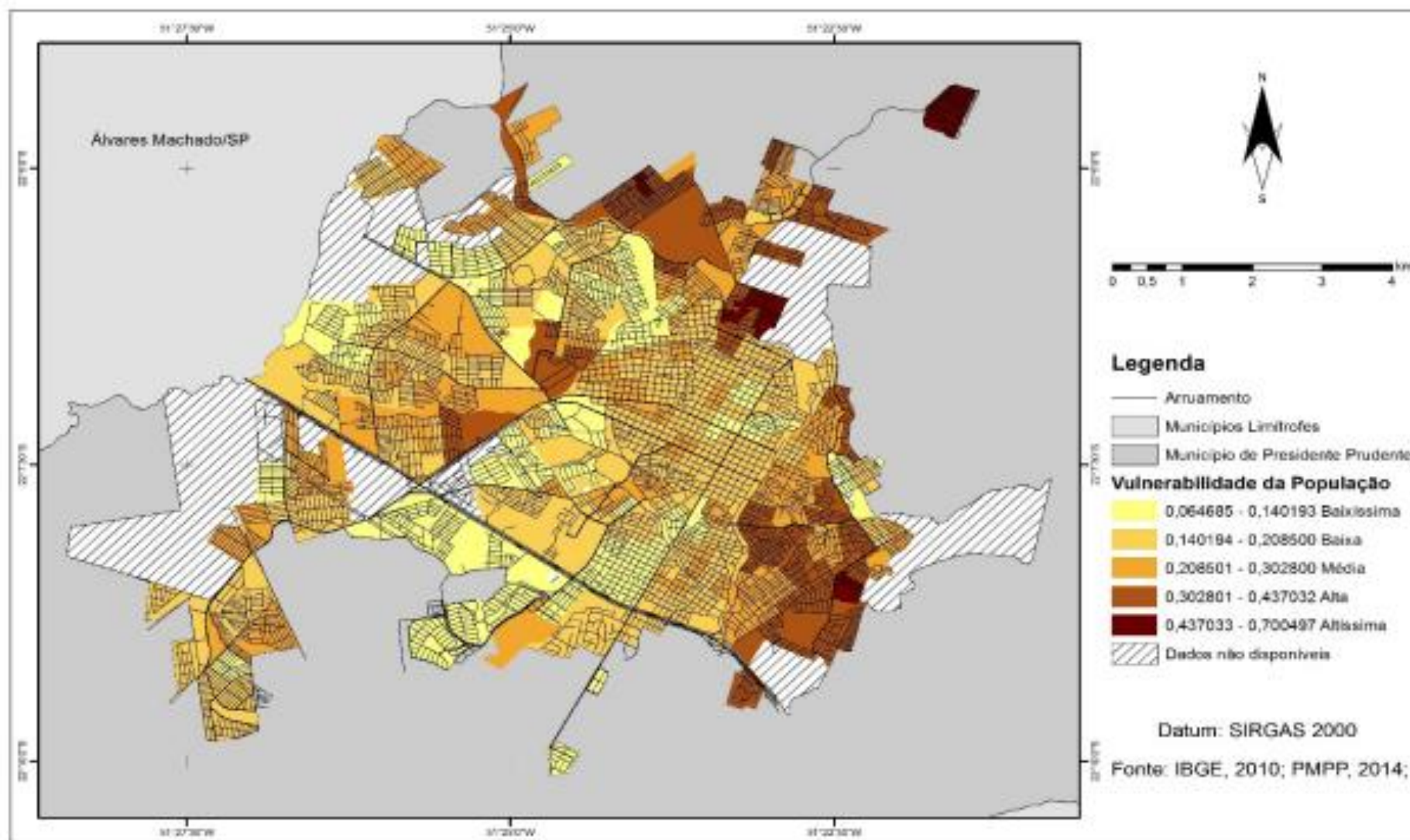


Gráfico 04 – Índice de Vulnerabilidade da População da cidade de Presidente Prudente-SP
Elaboração: o autor.

Na página seguinte, o Mapa 05 apresenta a distribuição espacial desses setores censitários pela cidade de Presidente Prudente. Fica evidente no mapa, a concentração dos setores com maior vulnerabilidade da população nas periferias (em cores escuras), mais especificamente na zona leste e norte da cidade.



Mapa 05 – Índice de Vulnerabilidade da População de Presidente Prudente-SP
Fonte: LIMA & GUIMARÃES, 2019b

Vulnerabilidade do Lugar

O resultado da dimensão da vulnerabilidade do lugar aponta que apenas 24 (7,97%) dos setores censitários foram considerados de alta e altíssima vulnerabilidade do lugar na cidade de Presidente Prudente – SP. Além disso, foi identificado que cerca de 80% dos setores censitários com dados disponíveis encontram-se em situação de baixa ou baixíssima vulnerabilidade do lugar, evidenciando as boas condições de moradia e vizinhança de grande parte da cidade, como evidenciado no gráfico a seguir:

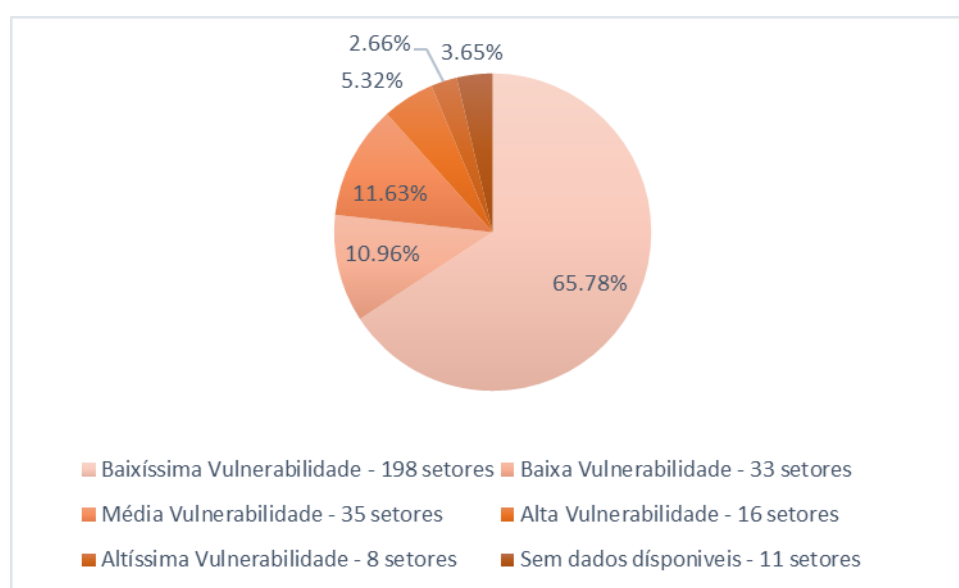
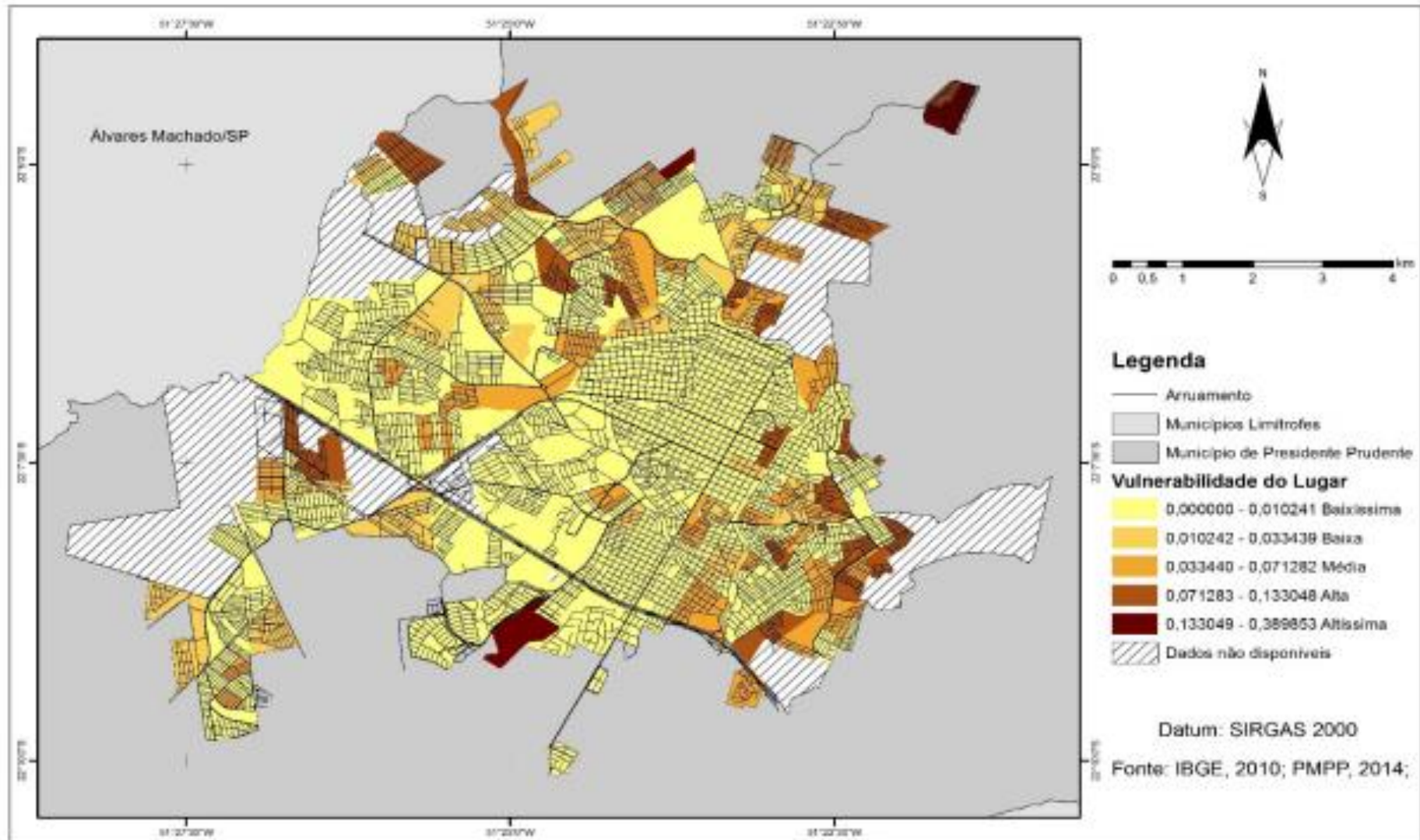


Gráfico 05 – Índice de Vulnerabilidade do Lugar da cidade de Presidente Prudente-SP
Elaboração: o autor.

No Mapa 6 (página seguinte) é possível visualizar mais uma vez a relação da vulnerabilidade com a periferia, e diferentemente da vulnerabilidade da população, ela é sinalizada nos tons mais escuros de maneira bem espalhada, porém sempre nas franjas urbanas. Algo válido de ressaltar são os valores muito baixos até a classe de média vulnerabilidade, cerca de 0,07, o que pacifica a qualidade da estrutura urbana, no que diz respeito às condições mínimas de sobrevivência e por isso, não podendo ser tomada como parâmetro de excelência.



Mapa 06 – Índice de Vulnerabilidade do Lugar da cidade de Presidente Prudente-SP
Fonte: LIMA & GUIMARÃES, 2019b

Vulnerabilidade Social

O resultado final da aplicação dessa metodologia para a cidade de Presidente Prudente – SP identificou 56 setores censitários em situação de alta ou altíssima vulnerabilidade social, ou seja, 18,6%. Em números absolutos, tais valores apontam que 31.019 pessoas estejam nessas condições alarmantes de vulnerabilidade social. Da mesma maneira, vale destacar 166 setores censitários, ou seja, 57,24% dos dados disponíveis ou 122.850 pessoas vivem em situação considerada de baixa ou baixíssima vulnerabilidade, como evidenciado no Gráfico 06.

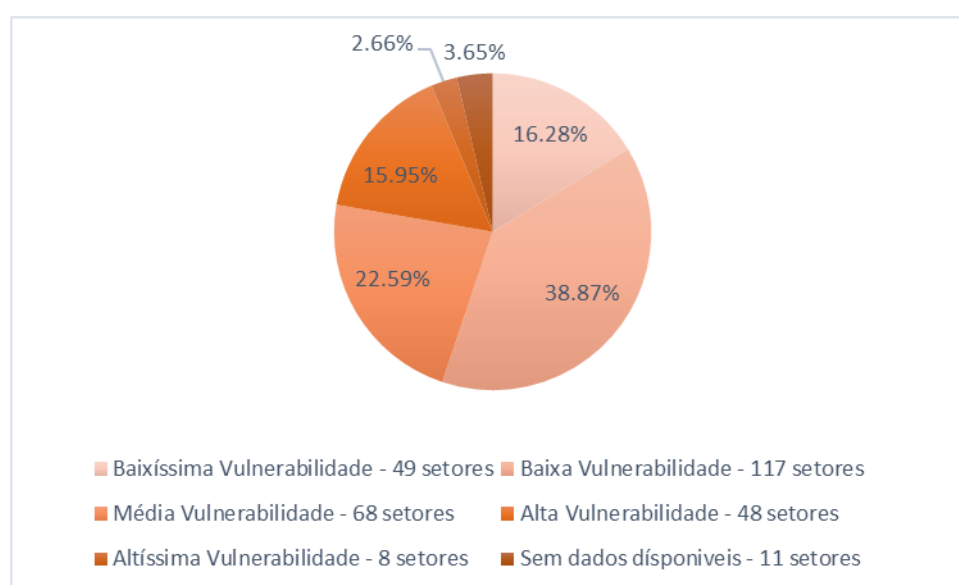
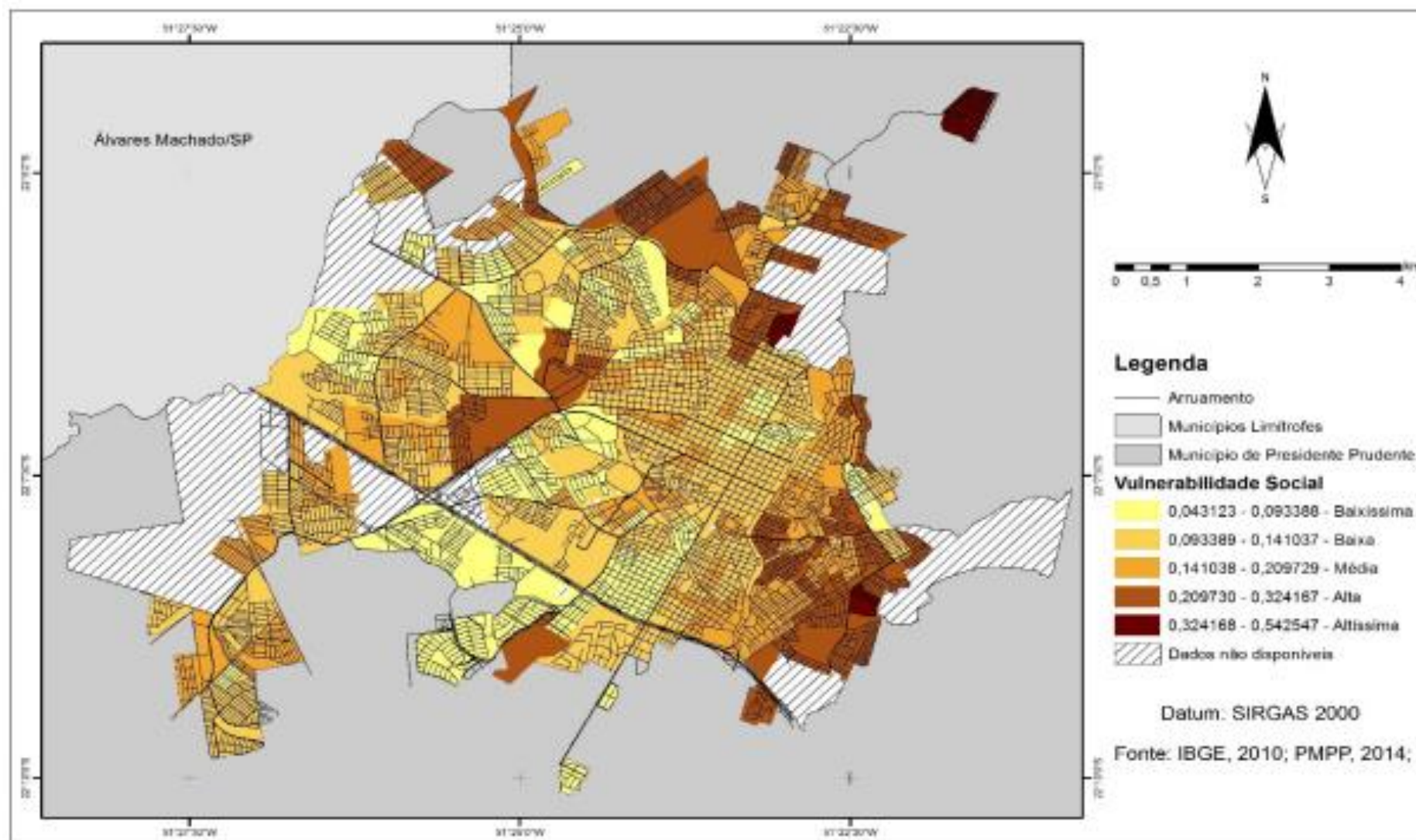


Gráfico 06 – Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social da cidade de Presidente Prudente-SP
Elaboração: o autor.

Enfim, a situação da vulnerabilidade social da cidade de Presidente Prudente – SP se faz representada no Mapa 07, na página seguinte. Nele é possível visualizar a síntese das 21 variáveis normalizadas e padronizadas, ponderadas a partir da natureza e dimensão de cada uma delas, especializadas. Seguindo a tendência já explicitada pelas dimensões, os territórios de vulnerabilidade social também se concentram nas periferias, especialmente nos setores censitários das regiões leste e norte da cidade. As áreas centrais e dos condomínios fechados apresentam as melhores respostas, representados em amarelo claro.



Mapa 07 – Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social da cidade de Presidente Prudente-SP
 Fonte: LIMA & GUIMARÃES, 2019b

2.2 A definição do recorte empírico da pesquisa

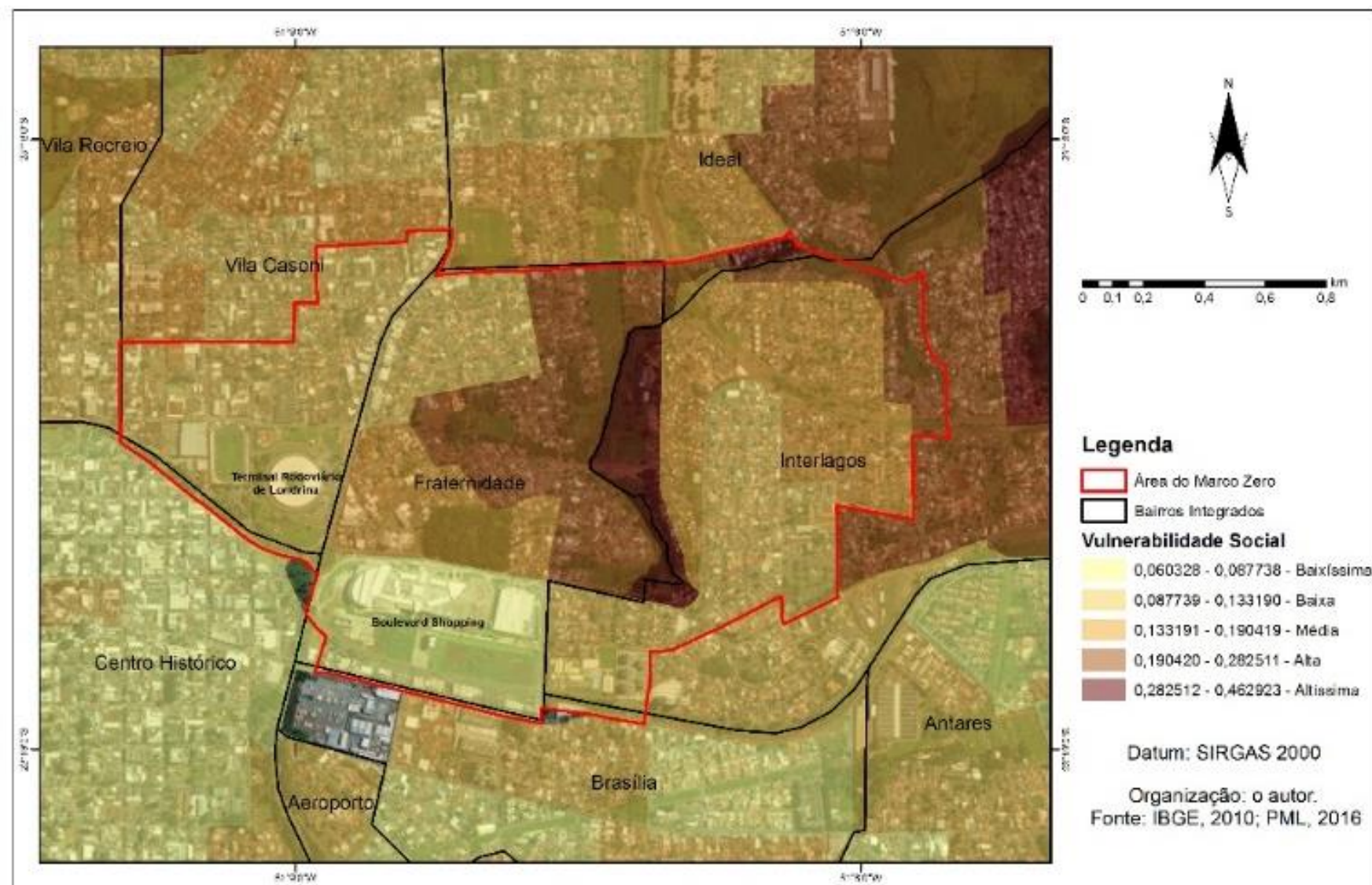
A partir da análise da distribuição dos índices de vulnerabilidade social efetuada nas duas cidades, foi possível definir o recorte empírico para a realização de um trabalho de campo, conforme descrito no capítulo 3.

2.2.1 Definição do recorte empírico em Londrina-PR

Para isso, em Londrina foi identificada uma área de grande relevância histórico-espacial dentro da cidade, área que remonta à fundação da cidade, situada próximo ao centro de Londrina, ao lado do Terminal Rodoviário de Londrina. O único aglomerado de setores censitários com características de vulnerabilidade social alta ou altíssima dentro de um buffer de 3 km do centro da cidade, a região do Marco Zero da cidade.

A área tem sido alvo de inúmeras ações de regularização fundiária e melhorias de infraestrutura e, desde a década de 1970, houve duas ações de desfavelização de assentamentos nesse local, porém ainda persiste o grande número de moradias inadequadas e em situação de irregularidade fundiária (LONDRINA, 2010). Por esses motivos, a área do Marco Zero ficou determinada como área de abrangência da pesquisa em Londrina (Mapa 08), uma área de 298,25 hectares, com população de 11.533 habitantes, segundo o censo IBGE de 2010 (IBGE, 2010).

A região do Marco Zero contempla 17 setores censitários sendo que destes, 7 foram classificados como de Alta ou Altíssima Vulnerabilidade. Essa região é contemplada por 02 unidades básicas de saúde, que cumprem o papel do programa Saúde da Família, a Unidades Básicas de Saúde - UBS Fraternidade e a UBS Vila Ricardo. Acerca da cobertura da política de assistência social, toda a região é coberta pelo Centro de Referência da Assistência Social - CRAS Zona Leste.

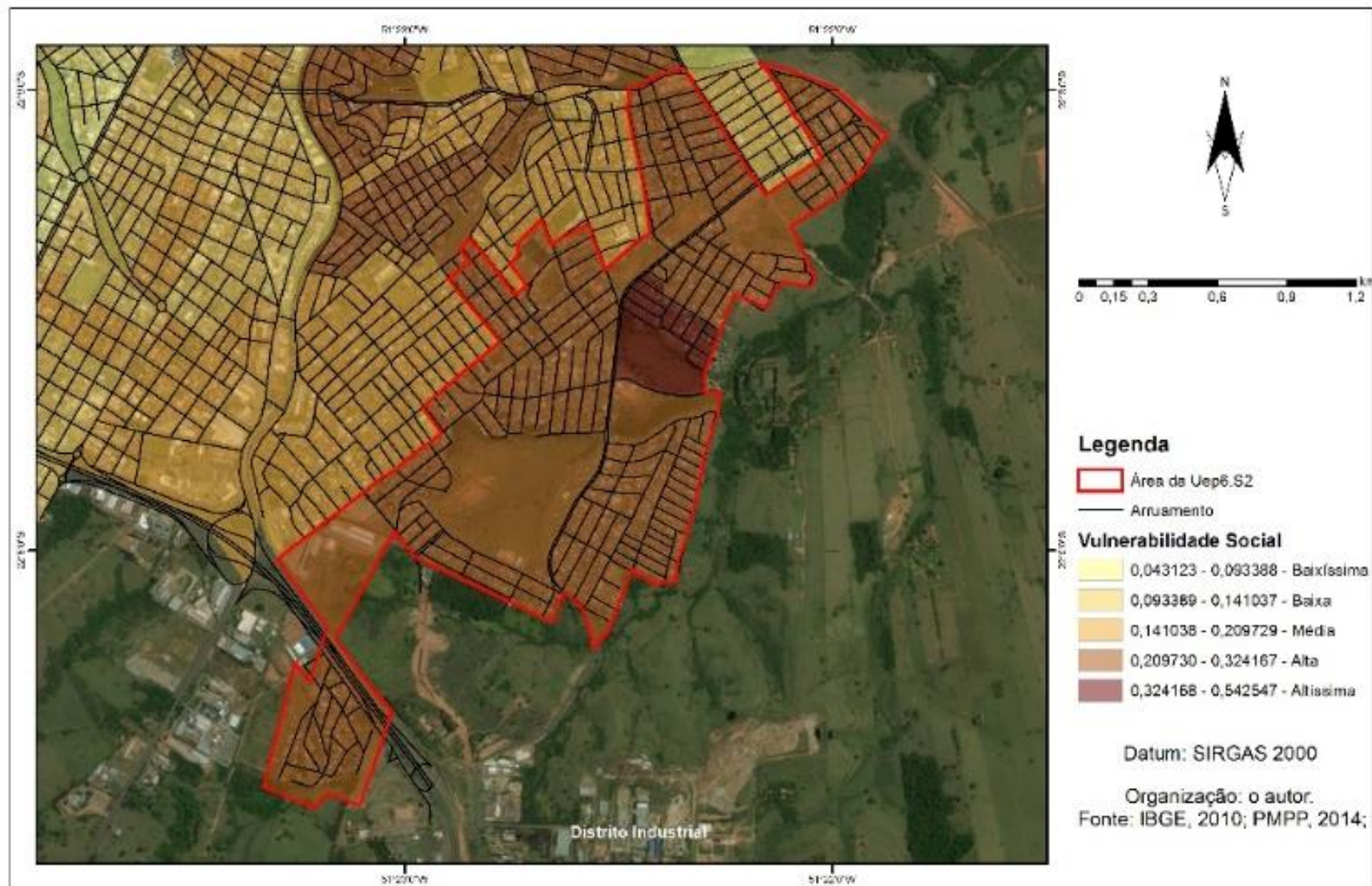


Mapa 08 – Situação de Vulnerabilidade Social - Área do Marco Zero, Londrina/PR
Elaboração: o autor.

2.2.2 Definição do recorte empírico em Presidente Prudente-SP

Já em Presidente Prudente foi identificada uma área da periferia que aglomerou o maior número de setores censitários considerados de alta e altíssima vulnerabilidade na porção sudeste da cidade. Ficou determinada como área de abrangência da pesquisa em Presidente Prudente/SP uma porção do bairro Uep6.S2, uma área de 279,19 hectares, com população de 13.065 habitantes, segundo o censo IBGE de 2010 (IBGE, 2010).

A área do Ep6.S2 contempla 15 setores censitários, todos classificados como de Alta ou Altíssima Vulnerabilidade. Essa região é contemplada por 02 Unidades Básicas de Saúde da Família - UBSF Alvorada e Jardim Cambuci. Acerca da cobertura da política de assistência social, toda a região é coberta pelo Centro de Referência da Assistência Social - CRAS Cambuci. Trata-se de uma área que apesar de diversos investimentos em políticas públicas focadas na transformação dessa realidade, foi mantida uma situação de vulnerabilidade que precisa ser melhor compreendida. Para isso, é preciso considerar outras abordagens metodológicas, especialmente, que favoreçam a escuta dos próprios sujeitos que vivem nessas localidades.



Mapa 09 – Situação da Vulnerabilidade Social - Área do Ep6.S2, Presidente Prudente/SP
Elaboração: o autor.



3. PARA ALÉM DE INDICADORES: AS HISTÓRIAS DE VIDA DE SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL



3. PARA ALÉM DE INDICADORES: AS HISTÓRIAS DE SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Para apreender a realidade social é necessário que se faça ouvir os sujeitos inseridos nela e assim, conhecer a sua compreensão à própria condição social. Tal premissa se desvela da conclusão do capítulo anterior, que advertiu para as limitações da análise quantitativa, inferindo que são insuficientes para a compreensão da realidade na sua complexidade, das nuances da vida cotidiana, para além de indicadores.

A pesquisa qualitativa na Geografia Humana tem por objetivo compreender os processos sociais, historicamente e espacialmente determinados, a partir da interpretação da perspectiva e experiências dos sujeitos (PESSÔA, 2012; TURRA NETO, 2012; MARAFON et al., 2013; HOLLOWAY & RICE, 2019).

De tal maneira, a apreciação das experiências humanas singulares e subjetivas apontam para essa realidade e território usados, reconhecendo neles contextos históricos, geográficos, sociais e culturais que dialeticamente produzem e são produzidos pelos sujeitos (SANTOS, 1996; 2007; LIMA, 2016b).

A partir disso, a coleta e análise de dados qualitativos se justificam pela necessidade da pesquisa de buscar outras vias metodológicas, possíveis respostas à pergunta central da pesquisa: – afinal, o que é, que é a vulnerabilidade social? Tal pergunta, que baliza todos os esforços dessa pesquisa, direcionou a escolha metodológica das entrevistas.

A amostra da pesquisa foi definida a partir do método de saturação de pesquisas qualitativas, escolha metodológica que define a amostragem da pesquisa a partir da representatividade dos resultados obtidos (GUEST, BUNCE, & JOHNSON, 2006; MINAYO, 2017). A partir disso, foram realizadas oito entrevistas, quatro em cada área de abrangência dos recortes empíricos da pesquisa em Londrina-PR e Presidente Prudente-SP.

A escolha dos entrevistados se deu a partir de critérios preestabelecidos, sendo eles, o tempo de moradia na área da pesquisa e a relação dos sujeitos com a UBSF referenciada. Tais critérios foram desenvolvidos em parceria com os Agentes Comunitários de Saúde - ACS nos territórios, de maneira a representar, da melhor maneira possível, a diversidade da área de pesquisa.

Partiu-se do princípio de que sujeitos com um maior tempo de moradia na região teriam uma relação mais intensa com a área e um maior conhecimento acerca da vizinhança e sua história. Ao mesmo tempo, a intensidade da relação e assiduidade nos atendimentos na UBSF indicou um relacionamento mais próximo dos sujeitos com o serviço de saúde, especialmente dos ACS e, conseqüentemente, uma maior abertura às entrevistas.

A identificação dos sujeitos em cada recorte empírico da pesquisa, a partir desses critérios, foi realizada pelos ACS, que também fizeram o primeiro contato, viabilizando a realização das entrevistas.

Em Londrina foram indicadas quatro mulheres, duas delas já idosas e, em Presidente Prudente, foram indicadas três mulheres e um homem, três deles idosos. Questionados acerca dessa questão de gênero e idade dos sujeitos selecionados, os ACS informaram que tal viés se dá pela maior assiduidade das mulheres e idosos aos serviços de saúde, como apresentado no quadro a seguir:

Entrevistados Londrina-PR	Entrevistados Presidente Prudente-SP
Entrevistado A: Sexo Feminino – 68 anos	Entrevistado A: Sexo Masculino – 75 anos
Entrevistado B: Sexo Feminino – 52 anos	Entrevistado B: Sexo Feminino – 63 anos
Entrevistado C: Sexo Feminino – 55 anos	Entrevistado C: Sexo Feminino – 86 anos
Entrevistado D: Sexo Feminino – 62 anos	Entrevistado D: Sexo Feminino – 52 anos

Quadro 02 – Relação de entrevistados da pesquisa

Elaboração: o autor.

Para a realização das entrevistas com os sujeitos selecionados, foi desenvolvido um roteiro semiestruturado, uma estrutura básica de perguntas abertas relacionadas aos temas mais caros à vulnerabilidade social. Foram incluídas perguntas de sondagem no momento da entrevista, buscando aprofundar e clarificar as respostas dos entrevistados, de maneira a permitir uma certa flexibilidade à narrativa produzida pelos próprios sujeitos (MINAYO, 2017).

Todas as entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes, garantindo-se que as respostas fossem capturadas com precisão, incluindo expressões idiomáticas e variantes linguísticas. Por fim, as entrevistas foram transcritas de maneira literal, incluindo elementos não verbais evidentes na gravação e constam na íntegra nos Apêndices da tese.

3.1 Análise narrativa das entrevistas

A escolha metodológica para a análise das entrevistas realizadas foi da análise narrativa, uma abordagem qualitativa que se concentra na compreensão das histórias dos sujeitos, a partir da identificação de temas, estruturas e significados presentes nas narrativas (CLANDININ & CONNELLY, 1995; 2000; RIESSMAN, 2008; 2015).

Tal escolha se deu pelo potencial da análise narrativa na apreensão dos significados que os próprios sujeitos inserem em suas histórias, fruto da sua construção espacial, social e histórica. Além disso, da capacidade de contextualização social das entrevistas para além das experiências individuais, identificando o contexto e as estruturas sociais que as determinaram. Por isso, pela aplicação de uma perspectiva holística na compreensão das experiências humanas, a análise narrativa propicia a identificação de interconexões entre diversos aspectos da realidade social desses sujeitos e do território (MARAFON, et al., 2016; MINAYO, 2017; HOLLOWAY & RICE, 2019).

A partir das oito entrevistas realizadas nos dois recortes empíricos da pesquisa, foram coletados 408 excertos, segmentos de entrevista dotados de sentido próprio. Esses excertos foram analisados individualmente para a identificação de padrões e similaridades entre as

entrevistas. Foram estabelecidas 10 categorias temáticas para classificar as suas unidades narrativas. O número e proporção de excertos classificados em cada uma das categorias temáticas estão apresentados no gráfico abaixo:

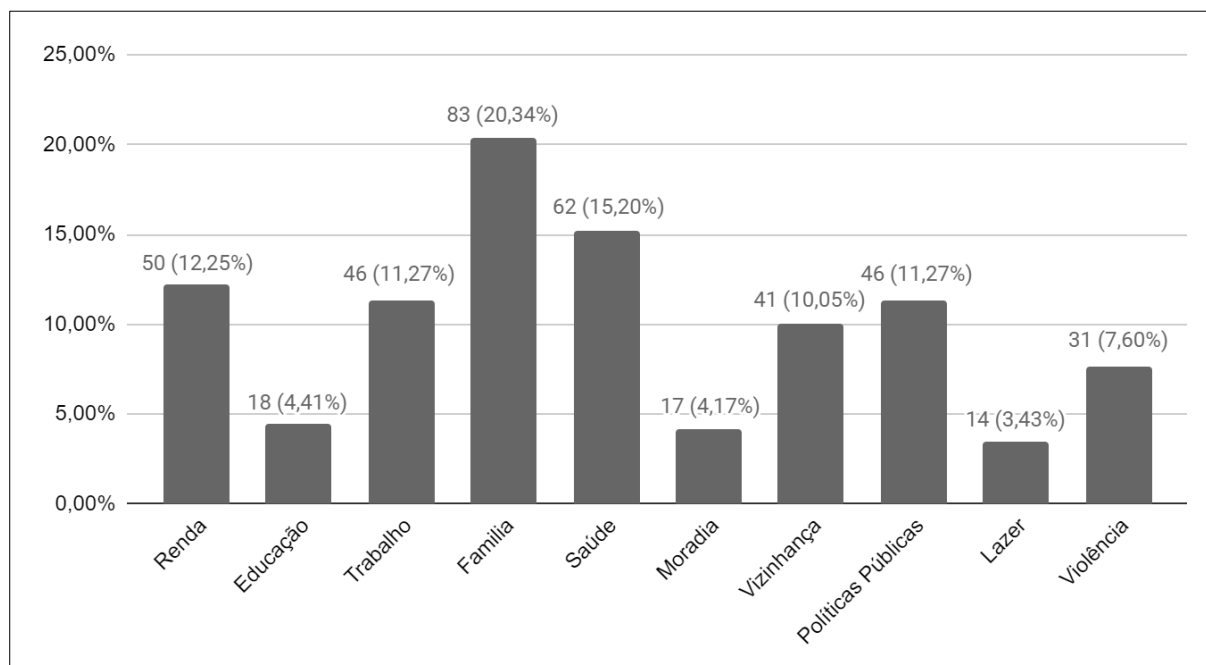


Gráfico 07 – Número e proporção de excertos por categorias temáticas
Elaboração: o autor.

Categoria Temática 1: Renda

Contrariando as expectativas iniciais da pesquisa, a categoria temática da renda não ocupou centralidade nos relatos de histórias de vida dos sujeitos entrevistados, ainda que tenham sido identificados 50 excertos, cerca de 12,25% do total, uma vez que o comprimento e riqueza de detalhes desses não rivaliza ao de outras categorias.

Apesar da sua centralidade na obtenção dos elementos mais básicos na reprodução da vida, a renda é apresentada nas histórias de vida como tal de maneira superficial, diretamente relacionada aos programas de auxílio e previdência social. Os trechos abaixo evidenciam essa relação intrínseca da renda e o acesso a essas políticas sociais, especialmente pelo fato dos entrevistados se tratarem, em sua maioria, de idosos:

“Hoje eu num posso trabalha, que eu tive AVC, tive derrame. Hoje eu num trabalho mais pra fora, só faço o serviço de casa mesmo (...) Não consegui aposentar, num consegui auxílio de idoso, num consegui Bolsa Família.”

(Entrevistada A – Londrina-PR)

“Olha, hoje ele [o marido] tá parado, porque eu pedi pra ele para pra me ajudar. (...) Não, ele tento [se aposentar], mas a hora que chego lá em cima, volto os papel.”

(Entrevistada B – Londrina-PR)

“Minha renda é a pensão do meu marido que ficou e uma renda assim, que eu faço um bordado, aí eu vendo. Eu vendo tempero, né? Faço um cabelo. Então é minha renda.”

(Entrevistada D – Presidente Prudente)

“Então, faz dez ano que eu aposentei... Nós tá em dois mil e vinte, eu aposentei em dois mil e dez. (...) [a renda] É a aposentadoria minha e dela, ela conseguiu aposentar. Ela teve um problema faz, já passo aí quinze ano e ela foi aposentada, né? Teve aneurisma e morre num morre, mais num morreu e aposentou.”

(Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

Nos momentos em que elaboraram para além da fonte de renda, o conteúdo das narrativas apresenta um caráter de resiliência e adaptabilidade por parte dos sujeitos no controle das finanças domésticas como explica a Entrevistada D – Presidente Prudente, quando questionada se considerava que sua renda era suficiente para a manutenção das suas necessidades básicas:

Ah, vô ser bem sincera, o suficiente não. Mas você tem que balancear, né? (...) Não falta porque a gente faz o possível pra não faltar, faz a mágica, porque na realidade eu falo que, eu agora, esse ano que eu tô começando a tentar manter, eu não consegui ainda manter.

(Entrevistada D – Presidente Prudente-SP)

Acerca da mesma questão, a Entrevistada C – Presidente Prudente explica que apesar de ter passado por dificuldades durante a vida, hoje se encontra em uma situação financeira mais confortável:

“(...) o meu dinheiro dá, eu faço mercado e não me falta nada. Quando vô, é dia de receber, ainda tem dinheiro do outro mês. Então você não faça coisa errada, porque aí, acho que Deus falou assim, essa mulher sofreu tanto na vida, que eu vou ajuda ela gora, né? Chegou a época.”

(Entrevistada C – Presidente Prudente-SP)

Ainda, o Entrevistado A – Presidente Prudente relata um momento da vida em que mesmo empregado, a família enfrentou dificuldades financeiras, mas ainda assim conseguiram o suficiente para a sobrevivência:

“Mesmo trabalhando nós já tivêmo, porque quando nasceu essa menina que mora aqui, que ela é gêmea, nesse tempo nós passou com a água no peito. Trabalhava mais, só eu trabalhando, ela grávida delas. Então a situação apertou, mais fome nós nunca passou não. Passou assim, meia perrengue mas, daí depois Deus abençoou (...)”

(Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

Portanto, apesar da preponderância da renda nos estudos e análises da vulnerabilidade social, nas narrativas acerca das suas histórias de vida, os sujeitos entrevistados não se basearam nessa premissa, limitando-se a expor a condição de suas vidas cotidianas em relação à renda familiar de maneira sucinta, sem grande ênfase. Ainda, é possível reconhecer que a renda, representada pela aposentadoria ou auxílio nesses casos, confere a esses sujeitos autonomia e segurança, e talvez por esse motivo, não tomou grande espaço em suas narrativas.

Assim, é possível reconhecer uma significativa diferença entre a percepção do papel da renda na vida cotidiana dos sujeitos inseridos em contextos de vulnerabilidade social e o consenso entre os pesquisadores da área, tanto nacionalmente quanto internacionalmente (SEN, 1999; MARANDOLA JUNIOR & HOGAN (2005), LIMA, 2016a; LIMA & GUIMARÃES, 2019a; 2019b).

Categoria Temática 2: Educação

A educação formal é outra categoria temática presente em muitos estudos acerca da vulnerabilidade social, pelo seu potencial de evidenciar possíveis obstáculos à obtenção de emprego, à tomada de decisões informadas, bem como ao acesso à saúde e outras políticas públicas (MILANESI & SILVA, 1968; BATISTA & CARVALHO-SILVA, 2013; CARRARA, 2016).

Ainda, vários estudos apontam para o impacto da vulnerabilidade social no acesso e qualidade do ensino de sujeitos inseridos nessa realidade. Ribeiro & Vóvio (2017) argumentam a influência da vulnerabilidade social na produção da desigualdade escolar em grandes cidades. Isto é, a vulnerabilidade social impõe barreiras ao acesso ao ensino e ao desenvolvimento escolar, e dialeticamente, a baixa escolaridade agrava a situação de vulnerabilidade, perpetuando essa condição de vida (ÉRNICA & BATISTA, 2012; BATISTA & CARVALHO-SILVA, 2013; CARRARA, 2016; RIBEIRO & VÓVIO, 2017).

A temática da educação pouco permeou os discursos e histórias de vida dos entrevistados, sendo identificados apenas 18 excertos (4,41%). Ainda, apesar da baixa expressividade da temática educacional, é possível confirmar a tendência apontada acima, de baixa escolaridade entre todos eles. Os excertos abaixo ilustram essa realidade com relação à educação dos sujeitos:

“Naquela época, até o quarto ano só. Não tinha mais pra frente. (...) Eu tentei estudar depois que eu mudei aqui, sabe? Mas eu trabalhava de cabelerera e eu ficava até tarde, né? Com aquelas muierada em casa, e falei assim: Não vô estuda mais não. Pra mim não dá, até o quarto ano.”

(Entrevistada A – Londrina-PR)

“Eu fiz o quarto ano na marra. (...) Ela [a esposa] também tem o diploma de quarto ano.”

(Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

“Olha, eu nasci num sítio que pertence a Alfredo Marcondes. Minha infância foi no sítio. Eu estudei numa escolinha rural e eu só tenho até o primeiro grau. Eu tenho só até a oitava série.”

(Entrevistada B – Presidente Prudente-SP).

Os trechos das entrevistas acima apontam para as dificuldades de acesso ao ensino formal por parte dos sujeitos, talvez pela limitação das próprias instituições de ensino ao oferecer apenas até um certo grau escolar. A Entrevistada A – Londrina-PR e a Entrevistada B – Presidente Prudente-SP contam que suas trajetórias escolares foram interrompidas pela ausência de instituições de ensino acessíveis que oferecessem a continuidade da educação formal.

Ainda, outros impedimentos à continuidade da formação escolar são relatados pela Entrevistada B – Londrina-PR e a Entrevistada D – Londrina-PR. Por motivos de saúde e trabalho, ambas abandonaram os estudos na infância e não retomaram mais:

“Ah, até a quinta, mais não cheguei a terminar. (...) Quase todos nós estudamos pouco, nós, o estudo era assim coisado por causa do meu problema de saúde, desde criança, crise de asma, então eu participava pouco da escola. Principalmente do colégio pra subi a pé, né?”

(Entrevistada B – Londrina-PR)

“Não, estudo mesmo, nem eu tenho. Eu saí da escola com onze anos pra trabalha. (...) Até o quinto ano, no colégio quando era de madeira ainda.”

(Entrevistada D – Londrina-PR)

Diante disso, as histórias de vida dos sujeitos apontam para uma consonância objetiva entre as discussões teóricas acerca da relação dialética entre educação e vulnerabilidade social (MILANESI & SILVA, 1968; DOS SANTOS, 2005; LIMA, 2016a; RIBEIRO & VÓVIO, 2017).

Categoria Temática 3: Trabalho

O trabalho e o emprego desempenham um papel fundamental na (re)produção da vida cotidiana, principalmente na obtenção de uma fonte de renda, na construção da autonomia e pertencimento social, além de acesso à políticas públicas (SEN, 1999).

Durante as entrevistas, foram identificados 46 excertos (11,27%) nos quais os sujeitos contaram acerca dos seus trabalhos de maneira detalhada e rica em detalhes. A explanação da história de vida atrelada ao trabalho pode ser identificada em diversas entrevistas, nas quais os sujeitos apontam os ofícios como marcos temporais para aquele momento de suas vidas.

Dessa maneira, o trabalho ocupa na narrativa uma forma de identificação e formação existencial, bem como da caracterização dos tempos e espaços vivenciados. Essa tendência é também identificada nas descrições dos filhos:

“(...),[as filhas] tudo trabalha, tudo faz as coisa, uma é confeitadeira. Cinco minina, num deu um pinga de trabalho, tudo trabalhando até hoje. A mai nova mora aqui no fundo, tem 25 ano, trabalha na São João, na padaria, tem 4 ano. A outra que é e a enfermeira. E a otra mexe cum lanche. A otra trabaia em três serviço. A otra trabaia de faxineira. Cada um tem o seu pedacinho.”

(Entrevistada A – Londrina-PR)

“Aí depois ela [a filha] arrumou na... aí, acho que foi na Vivo, ela trabalhou na Vivo, depois trabalhou de secretária de dentista, depois trabalhou na lotérica, tudo assim, sempre procurando um salário melhor, né?”

(Entrevistada D – Londrina-PR)

“(...) o resto dos filho, (...). Uma mora nessa casa aqui do lado, trabalha na batata lá no shopping. (...) Tudo os meus filho é... os dois mexe com a mesma coisa, negócio de serigrafia, eles são serígrafos os dois. E a minha filha é formada, ela trabalha num escritório de anatomia lá em Maringá, só mexe com defunto.”

(Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

O Entrevistado A – Presidente Prudente-SP, na sua descrição da sua história de vida, utilizou a cronologia de ofícios trabalhados, pontuando as funções e empresas que trabalhou como marcos daquele tempo, como registrado no conjunto de excertos a seguir:

“Até um dia desses eu trabalhava no Camelódromo. Mesmo sendo aposentado, mas trabalhei sempre no Camelódromo. (...) Mesmo aposentado, mas sempre trabalhando, eu gosto de trabalhar. (...) Antes de ser aposentado, toda a vida eu trabalhei de guarda. (...) Eu, é o seguinte, eu trabalhei aqui na rua, apitando igual um doido uns seis, sete ano. (...) Aí nós fomos, ficamos oito anos lá em Maringá e lá eu fui trabalhando de guarda, Saí daqui trabalhando e guarda e fui pra lá, então, sempre trabalhei de guarda. (...) eu trabalhava no Tsunaga nessa época, é um cerealista (...). Aí um dia ele foi na Lótus, eu ainda trabalhava na Lótus e ele falou que ia sair um loteamento pra baixo lá da Vila Aurélio.”

(Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

O trabalho infantil ou precoce é outro elemento identificado na fala de diversos sujeitos entrevistados. Os trechos abaixo apresentam alguns trechos relacionados a essa temática, evidenciando a frequência desses casos, especialmente na época em que os entrevistados, hoje já idosos, eram crianças:

“(...) [o filho] Começou a trabalhar com 9 anos, na entrega de farmácia. Dali da entrega de farmácia, começo outro servicinho e hoje ele é palhaço de rua.”

(Entrevistada A – Londrina-PR)

“(...) Eu saí da escola com onze anos pra trabalhá. (...) Isso, porque eu trabalhava no mesmo emprego, né? Comecei a trabalhar com doze anos. Trabalhei na Padaria Central e saí de lá já.”

(Entrevistada D – Londrina-PR)

“(...) E eu desde os sete anos que eu trabalho, viu? (...) Desde pequeno na roça. Com meu pai, meus irmãos. Naquele tempo eu ia na escola de manhã e depois eu ia na roça com ele a tarde.”

(Entrevistada B – Presidente Prudente-PR)

Em um certo momento, a Entrevistada B – Londrina-PR faz uma defesa ao trabalho infantil, argumentando que o trabalho seria uma forma de garantir que o acesso de recursos financeiros por parte das crianças, como evidenciado no seguinte excerto:

“(...) Isso que eu ia falar também, naquela época as criança podia tudo trabalhar, porque hoje não pode? Por que tiraram isso? Por isso que tão aí na rua, porque com sete, oito ano meu irmão era engraxate, trazia o dinheirinho dele. Eu e meus irmão pequeno (...), nós saía pra buscar abacate, osso, qualquer osso, de galinha, de cachorro, nós pegava (...), daí já passava e já vendia, cada um já repartia e pegava o seu. Aquele era o nosso dinheiro e hoje você num pode dar uma caixa de engraxate pra uma criança, é preso. Num pode levar uma criança pra trabalhar junto.”

(Entrevistada B – Londrina-PR)

De fato, a categoria temática trabalho ocupa caráter central na vida desses sujeitos, marcando a passagem para fase adulta, ainda que crianças. Além disso, há claras interconexões entre esse, a educação e a renda, como já apontado anteriormente.

Categoria Temática 4: Família

A família desempenha um papel crucial na formação dos sujeitos e as entrevistas apontam isso, tendo sido identificados 83 excertos (20,34%), tornando-se a categoria temática mais abordada pelos sujeitos. A temática foi abordada exaustivamente pelos sujeitos, evidenciando a família enquanto rede de apoio e proteção, enquanto provedora financeira e econômica, bem como de conexões interpessoais e relacionais, além de explorar questões relacionadas ao luto da perda de entes queridos. Abaixo estão listados alguns trechos que ilustram essa abordagem:

“Desses daí eu tiro remédio que eu compro, quando eu não tenho meu minino ajuda. E na despesa de casa também, ele ajuda ”

(Entrevistada A – Londrina-PR)

“Aquele menino que é o pai dos três e tem o caçula que cuida do meu pai no Eucalipto. Eu lavo roupa do meu pai, ele só cuida. Médico, médico quem leva em médico é essa minha filha que eu falei, leva o meu pai no médico. Eu só cuido da roupa, essas coisas.” (Entrevistada B – Londrina-PR)

“(...) eu cuido dos meus pais. Então, tanto que aqui, essa residência é deles e eu cuido deles porquê... eu já desde quando eu me aposentei em noventa e sete, que eu já vinha vindo faze, dá umas ajudas, né? Eles já eram idosos. E aí nos últimos três anos que a minha mãe teve, fez cinco anos atrás que a minha fez duas pontes de safena, depois caiu e bateu a cabeça e ficou em coma, tá? Vegetou, então, precisou colocar válvula na cabeça dela, ela ficou na cadeira de rodas, ficou sem fala, sem andar (...) E eu cuido do meu neto, aqui também. De onze anos, mas ele vai pra casa dele, depois a mãe dele vêm busca.” (Entrevistada D – Londrina-PR)

“O casal que me criou, eu sou filho adotivo. Eu nasci em Palmeira dos Índios (...) e uma família me pegou pra criar. E meu pai veio pra cá, pro Estado de São Paulo, foi morar em Bernardes (...) Então aí, meu pai, o velho que me criou, ele veio pra Bernardes primeiro. Daí uns ano que a minha mãe veio. Nó somos, a minha mãe criou uma filha legítima e depois criou mais três. Criou eu, criou uma irmã minha que mora em Maringá e criou uma que mora em Paranacity, tudo no Paraná. Então, nós tudo fomos criado por esse casal.

(Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

“Ah, às vezes eu não vô nem saber dizer, mas, felicidade que eu vejo é quando igual, quando o meu marido viajava pra fora e chegava no sábado, né? Ou quando os filhos caso e daqui a pouco aparecia os neto.”

(Entrevistada D – Presidente Prudente-SP)

As narrativas dos sujeitos apontam para a centralidade da família nas suas histórias de vida, permeando todas as outras categorias. Na realidade, vários desses excertos poderiam ter sido classificados como de temática familiar. Essa é uma adição importante à análise da vulnerabilidade social, a compreensão dos laços familiares e redes de apoio, muitas vezes omitidos ou subestimados.

Categoria Temática 5: Saúde

A saúde é uma temática muito abordada pelos sujeitos em suas entrevistas, totalizando 62 excertos (15,2%), porém a grande maioria destes estão relacionados ao quadro de doenças e ao uso de medicamentos. Os trechos abaixo apresentam algumas das falas dos sujeitos em relação a isso:

“Eu trato da arritmia, né? Que é do coração. Trato do diabete, pressão alta, e... que mais? E colesterol, só que eu vô atrás dos remédio e a pessoa. Se uma pessoa lá em Cambé me der uma dose do remédio, eu vô buscar, eu num pago ônibus. Se no posto não tem, eu procuro no outro lugar que tem. Mais, eu num fico sem toma o remédio, num fico sem faze o exercício, porque de primeiro só vivia no H.U. Só vivia internada no H.U.(...) Hoje eu tô bem, nossa, em vista do que eu passei, eu tô bem, hoje. Tomo meus remédio certinho, faço meu serviço de casa. (Entrevistada A – Londrina-PR)

“Rapaiz, eu tomo tanto remédio que eu nem sem pra quê. Deixa eu te mostrar a minha receita aí você vai saber pra quê que eu tomo. Tá aqui, eu tomo tudo isso aqui e mais um pouco.” (Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

“Minha saúde, eu tomo remédio pra pressão, remédio pra depressão, eu tomo remédio pro colesterol e eu tomo remédio, agora eu tô tomando remédio pra minha coluna. Isso daí que eu tomo. Esse daqui, pressão, depressão e pra colesterol é diário. Todos os dia.”

(Entrevistada B – Presidente Prudente-SP)

Categoria Temática 6: Moradia

Um tema muito pouco explorado pelos entrevistados foi o da moradia. Apenas 17 excertos (4,17%) foram identificados nas narrativas dos sujeitos abordando as condições da casa, como foram construídas e a condição de proprietários. Os trechos abaixo ilustram essa tendência:

“Meu marido fez um cômodo pra mim, com duas criança e fez um cômodo pra minha mãe, que eu não podia deixar minha mãe lá sozinha. Daí minha mãe morava num cômodo, e aí nós moremo o quê? Uns três ano, dois ano,

moremo ali. (...) Aí levava uma sacolinha e tudo o que eu achava na rua e trazia pra casa e ia formano.” (Entrevistada A – Londrina-PR)

“Hoje, que nem aqui é do meu pai. Essa casa é cedida. (...) Moro aqui desde quando eu nasci. Só que era madeira, né? Era fundo, era madeira (...) vim pra cá com oito meses, é, praticamente nasci, né?”

(Entrevistada B – Londrina-PR)

“A casa é própria, o barraco é nosso, (...) já era do jeito que tá aqui. Já tinha essa casa aqui, só num tinha aquela ali.”

(Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

“A minha casa não era assim não, eu pus piso na casa inteirinha. (...) Esses cem conto que eu fiz foi aqui, ó, essa edícula. Aqui tem garagem, cozinha, lavanderia e banheiro, tudo grande. Eu peguei, meu terreno tem vinte e dois metros de, é... doze de frente, vinte e dois de fundo, eu construí tudo. ”

(Entrevistada C – Presidente Prudente-SP)

O tema da moradia é frequente nas discussões acerca da vulnerabilidade social, em especial em relação ao nível de adequação física do imóvel como a presença de banheiros, água encanada e energia. Além dessas questões, as entrevistas apontam para a ênfase dada pelos sujeitos à propriedade da casa.

Categoria Temática 7: Vizinhança

O tema da vizinhança ou entorno do domicílio foi um tema explorado pelos entrevistados no que diz respeito a estrutura urbana e limpeza do entorno das casas. Foram identificados 41 excertos (10,05%) que podem ser agrupados em dois conjuntos, um deles em referência ao processo de urbanização da região e outro relacionado às condições atuais da vizinhança.

O primeiro conjunto de excertos apresenta a produção histórica do espaço e para a inexistência dos mais básicos elementos da infraestrutura urbana na época em que os sujeitos se mudaram para a região:

“Meu Deus do céu, num tinha nada, num tinha água, num tinha luz. (...) Daí eu ia busca água lá no Pindorama. (...) Aqui era só mato, mato, mato, que num acabava mais. (...) Não... não tinha nada, eu usava lamparina. Daí ele [o prefeito] pegou e falou assim: olha, eu vou limpa aqui pro ceis, vô ponha água, ponha luz (...) Daí, sabe que foi indo, num demoro nada, ponho água, ponho luz, joguei minhas lamparina fora, tinha umas lamparina de querosene (...) Dr. Wilson Moreira veio o asfalto, fez o asfalto (...) e aí foi ino... foi aumentano as casa, acabano o mato, e se vê, dentro de quarenta e oito ano o que viro? ”

(Entrevistada A – Londrina-PR)

“Então, quando nós mudou aqui o começo de bairro foi assim. E demorou, demorou muito tempo e aí veio a água (...) Aqui nós ficamo muito tempo sem água, muito tempo porque eu (...) eu levantava cedo, e eu ia buscar água num poço que tinha aqui embaixo.

(Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

“Não tinha nada, nada, nada. Aqui onde é a creche, era barranco, terra (...) vinha eu, nós lavava ali, trazia um pano, lavava os pé lá no córrego e depois calçava a sandália pra cidade. Energia? Num sei, não lembro (...) Não tinha. Depois colocaram, que eu fui atrás, ué.”

(Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

O segundo conjunto de falas aponta para a questão atual do depósito de lixo a céu aberto, especialmente em Londrina e da necessidade de conscientização da população:

“ Hoje tá bem, virge, em vista de antigamente, tá ótimo. Agora o problema dos mato, dos lixo né? Traze as coisa dentro de casa, um limpa, outro num limpa. A gente limpa o quintal, vizinho num limpa e assim vai indo (...) Eu brigo por causa do povo joga lixo aqui, aqui na frente ninguém joga não, porque eu fico em cima, eu vô atrás e faço cata.”

(Entrevistada A – Londrina-PR)

“Agora nós temo aqui o Marco Zero que é uma questão também que precisa ser cuidado, precisa ser verificado, porque é muito lixo jogado ali, é camisinha, é seringa, muita droga, sabe? (...) O primeiro passo é a população se conscientizar das coisas que, às vezes fazem errado que vai prejudicar ele próprio no futuro, por exemplo, jogar o lixo em qualquer lugar, aí depois vêm a dengue e vai pra própria pessoa, então, a população tem que ter essa conscientização.”

(Entrevistada C – Londrina-PR)

De maneira consonante com as discussões acerca da vulnerabilidade social, a vizinhança, representada pela infraestrutura urbana básica e a presença de lixo ou esgoto, cumpre o papel alegórico do progresso, da melhoria na qualidade de vida no discurso dos sujeitos. Essa relação é também proposta pelos autores que utilizam desses para mensurar a vulnerabilidade do lugar (MARANDOLA JUNIOR & HOGAN (2005), LIMA, 2016a; LIMA & GUIMARÃES, 2019a; 2019b).

Categoria Temática 8: Políticas Públicas

O tema das políticas públicas foi amplamente discutido pelos sujeitos entrevistados no que diz respeito à presença dos equipamentos públicos na região e do acesso e qualidade dos serviços, sendo identificados 46 excertos (11,27%). As políticas públicas foram representadas em seus discursos a partir da apresentação da importância de serviços como o agendamento de consultas, realização de exames e a distribuição de medicamentos nos equipamentos de saúde, bem como de atividades de fortalecimento de vínculos. Alguns trechos que representam essa temática estão transcritos abaixo:

“Ah, hoje tá bem melhor, né? Do que quando eu mudei aqui, hoje já tem médico no posto e não tinha, não tinha nada aqui. Hoje já tem médico no posto, se eu preciso de remédio, se vai lá e busca”

(Entrevistada A – Londrina-PR)

“Aí, eu veno o meu bairro como um bairro pobre, (...) eu vi que o posto em primeira mão era o mais necessário. Aí (...) começamos essa luta, pela nossa construção de uma nova UBS, porque a nossa tava precária, pra atender nossa população. Porque tinha médico? Tinha. Tinha remédio? Tinha. Tinha ótimos enfermeiros para atender? Sim. Mas as condições físicas do ambiente não suportavam mais aquilo.”

(Entrevistada C – Londrina-PR)

“Porque é inconcebível uma comunidade carente não ter um postinho de saúde. O condomínio fechado não ter, não faz falta, mas uma comunidade carente precisa ter um postinho. Precisa ter um postinho aberto, funcionando e com funcionário suficiente pra atender (...) Precisa muito do posto, essa região aqui precisa muito do posto, precisa muito de bom médico pra dá assistência, pra ajuda o povo daqui. Apesar que têm tantos lugares precisando também, né?”

(Entrevistada D – Londrina-PR)

“Então, eu não tenho o que reclamar dos agente, nenhum, porque quando a minha agente era a (suprimido), ela sempre tava presente e quando ela tava de férias, os menino cubria as férias dela, nunca deixou a gente na mão, desamparado (...) Nunca ninguém nunca me virou as costas, falou hoje eu não posso atender a senhora ou então não dá certo, sempre tem aquele jeitinho do brasileiro, sempre eles dá um jeitinho, entendeu? (...) Hoje tem, tem a nossa escola Vilma, né? E tem a próxima aqui que deve dá um quilômetro mais ou menos e tem a creche do lado do posto. Então, já favoreceu bastante. Nós tem o CRAS do Cambuci, tem pra quem gosta, eu vô fala pra você que eu faço quando o fisioterapeuta manda, tem a academia ao ar livre, né? Que a gente também faz exercício lá com os fisioterapeuta.”

(Entrevistada D – Presidente Prudente-SP)

Tal preocupação por parte desses sujeitos pelo acesso às políticas públicas é evidência acerca dos processos de produção desigual do espaço urbano, da histórica inexistência ou precária oferta de serviços (MARICATO, 2001; TORRES et al., 2003; OLIVEN, 2010).

Categoria Temática 9: Lazer

O lazer, entendido aqui como atividades voluntárias de ócio produtivo, integração social e de promoção do bem-estar (ROJEK, 2010), é pouquíssimo abordado pelos sujeitos entrevistados. Nas suas narrativas, foram identificados apenas 14 excertos (3,43%) acerca do tema.

Dumazedier (1973; 1975; 1979) e Taschner (2000) e já apontavam as barreiras ao acesso de atividades de lazer para indivíduos de baixa renda em situação de vulnerabilidade social. Nas

entrevistas, é possível reconhecer o papel da prática religiosa e dos laços familiares na integração social e promoção de bem-estar desses sujeitos:

“Nada, aqui em Prudente o lazer aqui é brabo. Quando dá eu faço uma caminhada, quando não dá eu não faço nada. Então, a minha vida agora paro memo de vez. (...) Nós vai na igreja, nois é crente que fala. Então, nois vai na igreja. Bar eu não vô, não bebo. (...) Todo final de semana nois num vai não, mais nois sempre vai na igreja.”

(Entrevistado A – Presidente Prudente-SP)

“Eu vou, eu vou todos os domingos à igreja, sagrado. Eu sou católica e vou à missa todos os domingos. Geralmente eu saio assim, eu vou na casa dos meus irmão, sabe?”

(Entrevistada B – Presidente Prudente-SP)

“(...) e o lazer é só passear, né? Vamo supor, igual, eu vô pra casa do meu irmão, eu vô pra casa do sobrinho, amanhã mesmo eu tô indo pra casa do (suprimido)”.

(Entrevistada D – Presidente Prudente-SP)

A Entrevistada C – Presidente Prudente-SP, a única que discorreu mais eloquentemente acerca das suas atividades de lazer, revelou que deixou de realizar atividades de lazer cotidianas depois que perdeu autonomia com relação ao deslocamento pois parou de dirigir, porém ainda realiza excursões e viagens a lazer:

“Agora eu não faço mais nada, nem dança eu num vô mais. Eu tô sem carro. Não, porque eu vi na televisão, uma senhora de oitenta e cinco anos, ela teve um surto dirigindo e entrou dentro de uma loja. Aí eu fiquei com medo. (...) Num faço nada. Só fico assistindo televisão, comprei uma cadeira que deita pra trás e eu fico deitada ali. (...)Cruzeiro, já fiz. É, eu já fiz o cruzeiro. Mais eu viajo muito com a terceira idade. Ah, eu vô pra todo lado”

(Entrevistada C – Presidente Prudente-SP)

A discrepância entre os tipos e intensidade das atividades de lazer realizadas pelos entrevistados estão atrelados à capacidade de consumo desses sujeitos. A disponibilidade de renda para custear atividades de lazer pagas torna-se um impeditivo a muitas famílias em situação de vulnerabilidade social, que encontram nas atividades religiosas e nos laços familiares, formas de integração social e promoção do bem-estar acessíveis (TASCHNER 2000; COLLINS, 2004; LUNA BATINGA & RESENDE PINTO, 2020)

Categoria Temática 10: Violência ²

O tema da violência aparece para a pesquisa durante as discussões preliminares com os ACS que apontaram-na como um dos problemas mais graves das comunidades atendidas. Durante as narrativas, todos os entrevistados trouxeram questões relacionadas ao consumo e tráfico de drogas, além das formas de violência associadas à essas práticas:

“O bairro hoje, ele melhorou em algumas coisas. Porque a gente sabe que é próximo shopping, da rodoviária, tinha antigamente mais droga, sabe? Tinha mais traficante no caso. Hoje não. Existe a droga? Existe, mas aqui o Pindorama hoje ele é tranquilo, no começo ele era bem tumultuado com relação a isso. (...) Há dois anos atrás as coisas eram terríveis... eles desciam da mata do Marco Zero pra cá e compravam droga. Tinha briga, tinha tiroteio.”

(Entrevistada B – Londrina-PR)

“Fala pra você, a gente era até tranquilo, né? Eu mesmo saía pra rua, voltava a hora que eu queria e era tudo tranquilo. Agora que tá um pouco mais, né? (...)Tá mais violento, né? Principalmente aquela mata na parte do Marco Zero. Ali tá cada vez ficando mais feio, mais difícil.”

(Entrevistada D – Londrina-PR)

2 Faz-se saber que alguns relatos de violência foram omitidos da gravação, e consequentemente da transcrição, a pedido dos sujeitos.

“Morreu um cara ali matado de faca. Era do cotidiano ali da droga. (...) Tinha muita aqui, aqui era brabo. Hoje em dia não, o pessoal daquela época maior parte já morreu, tem gente que ainda tá preso e eu moro aqui num lugar bão, graças a Deus.”

(Entrevistado A – Presidente Prudente)

“Quando eu ia fechar a escola a noite, até então tinha aula a noite ali. E quantas vezes eu fui ameaçada de morte ali. Ali, o Parque Alvorada era boca quente, sabe? Eu tinha medo de ser morta ali dentro. Mais graças a Deus, eles na deles e eu na minha, sabe? (...) Graças a Deus nunca ninguém roubou minha casa, sabe? Mais ali era boca quente. Vixi... bandido, tiro de noite. Droga corria solto. Num tinha o postinho até então, era tudo mato, sabe? Era bem feio aqui, ali pra baixo num tinha nada.”

(Entrevistada B – Presidente Prudente-SP)

“Hoje tem violência demais, hoje você não pode sair na rua, nessa escola principalmente, hoje você vai na esquina tá tudo drogado. (...) Tá uma droga desgramada aí na frente. Principalmente à noite.”

(Entrevistada D – Presidente Prudente-SP)

Outro tipo de violência recorrente nas falas dos entrevistados diz respeito às formas de violência intradomiciliar, principalmente entre cônjuges, mas também com relação a outros membros da família. Alguns entrevistados narraram experiências dolorosas em relação a essa forma de violência, como demonstrado nos excertos a seguir:

“Aí eu sofri muito, o sofrimento começou depois de um ano. Meu marido era putanheiro. Vivía na zona, dia e noite. (...) Porque ela [filha] nunca fala que o pai dela judia de mim.”

(Entrevistada C – Londrina-PR)

“(...) vou telefonar pro meu irmão do meio e eles era brigado, nunca se falaram. Porque esse um, ele judiava muito de nós. Ele batia muito ne nós.”

(Entrevistada B – Londrina-PR)

Porque ele bibia minino, se chegava em casa, sabe bebo que bebe e é valentão? Hoje eu tô sossegada (...)

(Entrevistada A – Londrina-PR)

“Tive problema, porque meu marido bebe, né? Passamos necessidade, faltava as coisas, por causa da bebida. Sempre foi assim, alcoolismo é muito difícil (suspiro).”

(Entrevistada B – Presidente Prudente-SP)

3.2 Histórias de vida que contam uma outra história: possíveis fissuras na análise de indicadores

As entrevistas analisadas revelam elementos da vida cotidiana dos sujeitos que, por vezes, é mascarada pelos dados oficiais e indicadores sociais, realidade essa que aponta para possíveis fissuras na forma com que é avaliada a vulnerabilidade social e também para os desafios na sua interpretação.

Em primeiro plano, é notável as distintas perspectivas dos sujeitos acerca da sua história, do seu cotidiano, da sua comunidade. As interpretações de cada um deles são baseadas na sua construção social e cultural, bem como do conhecimento e experiências. Esse arcabouço os concede uma visão singular acerca da sua condição de vida, da vulnerabilidade social, ainda que não a conceitua como tal.

Para além disso, as histórias de vida dos sujeitos apresentam elementos para a discussão de alguns pressupostos teóricos comumente utilizados na determinação de indicadores de vulnerabilidade social. Não que as narrativas invalidam ou rechacem tais análises quantitativas, mas definitivamente fornecem mais elementos para o estudo da vulnerabilidade social, ampliando o debate, especificamente em relação à renda e estrutura familiar.

Como já discutido anteriormente, a renda é um indicador preponderante na produção da situação de vulnerabilidade que indivíduos e comunidades estão inseridos. O uso da renda per capita, especialmente, compõem as análises quantitativas na grande maioria dos casos, uma vez que essa permite uma mensuração ponderada da renda (RAVALLION, 1998; 2010; SEN, 1999; LIMA, 2016a).

Porém, as entrevistas revelam uma realidade acerca da renda que não é capturada pelos censos e dados oficiais, a presença diária de familiares não formalmente incluídos como

parte do domicílio, descaracterizando a relação da renda per capita capturada pelos bancos de dados oficiais.

A fala da Entrevistada B de Londrina-PR acerca da presença de netos que moram com ela, ou passam o dia todo, mas que não residem oficialmente naquele domicílio, expõe esse descompasso entre a sua renda per capita nominal e prática:

“Durante a semana? Lavo, cozinho, passo, dou banho em crianças, que são netos, mas eu cuido. Comigo é seis. Fora a minha filha do fundo. São meu marido, três neto, e... não, é quatro durante o dia, né? Só um que vai embora à noite, mas durante o dia, é o dia inteiro.” (Entrevistada B, Londrina-PR)

Teoricamente, o domicílio da Entrevistada B possui apenas duas pessoas, portanto a renda total do domicílio é dividida por dois. Porém, a partir do seu depoimento, fica evidente que a renda familiar na realidade é utilizada para sustentar seis pessoas, um decréscimo na renda per capita na ordem de três vezes. Outro caso semelhante vive a Entrevistada C de Londrina-PR, que cuida do neto durante o dia, voltando para a casa dos pais ao final do dia.

“E eu cuido do meu neto, aqui também. De onze anos, mas ele vai pra casa dele, depois a mãe dele vêm busca.” (Entrevistada C, Londrina-PR)

Gerondo (2006) explica que os avós têm assumido cada vez mais o cuidado dos netos seja em tempo parcial ou integral. Esse papel de cuidadores primários ou secundários implica em diversos obstáculos financeiros e emocionais tanto para os avós quanto para as crianças (DIAS & SILVA, 1999; GERONDO, 2006; COELHO & DIAS, 2017). Tal realidade precisa permear as discussões acerca da vulnerabilidade social, uma vez que tais elementos são cruciais para uma real compreensão da condição de vida desses sujeitos.

Outro tema comumente presente nas análises de vulnerabilidade social, bem como de determinantes sociais da saúde, são as estruturas familiares. Para além da composição populacional do domicílio, comumente é atribuído ao estado de chefe de domicílio solo ou o idoso vivendo só como um agravante à vulnerabilidade social e à saúde, especialmente em

idosos. Por consequência, a presença de um relacionamento estável é considerado como fator protetivo para essas populações.

Esses relacionamentos têm o potencial de oferecer estabilidade emocional e a capacidade de compartilhamento de recursos, de modo a influenciar positivamente a condição de vida, a saúde e o bem-estar (WAITE & GALLAGHER, 2000; ADAY, et. al, 2006;; PROHASKA, et. al, 2020). IE

Porém, tal premissa é contrastada com as particularidades desses relacionamentos, especificamente com relação ao desequilíbrio das relações e violência intrafamiliar, que em vez de oferecer maior estabilidade emocional, recursos financeiros e bem-estar, produz o oposto. Conforme já apresentado anteriormente, algumas entrevistadas relataram em suas histórias de vida, as marcas de um relacionamento abusivo:

“Aí eu sofri muito, o sofrimento começou depois de um ano. Meu marido era putanheiro. Vivía na zona, dia e noite. Não, de dia ele trabalhava, tinha oficina de tudo. Mais à noite, ele tomava um banho, se arrumava e ia embora, só voltava no outro dia. (...) Naquele tempo a gente não largava, né? Se a gente largasse, a gente virava mulher atoa. (...) Porque ela [filha] nunca fala que o pai dela judia de mim. (...) Meu marido que frequentava lá [na zona] e eu costurava pra elas, já viu isso? Vinha táxi, um atrás do outro e os retalho das roupa que sobrava, elas me dava pra fazer vestido pra (suprimido) e pra (suprimido) [filhas].” (Entrevistada C – Presidente Prudente-SP)

Relatando acerca do seu casamento, de maneira melancólica, a Entrevistada C conta que sofria abusos do marido, não somente físicos mas também de ordem psicológica, como por exemplo o fato relatado que as prostitutas frequentavam o seu ateliê de costura como pagamento para os serviços que ofereciam ao marido.

A Entrevistada A (Londrina-PR) também relatou casos de violência, expondo essa problemática no relacionamento, e relata brevemente que a situação melhorou depois que o marido foi acometido por Mal de Alzheimer e tem degenerado na sua capacidade cognitiva:

“E o médico falou pra mim, o médico dele é lá da PUC. Falou pra mim que quem tem essa doença [mal de alzheimer], mais vai afetano, mais fica igualzinho criança. Vai tê um dia que vô tê que amarra ele pela perna. Mas hoje eu tô bem, eu tô no céu. Porque ele bibia minino, se chegava em casa, sabe bebo que bebe e é valentão? Hoje eu tô sossegada (...).”

(Entrevistada A – Londrina-PR)

Outro relato relacionado ao consumo excessivo de álcool presente na entrevista da Entrevistada B (Presidente Prudente), demonstra os efeitos dessa prática sobre a renda familiar. Com a voz embargada, ela conta que passou necessidades e faltaram mantimentos para a família por causa do vício do marido:

“Um momento positivo, nunca me arrependo de ter meus filhos. Um momento negativo foi meu casamento. (...) Tive problema, porque meu marido bebe, né? Passamos necessidade, faltava as coisas, por causa da bebida. Sempre foi assim, alcoolismo é muito difícil (suspiro)”.

(Entrevistada B – Presidente Prudente-SP)

Essas histórias de vida desses sujeitos apontam para a necessidade de compreensão dos contextos de vida, para além da presença ou ausência de um relacionamento estável nominalmente, haja visto que em todos esses casos, a violência física e emocional, a privação de recursos e dignidade corroboram para a conclusão de que apesar de formalmente estarem inseridas em relacionamentos, esses as expuseram a riscos e à condições de vida precárias.

3.3 Os impactos longínquos da vulnerabilidade social na vida dos sujeitos

Portanto, é possível reconhecer nas falas e experiências que a condição e contexto de vida produz marcas e impactos na (re)produção da vida desses indivíduos não somente no momento que essas são vivenciadas, mas tornam-se amálgama dos seus próprios seres.

A vulnerabilidade social, essa condição e contexto de vida, determina diversos aspectos da reprodução da vida humana de diversas formas, podendo produzir ciclos de desvantagem, uma determinação adversa sobre a qualidade e o acesso aos bens, serviços e oportunidades, consequentemente perpetuando essa situação de vulnerabilidade.

Dessa forma, os sujeitos podem sofrer as consequências da vulnerabilidade social ainda que superem esse contexto em um segundo momento. As consequências podem ser identificadas até mesmo para gerações futuras que não necessariamente vivenciaram tal realidade. Áreas da vida como o desenvolvimento cognitivo e educacional, a construção das relações e interações sociais e, principalmente, a saúde física e mental desses indivíduos.

Portanto, é necessário considerar a vulnerabilidade social como determinante na formação existencial dos indivíduos, isto é, a apreensão do impacto da vulnerabilidade social na vida desses sujeitos enquanto Ser, não somente enquanto retrato momentâneo da condição social de uma determinada área. Assim, analisar a vulnerabilidade social passa pela compreensão desse fenômeno social enquanto produção espacial e histórica da existência dos sujeitos inseridos nessa realidade. É o que será abordado no próximo capítulo.



4. A INCORPORAÇÃO DA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL NA DISCUSSÃO DA QUESTÃO SOCIAL URBANA



4. A INCORPORAÇÃO DA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL NA DISCUSSÃO DA QUESTÃO SOCIAL URBANA

A partir das questões apresentadas nos capítulos anteriores, faz-se necessário repensar a vulnerabilidade social para além dos indicadores e das métricas padronizadas, incorporando conceitualmente o caráter objetivo e existencial.

É mister que haja uma discussão crítica acerca dessa abordagem estritamente numérica da vulnerabilidade social, não somente nos procedimentos metodológicos mas nas escolhas epistemológicas da sua discussão. É evidente que é preciso dimensionar, identificar, espacializar, principalmente para nortear as ações das políticas públicas. Porém, a análise da vulnerabilidade social precisa superar essa lógica normativa e neopositivista para alcançar as discussões e arcabouço teórico da Geografia Crítica.

Partindo dessa proposição, buscou-se analisar a questão social urbana, proposição central do projeto materializado na categoria vulnerabilidade social, para além de uma relação de causalidade simples, mas considerando os sujeitos inseridos nessa realidade produzida sob a égide do sistema econômico-social vigente, no caso, a ordem burguesa e o modo de produção capitalista como seres históricos, culturais e complexos. A busca pela análise da existência, enquanto categoria filosófica a partir da Geografia, se impõe como tarefa vital para o entendimento dessa questão, e por isso, é necessário recorrer à Ontologia.

4.1 Afinal, o que é Ontologia?

A Ontologia se colocou como um grande desafio teórico para essa pesquisa. Considerada o ramo geral da metafísica, a Ontologia se ocupa das questões gerais acerca do ser e a sua existência, ou seja, do ser enquanto ser (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2008).

Vários filósofos se ocuparam dessa questão acerca da existência. Aqui faz-se menção dos mais relevantes e que embasam as discussões dessa temática que se faz presente na Geografia. Sartre (1973; 1994; 2002) e Heidegger (1988; 1989; 2013) são os grandes representantes do existencialismo e aparecem fortemente na origem da discussão da Ontologia na Geografia e a sua relação com o espaço.

Especialmente através de seu conceito de Dasein, ou ser-aí, Heidegger inspirou uma discussão acerca de uma relação intrínseca do ser com o lugar, que ganhou força com a Geografia Humanista, representada por um dos seus expoentes, Éric Dardel. Dessa relação entre Ser e Lugar, surge o conceito de geograficidade (DARDEL, 2011).

Tal compreensão humanística parte do pressuposto de que as determinações espaciais e históricas se dão a priori, advindas da subjetividade humana, ou seja, uma concepção idealista da relação ser-mundo. Martins (2017) é enfático na crítica a essa proposição de Dardel, sustentando que esse “não leva em consideração as determinações objetivas que incidem na formação da subjetividade” (MARTINS, 2017).

4.2 A presença da Ontologia na Geografia Brasileira

Para além dessa corrente, essa discussão acerca do espaço enquanto fundamento ontológico na Geografia brasileira emergiu fortemente na década de 1980 com autores como Silva (1982; 1991; 2000), Moraes (1982), e Moreira (1982; 2001; 2004; 2007).

Silva (1982; 1991; 2000) talvez tenha sido o autor que mais dedicou tempo à Ontologia na Geografia, e que defendeu a existência de um ser espaço. Ele defendia uma relação intrínseca entre consciência, lugar, espaço e ser.

Moraes (1982) também buscou sustentar uma tese de uma Ontologia do espaço em um capítulo do livro Geografia: teoria e crítica, organizado por Ruy Moreira. Nesse texto, o autor articula ideias que defendem o espaço enquanto ser, impondo uma necessidade de se

identificar as formas territoriais e históricas da sociedade. Infelizmente, ele abandonou a temática, tendo tal texto ficado como o único registro desse esforço.

Moreira (2001; 2004; 2007) articula em seu artigo *Marxismo e Geografia*, propondo já não mais uma Ontologia do espaço, mas uma geograficidade marxista, como “existência em sua expressão espacial”. Porém, ele não refuta a proposição de Silva (1982) e Moraes (1982), considerando “A ontologia do ser geográfico é mais abrangente, rica e complexa que a ontologia do espaço. Assim, a geograficidade vai ontologicamente além.” (MOREIRA, 2004). Tal perspectiva de geograficidade marxista vai ser apropriada posteriormente por vários autores, apresentados em um segundo momento neste texto.

Posteriormente, Martins (2007; 2014; 2017) apresentou duras críticas às proposições existentes, em especial à tese do espaço enquanto ser, essa que não se sustentaria pela inexistência de um ente do espaço, não podendo o espaço ser um ser. Além disso, o autor dedica sua obra a um caráter geográfico do ser, mas não apreendendo Geografia como conhecimento, saber, ciência, propondo que a Geografia seria a história em movimento (MARTINS, 2007).

Esse grupo de autores somados, aparecem como uma vanguarda que se destaca por seu pioneirismo na busca por uma relação do ser com o espaço, na sua maioria numa perspectiva materialista. Porém, esses não avançaram para além da confirmação dessa premissa, ainda que seja necessário que haja a aplicação dessa discussão de maneira intensa.

Tal necessidade é apontada por Rossi (2016) que expõe a tradição epistemológica da Geografia. Nesse artigo, o autor defende que a Geografia deve se pautar na teoria marxiana e da produção filosófica de Lukács acerca do ser social para trilhar uma perspectiva própria acerca do ser e do espaço.

Nessa discussão, faz-se necessária a menção de Santos (1996), devido primeiramente ao seu peso e relevância para a Geografia brasileira, mas ainda, por ter apresentado uma proposta completamente diferente para a assimilação da Ontologia na Geografia. Sua perspectiva em *Natureza do Espaço* é de cunho estruturalista, lançando mão da concepção ontológica para produzir uma intensa instrumentalização da sua compreensão da categoria espaço.

Mais recentemente, outros pesquisadores têm reoxigenado a discussão da Ontologia materialista na Geografia como Biteti (2007; 2014), Reis (2009, 2012a, 2012b), Oliveira Jr. (2014; 2015a; 2015b), Rossi (2016; 2017), Heck (2017). Esses autores podem ser considerados uma segunda geração, fortemente fundada na teoria Lukacsiana de Ontologia do Ser Social.

Biteti (2007; 2014) dedicou sua trajetória na pós-graduação ao tema, produzindo sua dissertação de mestrado, uma análise de grandes obras da Geografia identificando questões relacionadas à existência em Milton Santos, David Harvey, Edward Soja, Vidal de La Blache, Max Sorre e Pierre George. Em sua tese de doutorado, mantém-se na mesma perspectiva, fazendo uma análise mais profunda das obras de Vidal de La Blache, Max Sorre e Jean Brunhes. Orientada por Ruy Moreira, essa também trabalha com o conceito de geograficidade na perspectiva marxista.

Oliveira Jr. (2014; 2015) é o autor que mais aprofunda o debate da Ontologia na Geografia brasileira especialmente em sua tese de doutorado (2015), uma extensa obra acerca da temática, fazendo uma análise do proposto por vários autores. De maneira não cronológica ele estabelece um diálogo com vários dos autores citados, apresentando seus pontos de vista, mediando a discussão com suas conclusões. No entanto, o autor defende ainda que haja uma Ontologia do espaço, afirmando ser esse o caminho para uma teoria do espaço.

Rossi (2016; 2017), conforme já mencionado, faz uma defesa de uma Ontologia marxiana, fundada na Ontologia do ser social de Gyorgy Lukács. O autor defende que esse é um campo fértil a ser explorado pela ciência geográfica, especialmente por acreditar ser essa a conformação teórica para a transformação da realidade.

Heck (2017) dedica o primeiro capítulo de sua tese para a apresentação da Geografia, Ontologia e Trabalho enquanto temas relevantes e correlatos. Tais conceitos norteiam as discussões em Geografia do trabalho na pesquisa, porém não avança na discussão teórica, por não ser esse o objetivo de sua tese, uma análise do espaço e contraespaço no circuito produtivo dos frigoríficos do Oeste Paranaense.

4.3 A Ontologia do Ser Social e o Espaço

A partir da discussão apresentada, concordando com os apontamentos de Rossi (2016; 2017), buscou-se na Ontologia materialista do filósofo Gyorgy Lukács as bases para a discussão proposta acerca do ser e do espaço.

Lukács (2010; 2012; 2013) formulou as bases para uma Ontologia do Ser Social a partir da relação metabólica do homem-natureza e homem-homem, a partir do trabalho, a partir dessa leitura marxista da produção da sociedade. Tal compreensão advém de Marx (2002) que define tal relação:

“Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. (...) Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural como forma útil para a sua própria vida. Ao atuar por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica ao mesmo tempo a sua própria natureza.” (MARX, 1985, p. 142).

A partir disso, Lukács funda uma nova perspectiva na Ontologia, que segundo o próprio não se limita à Ontologia da natureza apenas e nem do homem apenas, mas dessa

relação imanente dos homens e natureza a partir do trabalho, enquanto categoria ontológica (LESSA, 2002; 2005).

O ser social é, portanto, um ser real, historicamente e dialeticamente construído, refutando a concepção idealista de ser. Ele se diferencia essencialmente dos outros animais através da sua capacidade de transformar a própria natureza que pertence, transformando assim a si próprio (MARX & ENGELS, 2007; LUKÁCS, 2010; 2012; 2013).

Esse movimento de transformação da natureza se dá pelo processo de sobrevivência do homem. Por esse motivo surge a necessidade de socialização, o que vem a permitir relações entre os pares que através do trabalho vão produzir, juntos, as condições necessárias para essa sobrevivência, que gradualmente se complexifica, juntamente com a técnica. Diante disso, compreende-se que esse processo de transformação da natureza que funda o ser social através do trabalho, é fundador também do espaço, enquanto categoria geográfica. Consequentemente, há uma intrínseca relação ontológica do ser social com o espaço, uma vez que o espaço é dialeticamente produzido e produtor do próprio ser social.

Essa relação entre ser social e espaço se dá na maneira que o homem se realiza na transformação da natureza, resignificando-a e dotando de uso e sentido, ele da mesma maneira é transformado dialeticamente por natureza transformada, ou seja, pelo espaço.

Acerca dessa relação intrínseca entre o Espaço, Sociedade e História Porto-Gonçalves explica:

Assim, acautelemo-nos, o esforço necessário para recuperar a natureza e o espaço geográfico na análise social deve se manter longe de qualquer redução naturalista. Partimos do pressuposto de que não existe sociedade a-geográfica assim como não existe espaço geográfico a-histórico. Assim como todo o espaço geográfico está impregnado de historicidade, a história está, sempre, impregnada de geograficidade (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Nesse artigo, o autor debate a existência de uma geograficidade do social, a condição espacial que impregna as relações sociais e a História, ou de outra maneira, que a Geografia seria uma necessidade histórica para a existência (PORTO-GONÇALVES, 2002; 2006).

4.4 A espacialidade enquanto categoria ontológica

Uma preocupação dessa pesquisa na sua problematização é da existência de certa inconsistência etimológica e semântica dos termos utilizados na discussão da existência e a sua relação com o espaço, ou seja, da Ontologia na Geografia. Tal preocupação tem ocupado o debate geográfico desde os pioneiros dessa ciência, a exemplo de Vidal de La Blache (1911) em seu artigo “Les genres de vie dans la Géographie Humaine – premier article”, que já buscava a sintetização dessa compreensão espacial da existência humana.

Na Geografia, basicamente duas terminologias foram adotadas para a questão: a primeira delas amplamente empregada, Geograficidade; a segunda – Geográfico, sendo ambas consideradas incompatíveis com a proposta teórica da pesquisa e por isso propõe-se uma terceira, espacialidade, essa foi privilegiada, primeiramente por sua construção etimológica e semântica ser compatível para com a proposta teórico-metodológica da pesquisa.

A primeira delas e já citada - a Geograficidade, é o termo mais amplamente empregado e definido em geral como a condição existencial do homem na sociedade. Esse termo, conforme já apresentado, é a maior representação da temática da Ontologia na Geografia, em sua maioria ligado à Fenomenologia. Porém, há casos como as obras de Porto Gonçalves (2002; 2006) e Moreira (2007) e subsequentes estudos que nele se embasaram que utilizam o termo numa perspectiva crítica.

A segunda terminologia - geográfico, quase não aparece nas discussões acerca da existência, tendo como representante Martins (2017), em sua tese de livre docência. O autor

defende que há um fundamento geográfico do ser, sendo a Geografia, portanto, uma categoria ontológica, como já apresentado anteriormente.

Faz-se necessário abrir um parêntese para o uso do conceito de espacialidade por alguns autores de língua inglesa como o caso de Edward Soja e Dorren Massey. Soja (1996; 2010; 2013), autor que defende em suas obras a preponderância da espacialidade como os processos sociais, culturais e políticos que dialeticamente moldam e são moldados pela sociedade. De certa forma, a espacialidade, para Soja, é produzida e produz as interações formadoras do espaço em três dimensões: primeiro o espaço – mundo material real; segundo o espaço – representações imaginárias da espacialidade e o terceiro; o espaço – recombinação criativa das outras, o espaço dos encontros, da fusão e interações identitárias (SOJA, 1996; 2010; 2013). Toda essa reflexão foi inspirada na tridimensionalidade da espacialidade proposta por Lefebvre - espaço percebido, concebido e vivido (LEFEBVRE, 1968; 1970; 2006).

Já Massey (1991; 1997; 1999; 2008) emprega o conceito de espacialidade em seus trabalhos para apontar o caráter relacional do espaço e das relações espaciais e de poder nas interseccionalidades, expressos na categoria lugar. Para a autora, a espacialidade é uma esfera da realidade espacial que conjuga a diversidade e as suas relações (MASSEY & KEYNES, 2004; MASSEY, 2008).

Apesar de diversos pontos de concordância com as proposições anteriores, essa pesquisa optou por (re)traçar alguns caminhos teóricos acerca da questão da existência e do espaço. A princípio, a proposição de uma condição ontológica do ser que expressa essa relação intrínseca homem-meio não pode partir de outro conceito senão o de espaço. Tanto no caso de geograficidade quanto geográfico, a origem dos termos está no vocábulo Geografia. Esse termo não diz respeito à materialidade em si, mas sim ao conhecimento ou saber geográfico, seja ele objetivo ou subjetivo, ou seja, Logos.

Tal descritor geográfico pode ter relação com a ciência geográfica moderna, ou da atividade de descrição (mapear) da terra, que outrora vigorou. Ainda, pode dizer respeito ao saber geográfico não-normativo, uma geografia popular, vernacular. Há ainda um sentido ao caráter geográfico e diz respeito à localização (a partir de coordenadas) geográfica. Porém, tais terminologias não remetem ao caráter ontológico do ser, na perspectiva materialista. É o próprio espaço, e não o *logos* (geográfico), que ocupa papel central, construído dialeticamente, no mesmo processo metabólico de formação do ser social. Portanto, a condição existencial do ser social diz respeito à espacialidade, exatamente porque essa remete ao conceito central da discussão, o espaço.

Apesar da confluência epistemológica com os autores citados anteriormente, que lançam mão do conceito de espacialidade para as suas discussões, tais concepções não respondem às indagações ontológicas dessa pesquisa, que busca na compreensão das relações espaciais do Ser social que se abstrai em Lukács, uma diferente abordagem para a espacialidade, enquanto categoria ontológica do Ser.

Propõe-se, então, que a espacialidade são as características espaciais intrínsecas ao Ser, fruto da sua relação ontológica com o espaço, isto é, no seu processo de formação. No mesmo processo que o Ser social imprime as suas marcas na natureza, transformando-a e produzindo o espaço, esse imprime no Ser as suas marcas, dialeticamente.

A compreensão da espacialidade como dimensão ontológica do Ser social não invalida as discussões aqui apresentadas, porém apontam para uma perspectiva diferente acerca daquilo que é do Ser, para além do espaço.

De tal maneira, a espacialidade tem papel central no avanço da ciência geográfica, em especial no campo da Geografia Crítica, pois essa tem o potencial de expandir os horizontes da Geografia para uma outra dimensão da realidade concreta. É na vida e história dos sujeitos e comunidades que pode ser identificada a espacialidade, e a sua compreensão, desvendar novos caminhos para o avanço científico.

É necessário avançar para além da consolidação teórica da espacialidade na formação do ser social. É necessário que a Geografia avance nessa discussão da espacialidade, firmada na Ontologia lukácsiana e produza análises acerca da existência, sistematizando conhecimentos dessa a partir do arcabouço teórico-metodológico da Geografia.

4.5 Vulnerabilidade social, a condição de existência precária

A partir das proposições apontadas nessa tese, sugere-se que tal discussão ontológica acerca do espaço seja absorvida nos estudos acerca da questão social urbana, em especial, na discussão da vulnerabilidade social, elevando-a para o caráter existencial.

A introdução da espacialidade enquanto dimensão espacial da existência nessa temática impõe ao estudo da vulnerabilidade social compreender as relações intrínsecas entre o Ser e o espaço, e as consequências dessa relação, quando esse espaço é qualificado enquanto precário.

Amalgamando todo o esforço teórico-metodológico dessa tese, propõe-se que a vulnerabilidade social, na perspectiva da Geografia Crítica, seja compreendida enquanto condição de existência precária, categoria historicamente, espacialmente e socialmente determinada.

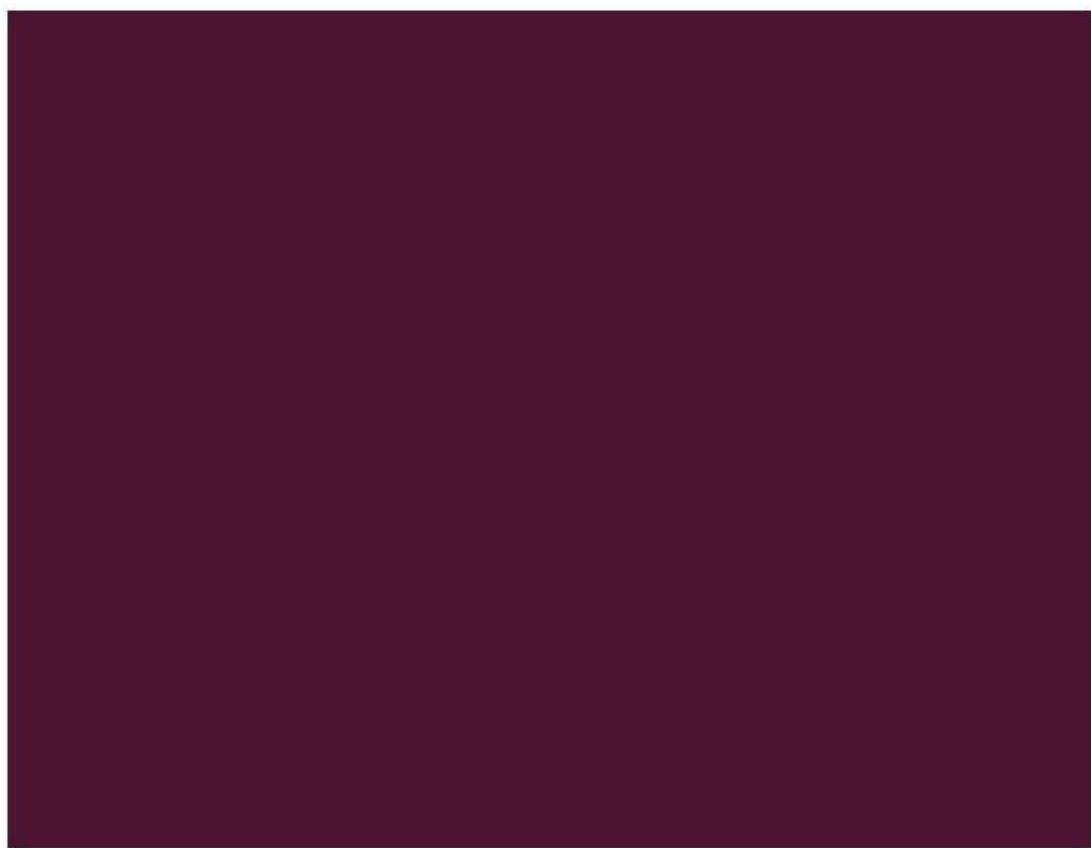
Mais do que um silogismo, fica lançado um novo questionamento categorial à Geografia, com o objetivo de em primeiro lugar denunciar o componente intrínseco da acumulação de riquezas e produção da miséria no Sistema Capitalista. Em segundo lugar apontar para o caráter espacial da questão social urbana, e em terceiro lugar consolidar o caráter existencial da vulnerabilidade social.

Tal salto teórico tem o potencial de trazer respostas às indagações levantadas ao longo dessa tese que apontaram para a realidade que a vulnerabilidade social não é um mero conjunto de indicadores ou características socioeconômicas e ambientais que incidem sobre

os sujeitos momentaneamente, mas uma condição, fruto da acumulação de riquezas, da produção desigual do espaço e da precarização das condições de vida dos explorados na sociedade capitalista. Compreender a vulnerabilidade social a partir da espacialidade pode ser a chave para a compreensão da questão social urbana na Geografia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados apresentados nesta tese de doutorado, primeiramente fica evidente a importância e relevância do tema da vulnerabilidade social no campo das ciências sociais, em especial da Geografia, pelo seu caráter intrinsecamente espacial, fruto da produção desigual do espaço nas sociedades capitalistas.

O objetivo da pesquisa de problematizar a vulnerabilidade social à luz dos conceitos geográficos foi respondido a partir da aplicação de metodologias quanti-qualitativas e da exploração de linhas teóricas não convencionais à temática até aqui. Tais esforços visaram caracterizar a condição de vida dos sujeitos em situação de vulnerabilidade social, compreender a percepção desses sujeitos a respeito das suas realidades, e por fim, estabelecer relações entre vulnerabilidade social, existência e espacialidade.

Para isso, a identificação e compreensão da polifonia da vulnerabilidade social, como realidade nas ciências humanas, é processo vital para o avanço e consolidação do arcabouço teórico e metodológico das pesquisas nessa temática na Geografia. Ao mesmo tempo, é chave na compreensão da consonância objetiva da realidade social, a evidência primeira da existência de um fenômeno social, para além das discussões e ideias acadêmicas.

Além disso, outro elemento importante na problematização da vulnerabilidade social é a emancipação do seu conceito ao risco, em um movimento de compreensão da vulnerabilidade enquanto realidade existente, fenômeno social concreto e relevante em si, condição independente da realidade potencial, o risco.

Com o estabelecimento da vulnerabilidade social enquanto fenômeno social concreto, é mister que haja esforços para a caracterização dessa realidade, não somente conhecê-la, mas transformá-la. A utilização de metodologias quantitativas de caráter espacial são

consideradas excelentes ferramentas de identificação de áreas de alta vulnerabilidade social nas cidades e oferecem os primeiros elementos para a sua compreensão.

A identificação das áreas de vulnerabilidade social em Londrina-PR e Presidente Prudente-SP a partir da aplicação da metodologia do IBVS permitiu espacializar a realidade social das duas cidades, identificando os padrões de produção desigual do espaço, da concentração de infraestruturas e serviços e da condição precária que estão inseridos tantos sujeitos. Para além disso, a identificação de áreas de alta vulnerabilidade social serviu ao estabelecimento do recorte empírico para a aplicação de metodologias qualitativas, a fim de compreender a percepção dos próprios sujeitos acerca dessa realidade.

A condução de entrevistas a partir de roteiros semiestruturados e análise narrativa apontou para o estabelecimento de diversas categorias temáticas que, em sua maioria, confirmam a escolha das variáveis para a estimativa e espacialização da vulnerabilidade social. Porém, também apontam para novos elementos pouco ou nada explorados pelas metodologias quantitativas, em especial a temática familiar, das relações sociais e da violência.

Ainda, a análise das histórias de vida apontaram para as possíveis fissuras na análise de indicadores, corroborados pelos relatos dos sujeitos entrevistados que apontam para a complexidade da realidade social como a questão dos cortes de renda per capita, da estrutura e arranjos familiares e, conseqüentemente, da necessidade de ampliação desse debate. Paralelamente, essas entrevistas apontaram para o caráter longínquo e as marcas profundas da vulnerabilidade social na vida desses sujeitos, sugerindo que a vulnerabilidade social deve ser compreendida como processo e a sua discussão ser aprofundada para além de retratos momentâneos da condição de vida desses sujeitos.

Conseqüentemente, visando responder às indagações levantadas pelo movimento metodológico qualitativo da tese, a incorporação da ontologia do Ser social nas discussões da questão social urbana contribui para a compreensão desse processo de formação do Ser,

a partir da realidade que está inserido, na sua relação ontológica de (re)produção do espaço. Ainda, o estabelecimento da espacialidade enquanto categoria ontológica, enquanto marcas espaciais da existência abre infindáveis caminhos para a pesquisa geográfica nessa temática.

Por fim, a conclusão da tese de que a vulnerabilidade social é uma realidade social inerente às sociedades capitalistas, de caráter espacial e deve ser compreendida como condição de existência precária. Tal proposição conceitual destila toda a discussão apresentada na tese e perfaz os esforços destinados a esse trabalho.

É necessário afirmar que essa pesquisa não se propôs a esgotar a discussão ou propor respostas definitivas a qualquer das perguntas elencadas, mas propor novos questionamentos e desvendar novas avenidas teórico-metodológicas para a temática da vulnerabilidade social. À vista disso, fica clara as limitações da pesquisa por não aprofundar em alguns temas, pelo seu caráter exploratório e abrangente, a partir da aplicação de diversas metodologias, que conclui-se ser o caminho a ser trilhado para compreender a complexidade da realidade concreta.

Portanto, lança-se para a comunidade acadêmica vários desafios teórico-metodológicos no campo das ciências humanas a partir dessa tese. Auspiciosa esperança é essa que os apontamentos dessa pesquisa façam avançar o debate da vulnerabilidade social e do pensamento geográfico, ainda que de maneira singela.

Identificou-se basicamente três oportunidades para pesquisas futuras expandirem e aprofundarem nos temas abordados nesta pesquisa. Essas perspectivas não são novas à Geografia, porém a experiência dessa pesquisa pode servir de calçamento para futuras empreitadas científicas.

A primeira delas, a aplicação de metodologias quanti-qualitativas, associadas a sistematização e espacialização de dados primários e secundários, em confluência com a compreensão de sujeitos acerca dessa realidade, discutidos à luz dos conceitos geográficos

tem o potencial de expandir os olhares da pesquisa geográfica e fazer avançar a compreensão da realidade.

A segunda, a proposição da espacialidade enquanto condição ontológica do Ser aponta para uma nova perspectiva para a Geografia Crítica, na compreensão da existência no espaço. A (re)apropriação da ontologia do Ser social na discussão do espaço na perspectiva da Geografia Crítica é uma avenida que merece ser mais intensamente explorada.

A terceira oportunidade de pesquisa é nos estudos da vulnerabilidade social em si. A tese conclui com a proposição de uma nova perspectiva para a vulnerabilidade social, a de condição de existência precária. Tal proposta se encontra ainda neófito e precisará de diversos outros esforços de pesquisa para desenvolvê-la, sendo assim, de grande potencial para a compreensão da questão social urbana.

A conclusão desse trabalho esgota as possibilidades dessa pesquisa, especialmente por questão de tempo e escopo, porém os esforços pela compreensão da questão social não se findam aqui. A continuidade do debate, dos avanços teóricos e metodológicos acerca dos temas abordados nesta pesquisa continuarão, com a aspiração de que essa seja uma semente entre as muitas lançadas para uma frutífera colheita no campo das ciências humanas; e ainda, que singelamente esse trabalho sirva de incentivo e inspiração à outros pesquisadores comprometidos com o avanço desse laborioso debate.



REFERÊNCIAS



REFERÊNCIAS

ADAY, R. H.; KEHOE, G. C.; FARNEY, L. A. Impact of senior center friendships on aging women who live alone. **Journal of Women & Aging**, 18(1), 57–73, 2006.

ALMEIDA, L. Q. **Vulnerabilidades socioambientais de rios urbanos**: bacia hidrográfica do rio Maranguapinho, região metropolitana de Fortaleza, Ceará. (Tese de Doutorado) – UNESP Rio Claro, 2010. 278p.

ALVES, H. P. F. Vulnerabilidade socioambiental na metrópole paulistana: uma análise sociodemográfica das situações de sobreposição espacial de problemas e riscos sociais e ambientais. **Rev Brasileira de Estudos Populacionais**. 23(1) p. 43-59. 2006.

AYRES, J. R. C. M.; FRANÇA JÚNIOR, I.; CALAZANS, G. J.; SALETTI FILHO, H. C. Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids. In: BARBOSA, R.; PARKER, R. (Org.) **Sexualidade pelo avesso**: direitos, identidades e poder. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

AYRES, J. R. C. M.; FRANÇA JÚNIOR, I.; CALAZANS, G. J.; SALETTI FILHO, H. C. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Orgs.) **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

BELO HORIZONTE. **Índice de Vulnerabilidade à Saúde - 2012**. Org.: Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 2013.

BIRKMANN, J. **Measuring vulnerability to natural hazards**: Towards disaster resilient societies. (). New York: United Nations University. 2006. 720p.

BITETI, M. O. **O em-si-para-o-outro-para-si**: o ôntico e o ontológico como dimensões do ser geográfico. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

BITETI, M. O. **Uma reflexão sobre o tema da ontologia na Geografia**. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

BOHLE, H. G.; DOWNING, T. E.; WATTS, M. J. Climate change and social vulnerability: the sociology and geography of food insecurity. **Global Environmental Change**. 4. pp. 37– 48, 1994.

BOSCHETTI, I. Seguridade social e projeto ético-político do Serviço Social: que direitos para qual cidadania? **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 79, p. 108-132, 2004.

BRASIL. **Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros**. Org.: COSTA, M. A., MARGUTI, B. O. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2015. 84p.

BRASIL. **Norma Operativa Básica – NOB SUAS**. Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à fome. Conselho Nacional de Assistência Social - CNAS. Brasília: 2012. 64p.

BRASIL. **Orientações Técnicas da Vigilância Socioassistencial**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, s./d.

BROOKFIELD, H. Environmental damage: distinguishing human from geophysical causes. **Environmental Hazards: Human and Policy Dimensions**, v.1, n.1, jun. 1999.

BUSSO, G. Vulnerabilidad social: nociones e implicancias de políticas para latinoamerica a inicios del siglo. IN: **XXI Seminario Internacional**: las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe. Santiago de Chile: CELADE, 2001.

CARRARA, M. L. **Dificuldade de aprendizagem e vulnerabilidade social sob a percepção da comunidade escolar**. Florianópolis: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2016.

CASTEL, R. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade a “desfiliação”. **Caderno CRH**, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997.

CASTEL, R. **A insegurança social: o que é ser protegido?** Petrópolis: Vozes, 2005.

CASTEL, R. As armadilhas da exclusão In: BÓGUS, L.; YAZBEK, M.C.; BELFIORE-WANDERLEY, M. (Org.) **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, p.15-48. 2000.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Narrative inquiry: A methodology for studying lived experience. **Research Studies in Music Education**, 27 (1), 44–54, 1995.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry**: Experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

COELHO, M. T. B. F.; DIAS, C. M. D. S. B. Avós Guardiões: Uma Revisão Sistemática de Literatura do Período de 2004 a 2014. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 32(4), 1-7, 2017.

CONNORS, M. Risk perception, risk taking and risk management among intravenous drug users: implications for Aids prevention. **Social Science and Medicine**, 34(6), 591–601, 1992.

CORDOVEZ, J. C. G. Geoprocessamento Como Ferramenta De Gestão Urbana. In: I Simpósio Regional de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto. **Anais do I Simpósio Regional de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto**. Aracaju-SE, 2002.

CORREIA, R. L. **O Espaço Urbano**. 4 ed. São Paulo: Atica, 1995.

CUNHA, L. Vulnerabilidade e riscos naturais: Exemplos em Portugal. In: FREITAS, M. I. C.; LOMBARDO, M. A.; ZACHARIAS, A. A. (eds.) **Vulnerabilidade e Riscos**: Reflexões e Aplicações na Análise do Território; CEGOT e Departamento de Geografia, Universidade de Coimbra: Coimbra, Portugal, pp. 55–62, 2016.

CUNHA, L. Vulnerabilidade: A face menos visível do estudo dos riscos naturais. In: LOURENÇO, L.; MATEUS, M. (eds.) **Homenagem ao Professor Fernando Rebelo**. Departamento de Geografia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Coimbra, Portugal, pp. 153–165, 2013.

CUTTER S. L. Vulnerability to environmental hazards. **Progress in Human Geography**, v.20, n. 4, p.529-539, dec. 1996.

CUTTER, S. L., BORUFF, B. J. & SHIRLEY, W. L. Social vulnerability to environmental hazards. **Social Science Quarterly**. 84, 242–261, 2003.

CUTTER, S.L. **Living with risk**. London: Edward Arnold, 1993:

CZERESNIA, D; FREITAS, C. M. (Orgs.) **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução. Werther Holzer, São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

DIAS, C. M. DE S. B.; SILVA, D. V. Os avós: Uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org.) **Casal e família: Entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: Editora Nau, pp. 118-149, 1999.

DIAS, G. H. **Identificação da vulnerabilidade socioambiental na área urbana de Mossoró-RN**, a partir do uso de técnicas de análises espaciais. (Dissertação de Mestrado) Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2013. 166p.

DUMAZEDIER, J. **Questionamento teórico do Lazer**. Porto Alegre: PUCRS, 1975.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979.

DUMAZEDIER, J. Sport and Sports Activities. **International Review of Sport Sociology**, 8(2), 7–34, 1973.

ENGELS, F.A. **Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra** (Tradução: B.A. Schumann). São Paulo: Boitempo Editorial, 2008. 388p.

ÉRNICA, M.; BATISTA, A. A. G. A escola, a metrópole e a vizinhança vulnerável. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 640-666, maio/ago. 2012.

FINN, M.; WILLIAMS, M.; URSEY, L. An Implementation of the Jenks-Caspall Algorithm for Optimal Classification of Data for Geographic Visualization. **American Society of Photogrammetry and Remote Sensing**. Reno, New York. 2006.

GABOR, T.; GRIFFITH, T. K. The assessment of community vulnerability to acute hazardous materials incidents. **Journal of Hazardous Materials**. 8(1). pp. 323– 333, 1980.

GERONDO, V. **As avós idosas cuidadoras dos netos hospitalizados** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.'

GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHNSON, L. How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability. **Field Methods**, Thousand Oaks, v. 18, n. 1, p. 59-82, jul. 2006.

HECK, F. M. **O espaço e o contraespaço no circuito produtivo da frigorificação de carnes no Oeste Paranaense**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2017.

HEIDEGGER, M. **Ontologia**. Hermenêutica da facticidade. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2013.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo (Vol. I)**. Tradução. Márcia de Sá Cavalcanti, São Paulo: Vozes, 1988.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo (Vol. II)**. Tradução. Márcia de Sá Cavalcanti, São Paulo: Vozes, 1989.

HOGAN, D. J. Movilidad poblacional, sustentabilidad ambiental y vulnerabilidad social: una perspectiva latino-americana. In: LEFF, E.; EZCURRA, E.; PISANTY, I.; LANKAO, P. R. (eds). **La transición hacia el desarrollo sustentable. Perspectivas de América Latina y el Caribe**, INE-SEMARNAT, UAM, PNUMA: Mexico; 161– 185, 2002.

HOGAN, D. J.; MARANDOLA JR., E. Towards an interdisciplinary conceptualisation of vulnerability. Population, **Space and Place**, Wiley & Sons, v. 11, n.6, p. 455-471, 2005.

HOLLOWAY, S. L.; RICE, S. P. (ed.). **Qualitative Research in Human Geography** (4ª ed.). Oxford University Press, 2019.

IANNI, O. A questão social. **Revista USP**, [S. l.], n. 3, p. 145-154, 1989.

IBGE. **Censo Demográfico – 2010**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. **Censo Demográfico – 2022**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2022.

JAGUARIBE, H. **Brasil, Reforma ou Caos**. Fundação Unesp, São Paulo, 1988.

JANCUZURA, R. Risco ou vulnerabilidade social? **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v.11, n. 2, p. 301–308, 2012.

JAPIASSU H., MARCONDES D. **Dicionário básico de filosofia**, 5ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KATES, R. The interaction of climate and society. In: KATES, R. W.; AUSUBEL, J. H.; BERBERIAN, M. (eds.) **Climate impact assessment**, SCOPE 27, New York: Wiley, 3-36, 1985:

KATZMAN, R. et al. **Vulnerabilidad, activos y exclusión social en Argentina y Uruguay**. Santiago do Chile: OIT, 1999.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução livre de Doralice B. P. e Sérgio Martins (da 4ª edição francesa do original, de 1974, La production de l'espace), 2006.

LEFEBVRE, H. **La revolution urbaine**. Gallimard, Paris; 1970.

LEFEBVRE, H. **Le droit à la ville**. Antropos, Paris: 1968.

LESSA, S. Centralidade ontológica do trabalho e centralidade política proletária. **Lutas Sociais**, São Paulo, n. 13/14, p. 106-121, 2005.

LESSA, S. **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. São Paulo: Boitempo, 2002.

LIMA, F. A.; MENDES, P. C. . VIGILÂNCIA SOCIOASSISTENCIAL E A CONSTRUÇÃO DE DIAGNÓSTICOS SOCIOTERRITORIAIS: ferramentas de planejamento essenciais. **Hygeia.Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 11, p. 116-125, 2015a.

LIMA, F. A.; MENDES, P. C. . Vulnerabilidade Social e Vigilância Social: aspectos legais e aplicabilidade. In: VII Simpósio Nacional de Geografia da Saúde/IV Fórum Internacional de Geografia da Saúde, 2015, Brasília. **Anais do 7º Simpósio Nacional de Geografia da Saúde**. Brasília: UNB, 2015b. v. 1. p. 1236-1244.

LIMA, F.A. **Identificação de territórios de vulnerabilidade social**: construção metodológica e aplicação em Uberlândia-MG. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Uberlândia, 2016a. 148p.

LIMA, F.A; GUIMARÃES, R.B. Identificação de Territórios de Vulnerabilidade Social em Londrina-PR. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v. 14, n. 30, p. 41 - 52, 2019a.

LIMA, F.A; GUIMARÃES, R.B. Identificação de Territórios de Vulnerabilidade Social a partir do Índice Brasileiro de Vulnerabilidade Social (IBVS) em Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. In: RIBEIRO, E. A. W.; MIRANDA, M.; CASTRO, R. C. (Org.). **Mudanças Ambientais, Desastres e Vulnerabilidade Social**. Blumenau: Instituto Federal Catarinense, 2019b.

LIMA, F.A; LIMA, S.C. Construindo cidades saudáveis: a instrumentalização de políticas públicas intersetoriais de saúde a partir do Planejamento Estratégico Situacional **Saúde Soc.** São Paulo, v.29, n.2, p. 1-12, 2020.

LIMA, S.C. **Território e promoção da Saúde**: perspectivas para atenção primária à saúde. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

LINDO, P. V. F. **Uma Crítica Geográfica ao Conceito de Território na PNAS**: por um diálogo entre geografia e serviço social (Tese de Doutorado). FCT/UNESP: Presidente Prudente, 2015.

LONDRINA, Prefeitura Municipal. **Diagnóstico da Precariedade Habitacional**. Companhia de Habitação de Londrina (COHAB-LDB), 2010. 251p.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

LUNA BATINGA, G.; REZENDE PINTO, M. . “**Lazer?! Para Mim?!...**”: consumo de lazer por mulheres de baixa renda. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 78–97, 2020.

MACIEL, F. Trabalho e vulnerabilidade: a questão social na obra de Robert Castel. **Vértices**, Campos dos Goytacazes/RJ, v.16, n.2, p. 113-128, maio/ago. 2014.

MANN, J.; TARANTOLA, D.J.M.; NETTER, T. Como avaliar a vulnerabilidade à infecção pelo HIV e AIDS. In: PARKER, R. **A AIDS no mundo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 1993.

MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S. **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013

MARANDOLA JR., E. Para uma conceituação interdisciplinar da vulnerabilidade. In: CUNHA, J. M. P. (Org.). **Novas metrópoles paulistas**: população, vulnerabilidade e segregação. 1ed. Campinas: NEPO/UNICAMP, p. 23-50, 2006.

MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D. J. As dimensões da vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva** (Impresso), v. 20, p. 33-43, 2006.

MARANDOLA JR., E.; HOGAN, D. J. Vulnerabilities and risks in population and environment studies. **Population and Environment**, v. 28, p. 83-112, 2007.

MARANDOLA JUNIOR, E.; HOGAN, D. J. Vulnerabilidades e riscos: entre geografia e demografia. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 22, n.1, p. 29-53, 2005.

MARANDOLA JUNIOR., E.; DANTONA, A. O. Vulnerabilidade: problematizando e operacionalizando o conceito. In: CARMO, R. L.; VALENCIO, N. (Org.). **Segurança humana no contexto dos desastres**. 1ª ed. São Carlos: RiMa, p. 45-61. 2014.

MARICATO, E. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. 2ª ed. Petrópolis: vozes, 2001, 204p.

MARICATO, E. **Metrópole na Periferia do Capitalismo**. São Paulo, Hucitec, 1996.

MARTINS, E. R. **As dimensões do geográfico**: um diálogo com Armando Corrêa da Silva. GEOUSP – Espaço e tempo, São Paulo, v. 18, n. 1, 2014.

MARTINS, E. R. **Geografia e Filosofia**: O Fundamento Geográfico do Homem. (Tese de Livre-docência. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2017.

MARTINS, E. R. Geografia e ontologia. **GEOUSP – Espaço e tempo**, São Paulo, n. 21, 2007.

MARTINS, R. N. S. **Geotecnologias Aplicadas ao Estudo de Desigualdades Socioespaciais do Espaço Intraurbano Goianiense** (1991 – 2010). (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Goiás, 2014. 128p.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. p.496

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASSEY, D. **A global sense of place**. Marxism Today, 1994.

MASSEY, D. Spaces of politics. In: MASSEY, D.; ALLEN, J.; SARRE, P. (orgs.) **Human Geography Today**. Oxford: Polity Press, 1999

MASSEY, D. Spatial disruptions. In: Golding, S.,(org.) **The eight technologies of otherness**. Londres, 1997.

MASSEY, D. When theory meets politics. **Antipode** 40 (3), pp. 492– 497, 2008.

MASSEY, D; KEYNES, M.. **Filosofia e política da espacialidade**: algumas considerações. GEOgraphia, Rio de Janeiro, ano 6, n. 12, p. 7-23, 2004

MELAZZO, E. S. **Padrões de Desigualdade em Cidades Paulistas de Porte Médio**: a agenda das políticas públicas em disputa (Tese de Doutorado). FCT/UNESP: Presidente Prudente, 2006.

MENDES, J. M.; TAVARES, A. O.; CUNHA, L. E FREIRIA, S. Vulnerabilidade Social aos Riscos Naturais e Tecnológicos em Portugal. In: GUEDES SOARES, C.; JACINTO, C.; TEIXEIRA, A. P.; ANTÃO, P. (org.) **Riscos Industriais e Emergentes**. Lisboa, Edições Salamandra, p. 67-84, 2009.

MENDONCA, F. A. **Riscos climáticos** - Vulnerabilidade e resiliencia associados. 1. ed. Jundiaí - SP: Paco Editorial, 2014.

MENDONCA, F. A. Riscos, vulnerabilidade e abordagem socioambiental urbana: Uma reflexão a partir da RMC e de Curitiba. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n.10, jul./dez. p. 139-148, 2004.

MENDONCA, F. A. Riscos, Vulnerabilidades e Resiliencia Socioambientais Urbanas: inovações na análise geográfica. **Revista da ANPEGE**, v. 7, p. 99-109, 2011.

MILANESI, M. L. & SILVA, E. P. C. Sub-registro de nascimentos no distrito de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, 2:23-8, 1968.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e Saturação em Pesquisa Qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Qualitativa**, v. 5, n. 7 (abril), p. 01-12, 2017.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teorias, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n. 3: p. 621-626, 2012.

MONTEIRO, R. R. P. O marco conceitual da vulnerabilidade social. **Sociedade em Debate**, 17 (2), 29- 40, 2012.

MORAES, A. C. R. Em busca da ontologia do espaço. In: MOREIRA, R. **Geografia**: teoria e crítica. Petrópolis: Vozes, 1982.

MOREIRA, R. As Categorias Espaciais da Construção Geográfica das Sociedades. **GEOgraphia**, Niterói: ano 3, n. 5, 2001.

MOREIRA, R. **Geografia: teoria e crítica**. Petrópolis: Vozes, 1982.

MOREIRA, R. Marxismo e Geografia (A geograficidade e o diálogo das ontologias). **GEOgraphia**, Niterói, ano 6, n. 11, 2004.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOSER, C.O.N. The Asset Vulnerability Framework: Reassessing Urban Poverty Reduction Strategies. **World Development**, 26(1): p. 1–19. 1998

NAHAS, M. I. P. **Bases teóricas, metodologia de elaboração e aplicabilidade de indicadores intra-urbanos na gestão municipal da qualidade de vida urbana em grandes cidades: o caso de Belo Horizonte** (Tese de Doutorado). Programa de Ecologia e Recursos Naturais. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2002.

NAHAS, M., RIBEIRO, C., ESTEVES, O., MOSCOVITCH, S., & MARTINS, V.L.A.B. O Mapa da Exclusão Social de Belo Horizonte: metodologia de construção de um instrumento de gestão urbana. **Cadernos de ciências sociais**, v. 7, n. 10, p.75-88, 2000.

O'KEEFE, P.; WESTGATE, K.; WISNER, B. Taking the naturalness out of natural disasters. **Nature**. 260. pp. 566– 567, 1976.

OLIVEIRA JR, G. **Ontologia do Espaço: Crítica da Crítica da Entificação Social do Ser Enquanto Pressuposto a uma Teoria Espacial Interpenetrada à "Ontologia do Ser Social"**, de György Lukács (Tese de Doutorado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015b.

OLIVEIRA JR, G. **Ontologia do espaço: uma proposta de aproximação com a ontologia lukacsiana**. Colóquio Ibérico de Geografia - 2014, Anais do Colóquio Ibérico de Geografia - 2014, Universidade do Minho, Guimarães, Portugal, 2014.

OLIVEIRA JR, G. **Ontologia do ser social e espaço geográfico: reflexões a partir da ontologia lukacsiana**. Encuentro de Geógrafos de América Latina - 2015, Anais do Encuentro de Geógrafos de América Latina - 2015, Universidade de Havana, Havana, Cuba, 2015a.

OLIVEIRA, R. P. **Processos excludentes no espaço intra-urbano: condição de vida, saúde e redes sociais de chefes de família desempregados** (Dissertação de Mestrado). FCT/UNESP Presidente Prudente. Departamento de Geografia, 2007 146p.

OLIVEN, R.G. **Urbanização e Mudança Social no Brasil**. [online] Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010, 146p.

ORMSBY, T., NAPOLEON, E., BURKE, R., GROESSL, C., & BOWDEN, L. **Getting to know ArcGIS desktop**. Redlands: Esri Press, 2010.

PESSÔA, V. L. S. Geografia e pesquisa qualitativa: um olha sobre o processo investigativo. Rio de Janeiro: **Geo UERJ**, v. 1, n. 23, p. 4-18, 2012.

PIZARRO, R. **La vulnerabilidad social y sus desafíos**: una mirada desde América Latina. Serie Estudios Estadísticos y Prospectivos, n. 6. CEPAL. Santiago de Chile, 2001.

PROHASKA, T. et al. Consensus statement: loneliness in older adults, the 21st century social determinant of health? **BMJ Open**,10, 2020;

RAMOS, A. P. M; JUNIOR, J. M; DECANINI, M. M. S.; PUGLIESI, E. A.; OLIVEIRA, R. F.; FILHO, A. C. P. Avaliação Qualitativa e Quantitativa de métodos de classificação de dados para o mapeamento coroplético. **Revista Brasileira de Cartografia**, nº 68/3, p. 609 –629, 2016.

RAVALLION, M. **Poverty lines across the world**. SSRN Scholarly Paper. Rochester (New York): Social Science Research Network, 2010.

RAVALLION, M. **Poverty lines in theory and practice**. Washington (D.C.): World Bank Publications, 1998.

REBELO, F. A acção humana como causa de desabamentos e deslizamentos: análise de um caso concreto. **Biblos**, Coimbra, 57, pp. 629-644, 1981.

REBELO, F. **Geografia física e riscos naturais**. Coimbra, IUC, 2010.

REBELO, F. **Riscos naturais e acção antrópica**: estudos e reflexões. Coimbra, IUC, 2001.

REBELO, F. **Uma experiência europeia em Riscos Naturais**. Coimbra, Ed. Minerva, 2005.

REIS, L. C. T. A dimensão ontológica do movimento de renovação crítica na Geografia. Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, 3., **Anais do Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**, Rio de Janeiro, 2012a.

REIS, L. C. T. Ontologia do espaço e movimento de renovação crítica da Geografia: o desafio da diferença ontológica. **Geografares**, Vitória, n. 7, 2009.

REIS, L. C. T. Ontologia e produção do espaço na Geografia – uma abordagem do tema através do diálogo entre Milton Santos e Heidegger sobre a técnica. **Geografares**, Vitória, n. 13, 2012b.

RIBEIRO, V. M.; VÓVIO, C. L. Desigualdade escolar e vulnerabilidade social no território. **Educar em Revista**, 33(esp. 2), 71–87, 2017.

RIESSMAN, C. K. **Narrative methods for the human sciences**. London, Sage; 2008.

RIESSMAN, C. K. Ruptures and sutures: time, audience and identity in an illness narrative. **Sociology of Health & Illness**.37(7):1055–71, 2015.

ROJEK, C. **The Labour of Leisure**. London: SAGE, 2010.

ROSSI, R. Geografia e Ideologia. **Revista Formação**. Presidente Prudente: UNESP. Vol. 24; n.43, set-dez, 2017.

ROSSI, R. Geografia e Ontologia Marxiana. **Geografia** (Londrina) v. 25. n. 2. p. 76 – 90, jul/dez, 2016.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1993.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SARTRE, J. P. **A Transcendência do Ego**. Lisboa: Edições colibri, 1994.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973

SARTRE, J. P. **O Ser e o Nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica, trad. Paulo Perdigão Petrópolis: Vozes, 2002.

SCHMIDT, L. P. **A (re)produção de um espaço desigual**: poder e segregação socioespacial em Guarapuava(PR). (Tese de Doutorado) Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

SEN, A. **Development as freedom**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SILVA, A. C. A aparência, o ser e a forma (Geografia e Método). **GEOgraphia**, Niterói, ano 2, n. 3, 2000.

SILVA, A. C. **Geografia e Lugar Social**. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, A. C. O espaço como ser: uma auto-avaliação crítica. In: MOREIRA, R. (org.). **Geografia**: teoria e crítica. Petrópolis: Vozes, 1982.

SILVA, N. F. **Políticas Públicas e Segregação Socioespacial**: o programa minha casa minha vida em Nova Iguaçu – RJ (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal Do Rio De Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, R. B. **Segregação e/ou integração**: O programa de desfavelamento e loteamentos urbanizados em Presidente Prudente (Dissertação de Mestrado). FCT/UNESP: Presidente Prudente, 2005.

SMITH K. **Environmental hazards**: assessing risk and reducing disaster. London: Routledge; 1992.

SOJA, E. W. **Seeking spatial justice**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

SOJA, E. W. **Third Space**. Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places. Cambridge: Blackwell Publishers Inc, 1996.

SOJA, E. W. **Postmodern geographies**. The reassertion of space in critical social theory. New York: Verso, 2013.

SUSMAN, P.; O'KEEFE, P.; WISNER, B. Global disasters: a radical interpretation'. In K. Hewitt (ed.) **Interpretations of calamity**. Allen & Unwin, Boston, MA, 1983, pp. 264– 283.

TASCHNER, G. B. Lazer, Cultura e Consumo. **Revista de Administração de Empresas**. V. 40, n. 4, p. 38-47, out./dez., 2000.

TIMMERMAN, P. **Vulnerability, Resilience and the Collapse of Society**: A Review of Models and Possible Climatic Applications. Toronto, Canada: Institute for Environmental Studies, University of Toronto, 1981.

TOMINAGA, L. K. SANTORO, J.; AMARAL, R. (Orgs). **Desastres Naturais**: conhecer para prevenir. São Paulo: Instituto Geológico, 2009. 196p.

TORRES, H. G; MARQUES, E; FERREIRA, M. P; BITAR, S. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. **Estudos avançados**. v.17, ed.47, p.97-128, 2003.

TURRA NETO, N. Pesquisa qualitativa em Geografia. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 17., 2012, Belo Horizonte. **Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos. Minas Gerais**: Universidade Federal de Minas Gerais - Campus Pampulha. 2012. p.1-10.

UNITED NATIONS. **World Urbanization Prospects**: The 2014 Revision, Highlights Department of Economic and Social Affairs, Population Division, 2015. 493p.

VASCONCELOS, A. M. N.; GOMES, M. M. F. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília , v. 21, n. 4, p. 539-548, dez. 2012 .

VIDAL DE LA BLACHE, P. Les genres de vie dans la géographie humaine. **Annales de Géographie**, v. 20, n. 111, p. 193-212, 1911.

VIEIRA, A.B. **Mapeamento da exclusão social em cidades médias**: interfaces da geografia econômica com a geografia política. (Tese de doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

WAITE, L. J.; GALLAGHER, M. **The Case for Marriage**: Why Married People Are Happier, Healthier and Better off Financially. New York: Doubleday, 2000.

WERNECK, G. & COSTA, C. Utilização de dados censitários em substituição a informações socioeconômicas obtidas no nível individual: uma avaliação empírica. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília , v. 14, n. 3, set. 2005 .



ANEXOS



ANEXOS

UNESP - FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO CAMPUS DE PRESIDENTE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VULNERABILIDADE SOCIAL: pensar as políticas públicas de saúde e desenvolvimento social e os modos espaciais de existência

Pesquisador: FILIPE ANTUNES LIMA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 09931119.9.0000.5402

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: FUNDAÇÃO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.267.202

Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado "Vulnerabilidade Social: pensar as políticas públicas de saúde e desenvolvimento social e os modos espaciais de existência" é um projeto de doutorado do programa de pós graduação em Geografia da FCT/UNESP, orientado pelo prof. dr. Raul Borges Guimarães. Um projeto que tem tanto uma abordagem empírica quanto uma abordagem filosófica sobre a questão da vulnerabilidade social. Que irá investigar como as políticas de assistência social e de saúde encaram a questão e circunscrevem os sujeitos considerados como vulneráveis, quando entender como os próprios sujeitos assim qualificados entendem a vulnerabilidade a partir de seus modos de existência. Para além da consideração de que existe um conceito que circunscreve o fenômeno, quer demonstrar que o fenômeno tem uma existência em si mesmo, reconhecida pelos e vivida pelos sujeitos. Como desenhado no resumo do projeto: "Para isso, foram selecionadas duas áreas consideradas de vulnerabilidade social, uma em Londrina – PR e outra em Presidente Prudente – SP. Nessas áreas serão realizadas coletas de dados quantitativos, principalmente, da saúde e do desenvolvimento social.

Paralelamente a isso, serão conduzidas entrevistas através de roteiros semiestruturados com os sujeitos que vivem nessas áreas, com base em metodologias de análise do discurso da Teoria Fundamentada. Ainda será produzido um mapa participativo da vulnerabilidade social com a comunidade, buscando-se correlacionar informações da realidade, de maneira a se ter um produto

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305

Bairro: Centro Educacional

CEP: 19.060-900

UF: SP

Município: PRESIDENTE PRUDENTE

Telefone: (18)3229-5315

Fax: (18)3229-5353

E-mail: cep@fct.unesp.br

Continuação do Parecer: 3.267.202

mais compreensivo da questão social brasileira do ponto de vista dos sujeitos que vivem e reproduzem modos espaciais de existência precários."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo geral

Problematizar a Vulnerabilidade Social, a partir da ontologia e epistemologia, considerando o aporte teórico e metodológico da Geografia.

Objetivos Específicos

- 1 - Analisar a questão da vulnerabilidade social à luz dos conceitos geográficos;
- 2 - Caracterizar o território de vida dos sujeitos, mapeando as estruturas sociais, os serviços e as políticas públicas de saúde e da Assistência Social;
- 3 - Compreender a realidade da vulnerabilidade social a partir do ponto de vista dos sujeitos em seus territórios;
- 4 - Estabelecer relações entre a determinação social da vulnerabilidade, o território e os sujeitos e suas representações nas políticas públicas em saúde e desenvolvimento social."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

como expresso no próprio texto do projeto:

"Riscos:

A coleta e análise dos dados de saúde e assistência social são atividades sensíveis e portanto deverão ser realizadas com todo o devido cuidado. Para a realização da coleta e análise desses dados serão utilizados equipamentos offline, para que não haja qualquer possibilidade de vazamento de nenhum dado coletado. Todos os dados quantitativos coletados serão representados de maneira populacional, mantendo o sigilo dos sujeitos pesquisados.

Além disso, tendo em vista que a entrevista trata de assuntos marcantes na vida dos sujeitos, não descartamos a possibilidade de uma eventual pressão psicológica ao abordar diferentes temas. Prevendo este eventual risco esta pesquisa conta com o suporte de um profissional de psicologia (suporte do Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde – BIOGEOS /FCT-UNESP) e, em caso de necessidade, e por desejo do participante, este será encaminhado ao acompanhamento deste profissional. Além disso, todas as entrevistas acontecerão em ambientes de familiaridade dos sujeitos, instituições públicas (unidades de saúde, assistência social) que auxiliarão na intermediação e acompanhamento de tais entrevistas.

Benefícios:

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305
Bairro: Centro Educacional CEP: 19.060-900
UF: SP Município: PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 Fax: (18)3229-5353 E-mail: cep@fct.unesp.br

Continuação do Parecer: 3.267.202

Esperamos que as considerações do trabalho ofereçam subsídio para o estudo da questão social brasileira, através da problematização da Vulnerabilidade Social. Mais especificamente, o estudo busca contribuir para os estudos de Geografia da Saúde e servir de fundamento para outros estudos sobre o assunto, abordando questões relacionadas à saúde pública e o desenvolvimento social. Os resultados da pesquisa certamente estreitarão os laços da universidade com instituições públicas e organizações sociais envolvidas na superação da vulnerabilidade social nos territórios."

E segundo a exposição detalhada da metodologia, todos os cuidados éticos e as precauções para a manutenção do sigilo serão seguidos, de modo que a pesquisa não vai identificar nenhum sujeito em específico, não vai revelar nomes ou coisa parecida. E os dados obtidos juntos aos órgãos públicos, ainda que revelem nomes e endereços, serão analisados em conjunto, de modo a não individualizar nenhum sujeito.

Além disso, vale a pena mencionar o apoio psicológico de um profissional, quando da realização das entrevistas, que poderá não só assessorar o pesquisador, quanto dar uma primeira atenção aos sujeitos da pesquisa, para posterior encaminhamento, se for o caso.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Proposta muito bem estruturada e fundamentada teoricamente. Do ponto de vista metodológico, a descrição detalhada dos procedimentos, da sua sequência e dos cuidados éticos não deixam dúvida de que atende aos requisitos para sua aprovação pelo CPE local.

Também o cronograma apresentado está dentro dos prazos exigidos para que a pesquisa de campo não se inicie antes da sua aprovação pelo CEP.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados termos e ofícios das prefeituras municipais, em que dão o consentimento para a realização da pesquisa e para o acesso aos dados das Secretarias de Saúde e Assistência Social de Presidente Prudente e Londrina.

Também foram apresentados os termos de responsabilidade e de compromisso, seguindo os modelos disponibilizados pelo CEP local, bem como o TCLE que deverá ser lido pelos sujeitos, ou lido para eles (em caso destes não terem a habilidade da leitura). O termos apresentado segue o modelo disponibilizado pelo CEP local e, apesar do caráter técnico e formal, pode ser explicado e detalhado para os sujeitos antes destes assinarem.

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305

Bairro: Centro Educacional

CEP: 19.060-900

UF: SP

Município: PRESIDENTE PRUDENTE

Telefone: (18)3229-5315

Fax: (18)3229-5353

E-mail: cep@fct.unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO
CAMPUS DE PRESIDENTE**



Continuação do Parecer: 3.267.202

Recomendações:

Recomendo que a gravação da entrevista se inicie com a apresentação do TCLE, para que haja o registro da relação que os sujeitos tiveram com o termo - se eles leram ou se foi lido a eles e como foram as explicações dadas pelo pesquisador, se elas forem requisitadas. Também recomendo que, ao final da entrevista, o pesquisador fale ainda com o gravador ligado, que a entrevista foi gravada com a autorização do entrevistado e peça para o entrevistado confirmar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências a relatar.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião realizada no dia 12.04.2019, o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Unesp - Presidente Prudente, em concordância com o parecerista, considerou o projeto APROVADO.

Obs: Lembramos que ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) deverá apresentar o relatório final.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1284949.pdf	15/03/2019 18:08:01		Aceito
Outros	respostaparecer_limafa.pdf	15/03/2019 18:07:36	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito
Outros	requerimentolondrina_limafa.pdf	15/03/2019 18:01:11	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito
Outros	trsdalimafa.pdf	15/03/2019 17:25:38	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito
Outros	tcompromisso_limafa.pdf	31/01/2019 16:21:22	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito
Outros	rentrevistas_limafa.pdf	31/01/2019 16:21:00	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito
Outros	oficio1londrina_limafa.pdf	31/01/2019 16:20:35	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito
Outros	oficio2londrina_limafa.pdf	31/01/2019 16:20:00	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito
Outros	anuenciapresidenteprudente_limafa.pdf	31/01/2019 16:19:21	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito
Outros	Ofapesp_limafa.pdf	31/01/2019	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305
Bairro: Centro Educacional CEP: 19.060-900
UF: SP Município: PRESIDENTE PRUDENTE
Telefone: (18)3229-5315 Fax: (18)3229-5353 E-mail: cep@fct.unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO
CAMPUS DE PRESIDENTE**



Continuação do Parecer: 3.267.202

Outros	Ofapesp_limafa.pdf	16:18:45	LIMA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_limafa.pdf	31/01/2019 16:17:50	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_limafa.pdf	31/01/2019 16:17:35	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_LIMAFa.pdf	29/01/2019 14:07:06	FILIPPE ANTUNES LIMA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PRESIDENTE PRUDENTE, 16 de Abril de 2019

Assinado por:
Edna Maria do Carmo
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305

Bairro: Centro Educacional CEP: 19.060-900

UF: SP Município: PRESIDENTE PRUDENTE

Telefone: (18)3229-5315 Fax: (18)3229-5353 E-mail: cep@fct.unesp.br

Página 05 de 05



Prefeitura do Município de Londrina Estado do Paraná

Ofício nº 1080/2018-GAB

Londrina, 5 de dezembro de 2018.

A Senhora

MARIA INÊS GALVÃO DE MELLO

Secretária Municipal de Assistência Social

Londrina - PR

Assunto: Carta de Apresentação

Senhora Secretária,

Vimos através da presente, apresentar a Vossa Senhoria, **FILIPE ANTUNES LIMA**, pesquisador, pós-graduando, inscrito no CPF sob nº 964.594.286-67, que solicita a oportunidade de, junto a esta Pasta, realizar coleta de dados e entrevistas, como parte da pesquisa de doutorado, denominada "*Vulnerabilidade Social: pensar nas políticas públicas de saúde e desenvolvimento social e os modos espaciais de existência*", desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Jôlio de Mesquita Filho - Campus de Presidente Prudente - SP, já então aprovada e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no processo sob nº 2018/08454-4.

Ressaltamos que nenhum dos dados por ele coletados cetero a que tiver acesso durante a pesquisa, poderá ser divulgada, nos termos da legislação vigente, notadamente aqueles relativos a terceiros, e, deverão ser utilizados exclusivamente para fins educacionais, de forma a instruir a pesquisa realizada.

Sendo o que se apresenta no momento, renovamos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Marcelo Belinati Martins
PREFEITO DO MUNICÍPIO



Prefeitura do Município de Londrina Estado do Paraná

Ofício nº 1079/2018-GAB

Londrina, 5 de dezembro de 2018.

Ao Senhor

CARLOS FELIPPE MARCONDES MACHADO

Diretor Superintendente

Autarquia Municipal de Saúde

Londrina - PR

Assunto: Carta de Apresentação

Senhor Diretor Superintendente,

Vimos através da presente, apresentar a Vossa Senhoria, **FILIPPE ANTUNES LIMA**, pesquisador, pós-graduação, inscrito na CPE sob nº 064.394.386-67, que solicita a oportunidade de, junto a esta Pasta, realizar coleta de dados e entrevistas, como parte da pesquisa de doutorado, denominada "*Vulnerabilidade Social: pensar as políticas públicas de saúde e do desenvolvimento social e os modos existenciais de existência*", desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Júlio de Mesquita Filho – Campus de Presidente Prudente - SP, já ação aprovada e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP), no processo sob nº 2018/38454-4.

Reservamos que nenhum dos dados por ele coletados e/ou a que tiver acesso durante a pesquisa, poderá ser divulgado, nos termos da legislação vigente, notadamente aqueles relativos a terceiros, e, deverão ser utilizados exclusivamente para fins educacionais, de forma a instruir a pesquisa realizada.

Sendo o que se apresenta no momento, renovamos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Marcelo Belinati Martins
PREFEITO DO MUNICÍPIO



MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE
Gabinete do Prefeito



Presidente Prudente, 12 de dezembro de 2018

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Autorizo e declaro apoio institucional da Prefeitura para a realização do Projeto de Pesquisa intitulado "VULNERABILIDADE SOCIAL: pensar as políticas públicas de saúde e desenvolvimento social e os modos espaciais de existência", aprovada e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2018/08454-4. Reforço a importância de pesquisas em políticas públicas, bem como da aproximação do meio acadêmico e do serviço público.


Tadeu Cavalcante Pereira
Chefe de Gabinete



APÊNDICES



APÊNDICES

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: LONDRINA - Entrevista A

Entrevistador: Então, eu tô aqui com a dona (Entrevistada A), a gente já leu o termo de consentimento. Nós já conversamos um pouco sobre os objetivos da pesquisa, que é instrumentar e pensar as Políticas Públicas de Saúde e de Desenvolvimento Social, por bairro e pra cidade de Londrina. Então dona (Entrevistada A), me conta um pouco de como é a sua rotina, como é a sua vida hoje.

Entrevistado: Ah, hoje tá bem melhor, né? Do que quando eu mudei aqui, hoje já tem médico no posto e não tinha, não tinha nada aqui. Hoje já tem médico no posto, se eu preciso de remédio, se vai lá e busca. Eu pego três remédio do posto e quatro eu compro. E, dois eu pego lá na farmácia do governo, lá na Miguel Brás, e vai assim todo mês. Faço tap no posto. Agora tá bom, porque antigamente não tinha nada disso, né? Hoje tá bem, vige, em vista de antigamente, tá ótimo. Agora o problema dos mato, dos lixo né? Traz as

coisa dentro de casa, um limpa, outro num limpa. A gente limpa o quintal, vizinho num limpa e assim vai indo. Têm que briga pra tira essas tranquera de lixo da rua, traz sempre limpo... Já, faz 48 ano que eu moro aqui, tive seis filho, todos tá bem.

Entrevistador: Então, me conta um pouco como é a rotina da senhora? O que a senhora faz durante a semana? O que as pessoas que moram com a senhora fazem? Me conta um pouco como é a sua vida hoje, no geral?

Entrevistado: Como assim se fala?

Entrevistador: Quantas pessoas moram com a senhora?

Entrevistado: Mora duas. O meu marido e meu filho.

Entrevistador: E, o que a senhora faz durante a semana?

Entrevistado: Faço só o serviço de dona de casa. Hoje eu num posso trabalha, que eu tive AVC, tive derrame. Hoje eu num trabalho mais pra fora, só faço o serviço de casa mesmo.

Entrevistador: A senhora é aposentada?

Entrevistado: Não consegui aposentar, num consegui auxílio de idoso, num consegui Bolsa Família.

Entrevistador: A senhora hoje tem alguma atividade física? De lazer? Durante a semana?

Entrevistado: Eu faço, mas não na quadra, sabe? Eu faço eu mesmo, eu tenho um livrinho, sabe? Que deram lá no posto e vou pelo livrinho. Já li interinho, gostei. A médica veio sabe, o que é pra gente fazer, o que não é. Então eu faço dali, porque o cardiologista não me deu atestado que eu não posso fazer o mesmo que eles fazem lá, que eu não posso fazer esforço. Num posso abaxa, então eu faço em casa.

Entrevistador: A senhora faz as suas atividades físicas em casa?

Entrevistado: Isso, faço.

Entrevistador: A senhora hoje trata de quais doenças?

Entrevistado: Eu trato da arritmia, né? Que é do coração. Trato do diabete, pressão alta, e... que mais? E colesterol, só que eu vô atrás dos remédio e a pessoa. Se uma pessoa lá em Cambé me der uma dose do remédio, eu vô buscar, eu num pago ônibus. Se no posto não tem, eu procuro no outro lugar que tem. Mais, eu num fico sem toma o remédio, num fico sem faze o exercício, porque de primeiro só vivia no H.U. Só vivia internada no H.U., ficava lá internada, melhorava, ficava em casa, num podia faze esforço. Hoje eu tô bem, nossa, em vista do que eu passei, eu tô bem, hoje. Tomo meus remédio certinho, faço meu serviço de casa... Eu num tenho ganho nenhum, eu compro pano de prato pra faze biquinho, pra ganha um dinherinho que já intera pra alguma coisa.

Entrevistador: Me conta um pouco da sua história, agora? Onde a senhora nasceu? Onde a senhora cresceu?

Entrevistado: Nasci na cidade que tá do memo tamanho até hoje (risos). Eu nasci em Itaquerência, na rua da rodoviária. Eu tenho 68 ano, morei no... primeiro eu morei, quando eu vim do sítio, eu morei cá onde é o Pindorama. Daí desmancharam os ranchinho ali, e minha mãe ganho casa lá em cima, na Fraternidade, lá onde era o posto que eu falei procê, e lá eu crisci. Daí eu saí de lá, depois que eu casei, com 20 ano que eu mudei aqui e tô aqui até hoje.

Entrevistador: A senhora tinha quantos irmãos?

Entrevistado: Só um. É, ele mora lá no Maria Cecília.

Entrevistador: Os seus pais faziam o quê?

Entrevistado: Olha, eles morava no sítio e tocava lavora. Dipois que eles vieram pra cidade, meu pai catava papel, esses homi que anda cum carrinho na rua. E a minha catava café nas máquina, tinha máquina ali na Azevedo, essas máquina que dava serviço pras mulher, né? E eu estudava no Lurdão, que até hoje eu gosto de ajuda o Lurdão, e a Igreja Nossa Senhora de Lurde, porque ela que dava as coisa de come pra minha família. A gente era bem pobrezinho, então, eles trazia bastante mercadoria. Era carne de soja, manteiga, coisa boa memo eles trazia.

Entrevistador: A senhora estudou até que série?

Entrevistado: Naquela época, até o quarto ano só. Não tinha mais pra frente.

Entrevistador: E a senhora tem o quarto ano até hoje?

Entrevistado: Tenho. Eu tentei estudar depois que eu mudei aqui, sabe? Mas eu trabalhava de cabelerera e eu ficava até tarde, né? Com aquelas muierada em casa, e falei assim: - Não vô estuda mais não. Pra mim não dá, até o quarto ano.

Entrevistador: Aí a senhora casou?

Entrevistado: Eu casei lá na Fraternidade. Aí que eu mudei aqui.

Entrevistador: Aí a senhora veio pra cá? Aonde a senhora mora hoje?

Entrevistado: É.

Entrevistador: Aí a senhora teve quantos filhos?

Entrevistado: Seis, cinco minina e um minino. O menino tá aqui comigo e as minina casarutudo.

Entrevistador: O menino não quer casar não?

Entrevistado: Ele tem 33 anos.

Entrevistador: E tá tranquilo?

Entrevistado: Tá. Começou a trabalhar com 9 anos, na entrega de farmácia. Dali da entrega de farmácia, começo outro servicinho e hoje ele é palhaço de rua. É... quando eu num tinha condições de compra caderno, ele pedia pro zotro, tudo, se formo. Se você falar que lá na Bahia tem um curso grátis, ele vai e faz. Ele ganho dois curso em São Paulo, ganho um em Curitiba. Falei pra ele, com tanto curso de palhaço em Londrina, se vai faze lá em Curitiba e passo em primeiro lugar. É o palhaço (*suprimido*).

Entrevistador: Palhaço (*suprimido*), depois eu vou procurar saber.

Entrevistado: A lá a foto dele. É aquele que tá de camisa branca. Hoje ele dá aula e ele tá fazendo um curso de circo. Ele ganho, sabe? Não sei aonde. Dia de quarta e sexta é seis e meia da manhã.

Entrevistador: Ele faz esse curso?

Entrevistado: Isso, ele faz esse curso.

Entrevistador: Me conta um pouco como é, como a senhora criou os seus filhos?

Entrevistado: O povo brigava muito comigo, menino. Que até hoje eu não gosto de criança, vamo supor, a mãe vai trabalha ou faze o serviço de casa e a criança tá solta, sabe? Eu num gostava. Meu filho foi nessa quadra aí, ele já tinha treze pra quatorze ano. Ele num sai. As minina, as mais veia, era as mais teimosa, casou cedo. Uma caso com quatorze e outra com dezoito. Mas as outra tranquilo, tudo trabalha, tudo faz as coisa, uma é confeitira. Cinco minina, num deu um pinga de trabalho, tudo trabalhando até hoje. A mai nova mora aqui no fundo, tem 25 ano, trabalha na São João, na padaria, tem 4 ano. A outra que é e a enfermeira. E a otra mexe cum lanche. A otra trabaia em três serviço. A outra trabaia de faxineira. Cada um tem o seu pedacinho.

Entrevistador: Todas moram aqui perto?

Entrevistado: Só aquela que viajo hoje, que caso com o rapaz de Portugal. Ela mora em Lisboa.

Entrevistador: Ah, ela mora em Lisboa?

Entrevistado: Mora. Mas os outro mora tudo aqui perto.

Entrevistador: Hoje a senhora se mantém como?

Entrevistado: Meu marido é... aposentado cum salário, né? R\$ 950,00. E eu tenho três cômodo no fundo alugado por R\$400,00. Desses daí eu tiro remédio que eu compro, quando eu não tenho meu minino ajuda. E na dispesa de casa também, ele ajuda. Meu marido tá cum começo de Alzheimer, minino. Dá um trabaio danado, vira criança, né? Se fala pra ele num ir, ele tá operado, da vista. Eu falei pra ele, não vai trabalha, faze. Ele é pedreiro, foi fazê num sei o quê lá, e ele, não, num sei o quê e foi. Muito teimoso o povo que tem isso.

Entrevistador: Daí ele tá trabalhando hoje?

Entrevistado: Tá. Hoje ele foi. E o médico falou pra mim, o médico dele é lá da PUC. Falou pra mim que quem tem essa doença, mais vai afetano, mais fica igualzinho criança. Vai tê um dia que vô tê que amarra ele pela perna. Mas hoje eu tô bem, eu tô no céu. Porque ele bibia minino, se chegava em casa, sabe bebo que bebe e é valentão? Hoje eu tô sossegada,

eu saio pa onde eu quero, é... Se, se eu tenho dinheiro ou num tenho, eu faço meus paninho, só que eu fiquei com raiva, que eu fiquei três ano atrás pra mim tê auxílio de doença, auxílio de... ou se não auxílio de idoso, num peguei nem um dos três, porque já servia pa alguma coisa, né? Num consegui. Ah mais tá bom, o que eu quero é sara a minha perna, tomo remédio, é que eu tenho medo desse negócio de diabetes... eu tive AVC e o médico me deu um remédio, é... tipo assim de uma rack sabe? De vez você ficar três, quatro dia tomano no soro, então ele deu duma vez e prejudicou no diabete. Mas é controlado no, eu... tomo no posto.

Entrevistador: A senhora toma remédio pra diabetes?

Entrevistado: Tomo, todo dia depois do almoço eu tomo, remédio pra diabete, três hora eu tomo remédio pa má circulação, sete hora tomo dois do colesterol, dez hora eu tomo do coração. Só descanso depois das dez (risos).

Entrevistador: Aí a senhora tá liberada?

Entrevistado: Dia inteiro ... daí eu tô liberada. Daí seis hora eu começo de novo. Daí eu tomo o Marivam pa afina o sangue, porque fiquei com o sangue grosso, oito hora eu tomo o da pressão, e vai ino, até dá dez hora da noite de novo.

Entrevistador: A senhora passou por alguma tragédia na sua vida? Aconteceu alguma coisa na sua vida que marcou muito? Ou não? A sua vida foi tranquila?

Entrevistado: Não...

Entrevistador: Não teve um evento muito significativo?

Entrevistado: Não, não que eu lembro não. Eu fiquei muito isquicida, mais isso daí eu não lembro não.

Entrevistador: É que também a senhora sempre morou aqui no mesmo lugar, né?

Entrevistado: Óia, eu sô mais conhecida aqui do que nota de dez, menino. Todo ano eu trabaio na eleição, fui conselheira de presidente de bairro, todo mundo me conhece.

Entrevistador: Agora me conta um pouco do bairro. Como é que era o bairro antes? Como era o Fraternidade quando a senhora cresceu? Lá no começo do Pindorama.

Entrevistado: No Pindorama era grilo. A gente morava tudo simprinho. A minha mãe quando nós veio do sítio, a minha trocou esse ranchinho a troco duma porca e sete leitão, uma porcona assim. Daí a gente moro alí bastante tempo. Daí o prefeito quiria muda a vila, sabe? Daí lá na Fraternidade, perto do postinho da igreja, ele fez tipo uma colônia, uma carrera de casa, pá quem não podia paga, ele doava. Então, ele deu pra nós, tá lá até hoje, na bera da mata da Creito. Hoje parece que só têm três cômodo, desmancharam, né? Que outras pessoas mora lá, desmancho. Daí eu fui criada lá na Rua Santa Apolônia.

Entrevistador: E como é que era a vida lá na Rua Santa Polônia?

Entrevistado: Era bom, antigamente era bom. Era perto da escola, tinha a gente lá do postinho, atendia a gente muito bem. Faltava médico, né? Mas num é todo dia que a gente vai no médico e é atendido. Mas era bom, nossa! Eu num tinha chave na porta, a gente amarrava, sabe barbante? A gente marrava barbante na porta, num prego e você podia ficar fora o dia inteiro e ninguém mexia. Agora hoje é mais difícil que você tem que tê os cachorro pra cuida das casas, mais aqui, graças a Deus nunca ninguém mexeu na minha casa, eu tenho quarenta e oito ano que eu moro aqui.

Entrevistador: E me conta, quando a senhora casou e veio pra cá, como que era aqui?

Entrevistado: Meu Deus do céu, num tinha nada, num tinha água, num tinha luz. Eu morei aqui, do lado e eu comprei meia data com o meu cunhado, hoje eles são morto. Meia data minha e meia data era deles. Meu marido fez um cômodo pra mim, com duas criança e fez um cômodo pra minha mãe, que eu não podia deixar minha mãe lá sozinha. Daí minha mãe morava num cômodo, e aí nós moremo o quê? Uns três ano, dois ano, moremo ali. Daí eu ía busca água lá no Pindorama, tinha uma lavanderia que se pode pergunta pros otro aqui que eles alembra da lavanderia. Tinha uma lavanderia, você podia pega água e não pagava nada, eu tinha a menina de oito meses e a outra com três anos. Eu pegava a de oito mês no colo e a bacia de roupa na outra e ia lava roupa lá. Daí eu trazia as menina e deixava aqui com meu marido e ia busca a roupa, depois ia busca água pra pode toma banho, beber... Daí surgiu um dia que o rapaz que tava aqui, tava doente, de cama, tava vendendo essa data pra pode se tratar, daí o finado meu cunhado falo pro meu marido, óh Milton, o dinheiro que se deu na meia data, eu devolvo pra você e você compra a data do vizinho. Daí eu tenho o dinheiro até hoje, num sei aonde que eu guardei, esse dinheiro não é do seu tempo não, faz muitos anos atrás... Era mil e quinhentos, só que faltava quinhentos, daí eu fui pegar com meu tio emprestado os quinhentos que faltava. Daí a gente foi no cartório, acertou tudo aqui o terreno... Aí levava uma sacolinha e tudo o que eu achava na rua e trazia pra casa e ia formano... Aqui era só mato, mato, mato, que num acabava mais. Era caliptio, fror, o japonês prantava fror, lá de lá do vila Ricardo, era só banana maçã e limão galego. A banana maça, ela derretia no pé, que ninguém pegava, acho que o povo num era morto de fome igual hoje (risos) ninguém pegava, estragava. Daí começou a entrar o Belinate de prefeito, aí eu falei assim, ó Belinate se você arranca a Vila Velha, que lá era uma zona, aonde que é a rodoviária, se você arrancava Vila Velha eu te dô meia dúzia de cerveja, ele falou, não, não, não faça isso não, que eu sô crente. Mas eu vô tira pra senhora, que ia leva armaço pro meu marido e eu não podia passar ali, que eu era menor, a poícia num deixava e eu passava escondido. Daí ele ganho a eleição e na mesma semana ele acabo com tudo. Daí ele pegou e falou que ia corta aqui, o matagal...

Entrevistador: Nessa época já tinha energia e água aqui?

Entrevistado: Não... não tinha nada, eu usava lamparina. Daí ele falou, eu era magrinha, magrinha, magrinha, só tinha cabelo. Daí ele pegou e falou assim, olha, eu vou limpa aqui pro ceis, vô ponha água, ponha luz, daí eu ainda falei pro marido, óia, só acredito se eu vê. Daí, sabe que foi indo, num demoro nada, ponho água, ponho luz, joguei minhas lamparina fora, tinha umas lamparina de querosene... Joguei as lamparina fora, daí entro, saiu ele, ele perdeu a eleição e entro o Wilson Moreira, que também já morreu. Dr. Wilson Moreira veio o asfalto, fez o asfalto. Daí, naquela época o Milton tava desempregado e eu com criança pequena, daí ele veio e falou ó dona (Entrevistada A), eu vô dá pra senhora o asfalto e eu também guardo o papel até hoje e aí foi ino... foi aumentano as casa, acabano o mato, e se vê, dentro de quarenta e oito ano o que viro? A escolinha ali, José Garcia Vilar, se tinha que corta capim no peito pra passa lá... Hoje aí ó, tá tudo bunito em vista de antigamente, tá uma cidade.

Entrevistador: A senhora gosta de morar aqui?

Entrevistado: Eu gosto. Meu marido era sem juízo, menino. Ele queria troca uma perua véia a troco de dois cômodo, eu falei de jeito nenhum. Esses dia mesmo eu tava falando pras menina ali, aquele que morresse primeiro, falando essas coisas, né? Gente uma coisa que eu vô pedi pro ceis, eu sofri tanto nesse pedaço, com criança no colo, as veiz grávida, eu

num quero que desmancha essa casa, num quero que reforme, eu num quero que faça nada, porque quando morre um pai ou uma mãe aqui, eles que toma conta, um qué o outro num qué, nenhum qué faze dum jeito. Eu falei pode deixar aí, e outra se eu morre e meu fio tive dentro de casa, ele vai ficar. E a menina que mora no fundo também vai fica, num é por causa que tem seis fio, morre o pai ou a mãe, eles qué, né?

Entrevistador: Já vender e cada um ficar com o seu pedaço.

Entrevistado: É, não, de jeito nenhum. Mais hoje tá gostoso aqui minino, eu fico até tarde ali com a minha minina. Eu brigo por causa do povo joga lixo aqui, aqui na frente ninguém joga não, porque eu fico em cima, eu vô atrás e faço cata... é, bandonaram um casal de cachorro aí, esses dia, um o carro mato e o outro eu preendi, daí a minha minina denuncio, né? Vai vim uma mulher busca ele hoje, achei já uma doação pra ele, mais aqui ninguém joga. Eu brigo com o veio ali em cima, como eu falei pro cê, joga lixo, mas eu tenho fé que num vai joga mais, que é a segunda vez que eu falo com ele, e vai ino.

Entrevistador: Quais os problemas que o bairro tem? Hoje ainda, que precisaria melhorar?

Entrevistado: Ah, um pouco de segurança, né?

Entrevistador: O que acontece aqui no bairro?

Entrevistado: Ah, num tá tranquera, mas esses dia mesmo, semana passada assalto o rapaz aí, o serralheiro da esquina. Mas, sei lá, acho que é porque a pessoa também num liga cum nada, né? Eu falo, a gente tem que cuida da porta da gente e em frente à casa que mora, se todo mundo cuidasse, cada um cuidasse da frente da sua casa, né? Eu acho que seria mais melhor. Hoje a gente têm postinho, se vê num quarterão de longe do postinho. O postinho serve todo mundo que vem, tem gente até de fora que vêm ali, eles atende.

Entrevistador: E no caso do postinho. O que podia melhorar ali no postinho?

Entrevistado: Ah, o dia do inxame menino. Eu tô todo mês fazendo o tape, se tá chovendo, se têm que fica na chuva. Agora mesmo, eu fiz quinta-feira passada e tava choveno, daí chego uma senhora com um senhor de idade e chego eu, eu fui a segunda, mais tava choveno, choveno e ela queria que eu entrasse dentro do carro dela e eu num queria. Oh minino, e eu entrei, sabe quando a pessoa bebe num dia antes e no outro dia tá aquele chero de azedo? Nossa! Eu acho que o veinho bebe pinga e daí já falei, ai dona eu vô saí daqui, eu vô fica na chuva memo, não, eu tô acostumada. Saí e dexe os dois lá dentro (risos). Daí veio outra mulher e falou, nossa a senhora tá na chuva? É que eu gosto de fica na chuva... O pobrema é esse, eu acho que tinha que tê um coberto. Ou eles abri mais cedo, né? Terça e quinta abre mais cedo, pro povo que vai faze inxame fica pelo menos ali na área, né? Já era uma boa.

Entrevistador: E sobre Londrina? O que a senhora me conta sobre Londrina? O que a senhora acha que podia melhorar na cidade?

Entrevistado: De melhora? Ixi, nem lembro disso. Uma coisa que podia melhora é o IPTU, que é muito caro (risos).

Entrevistador: É? O IPTU da senhora subiu muito?

Entrevistado: O ano passado eu paguei caro, mas esse ano ainda não resolvi, Porque chego um carnê onti e tá escrito isento, mais a casa do fundo num é isento, só aqui da frente. Então, eles num mandaram espricano nada, eu vô lá pra mim pergunta, né? Porque num lugar tá escrito oitocentos e pouco e no outro tá escrito lixo, cento e cinquenta e nove. Eu paguei de

lixo ano passado, oitenta e quatro, eu falei num é possível que eles ia subi tanto assim, né? Então eu vô lá pra mim sabe, como é que é esse carnê.

Entrevistador: Entendi.

Entrevistado: O resto tá bem, tá andano, tranquilo. Pelo azar, faz oito ano que eu fui murdida de aranha e não quis ir no postinho.

Entrevistador: É? O que aconteceu?

Entrevistado: Aí ó, todo ano abre...

Entrevistador: Ah, essa ferida da senhora é mordida de aranha?

Entrevistado: Mordida de aranha, agora que tá fechano, mais fica o buraco.

Entrevistador: Só pra gente terminar, a senhora olha pra trás, pra história da senhora e o que a senhora tira de aprendizagem? O que a senhora olha pra trás e diz, não isso aqui eu acertei, isso aqui eu errei, aqui eu podia ter feito melhor?

Entrevistado: Ah, eu penso comigo hoje, se fosse, se tivesse curso de estudo que tinha antigamente, eu tinha terminado tudo us estudo, porque o meu gosto era fazer... eu queria poder trabalhar. Por causa que quem tem arritmia cardíaca, se vai faze um inxame de sangue, ela sai nu inxame, eu gostaria. Eu tenho sessenta e oito ano, vô faze sessenta e nove em abril, mais eu gostaria de trabalha. Pra num fica dependendo do zotro, né? Se vê, os remédio tudo caro, o de diabetes é cento e vinte e três, o remédio do coração, eu ando, procuro, pesquiso nas farmácia, eu achei por vinte e quatro. Agora se eu pudesse trabalha, num tinha nada disso, né?

Entrevistador: Então, pra gente encerrar, eu agradeço a senhora pela entrevista. Eu acho que vai ser muito bom, vou tentar aproveitar ao máximo o que a senhora contou, os pontos que a senhora elogiou e os problemas que a senhora apontou. Tá ótimo? Obrigado.

Entrevistado: Brigado o cê.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: LONDRINA - Entrevista B

Entrevistador: Eu tô aqui com a dona (Entrevistada B), nós estamos aqui conversando. Eu já apresentei pra ela o Termo de Consentimento, a gente já assinou, pra gente começar essa entrevista, em que ela vai contar um pouco da história dela, um pouco da rotina dela, um pouco da rotina da unidade de saúde, um pouco sobre o bairro, como era, como é. Para gente tentar entender essa questão das políticas públicas e também dos espaços de vida que ela conhece, que ela convive. Então dona (Entrevistada B), me conta um pouco da sua rotina. Como é a sua rotina? Como é a sua semana? O que a senhora faz?

Entrevistado: Eu não saio do portão pra fora. Só pra ir em médico.

Entrevistador: O que a senhora faz durante a semana?

Entrevistado: Durante a semana? Lavo, cozinho, passo, dou banho em crianças, que são netos, mas eu cuido.

Entrevistador: Quantas pessoas moram com a senhora?

Entrevistado: É... comigo é seis. Fora a minha filha do fundo.

Entrevistador: Quem são essas pessoas que moram com você?

Entrevistado: São meu marido, três neto, e... não, é quatro durante o dia, né? Só um que vai embora à noite, mas durante o dia, é o dia inteiro. Quando eu saio, eu saio pra médico, pro HC, essas coisa. E acompanhamento deles também.

Entrevistador: Entendi. Então, hoje a senhora fica por conta do serviço doméstico e cuidado dos seus netos?

Entrevistado: É. Uns tempo atrás eu até fazia caminhada, eu fazia bastante caminhada, eu andava, né?

Entrevistador: Hoje a senhora não consegue mais fazer caminhada?

Entrevistado: Não, não consigo. Porque como eu sô cardíaca, né? Até pra ir no postinho meu marido que vai me busca, porque subi eu não subo.

Entrevistador: Entendi, a senhora consegue ir à pé, mais voltar a senhora não consegue.

Entrevistado: Isso.

Entrevistador: O seu marido trabalha com o quê?

Entrevistado: Olha, hoje ele tá parado, porque eu pedi pra ele pra me ajudar.

Entrevistador: Entendi. A senhora e ele são aposentados?

Entrevistado: Não, ele tento, mas a hora que chego lá em cima, volto os papel.

Entrevistador: Então, nem a senhora e nem ele são aposentados?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: E vocês vivem de que renda, hoje?

Entrevistado: Hoje, que nem aqui é do meu pai. Essa casa é cedida. Eu vivo assim, um filho meu mesmo, ele tem um problema psicológico que só depende... Quando ele tá bem, ele vende bala, quando ele num tá, ah... num adianta nem sai da porta pra fora. Mas assim, quem

me ajuda muito é meu pai, e essa filha minha que é aposentada, que ela tem artrite, né? E tem prótese no quadril e no joelho tudo, aí ela é aposentada por invalidez. E ela trabalho, né? Ela parou de trabalha pra engravida, né?

Entrevistador: Mais aí ela te ajuda também?

Entrevistado: Ela me ajuda. Ela que mais me ajuda. Ela que dá o dobro.

Entrevistador: Hoje a senhora então, a senhora e seu marido não tem renda nenhuma?

Entrevistado: Não. A mãe das menina... Porque a guarda é do meu filho, porque a mãe não quis fica, mas num ajuda com um centavo. Daí meu filho falou de pô na cadeia, e eu falei não, isso é só sofrimento pra eles.

Entrevistador: Entendi. O seu filho mora com você?

Entrevistado: Isso. Ele tá com outra pessoa, que ajuda muito ele. E, mais quando ele tá em crise, ela traz ele até na viela, porque ela trabalha, né? Traz ele até na viela pra ele chegar e ficar aqui comigo. Ó, ele tava no carro com ela aquela hora, ele foi pro médico.

Entrevistador: Me conta um pouco da história da senhora. Faz quanto tempo que a senhora tá morando aqui?

Entrevistado: Desde quando eu nasci. Só que era madeira, né? Era fundo, era madeira, eu lembro de tudo. Tinha cafezal, tinha tudo aqui.

Entrevistador: A senhora, essa casa era do seu pai?

Entrevistado: Era, quando o meu pai comprou aqui, era uma fazendeira, né? Era uma fazenda e a mulher fez, tipo, loteamento, né? E meu pai comprou, aquela época era mil réis que falava. Quando, eu não nasci aqui, eu nasci lá na Vila Ciam vim pra cá com oito meses, é, praticamente nasci, né?

Entrevistador: A senhora foi criada aqui? Então, a senhora conhece bem a história do bairro? E como é que era aqui, quando a senhora era criança?

Entrevistado: Era só terra, mas era mais gostoso. Era só terra, era só terra.

Entrevistador: Tinha pouca gente que morava aqui, então?

Entrevistado: Pouca gente, a maioria das pessoas já se foram embora, outros morreram, né? Tinha pouca gente.

Entrevistador: E a senhora estudou?

Entrevistado: Ah, até a quinta, mais não cheguei a terminar.

Entrevistador: Entendi. A senhora tem o quarto ano completo?

Entrevistado: É.

Entrevistador: E por que a senhora parou de estudar?

Entrevistado: Ai, eu... meu pai, apesar de meu pai ganhava pouco, né? Quase todos nós estudamos pouco, nós, o estudo era assim coisado por causa do meu problema de saúde, desde criança, crise de asma, então eu participava pouco da escola. Principalmente do colégio pra subi a pé, né? Aí eu tinha crise asmática e só telefonavam pra ir me buscar, pra ir pro hospital.

Entrevistador: A senhora casou quando? Com quantos anos a senhora casou?

Entrevistado: Eu tinha dezoito e num era pra mim ter casado.

Entrevistador: Por quê?

Entrevistado: Eu num podia ter filhos, ainda o médico falou, (Entrevistada B) não case, não vai tê filhos e eu tenho três. Então, e tô hoje aqui ainda, né?

Entrevistador: Por causa da asma que a senhora não podia?

Entrevistado: Não, por causa do pobrema cardíaco.

Entrevistador: Ah, a senhora tem problema cardíaco desde cedo?

Entrevistado: Desde criança. Tenho crise asmática, tenho tudo.

Entrevistador: E a senhora teve quantos filhos? Três?

Entrevistado: Três, três cesárias.

Entrevistador: Uma mora aqui no fundo, esse menino...

Entrevistado: Aquele menino que é o pai dos três e tem o caçula que cuida do meu pai no Eucalipto. Eu lavo roupa do meu pai, ele só cuida. Médico, médico quem leva em médico é essa minha filha que eu falei, leva o meu pai no médico. Eu só cuido da roupa, essas coisas.

Entrevistador: Então a senhora passa muita roupa? Passa a sua, passa a dos meninos, do seu marido e do seu pai?

Entrevistado: É.

Entrevistador: É muita roupa, né?

Entrevistado: É sim.

Entrevistador: E me conta um pouco da época que a senhora era pequena.

Entrevistado: Ah, a escola era de madeira, quando formava aquele temporal, era uma poeira só, né? Ah, era mais gostoso, pra mim era mais gostoso aquela época, né? Hoje tem violência demais, hoje você não pode sair na rua, nessa escola principalmente, hoje você vai na esquina tá tudo drogado.

Entrevistador: É isso que eu ia te perguntar.

Entrevistado: Tá uma droga desgramada aí na frente.

Entrevistador: O bairro hoje aqui, quais são os problemas do bairro?

Entrevistado: Droga, muita droga.

Entrevistador: Droga é o maior problema?

Entrevistado: Principalmente à noite, a turma da noite. Na esquila ali, tem um rapaz que ainda chamou a polícia pra ele. E como ele era assim, ah, esses guarda, que tinha coisa de arma, né? A polícia tomou dele, tirou tudo, por causa desses ordinário.

Entrevistador: Ah, ele era vigilante? Aí ele foi...

Entrevistado: Foi chama a atenção, por causa dos filho dele mesmo que é pequeno. Eles passa aqui de dia fumano.

Entrevistador: Não respeita, né?

Entrevistado: Não! Desde lá do colégio tinha assalto, colocava arma na cara da gente.

Entrevistador: O colégio aqui na frente é só Ensino Fundamental?

Entrevistado: É só Ensino Fundamental.

Entrevistador: Mas tem droga?

Entrevistado: Tem droga, droga à noite. De dia eu num sei, de dia eu nunca percebi, mas a noite é feio.

Entrevistador: E aí isso está associado a violência, né?

Entrevistado: Aquela casa da esquina mesmo, foi invadida umas duas, três vezes, agora tá vazia. O dono dessa casa tá morrendo de medo, se eles começa a invadi.

Entrevistador: Por que está vazia também?

Entrevistado: Tá vazia e ele mora do lado, né?

Entrevistador: A senhora faz tratamento além do coração, de que mais?

Entrevistado: Pneumo.

Entrevistador: A senhora toma remédio? Quantos remédio a senhora toma por dia?

Entrevistado: Olha, agora de manhã eu tomei pra pressão, ah, tomei Lasque pro coração de manhã. Depois do almoço eu vô toma o pra diabete, aí de tarde eu tomo Silvastatina, os remédio pro coração, fora um remédio pra dormir. É muito remédio, fora a Benzetacil.

Entrevistador: A Benzetacil a senhora toma por que?

Entrevistado: Por causa da febre reumática. O médico deu, falou, vamo faze um teste. Aí quando eu retornei no cardio ele só falou assim, vamo voltar rápido.

Entrevistador: E me conta mais uma coisa, todos esses remédios a senhora consegue pegar no posto?

Entrevistado: Todos eu pego, menos a Lenia né? A Lenia é na regional.

Entrevistador: Mas todos são gratuitos? A senhora não precisa comprar nenhum remédio? Assim, remédio de uso contínuo, né?

Entrevistado: É, quando eu tô com dor no estômago, eu tenho que ir lá em baixo e conversa com a médica, porque depende o dia que eu tô, eu passo muito mal. Porque é muito medicamento.

Entrevistador: Aí a senhora toma um Buscopan?

Entrevistado: É, aí eu prefiro um Buscopan duo, porque meu fígado dói muito...

Entrevistador: Por causa dos remédios, é comum né? A senhora vê assim, quando a senhora vê a história da senhora, teve algum evento que a senhora acha que teve que foi grave?

Entrevistado: É, bastante, tem muita coisa fio...

Entrevistador: Me conta uma, um acontecimento da sua história...

Entrevistado: Acho que desde quando eu nasci.

Entrevistador: É, me conta um pouco.

Entrevistado: É, coisas que num dá pra conta (grande silêncio). Ai , é coisa que num dá pra falar não (choro).

Entrevistador: A história da senhora é... tem...

Entrevistado: Ai, sabe menino, é muita gente...

Entrevistador: Quando, foi uma vida difícil?

Entrevistado: É, de muita gente, vêm de longe já. De criança, né? Uma época boa, mais uma época sofrida também.

Entrevistador: A senhora passou necessidade?

Entrevistado: Não de chegar a passar fome, sabe? De vê coisa e num pode ajudar.

Entrevistador: Entendi.

Entrevistado: Coisas dentro da própria casa e num pode entrar no meio, vê para um pouco e depois crescendo.

Entrevistador: A senhora teve quantos irmãos?

Entrevistado: Fora eu tive três, mais três. Aí o caçula morreu num acidente.

Entrevistador: Morreu com quantos anos?

Entrevistado: Com vinte anos. Eu tinha a minha filha mais velha com três anos, ela tava com três anos e ficou dois.

Entrevistador: E eles tão vivo ainda?

Entrevistado: Tão.

Entrevistador: Tão bem?

Entrevistado: Tão. Um saiu do centro cirúrgico agora, antes de ontem, que teve que operar a coluna, o do meio, porque tava comprimindo, né, a coluna. E o médico falou se ele num operasse agora, ele ia pra uma cadeira de roda, fica alejado. O outro quase morreu também, por causa de um acidente e foi mal orientado no hospital, né? E num viro que o baço dele tinha rompido.

Entrevistador: Aí ele teve sangramento?

Entrevistado: Aí, só sei que quando foi de madrugada ligaram pra ir com urgência, né? Eu falei eu num posso, vou telefonar pro meu irmão do meio e eles era brigado, nunca se falaram. Porque esse um, ele judiava muito de nós. Ele batia muito ne nós.

Entrevistador: Mas hoje vocês se falam ou convivem?

Entrevistado: Eu num vejo, nunca mais. Eu converso, um oi assim, mas aquela conversa num tem, cabou. Eu lembro de, minha mãe falava, num guarda mágoa. Mas é difícil.

Entrevistador: A sua mãe já morreu?

Entrevistado: Já.

Entrevistador: Têm muito tempo?

Entrevistado: Vai fazer dezesseis anos.

Entrevistador: Dezesseis anos, ela morreu de quê?

Entrevistado: Diabetes, é aí teve... fora as cirurgia, ida e vinda, né? Praticamente já morreu nos braços do meu pai, né?

Entrevistador: Eles ficaram casados até o fim?

Entrevistado: Até o fim. Aí o dia, eu acho que ela sabia que ia acontecer. Ela não deixou eu ir na consulta com ela, não se num vai comigo. Porque eu vi que ela não conseguia mastiga e a mão dela tava gelano e roxa. Aí eu falei, a senhora não tá bem e ela, se num vai, se num vai comigo!

Entrevistador: Aí acabou a consulta e ela não voltou mais?

Entrevistado: Daí eu falei, quando a senhora for e for embora, daí a senhora liga pra mim, ela ligo, (Entrevistada B) já tô em casa, tô bem, vô toma minha sopa. Aí quatro hora da manhã, liga a minha cunhada. Daí eu já desconfiei, eu falei, Deus tá entregue na tua mão, porque minha mãe ia morre naquela noite. Aí ela mandou chama um sobrinho meu que morava lá, aí o sobrinho meu já saiu gritando, porque a minha mãe que criou ele. Aí eu falei, eu já sabia. Minha mãe que ajudou eu a criar minha filha, porque marido eu só tive até uma época, depois...

Entrevistador: Seu marido não mora com a senhora mais?

Entrevistado: Mora, mas se sabe, né? Cada um pro seu lado.

Entrevistador: Ah é?

Entrevistado: Cada um na sua cama, num tem mais... Ai credo, eu tô falando isso com você e eu tenho que falar isso com a psicóloga!

Entrevistador: A senhora faz acompanhamento psicológico?

Entrevistado: Eu vô começar agora dia onze, nois ia fazer em grupo, aí teve umas conversa lá, aí eu conversei... olha eu gostaria de falar umas coisas, mas é coisas particular, não aqui, né?

Entrevistador: Tem muito tempo que vocês dois tão nessa condição?

Entrevistado: Começou tudo pela mulher do meu filho, a mãe das crianças. Ela tentou destruir todinha a minha família, ela tentou destruir mesmo. Não foi só a minha não, tudo que tava em volta, tentou até acaba com a vida do meu filho. Os filho dela, eu num vô morar com ela, eu tenho medo, tem até pavor de fala com ela.

Entrevistador: Mais é muito triste, né?

Entrevistado: Num é fácil não.

Entrevistador: Tá, voltando um pouco agora no assunto

Entrevistado: Né, é que a gente, eu achei que era pra gente conversar daqui né? Da vila, do jeito que era.

Entrevistador: Não, sim, tranquilo. É que assim, a sua vida, ela reflete muito de como é a vida de outras pessoas, né? E como eu te falei, a gente num tá focado na história só da dona (Entrevistada B), a história da dona (Entrevistada B) é um exemplo de todas essas pessoas. Porque na verdade, as histórias delas se repetem, né? Como a senhora falou, que a senhora olha pra trás e vê muito sofrimento, né? Não só seu, mas das pessoas em volta, a dificuldade era de todo mundo. Então, não se preocupa com esses detalhes, porque isso tudo

obviamente vai ser suprimido. Agora falando um pouco sobre o próprio postinho ali. A UBS, me conta um pouco como é lá? O que a senhora acha?

Entrevistado: Olha, o atendimento ali piorou. Não, tava bom até um tempo atrás. No comecinho mesmo, num é falando pra puxar sardinha não, né? Vô te fala a verdade, se o Belinate, o velho, fosse candidato, o meu voto era dele. Porque o meu pai conheceu ele era criança, conheceu o pai dele, mas quase todas as pessoas antiga conhecia ele, ele veio de baixo. Meu pai fala que ele moro ali em cima, as pessoas desfaziam dele. Ele olhava assim pra pessoas que era acima dele, um dia eu vô tá lá e vô ajuda quem tá aqui. Foi isso que ele fez.

Entrevistador: Essa UBS foi criada pelo Belinate?

Entrevistado: Pelo Belinate, só que fizeram a nova e puseram o nome de outro, né? Aquela de lá é do Belinate, aonde é o negócio de criança lá agora. Mas tiraram o nome dele e puseram o nome do outro, né? Isso aqui hoje nois tem, por causa dele.

Entrevistador: É, a dona (Entrevistada A), eu conversei e ela tava contando que quem trouxe energia e água aqui pro bairro foi o Belinate.

Entrevistado: Foi, nois num tinha nada. Sabe aqueles ônibus carroção, nois tinha isso aqui. Essa avenida das Laranjeiras ninguém andava, pedra voava, né? E era poucos carros que andava e pá anda pra ir até um ponto, você tinha que anda muito. E às vezes nem compensava pagar ônibus, nois subia a pé aqui em menos de quinze minuto. Quando a gente era mais nova, bem de saúde, menos de quinze minuto a gente vai a pé. Vai mai rápido que o ônibus.

Entrevistador: Claro, é, esperar o ônibus demora, né?

Entrevistado: Aí o Belinate falou assim, gente eu vô ajeita tudo aqui pra nois, vai melhorar aqui pra nois... Ele pode ser o que for, mais nois tinha médico, tinha remédio, tudo.

Entrevistador: E como é que é hoje?

Entrevistado: É uma porcaria, porque tem dia que você vai lá e tá só por Deus. Você quer saber de uma coisa, você lembra daquela coisa da Benzetacil, que tava em falta nos postos, num queria dar pra mim. E é assim, tenho que tomar de vinte em vinte dias e num tinha injeção pra mim. Daí foram lá conversar com o chefe e perguntou o que eu tinha. Olha eu tomo desde quando o posto lá do outro lado, praticamente desde de criança. Daí quando o Belinate fez esse postinho, passaram pra esse postinho de saúde. Aí eu falei desde quando era o outro postinho eu tomava, eu pedi até autorização pra um médico pra tomar em outras partes do corpo, porque as minha nádega num tá suportando mais não, é o que acontece, às vezes eu levo dez picada pra conseguir tomar ela. Na época que era do lado lá, tinha uma médica que era uma excelente pessoa, ela me dava a injeção pra eu tomar na farmácia, porque na farmácia eles dá na gente. Eu tomava nas coxas, nos braços e no postinho tinha que ser nas nádegas. E tem dia, o mês passado eu tomei três picada em cada lado, aí eles me deram aqui em cima pra conseguir. Não é fácil não.

Entrevistador: Mas com relação a visita da ACS, das enfermeiras, do médico, o que a senhora acha?

Entrevistado: Olha, tem um médico ali que vocês devia tirar, precisa tirar ele. Ele é péssimo pra atender paciente. Sabe o que é uma pessoa chegar e querer falar pra gente o que a gente está sentindo? E não olhar pro seu rosto?

Entrevistador: Falta humanidade, né?

Entrevistado: É, nem olha pra gente, vai tirando medicamento que não é pode tirar. Tem um ali que não... agora tem uma que nem a doutora (*suprimido*) e um senhor que tem lá agora, eu esqueço o nome dele, minha filha sabe, uns mais velhos.

Entrevistador: São bons?

Entrevistado: Nossa, eles olha você de cima a baixo, pergunta o que tá se passando, o que eu tá sentindo. Agora tem uns que... diz que é do (*suprimido*) essa coisa, agora não sei, esse daí num se formou pra médico não, deve ser pra animal, Deus o livre. Porque tem muita reclamação, é geral. Que teve um senhor que ele tirou o medicamento e o senhor foi parar na UTI. E antes dele teve outro, uma novinha também, todo tatuado, tiraram, porque ela... tem um medicamento controlado, pelo CAPS, né? E como eu passo pra pegar no postinho, tem que renovar, passar no CAPS e renovar. Ela num tirou meus medicamentos? Eu falei, você tá doida? Não, que isso e aquilo, você vai tomar, meu namorado toma... aí eu fiquei meio assim com ela, né?

Entrevistador: Com a enfermeira chefe?

Entrevistado: Não, a médica, mas só que era uma novinha. Aí ela saiu, num ficou, por causa desses atendimento. Aí eu fui no CAPS de volta e falei pro médico, eles num pode tira remédio assim... Meu filho já bateu num enfermeiro lá, num sei parece que ele foi despedido, porque ele tava sentindo dor, isso daí que eu ia falar pra você também, eu agora tô sendo atendida pelo... e eles são obrigado a dar no dia seguinte o resultado ou no mesmo dia, mas só que não tem. Então tem que passar dois dias, ela não, eu vou dar esses dois dias pra você, porque eu vô procurar meus direito... A dona (Entrevistada A) eu num sei se ela falou pra você, ela faz o TAP, né? Daí eu falei pra ela, dona (Entrevistada A) tá complicado heim, que eu faço dia de quinta e a dona (Entrevistada A) acho que é de terça. Daí eu falei, acho que era a doutora (*suprimido*), acho que ela pegou ar ali e saiu fora. Num aguentou ficar vendo as coisas errada, aí eu falei assim... A dona (Entrevistada A) tá estranha, porque nois fazia o TAP junta, a tarde... daí foi liberado em todos os postos, tá recolhendo no PAI, e do PAI nois ia cedinho lá e tinha que marcar a consulta. E num pode, nois num podemos marcar consulta, quem faz o TAP num pode. Ah, então você tenta vir aqui. Daí depende de como tá o sangue da gente, eles atende, mas depende do seu caso, essas coisas, você vai pra ser atendido e não é. Você vai e já guardaram o lugar pra outro e não pode. Tem aquele que tem cinco vaga de urgência, sete hora você tem que tá lá, se passou da sete você num consegue vaga, mas só que já tão marcando, por telefone. Meu filho tá revoltado com isso, ele falou, mãe eu tava atrás de uma pessoa e não consegui. O rapaz viu que eu não tava bem e ele não sabe o que eu tava sentindo. E a doutora (*suprimido*) falo sempre atender ele quando ele for lá, ele deu uma que sabe as coisa, né? Aí ele falou assim, porque num pode, ele é estourado, ele deu um murro na mesa, aí em seguida telefonaram, a doutora (*suprimido*) mandou ele voltar. Aí ele falou eu num vou voltar lá mãe, é muita humilhação, a gente amanhece no posto pra ser tratado que nem cachorro, pra esses enfermeiro infeliz, né? Tem uns ali que até releva. Agora se juntou tudo, ficou uma panelhinha.

Entrevistador: Agora tá sendo atendido Fraternidade, que Marabá tá em reforma, né?

Entrevistado: Tá pior ainda, os enfermeiro é nojento...

Entrevistador: Outras pessoas tem comentado mesmo.

Entrevistado: Enquanto tava a Fraternidade e a Vila Ricardo. Eo que tá faltando pra nós aqui por perto é uma UPA.

Entrevistador: A UPA mais perto é a do Jardim Sol, né?

Entrevistado: É, só que eu prefiro o Sabará.

Entrevistador: O Sabará é muito boa, né? Minha vó mora ali perto.

Entrevistado: Mas o Sabará é muito boa gente, não tem nem comparação, porque o Jardim do Sol, ninguém merece lá, eu fui uma vez só lá. Agora aqui pra nós está faltando uma UPA.

Entrevistador: Tá certo. Voltando pro bairro, só pra gente terminar. Além da violência, o que mais que a senhora percebe que precisava melhorar?

Entrevistado: Bom, a dona (Entrevistada A) ela sai mais, né? A dona (Entrevistada A) é aquela uma que vê tudo e eu é do portão pra fora, né? Só a questão da violência mesmo. E negócio de colégio, vaga, se vê só, meu neto... porque lá embaixo fica difícil, porque lá pertence outro Jardins, né? Por que aqui num podia, porque no Lurdão num ia conseguir, daí minha filha começou, como não? Ele mora aqui em cima, ele num mora lá embaixo, pessoa lá de baixo tá estudando aqui? Aí ela conseguiu uma vaga pra ele, se não ele não ia conseguir. Essa pessoa que é dona dessa casa, esse pedaço do colégio foi doado por eles, era pra ser colégio, não escola. Era pra ser colégio, era pra fazer um prédio pra ter esse atendimento aqui na vila, aí... fizeram uma plantação de mandioca, fizeram uma plantação grande de mandioca, aí acho que, porque é casarão, né? Entraram na justiça e tentaram tomar o terreno de volta, aí deu pra fazer a escola, não pra fazer isso. Daí entraram, eles quase pegaram de volta, daí fizeram o que? Num fizeram nada, escola mesmo...

Entrevistador: Eu vou agradecer o tempo da senhora, a disposição da senhora de responder as perguntas.

Entrevistado: Porque se for em casos de responder esses negócios que eu falei pra você, das terra que tinha aqui, era feito o negócio aqui, era bem feito. Nois tinha água de poço, era tudo isso, às vezes é bom água de mina, é, água encanada veio bem depois e era raro quando tinha água corrente, não vinha água todo dia. Nós tinha o Itau, ali foi meu pai que ajudou a fazer e a escola também, foi meu pai que ajudou a fazer. E ali que ele tornou cervejeiro, ele trabalhou o resto da vida dele ali, da vida não, ele tá vivo ainda. Ele trabalhou na Skol, e foi de lá que ele conseguiu o que ele tem hoje, né? Ele tem essa casa que ele me cede, tem uma outra que meu irmão mora e tem a do Eucalipto que ele deu pra minha filha. Mas aqui, sei lá, quando a gente é criança tudo é bom, tudo é festa, né? E aqui aonde se ia tinha um pé de laranja, café, milho, manga... ali onde era o postinho, eu ia falar isso pra você, eu tava falando do (*suprimido*) enfermeiro, ele é uma ótima pessoa, eu falei pra ele eu nasci e criei aqui, né? Eu falei (*suprimido*), aqui onde é esse posto era tudo campo, tudo sem agrotóxico. Quando tinha a universidade lá em cima era só Jaboticabal, quando resolvia que perdia muito, ele pegava e abria pro povo pra pegar, né? Olha, mas era bom, nós num comprava frango, né? Aqueles lado da universidade era tudo granja, nós ia tudo junto quando era criança, fora os ovo, né? Aquilo dali era festa pra nois, era muito gostoso aquela época, era muito bom. Eu passei muito medo também na época, quando acabou a linha, porque eu tinha a minha menina pequena, comecei a fazer o tratamento dela, ela num tinha nem dois anos direito, aí às vezes eu tinha que madrugar no ônibus e eu saía de madrugada. Daí eu falava. Deus me ajuda que é só o Senhor, né? Aí eu ia cedinho, aí comecei outra vida de casado, aí eu

comecei, aí veio esse outro fazer tratamento. Era bom num ponto e era ruim no outro e era aquela sofrido, não é fácil não.

Entrevistador: Tá ótimo, eu vou te agradecer. Foi ótimo os detalhes que a senhora colocou.

Entrevistado: Mas é gostoso, na época a gente ia lá pra baixo. Só que aqui como tinha um cafezal e as casa aqui era madeira, dava muito medo de manhã, que tinha sempre um canalha espiando. Meu pai criava uma tia minha e tinha um tio que morava junto também e ele era mais velho que o meu pai. Aí a minha tia, é que era irmã adotiva, né? Ela tava no tanque lavando roupa, era uma loira bonita, de cabelo aqui, né? E ela tava no tanque, aí nois lá dentro da casa, ela começou a gritar, gritar e gritar, meu pai saiu pra fora, todo mundo saiu pra fora e tinha uma pessoa debaixo do café espiando. Aí saiu meu tio com aquele Jeep antigo pra pegar ele, bateram e levaram pra delegacia. As criança que vinha lá de baixo, as vezes pessoas maldosas junto com a mãe, pegava e vinha de bicicleta, subindo de bicicleta, eles pegava empurrava as mãe com as criança. Do nada, só por maldade. Hoje em dia você não pode mais sair pra passear, dançar, porque você leva uma bala ou uma faca, na minha época que eu comecei a sair, era com autorização e um irmão do lado, ou as vezes não, você ia até com as irmãs dele. Mas mesmo assim, aténs disso a gente sai a festa não era essa coisa não, era nas casa das família, só que quando tinha bate-boca era pouca, não tinha esse negócio de faca, não tinha esse negócio de vingança, porque dali dois, três dias, tava tudo junto de novo conversando. Hoje não, hoje você num pode falar um a que você é morto, aí meu filho, é mesmo né mãe? É assim mesmo, hoje você não pode abrir a boca, e as brincadeira era tudo em casa, era totalmente diferente, era saudável. A dona (Entrevistada A), num sei se ela comentou isso, mas eu tive um tio muito violento, foi embora lá pra Sorriso, mas o fio dele que que foi fazer? Morreu, matado lá em Sorriso, mas pegou. Ele tem um legado lá, tem um filho que é ex vereador e tem uma filha que é, negócio assim de criança, ela até ganhou agora, assistente social, num é assistente social, é um negócio lá que ela se tornou. Mas é o que eu tava falando, olha também tem uma coisa, como hoje, num sei se a dona (Entrevistada A) comentou, se ela viu, chegou ver essa briga ou não. Mas era coisa boa, sabe? Eu falo assim, briga, é interessante porque a família do meu pai é negra, bem preta e os irmãos dele são em sete, só homem. E um caçou briga e foi embora, deixou a encrenca pros outros, né? E acho que os outros tava aqui por perto e aí num sei, parece que foi uma coisa que se juntaram naquele dia, né? Por causa de um só, outro pagou pato. Aí juntou todo mundo, foi uma coisa medonha ali na esquina ali, né? Aí a escola num lembro se era de madeira, o cercado da escola era tudo madeira, se num via muro assim, fechando casa. Aí, quando era no outro dia num tinha uma madeira, em lugar nenhum aqui da cerca, mas só que a polícia daquela época sabia que ia demora, aí a hora que um gritava, tá chegando! Sumiu todo mundo. Aí no outro dia tava tudo conversando junto, meu Deus, como pode gente...

Entrevistador: É hoje não tem mais isso, né?

Entrevistado: Não tem, mas olha, era bom viu? E foi logo depois que o Belinate foi candidato, na época o Belinate tava pra ser candidato, né? Eu era criança ainda, eu lembro do José Richa... Criança guarda as coisas, esse homem não faz nada pra gente, ele era prefeito nessa época. Minha mãe chamou, porque na época minha mãe trabalhou na Leal de limpeza, pra você ver, isso daí eu não esqueço, que nem é hoje essas firma de limpeza, ela trabalhou muitos anos e ela conheceu o Álvaro Dias, eu conheci os irmão dele, os primo, que esse um que eu falei pra você que morreu em Sorriso, era braço direito do Álvaro Dias, daquela turminha, né? daquelas turminha dele, dos irmão dele, tudo tranqueira. Aí as minha prima

tudo solteira e o irmão dele é cachorro, safado, num sei se morreu, a minha prima olhou pra cara dele e falou, você num presta, você é que nem seu irmão, que é o Álvaro Dias, e minha mãe chamou ele de porco na cara, porque minha mãe tava limpando o chão do banco e ele é bancário. Aí ele entrou até de barro, aí ele olhou pra cara da minha mãe, minha mãe olhou pra ele e deu uma risada, Aí eu falei, tem que ser porco memo, vive no mato né fia? Daí ele ficou quieto e saiu dando risada, aí eu falei, olha esse trem aonde ele tá. E eu conheci primo, conheci irmão dele, conheci tudo.

Isso que eu ia falar também, naquela época as criança podia tudo trabalhar, porque hoje não pode? Por que tiraram isso? Por isso que tão aí na rua, porque com sete, oito ano meu irmão era engraxate, trazia o dinheirinho dele. Eu e meus irmão pequeno, como eu era menina e não podia trabalhar assim, mas chegava final de semana, meu irmão, esse do meio, ele tinha aqueles carrinho de varal que fazia, meu irmão montou um pra nós, eu e esse um, nós saía pra buscar abacate, osso, qualquer osso, de galinha, de cachorro, nós pegava, porque era dinheiro pra nós nessa época, nois num pedia pra pai e mãe, se nois quisesse alguma coisa nois fazia isso, então nois ajuntava osso, nois ajuntava caco de garrafa, meu já falava, ali é os lixo dos caco, vocês vão de manhã e nois já trazia o carrinho cheio, daí já passava e já vendia, cada um já repartia e pegava o seu. Aquele era o nosso dinheiro e hoje você num pode dar uma caixa de engraxate pra uma criança, é preso. Num pode levar uma criança pra trabalhar junto.

Entrevistador: Tá ótimo, eu vou deixar a senhora fazer seu almoço que já vai dar onze horas.

Entrevistado: Já? Mais tava gostoso a nossa conversa.

Entrevistador: Tava sim, eu tava até falando pra dona (Entrevistada A), eu moro em Presidente Prudente, minha faculdade é lá, né? Mas talvez eu volte em fevereiro pra fazer uns trabalhos com o pessoal da UBS, se eu vier, eu passo aqui pra gente tomar um café. Daí eu venho com calma. Brigado viu dona (Entrevistada B).

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: LONDRINA - Entrevista C

Entrevistador: Eu tô aqui com a dona (Entrevistada C), ela é moradora do bairro, ativista social, ligado às questões da saúde, tem feito um trabalho já árduo desde 2008 de maneira mais intensa e ela vai contar um pouco agora sobre a vida dela, sobre o bairro e sobre o serviço de saúde aqui na região. Dona (Entrevistada C), conta um pouco sobre a sua rotina, o seu cotidiano.

Entrevistado: Bom, a minha rotina... eu moro aqui no bairro desde 1979, estudei, trabalhei numa empresa pública durante 23 anos e meio, depois eu aposentei por invalidez porque eu tenho uma lesão cerebral desde nascença e por devido as cirurgias que eu tenho e outras complicações como artrose, vários problemas em membros inferiores, eu aposentei. Aí, eu veno o meu bairro como um bairro pobre, muitas pessoas precisando de muita coisa aqui no bairro que não tinha uma liderança, eu vi que o posto em primeira mão era o mais necessário. Aí eu juntamente com algumas pessoas do bairro, conversei e começamos essa luta, pela nossa construção de uma nova UBS, porque a nossa tava precária, pra atender nossa população. Porque tinha médico? Tinha. Tinha remédio? Tinha. Tinha ótimos enfermeiros para atender? Sim. Mas as condições físicas do ambiente não suportavam mais aquilo. Então, eu procurei o Ministério Público, vereadores da cidade e o Ministério Público veio e interditou o local. Interditou e nós fomos ser atendidos em outro bairro próximo, em uma outra unidade. Só que durante esse período, as coisas acontecem muito morosamente, que que acontece? Entrou prefeito, saiu prefeito, arquivaram o projeto depois de tudo pronto e nada foi feito. Quando esse outro prefeito atual, que é o Marcelo Belinati assumiu, fomos conversar com ele, ele disse que ia nos dar um apoio para a construção da unidade e realmente ele cumpriu com a palavra dele. A unidade hoje, o terreno está limpo, pronto pra começar a obra e o que que acontece? A obra vai ser iniciada já no próximo mês de fevereiro, pra atender a população da maneira como ela merece. Mas existe ainda muita coisa a ser feita, melhora o atendimento médico, os médicos investigar melhor a saúde da população, enfim, precisa de muita coisa e eu considero isso como um avanço, porque pra pegar uma unidade que ela não tinha, o terreno não era de ninguém, não era da prefeitura, não era do município, não era dos primeiros donos e até chegar num consenso e colocar isso num papel e registrar na Secretaria da Saúde, então foi um avanço, uma vitória.

Entrevistador: Ótimo, agora me conta da sua vida pessoal, como é a dinâmica na sua casa, o que você faz durante a semana, seus filhos...

Entrevistado: Na minha casa, a minha rotina hoje ela é mais voltada pra comunidade mesmo, mas na minha casa mora eu, minha filha, um companheiro e eu tenho um irmão adotivo que fica bastante aqui também. A gente tem uma rotina tranquila, a gente procura reciclar os produtos recicláveis da maneira correta é, não deixar água parada, ensino sempre isso pra minha filha desde pequena, pra ela já ter uma conduta no futuro de que tem que ser assim, é uma regra e procurar fazer o bem também pela comunidade, porque a gente tá aqui nessa terra, pra gente fazer uma missão e a missão da gente é essa. Então, na minha casa é uma rotina tranquila, minha filha estuda, trabalha, tem uma cabeça boa pra... nessa maneira de reciclar a coisa, que o ambiente tem que tá limpo, que a dengue existe, é por aí.

Entrevistador: Me conta um pouco, você faz algum tratamento hoje?

Entrevistado: Hoje eu faço um tratamento de fisioterapia, já tô na fila do SUS faz mais de um ano esperando as fisioterapias chegarem e é só, porque o meu caso é irreversível, não

tem retorno, você não pode deixar estacionado, tem que praticar exercício pra não piorar. Mas aquilo que já perdeu, que nem joelho, membros, não volta mais.

Entrevistador: Você faz algum tratamento pra diabete, hipertensão, cardíaco?

Entrevistado: É, eu tomo remédio pra hipertensão porque até quando meus pais eram vivos, eu não tinha nada disso, depois eu passei por um período que os dois ficaram doentes e os dois faleceram e por eu já ter um histórico na família de pressão alta, eu também adquiri isso e hoje eu tomo só um remédio pra pressão alta.

Entrevistador: Esse remédio você consegue pegar no posto?

Entrevistado: Eu pego na UBS.

Entrevistador: Então, no seu caso você não tem gasto nenhum com medicamento hoje?

Entrevistado: Não, no momento ainda não. Todo remédio que eu preciso eu vou na UBS e consigo lá.

Entrevistador: Seu companheiro faz uso de alguma medicação?

Entrevistado: Faz de pressão alta também.

Entrevistador: Mas ele também pega no posto?

Entrevistado: Pega no posto e a minha filha tem uma saúde boa, então até o momento não utiliza o posto pra pega remédio não.

Entrevistador: Entendi, me conta um pouco como foi a sua infância, como foi crescer aqui no bairro.

Entrevistado: Ah, crescer aqui no bairro foi tranquilo, apesar das minhas limitações, porque foi bom porque eu conhecia todo mundo, tanto no Pindorama como no Fraternidade porque era o caminho que eu ia pra igreja e a gente, quando a gente vai numa comunidade, numa paróquia, você acaba conhecendo todo mundo e eu sempre fui muito comunicativa, tal. Então, foi uma coisa bem tranquila, antes eu tinha mais facilidade pra caminhar, então eu caminhava tudo aquilo ali a pé, sozinha e com o apoio de uma bengala. Hoje é mais difícil. Hoje, se eu tiver que ir lá na igreja, eu tenho que ir de carro ou de algum outro meio, mas eu não vou mais a pé, como eu ia antes.

Entrevistador: Seus pais trabalhavam com o quê?

Entrevistado: A minha mãe era dona de casa e o meu pai era ensacador.

Entrevistador: Vocês em algum momento passaram necessidade?

Entrevistado: Sim, quando a gente era pequeno, eu e meu irmão a gente...

Entrevistador: Você são só em dois?

Entrevistado: É, eu e meu irmão. Eu de sangue e meu irmão adotivo, que é registrado no mesmo nome da família, é filho, né? Ah, passamos a dificuldade que eu acho que toda família passa, sempre tem os probleminhas. Mas meu pai nunca deixou faltar nada, sempre ensinou a gente a ser pessoas de bem, a lutar pelas nossas coisas, a lutar pelo próximo se precisar. Então, a gente já tem isso no sangue, de ajudar quem precisa, vamo vê, tá precisando tal coisa em tal lugar, vamo mexer, vê se a gente tem mais conhecimento que ele e talvez a gente consegue. A gente sempre teve essa linha de pensamento.

Entrevistador: Me conta um pouco como é hoje o Fraternidade, o bairro.

Entrevistado: O bairro hoje, ele melhorou em algumas coisas. Porque a gente sabe que é próximo shopping, da rodoviária, tinha antigamente mais droga, sabe? Tinha mais traficante no caso. Hoje não. Existe a droga? Existe, mas aqui o Pindorama hoje ele é tranquilo, no começo ele era bem tumultuado com relação a isso.

Entrevistador: Isso a quanto tempo atrás?

Entrevistado: Uns doze anos atrás as coisas eram bem pior, sabe? Hoje existe, mas não é como era, antes eu ia trabalhar e era a noite inteira eles ali no portão de casa, você tinha que passar pra trabalhar e falar bom dia e num brigar, num falar nada e muitos que eram traficante aqui morreram, aqui do lado da minha casa inclusive há dois anos atrás as coisas eram terríveis... eles desciam da mata do Marco Zero pra cá e compravam droga. Tinha briga, tinha tiroteio. Hoje não, hoje é tranquilo. Só que toda vida eu e meu irmão, as pessoas de bem que moram aqui, elas podem sair, elas podem voltar que nunca acontecia nada, cada um... a gente sabia quem eles eram, o que eles faziam e eles sabiam da gente e cada um fazia o seu papel. Agora nós temos aqui o Marco Zero que é uma questão também que precisa ser cuidado, precisa ser verificado, porque é muito lixo jogado ali, é camisinha, é seringa, muita droga, sabe? Então já é outra questão, que assim que quando terminar a questão do posto é outra questão que nós vamos mexer. Até já tivemos um contato com o pessoal do shopping, que houve uma conversa de que o shopping, era deles, pra eles administrarem essa parte, então nós tivemos uma reunião semana passada com os diretores do shopping e eles alegaram que não, que não é eles que cuidam dali, que pra eles também seria interessante que cuidasse, que abrisse um bosque, que tivesse um guarda municipal, que fizesse a segurança do próprio shopping e das pessoas que vão comprar. Pra evitar assalto, essas coisas e agora, nós vamos dia 04 de fevereiro ter uma reunião com um vereador, ele vai pedir explicações da prefeitura, pra ver quem que é o responsável pela área, pelo Marco Zero, pra gente tomar atitude e cuidar também.

Entrevistador: É, porque é muito triste, de fato é o local que a cidade começou, né? Os primeiros pioneiros.

Entrevistado: Sim e tem um lado da mata, do Marco Zero que você pode explorar, a outra parte não porque é mata nativa. Mas mesmo assim, independente de ser mata nativa ou não, tem que ter uma segurança pra população e num tem.

Entrevistador: E como é que era antes? Quando você, você mora nessa casa tem quanto tempo?

Entrevistado: Nessa casa aqui eu tenho 17 anos, porque minha filha já veio pra cá com um aninho. Na outra casa de baixo, que é na mesma rua, eu tô ali desde os 09 anos de idade.

Entrevistador: Me conta um pouco como era o bairro nessa época.

Entrevistado: Nessa época o bairro, na verdade num tinha nada. Quando a gente mudou aqui pro conjunto, a rua era uma cratera aberta, tinha que sair lá na beira do asfalto com criança no colo pra poder pegar um condução, se precisasse ir pro hospital, pra UBS, tinha que passar pelo barro, né? Daí depois veio os prefeito e foram arrumando tudo.

Entrevistador: Você lembra quem foi o prefeito que colocou asfalto, água, luz?

Entrevistado: Não, não me lembro. Eu sei que pra resolver a questão da cratera, porque tinha uma manilha embaixo das casas que começou a mexer.

Entrevistador: Quando vocês vieram pra cá, já era bairro ou ainda era uma situação de invasão irregular?

Entrevistado: Não, já era um bairro. Porque já tinha um conjunto já, que era o conjunto, eles falam o Pindorama I. E a gente conseguiu o Pindorama II que é umas casas aqui pra frente, então já tinha.

Entrevistador: Já era um conjunto habitacional, porque anteriormente a isso teve dois processos de, que na época ainda se chamava de desfavelização. Então você já é posterior a esses processos.

Entrevistado: Sim, posterior a isso.

Entrevistador: Você qual foi o ano que você se mudou pra cá?

Entrevistado: Setenta e nove.

Entrevistador: Se eu não me engano foi em setenta e três que esse processo correu, legal. Me conta um pouco então, da questão do serviço de saúde daqui da UBS, hoje Vila Ricardo, que é UBS Vila Ricardo e Fraternidade tão acontecendo no mesmo espaço.

Entrevistado: É, hoje o atendimento em si ele é bom, mas precisa ser melhorado. Os funcionários, os enfermeiros são muito bons pra atender o povo, existiam os médicos bons. O atendimento é bom, mas tem que ser melhorado, eles fazem o possível, porque é dois posto em um, atualmente nós tamo em três posto que tem outro reformando, três em um. E, mais tem coisa que precisa melhorar muito, sabe? O primeiro passo é a população se conscientizar das coisas que, às vezes fazem errado que vai prejudicar ele próprio no futuro, por exemplo, jogar o lixo em qualquer lugar, aí depois vêm a dengue e vai pra própria pessoa, então, a população tem que ter essa conscientização. Porque fazendo isso vai diminuir as pessoas nas UPAs, nos hospitais. E a pessoa pode num tá num primeiro momento procurando um posto de saúde, pra não superlotar a UPA e a pessoa, o próprio cidadão ele num tem essa consciência, ah eu vô lá na UPA, não, ele num para pra pensar, não eu vô lá no meu posto primeiro e de lá eles vão me encaminhar. Porque se ele não ir, por exemplo, numa UPA, agora a tarde e ir no posto primeiro, ele vai deixar de lota a UPA. Aí ele chega lá e a UPA tá lotada, ele mete a boca, ah, mas o secretário da saúde não vê isso, o prefeito não faz isso. Mas o primeiro passo é dele.

Entrevistador: E qual que se acha que seria o caminho pra se resolver isso?

Entrevistado: Conscientização é o primeiro passo, e é a mesma questão da dengue. A dengue tá se espalhando, gripe A se espalhando. É conscientização da população, tem que ter pessoa disponível pra ir nas casas e falar assim, não, isso daí é errado, isso não pode ser assim. Igual já vem, eles visitam as casas, mas tem que ser mais gente, mais equipe, pra todo dia tá ali, olha isso aqui num pode. A água do cachorrinho num pode ficar pra amanhã, tem que jogar fora e amanhã você põe de novo... Até que o povo tenha consciência de que as coisas tem que funcionar desse jeito, porque a gente sabe que tem muita gente que, tem países aí que o povo num joga uma bituca de cigarro no chão, nem papel e no Brasil as coisas é do jeito que é.

Entrevistador: E num é por que eles são melhores que nós, né? É porque eles tiveram um processo de conscientização contínuo, né? E acho que a gente vai entrar num ponto que num é muito o foco, mas acho que vale a pena de você falar um pouco. Como você vê a questão da educação das crianças e adolescentes daqui do bairro?

Entrevistado: Olha, a educação hoje, ela tá cada vez pior, por quê? Porque hoje em dia a mãe cria um filho, ele vai no primeiro aninho, depois falta. Ah, hoje eu quero faltar na escola, deixa faltar o primeiro dia. Ah mãe, posso faltar hoje, deixa faltar o segundo dia e os próprios pais não se preocupam em falar, olha você tem que estudar, porque você tem que ter um futuro melhor, porque você tem que ter um emprego melhor e vai deixando faltar. A mãe tem preguiça de ir em reunião, o pai tem preguiça, tem reunião? É para os outro, não é pra mim não, tenho preguiça pra essas coisas. Eu como professora também que sou, eu já ouvi muita coisa e ouvi muito isso, sabe? Então, é o próprio pai que não incentiva as crianças a ir pra escola, acontece alguma briguinha lá na escola e em vez de ir lá saber por que o filho dele brigou com o outro coleguinha, não... Até vai, mas vai lá pra brigar com o professor. Muitas crianças são agressivas com o professor, o pai vai lá e passa a mão na cabeça da criança. Então, dentro da própria casa, porque tem gente que acha assim, que a escola educa, não? Quem educa é o pai e a mãe. Um exemplo, eu tenho uma filha de dezessete anos que eu criei sozinha, tá? E eu sempre falei pra ela, olha quando você tiver problema na escola, se você tiver certa eu vou lá te defender, mas se você tiver errada, eu vou lá defender o professor. Então, o brasileiro não tem essa conscientização e cada dia o ensino tá ficando pior, porque os pais têm preguiça de mandar os filhos pra escola. Eu vejo mães aí, que têm quatro, cinco filhos, que é outra coisa também que a saúde deveria ver, um planejamento familiar. Você não tem. Mas o que que o povo faz hoje, eles querem ter cinco filhos, porque ele quer ter bolsa família, esse negócio de bolsa família, vale gás, é errado isso daí. Tem que ter o NIS, tem que ajudar, mas tem que planejar direito esse negócio aí, não é pra qualquer um. Tem gente aqui na vila, no conjunto, que recebe bolsa família e não limpa uma casa pra ninguém pra ganhar por dia, prefere sentar no meio fio, pra depois no dia de receber bolsa família, recebe e vai usar, tomar cerveja, gastar o dinheiro e tudo certo. Ah, e mês que vêm tem de novo, agora têm até décimo terceiro de bolsa família, então, o próprio presidente, começa lá em cima, que tem que conscientizar essas coisas. Porque se não, não vai melhorar e é cada vez pior a educação vai ficar.

Entrevistador: Conta um pouco pra mim, sobre o processo de conquista da reconstrução da UBS, você como ativista dessa área, talvez tenha alguma história importante pra contar.

Entrevistado: A UBS Fraternidade ela é histórica, porque ela foi a primeira unidade do Brasil, tá. Foi a primeira unidade de Londrina, então ela é uma história. Tanto que no início falaram pra mim que não ia ter como você fazer nada, porque é terra tombada. É um patrimônio histórico, num dá pra derrubar. Daí eu comecei, não, aonde que nós vê isso? Eu vê os papel, eu quero lê. Daí num tinha nada disso, aí depois que viram que num era nada disso, mais e o terreno? De quem que é? Num tinha dono, não tava no nome da saúde, não tava no nome da prefeitura, não tava no nome de ninguém. Nem dos alemão que morou ali. Aí fomo atrás de prefeito, olha precisa passar pra saúde esse terreno, num pode não ser de ninguém, é da UEL? Não, não é da UEL. Aí fomo lá, registramos em cartório e eu acompanhei todo o processo, porque eu fiquei em cima dos prefeito, dos secretário pra ver se ia registrar mesmo. Até que registrou pra Secretaria da Saúde mesmo, o terreno e aí a gente foi lutando, lutando e o povo colaborando, o povo ajudando muito nas passeatas, nas manifestações. Olha, o prefeito não tá respondendo as nossas mensagens, que a gente está mandando, não tá atendendo a gente. Vamo parar o posto. Ah, mas será que ele vem? Vem, porque o posto tá parado, se ficar duas horas aqui na frente fazendo barulho, alguém vai vir atender a gente e assim foi feito. A população tem que ter uma conscientização de uma coisa, a população tem força. Só que tem muita gente que tem preguiça de ir atrás dos direitos dela. Aí depois na hora de votar, não vota, vota errado, vota em qualquer um ou não vota. Aí não tem direito de

cobrar, o brasileiro tem que ter conscientização, a partir do momento que você depositou seu voto numa urna, você tem o direito de cobrar, porque você tem força praquilo ali. Então, o brasileiro tem que ter a noção dessas coisas, por isso que em muitas cidades existe alagamentos em tempos de temporais, porque o povo não corre atrás. O prefeito faz lá de qualquer jeito, o presidente manda um dinheiro e usa de qualquer forma e tem lugares aí, no próprio Nordeste que começaram uma UBS lá e nunca terminaram porque ninguém nunca foi atrás. Eu já vi isso na televisão, então, a gente tem que saber que a população tem força, basta querer, ter um pouquinho de força de vontade e alguém que empurra eles pra fazer alguma coisa.

Entrevistador: É, eu acho que muito do que aparece na sua fala, é a participação popular ela é um cerne da mudança, né?

Entrevistado: Sim, é o cerne da mudança, é a população. Mas a primeira, a população tinha que se conscientizar de que o voto dele é válido, ele precisa lutar por aquilo ali, porque se ele não lutar não vêm na porta dele, não vai melhorar, tá. Em todos os aspectos, na questão da dengue, na questão de remédio na unidade, médico. O médico não atendeu direito? Vai lá procurar seu direito, olha ele não me atendeu direito e eu quero ser atendido de novo por outro. A pessoa pode falar isso, pode fazer isso, mas ele não fala, ele sai dali, chega lá e reclama na casa, é errado isso daí. Cada um tem seu direito e o cidadão brasileiro ele tem o direito dele, só que ele não sabe usar.

Entrevistador: Tá ótimo. Muito obrigado.

Entrevistado: De nada

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: LONDRINA - Entrevista D

Entrevistador: Eu queria que você me contasse um pouco como é a sua rotina hoje, o que você faz no seu dia-a-dia, quem mora com você, quais são suas atividades, o que você faz na sua semana.

Entrevistado: Olha, eu no momento, eu estou aposentada, né? E eu cuido dos meus pais. Então, tanto que aqui, essa residência é deles e eu cuido deles porquê... eu já desde quando eu me aposentei em noventa e sete, que eu já vinha vindo fazer, dá umas ajudas, né? Eles já eram idosos. E aí nos últimos três anos que a minha mãe teve, fez cinco anos atrás que a minha fez duas pontes de safena, depois caiu e bateu a cabeça e ficou em coma, tá? Vegetou, então, precisou colocar válvula na cabeça dela, ela ficou na cadeira de rodas, ficou sem fala, sem andar. Agora, graças a Deus, ela tá andano tudo. E eu tive essa ajuda muito grande, principalmente depois de que ela caiu, que eu precisei da ajuda do posto de saúde. Aí eu tinha os encaminhamento pra fazer, porque ela tava com traqueio no pescoço, esses procedimento de recuperação. Aí tinha o, não sei se você conhece o fisioterapeuta, o *(suprimido)*.

Entrevistador: Não conheço.

Entrevistado: Ele é cego, ele é cego, tava num momento nesse posto aqui. Aí então ele veio e de acordo com os procedimentos que foi a queda da minha mãe, aí ele falou não, tua mãe vai ter que fazer um encaminhamento num lugar que tenha fono, tenha tudo. Aí me encaminhou, na clínica da Dra. *(suprimido)*, fisioterapeuta. Então, onde que a gente pegou todos os procedimentos e ela num andava e num falava, voltou ao normal, graças a Deus. Ela num saía da cadeira de rodas, hoje ela anda, porque eu tive o apoio deles, né?

Entrevistador: Claro. E mora só vocês três aqui?

Entrevistado: Aqui só nós três. De primeiro era só minha mãe e meu pai e o bisneto, Mateus. Agora então, quando eu vim pra cá, então ele voltou pra casa dos pais dele, né?

Entrevistador: E agora vocês tão vocês três.

Entrevistado: E eu cuido do meu neto, aqui também. De onze anos, mas ele vai pra casa dele, depois a mãe dele vêm busca.

Entrevistador: Ele passa o dia?

Entrevistado: É, porque a minha residência mesmo é ali na Santa Rita, aqui na Fraternidade, acho que dá duas quadras do antigo posto que foi demolido, né?

Entrevistador: No caso, a renda da família vem de onde? Da sua aposentadoria?

Entrevistado: Eu sou aposentada, né? Já desde noventa e sete, de comércio. Agora o meu pai, ele trabalhava de pintor, pagava autônomo e ele se aposentou também como autônomo, né? Então, ele tem o salário dele, um salário mínimo. E depois quando a minha mãe passou dos sessenta e cinco anos e ela ficou doente, tudo, eu consegui o benefício pra ajudar. Porque a gente gasta muito em remédio, em fralda. Os procedimento mudou tudo completamente, de dois salário, um fica pra essas coisa.

Entrevistador: A sua mãe também, ela recebe BPC, então?

Entrevistado: Ela recebe BPC.

Entrevistador: Falando sobre essa questão de gastos médicos, gastos de remédio. Você faz uso de algum medicamento de uso contínuo?

Entrevistado: A minha mãe faz, eu também faço. Eu sou antidepressiva, mas eu consegui pegar pelo SUS. Eu pego tudo pelo SUS, porque eu tive depressão profunda depois que faleceu o meu filho. Quando eu parei de trabalhar já me deu depressão, porque foi uma parada muito rápida. Aí depois o meu filho faleceu em dois mil e sete, eu tive a morte dele, né? Então, eu ficava mais em clínica psiquiátrica do que em casa. Minha mãe me ajudou muito e agora tá na hora de ajudar.

Entrevistador: Sua mãe faz uso de quais remédios? Remédio pra que, na verdade?

Entrevistado: Minha mãe faz uso do remédio do coração. Que ela tem arritmia, como ela tem duas ponte de safena, então praticamente pra cabeça ela não toma nada. Agora, é a pressão alta. E esses remédios aí tem que ser só comprados, é particular.

Entrevistador: Seu pai faz uso de algum remédio?

Entrevistado: Meu pai ele, no momento ele não faz. Mas ele fazia, porque ele tem um pulmão só, já fez cirurgia, já foi retirado.

Entrevistador: E qual foi o problema no pulmão dele?

Entrevistado: Ele, por exemplo, de acordo com o trabalho dele, era pintor, tudo. Às vezes uma queda ou outra, ele teve uma preula em volta do pulmão, então, atrofiou. Então, ele sentia muita dor e pensava que era uma doença pior, e quando tirou, um pulmão dele ficou murcho.

Entrevistador: Então, no caso, ele hoje não faz uso de nada?

Entrevistado: Não, não. Só mesmo é as fraqueza da idade, que ele tem noventa anos, né? Mas como ele tem muita canseira, por causa do pulmão e outra que ele usou muita tinta, né? Solvente então, enfraqueceu mais ainda, né? E as perna, né? Subi e desce escada...

Entrevistador: No caso, você falou da questão das fraldas, dos medicamentos e antes da gente começar a gravar, você contou um pouco sobre a questão de que de vez em quando ter que pagar uma consulta particular, uns exames particulares.

Entrevistado: É, porque... as vezes o prazo que o médico dá, por exemplo, você tem que voltar o exame do coração dela foi feito hoje e tem que voltar... é, eu quero ver ela daqui seis meses. Então, a gente agenda, vai no posto, agenda e aí eles manda pra fila da saúde. Esse prazo, diz que tá muito apurado de médico, muita falta, então, o médico não consegue os encaminhamento, porque lá são muitos pro doutor inaudível do coração, então, ele tem médico já desde o ano retrasado e ele vai atender agora em janeiro e em fevereiro que ele vai atender que marcou seis meses atrás. É muita demora.

Entrevistador: Entendi, as vezes precisa passar por uma consulta particular...

Entrevistado: Então, se acaso ela precisa, porque quando ela precisa não dá. Até eu conseguir. A outra vez passada eu tentei ver na vila da saúde e não consegui. Aí ela tava com muita canseira, falta de ar, tinha feito cirurgia da cabeça, colocado válvula aí. Daí começou a dar problema de pressão alta, aí eu tive que pagar. Então eu paguei a consulta pelo hospital do coração, né? Coloquei o holter, fez vários exames do coração e eu tive que pagar tudo pelo plano. Que não é cem por cento, tem uma participação, né? E quando eu acabei de pagar duas e o médico falou, tal dia você vai ter que voltar. Fui leva o resultado, chegou a cartinha pelo SUS. Daí o dia que eu fui levar o resultado, eu falei pro doutor, olha

chegou a consulta, o senhor vai querer atender minha mãe novamente? Não, a senhora tem que levar, porque eu quero confirmar tudo o que eu tenho aqui no particular, eu quero confirmar lá pelo convênio. Quando fez lá no particular, não deu as arritmia e voltou a dar ali arritmia e ela voltou a fazer o tratamento. Então, volta o remédio pra dar.

Entrevistador: E você estima de gastos com relação a saúde, quanto por mês? Vocês três?

Entrevistado: Por exemplo, o meu é pelo SUS, eu pego o remédio pelo SUS. O dela vai praticamente uns R\$400,00 ou R\$500,00 reais por mês só em remédio.

Entrevistador: Aí mais as fraldas...

Entrevistado: É, mais as fraldas. Mas as fraldas agora ficou controlado de quando eu comecei. Teve um período que ficou mais controlado, ela tá fazendo novamente e eu comecei a controlar novamente. Por isso eu resolvi fazer todos os exames ontem pra ela, né? Tomografia de crânio, tudo, pra vê se a válvula tá tudo ok. E quando eu percebi que começou a urina muito, aí eu cortei o diurético... Então a gente tem que ficar esperto, que idoso do mesmo jeito que tá bonzinho hoje, amanhã você num sabe e fica mais acamado, né?

Entrevistador: Me conta um pouco da história da família. Desde quando você era pequena. O que aconteceu...

Entrevistado: Olha, aqui meu pai teve sete filhos, quatro homem e três mulher.

Entrevistador: Todo mundo estudou?

Entrevistado: Não, estudo mesmo, nem eu tenho. Eu saí da escola com onze anos pra trabalha.

Entrevistador: Você fez até o quarto ano?

Entrevistado: Até o quinto ano, no colégio quando era de madeira ainda.

Entrevistador: Seus irmãos a mesma coisa?

Entrevistado: Meus irmãos, eles fizeram depois que seguiram. Depois que começaram a trabalhar, alguns voltaram. Mas nenhum deles tem faculdade.

Entrevistador: Todo mundo no ensino básico.

Entrevistado: Só concluíram o terceiro ano e cada um fizeram assim... eu tenho um irmão que trabalha na Copel, já aposentou. O outro foi no Senai e fez é... torneiro mecânico, trabalho no torneiro mecânico, se aposentou agora. Agora o outro, ele conseguiu, foi estudando e foi trabalhando num banco e agora ele tem firma de seguros, firma de seguros de carros, moto. Tá trabalhando com seguros, uma corretora. Também tem bastante enfermidade, nossa... Que ele tá tentando passar pra filha dele, porque ele não consegue mais trabalha e ele é novo ainda.

Entrevistador: Ele é mais novo que você?

Entrevistado: Eu sou a terceira e ele já é o penúltimo. Já tá... coluna é uma coisa, que hoje em dia tá todo mundo com esses problema, né?

Entrevistador: Me conta então como é que foi a infância aqui no Fraternidade?

Entrevistado: Fala pra você, a gente era até tranquilo, né? Eu mesmo saía pra rua, voltava a hora que eu queria e era tudo tranquilo. Agora que tá um pouco mais, né?

Entrevistador: Então, e hoje como é que tá?

Entrevistado: Tá mais violento, né? Principalmente aquela mata na parte do Marco Zero. Ali tá cada vez ficando mais feio, mais difícil.

Entrevistador: Aí a senhora chegou a casar?

Entrevistado: Eu... me amiguei, foi onde me amiguei em oitenta e seis, com vinte e oito anos. Eu nunca parei de trabalhar, né? Tive dois filhos, um eu tive em oitenta e oito e a minha menina em noventa e um.

Entrevistador: Você ficou com o seu companheiro até quando?

Entrevistado: Nove anos, até noventa e cinco.

Entrevistador: E aí depois você seguiu criando seus filhos sozinha?

Entrevistado: Isso, porque eu trabalhava no mesmo emprego, né? Comecei a trabalhar com doze anos. Trabalhei na Padaria Central e saí de lá já...

Entrevistador: E como foi criar seus filhos na década de noventa aqui no Fraternidade?

Entrevistado: Olha, até o meu filho ter uma idade dos quinze ou quatorze anos era mais calmo. Depois... que começou a ficar mais violento, droga, tráfico, Pindorama e Fraternidade.

Entrevistador: Na época a violência tava mais no Pindorama?

Entrevistado: Tava mais no Pindorama.

Entrevistador: Se tava me contando que o seu filho foi assassinado, né? Você se importa de contar um pouco como foi essa história?

Entrevistado: Não, ele foi... ele faleceu no dia quinze de abril, ele tinha dezoito anos. A carteira dele, eu emplaquei a moto dele dia quinze de fevereiro e ele faleceu quinze de abril. A carteira dele chegou quinze de março.

Entrevistador: Misericórdia... E como foi a...

Entrevistado: Olha, ele saiu de casa, pegou a moto. Falou pra mim que ia no shopping que tinha ali, agora construíram um condomínio ali no Jorge Cazoni com a Caraíbas. Ali era negócio de entrada na Cyber, aí ele chegou ali na Cyber, conversando com os colegas dele, ele parou a moto, colocou o capacete na cabeça e aí perdeu, perdeu. A hora que ele foi descer da moto, acho que o cara assustou e puxou um gatilho bem na frente dele, aqui no lado.

Entrevistador: Ah, então foi um latrocínio, roubo seguido de morte.

Entrevistado: Foi, pegou bem na frente e teve um só, um tiro só. Foi no dia onze de abril e ele faleceu no dia quinze de abril.

Entrevistador: E no caso a irmã dele?

Entrevistado: Minha filha tava com quinze anos e ele com dezoito. Aí ela tava namorando, o namorado já não queria deixar a gente sozinha. Aí eu já não tinha condições de casar, nessa idade e aí ela pegou e veio morar, aí eu peguei e trouxe o rapaz pra morar aqui com a gente. Ele morou nove anos e aí depois não deu certo, já faz três anos, quatro anos que eles tão separados.

Entrevistador: E é o pai do seu neto?

Entrevistado: É, é o pai do meu neto.

Entrevistador: E hoje sua filha mora na casa que você morava?

Entrevistado: Hoje ela mora na minha casa, que toda vida ela morou na minha casa e ela tá fazendo faculdade. Tá fazendo administração na, aí, ali perto do terminal, na Unopar. Ela vai toda quarta-feira, as notas dela são excelentes.

Entrevistador: Ela trabalha com o que, hoje?

Entrevistado: Ela trabalha com, olha ela fez Epesmel quando ela era de menor, depois quando ela concluiu o Epesmel que tavam arrumando um serviço pra ela na Unimed de secretária, na parte administrativa, né? Aí ela viu que ela tava grávida e aí eu falei não, você vai ganhar o teu filho e depois você vai arrumar serviço. Aí depois ela arrumou na... aí, acho que foi na Vivo, ela trabalhou na Vivo, depois trabalhou de secretária de dentista, depois trabalhou na lotérica, tudo assim, sempre procurando um salário melhor, né? Aí foi quando minha mãe fez a cirurgia do coração e ela falou mãe, eu vou ficar cuidando do menino e a senhora vai ficar cuidando da vó. Foi aonde chamaram ela pra trabalhar na Pro-Onco pra substituir uma pessoa lá, que nem se tivesse trinta dias pra dá uma mão e ela vai fazer cinco anos lá.

Entrevistador: Entendi, que bom. Me conta, tenta me detalhar mais a transformação do bairro. Por exemplo, você consegue lembrar como era o bairro, o que não tinha que tem hoje? Questão de estrutura.

Entrevistado: Eu vou te falar, a estrutura do bairro toda vida foi a mesma coisa, nunca teve nada pra dar um suporte melhor pra vila, pra comunidade. Nunca teve um suporte melhor, o posto toda a vida foi aquele, reformava na madeira, continuava na madeira. Até que falaram que tinha cupim, que tinha isso, que tinha aquilo, que precisava ser demolido pra gente poder reconstruir. E nesse reconstruir, ficou seis anos e aí mais ou menos uns dois anos atrás, vieram da prefeitura, fizeram uma reunião no salão da igreja e pra toma uma decisão que já tinha dinheiro, já tinha verba, já tinha planta, tinha tudo. Agora acho que essa outra é nova a planta, tinha toda uma estrutura pra fazer, já era no outro mandato de um outro prefeito. Aí nessa estrutura tudo o que ia fazer, ia mexer, comparecer isso e aquilo, o povão queria o posto de todo o jeito, aí a pessoa que veio decidir ali da Secretaria, falou, a única coisa que nós podemos fazer pra tirar vocês do Vila Ricardo, seria se vocês tivessem disposto a conseguir arrumar uma casa, nois mobilha, nois arruma a casa. Só que a casa tem que ter tantos banheiro e isso e aquilo, pra ter uma estrutura pra ficar ali até nois construir. Aí começaram aquela discussão, faz isso, não faz, o que vai fazer? E ninguém concorda, você sabe como é que é uma reunião assim, né? Eu dei a minha ideia, foi onde eles acharam que a minha ideia tava boa, eu falei, o dinheiro que você vão ter que arrumar a casa, com todas essas estrutura, pra vocês construí essa casa, adapta pra ginecologista, pra sala de soro, sala de vacina, pra sala de tudo, o dinheiro que vocês vão investir nisso daí, eu na minha opinião, vocês catava essa verba, nois guentaria mais um ano que vocês tão falando que vai fazer esse posto, pra quê que vai aluga uma casa um ano, dois ano, se vocês vão fazer e nós guenta mais um pouco lá. Mais foi onde levou mais dois ano, sabe? E a (Entrevistada C) é trabalhadeira, a (Entrevistada C) que é a representante do bairro, que toda a vida ela lutou por nós, ela é minha amiga. Mas o que ela corria atrás e ela falou, (Entrevistada D), agora nós vamos ter que lutar no Marco Zero. Olha, eu vou atrás desse Marco zero, pra ver de quem que é, porque a prefeitura não é a dona do Marco Zero.

Entrevistador: É, eu não sabia disso, achava que era um terreno público.

Entrevistado: É, mais aí o prefeito queria saber, no dia que teve, que ele veio assinar, né? Ele assinou que o posto vai sair, tanto ele falou o posto vai sair, o SAMU vai sair, vai ter até helicóptero que vai sair dali pra ajudar a comunidade melhor. Aquela região nossa ali que vai cair ali do Marco Zero até no shopping ele vai ter um outro tipo de uso, vai ter um monte coisa, né? Agora nós tá querendo saber se vai sair do papel.

Entrevistador: É, precisa ficar e cima, porque é uma necessidade. Um dos motivos de eu ter escolhido aqui foi exatamente isso. Porque é inconcebível uma comunidade carente não ter um postinho de saúde. O condomínio fechado não ter, não faz falta, mas uma comunidade carente precisa ter um postinho. Precisa ter um postinho aberto, funcionando e com funcionário suficiente pra atender.

Entrevistado: Ele diz que o prefeito falou que já tem duzentos médicos e que vai contratar mais um tanto, que na hora que sair esse posto, vai ter um visual, uma iluminação, porque a iluminação pra essa reunião nunca foi boa. Se você fechar os olhos com uma luz acesa, você enxerga muito mais que eles com todas as luzes acesas, a escuridão na rua.

Entrevistador: É, e aí a violência aumenta.

Entrevistado: Porque quando eu trabalhei eu vinha duma região mais longe, por exemplo, descia tudo isso aqui sozinho e não tinha problema, não tinha perigo, o mercado fechava até às dez e saía onze horas e chegava aqui meia noite, eu não tinha medo. Não era tanto pela iluminação, era pela segurança também, mas como foi crescendo, foi aumentando a violência... Eu sei que tudo cresce, tudo tem que aumentar, mas também a melhoria também tem que acompanhar.

Entrevistador: É, tem que acompanhar pra não descambar, né? Pra coisa não...

Entrevistado: Igual eu falei pra você, eu falei, já que vai ficar dois anos sem posto, vocês não precisa alugar casa, vai arrumar essa região aqui, quando fizer esse posto, tem aquela quadra que ficava lá, eles arrumava aquela quadra de esporte, o pátio quebrava, arrumava, quebrava, arrumava a tela, pedia lá pra pessoa o gol, tudo ficava bonito, com carinho e o povo detonava tudo... Ah, um buraco aqui e outro buraco ali, porque tinha cadeado. Então, quando for fazer uma coisa, fazer um negócio com uma estrutura que dê uma segurança, né? Que conserve também, pra não ficar consertando toda hora, igual esses posto tá ficando, gastando atoa. E que dê, nessa região aqui, eu vou falar uma coisa pra você, existe muito idoso, a maioria já tá na faixa de ficar igual, como o diz o presidente, né? Noventa e nove por cento vai ser só idoso ultimamente, aposentado, tá envelhecendo, né? Porque os novos estão morrendo novo e os meia idade, tá vivendo até cem anos. Você tá entendendo? Ele tem que ter essa estrutura, aí o posto de saúde sendo do jeito que ele tá, a gente aguarda, vocês fazem uma coisa melhor, não precisa mais ser no salão da igreja fazer exercício, ginástica, tem terreno suficiente... Faz ali, de vez o povo atravessa aqui na, aqui tem a santa aqui na rua Ceará que tem o negócio de exercício, caminhada. Ali perto da rodoviária também tem uma academia, faz uma coisa melhor.

Entrevistador: Faz uma academia do lado da UBS, por exemplo, né? Agora eu queria que você me contasse um pouco sobre o serviço de saúde. O posto de saúde hoje como é? Os desafios, quais são? Os problemas? O que você acha que com a construção de imediato já vai mudar e o que ainda, mesmo com o prédio novo, precisa ficar em cima pra que melhore?

Entrevistado: É, os médicos, né? É os médicos, tem que ter mais médicos, o horário deles não é um horário ruim, porque começa das sete da manhã às sete da noite, né? Não é um

lugar que você precisa ficar de vinte e quatro horas, mais que tenha mais médico o dia inteiro, pra quando a gente precisar e não precisa fica procurando em outros lugares, se não a gente tem que ficar chamando a UPA, né? Tem que ir na UPA e tem que chamar o SAMU, porque não tem jeito, falta médico, né?

Entrevistador: E você acha que aonde tem o atendimento hoje, você tava comentando comigo que quando os seus pais precisam, uma médica faz atendimento domiciliar.

Entrevistado: Faz, doutora (*suprimido*) vem aqui.

Entrevistador: Que que você acha da doutora (*suprimido*)?

Entrevistado: Eu acho ótima, acho muito atenciosa. Eles vêm aqui, eles faz os exames, faz tudo. Porque eu conheço muitos das enfermeiras eu conheço desde que era do posto que demoliu aqui, que estão lá, a (*suprimido*) dá muita assistência pra gente, são os mais antigo, né?

Entrevistador: E agora num ponto de vista geral, você olha assim pras pessoas que você convive aqui no bairro, como você acha que é a condição de vida da população?

Entrevistado: É pobre.

Entrevistador: Mas muito pobre?

Entrevistado: Olha, eu vou falar pra você, aqui o nível dessa região aqui, por ser assim, Fraternidade, Pindorama, já foi uma estrutura que já veio, foi uma localização que os mais pobres eu não vou dizer, porque existe muitos, né? Mas essa região assim, são tudo de classe média.

Entrevistador: Ah, é? Aqui?

Entrevistado: É, é, eles não são de classe rica não. Precisa muito do posto, essa região aqui precisa muito do posto, precisa muito de bom médico pra dá assistência, pra ajuda o povo daqui. Apesar que têm tantos lugares precisando também, né?

Entrevistador: Não, mas é exatamente por isso que a gente precisa focar nas políticas públicas, porque é uma necessidade da população em geral. Na verdade são poucos que não precisam, né? É um grupo menor que não precisa que o grupo que precisa, então, de fato é uma necessidade. Eu agradeço a sua atenção, era isso. Eu queria que você contasse um pouco a história.

Entrevistado: A gente não vê a hora de sair esse posto.

Entrevistador: Claro, e vai ser muito bom. Eu tô na torcida e de olho pra que saia esse ano ainda. Em dois mil e vinte e um a gente já vai tá com o posto da Vila Fraternidade funcionando.

Entrevistado: Se Deus quiser!

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PRESIDENTE PRUDENTE - Entrevista A

Entrevistador: Então seu (Entrevistado A), a gente já passou o olho sobre o Termo de Consentimento, né? Só pra explicar pro senhor como é que é. A questão da participação da pesquisa, da confidencialidade, o senhor não precisa se preocupar com nenhuma informação que o senhor ceder pra gente. Que o objetivo da pesquisa é analisar as condições de vida e outras questões com relação a estrutura do bairro, o serviço de saúde. Então, pra começar, eu queria que o senhor me contasse um pouco do seu cotidiano. Como é que é o seu dia-a-dia? O que o senhor faz da vida?

Entrevistado: Bom, você mora aqui?

Entrevistador: Moro.

Entrevistado: Até um dia desses eu trabalhava no Camelódromo. Mesmo sendo aposentado, mas trabalhei sempre no Camelódromo. Aí com essa mudança, eu até decidi, chega, eu tô de saco cheio disso. Se eu não arrumei nada até agora, trabalhar pra quê? Então, até um dia desses eu trabalhava no Camelódromo. Mesmo aposentado, mas sempre trabalhando, eu gosto de trabalhar. Mas, e no mais, a minha vida cotidiana hoje é em casa, só eu e a véia. Tem um rapaz que mora com nós, que era casado, um casamento doido aí e acabou voltando pra casa. Ele trabalha num serviço que eu nem sei falar, essas coisas quem tem na rua assim, ele mexe com isso aí. E no mais é eu e a véia em casa.

Entrevistador: Tá, e o que o senhor faz durante a sua semana?

Entrevistado: Nada.

Entrevistador: O senhor tem alguma atividade?

Entrevistado: Não, não tenho nada. Depois da atividade lá, aí acabou. Aí eu não faço nada.

Entrevistador: Nem de lazer? O que o senhor faz durante o dia?

Entrevistado: Nada, aqui em Prudente o lazer aqui é brabo. Quando dá eu faço uma caminhada, quando não dá eu não faço nada. Então, a minha vida agora paro memo de vez.

Entrevistador: Entendi, o senhor fica mais em casa mesmo?

Entrevistado: Eu fico mais em casa.

Entrevistador: O senhor sai pra algum lugar durante a semana?

Entrevistado: Ah, o que eu saio é na cidade. Quando, de vez em quando nois vai em Maringá, porque nois tem uma filha que mora lá, então, a gente sempre tá indo. Inclusive agora esse mês, eu quero vê se eu vou lá, quero fica uns dias lá. No mais é aqui porque não tem outra coisa pra fazer. Você mora aqui, você sabe, aqui não tem onde você ir. A não ser, por exemplo, a doutora (*suprimido*) pediu pra mim i lá no, lá naquele negócio da água lá, como é que chama? Fazer uma carteirinha pra ir lá toma um banho, nada um pouco, disse que é muito bom. Mas nem isso eu faço, eu agora já tô véio, fiquei esmorecido, eu tenho que... Até esses dias eu falei pro meu farmacêutico, ó, eu tenho que toma um remédio aí pra vê se dá uma coragem. Ele falou assim, vem aqui que a gente dá um remédio pra você esperta mais um pouco. Que até ele achou, oh rapaz, você nunca mais veio aqui? Eu falei, rapaz, eu tô ficando véio e tô ficando vagabundo. Agora que eu saí do serviço do Camelódromo, agora que eu não saio mesmo de dentro de casa.

Entrevistador: Mas o senhor num vai numa igreja? Num bar?

Entrevistado: Nós vai na igreja, nois é crente que fala. Então, nois vai na igreja. Bar eu não vô, não bebo. Isso eu...

Entrevistador: Todo o final de semana vocês vão à igreja?

Entrevistado: Todo final de semana nois num vai não, mais nois sempre vai na igreja.

Entrevistador: Entendi, então, me conta um pouco sobre a questão de saúde do senhor. O senhor tava me contando mais cedo que o senhor toma alguns remédios. O senhor toma remédio pra que?

Entrevistado: Rapaiz, eu tomo tanto remédio que eu nem sem pra quê. Deixa eu te mostrar a minha receita aí você vai saber pra quê que eu tomo. Tá aqui, eu tomo tudo isso aqui e mais um pouco. E ainda não tem o Bio-C e o Varfarina ela mudou porque era uma quantidade e ela passou pra outra, daqui só saiu o AS, que ela tirou.

Entrevistador: O senhor toma Losartana, Furosemida, Silvastatina e Omeprazol. Aí tem um...

Entrevistado: O Omeprazol é pra toma só quando tem um problema de estômago essas coisa. Até faz dia que eu não tomo, eu tô bom.

Entrevistador: Isso aqui quem faz o acompanhamento desses remédios com o senhor é a cardiologista, né?

Entrevistado: É, a doutora (*suprimido*), o nome dela aí.

Entrevistador: Então, aí o senhor toma esses remédio tudo de manhã? Como é que é?

Entrevistado: Não, eu tomo, vamo começa cedo. Eu tomo em jejum, que eu fiquei uns dia internado e eu, lá eles dava em jejum, quatro e meia, quatro hora, ela já chegava pra dá o remédio. Eu tomo o Varfarena e o Bio-C, isso em jejum. Aí depois que eu tomo café, que eu tinha acostumado por causa do AS que é bom tomar sempre depois que come alguma coisa, depois que eu tomava café eu tomava o AS, Closemida, Losartana e aí outro aí, nem sei. Aí à noite eu tomo o resto, a noite antes dormi, porque o Antropolol é meio, meio de manhã e à noite eu tomo Varfarina, não, Varfarina não, é negócio é o seguinte, cabeça não tá funcionando mais não.

Entrevistador: Não precisa ficar certinho, não. É só pra gente ter uma noção da sua rotina. E de comida? O que o senhor come?

Entrevistado: Eita, comida é arroz e feijão e...

Entrevistador: Na hora do café da manhã? O que o senhor toma de café da manhã?

Entrevistado: Posso ser franco? No café da manhã, às vezes eu só tomo café. Mas depois, lá pelas nove horas, eu como um pão, quando tem uma fruta, uma fruta. Então, mais geralmente cedo, é difícil eu comer alguma coisa. Um copo de café com leite, já tá bom.

Entrevistador: De almoço, como é que é?

Entrevistado: De almoço o arroz com feijão e uma carninha. Tá meio brabo, mas sempre tem. E uma saladinha. Olha, hoje memo eu fui no mercado ali e truxe um alface, que eu gosto muito de alface, eu falei, então eu trago. A mulher falou, então você vai fazer? Não, que eu num posso come, ainda mais agora dia seis, não é dia vinte e seis que eu tenho que ir no...

Entrevistador: Tá já chegando o dia.

Entrevistado: Tá já chegando de ir lá tira o sangue. Chega lá o médico fala, seu José o senhor fez alguma baianada aqui, né? De primeiro, quando eu comecei a tomar eu fazia, chegava lá ele falava, o senhor fez alguma baianada. Aqui num tá batendo o que eu passei pro senhor, não. O Senhor vai ter que voltar aqui mais cedo. Ó seu (Entrevistado A), o senhor faz o que nois manda, porque o senhor livra de tá vindo aqui. Porque se o senhor não faz, o sangue não tá batendo e a gente aqui sabe. Então o senhor vai ter que vir aqui mais veiz. Aí depois de muito tempo, que isso já faz um tempão, aí eu aprendi. Agora eu num faço, agora eu vô lá cada dois mês, dois mês e meio. Parece que agora deram três mês, noventa dias.

Entrevistador: O senhor janta?

Entrevistado: É muito difícil. Quando eu janto é muito poquinho e memo assim eu ainda tô muito pesado, tinha que tá mais magro. A maior parte dos dia nois num janta.

Entrevistador: Não? Vocês tomam um lanche? Como é que é?

Entrevistado: Come alguma coisa e às vezes não come nada e vai dormi. E eu me sinto bem quando num como nada, se eu como um poquinho de comida, eu sinto que num tá legal.

Entrevistador: O senhor falou que o senhor é aposentado, né? O senhor trabalhava com quê?

Entrevistado: Antes de ser aposentado, toda a vida eu trabalhei de guarda.

Entrevistador: Guarda? Guarda na onde?

Entrevistado: Você conhece Maringá?

Entrevistador: Um pouquinho só, eu morei em Londrina muito tempo.

Entrevistado: Ah, que bom.

Entrevistador: Eu gosto muito de lá.

Entrevistado: Quem num gosta do Paraná, rapaz? Eu, é o seguinte, eu trabalhei aqui na rua, apitando igual um doido uns seis, sete ano. Aí depois minha mulher foi cuida da minha irmã lá em Maringá, esse tempo que eu morava no Cambuci. E lá a minha sobrinha que tomava conta de uma empresa, a OMR, perguntou o que eu fazia aqui. Aí ela falou, seu tio ele fica lá na rua apitando que nem um doido lá, deve ganha bem, porque ele num passa necessidade de nada, eu num passo necessidade de nada, mas o serviço dele é esse. Aí ela falou, não, eu vô buscar ele, eu tô precisando de um guarda aqui na firma, eu vô traze ele pra cá. A senhora topa muda pra cá? Eu arrumo casa e serviço, vocês já vêm sabendo o que vai fazer. Aí ela ligou pra mim, ó, a Selma disse que é pra você vim pra cá, que ela arruma serviço e arruma casa. Você vem pra cá? Claro que eu vou, eu gosto demais de Maringá. Conheci Maringá quando era nova, quando ali o centro, o miolo era tudo terra roxa. Você pega o trem e suja tudo us pé, eu conheci Maringá nessa situação. Aí nós fomos, ficamos oito anos lá em Maringá e lá eu fui trabalhando de guarda, Saí daqui trabalhando e guarda e fui pra lá, então, sempre trabalhei de guarda. Na minha profissional, só tem vigia...

Entrevistador: O senhor trabalhou até que ano? Quando o senhor aposentou? De guarda, né?

Entrevistado: Eu aposentei é... faz dez ano mais ou menos. Eu acho que eu aposentei, é eu aposentei por idade, só que eu trabalhava na época, então, eu tive um poquinho de sorte. Eu

aposentei por idade e um poquinho a mais do que o salário mínimo, mas hoje tá igual o salário mínimo, é a mesma coisa.

Entrevistador: É, num corrige igual, né?

Entrevistado: Então, faz dez ano que eu aposentei... Nós tá em dois mil e vinte, eu aposentei em dois mil e dez.

Entrevistador: E hoje a renda da família do senhor, é a aposentadoria do senhor?

Entrevistado: É a aposentadoria minha e dela, ela conseguiu aposentar. Ela teve um problema faz, já passo aí quinze ano e ela foi aposentada, né? Teve aneurisma e morre num morre, mais num morreu e aposentou.

Entrevistador: E tá aí forte até hoje, graças a Deus.

Entrevistado: Graças a Deus. Mas aí, outro caso complicado, se você soube... Pra você ter uma ideia, o médico fez o atestado de óbito dela. Ele entrou seis hora e ele saía meia-noite e, nós chegemo era umas nove hora, a situação dela era crítica, brava, brava, brava. Ninguém esperava que ela ia sobrevive e o médico falou: - Olha, eu vou dormir e num quero que ninguém me acorde e eu já vou deixar o atestado de óbito pronto porque eu sei que ela num vai aguentar a noite.

Entrevistador: Misericórdia.

Entrevistado: Outro dia ele chegou e ela tava lá, firme e forte. Mesmo em coma profundo e toda entubada, ela ficou quarenta hora em coma profundo, entubada e só respirava e nada mais. Mais num morreu não, graças a Deus. Foi operada aqui, ela tomou vinte e sete pontos na cabeça, foi o (*suprimido*) que operou.

Entrevistador: Ela operou aonde? Na Santa Casa?

Entrevistado: É, na Santa Casa.

Entrevistador: E aí então, hoje a renda do senhor gira em R\$2.000,00 reais?

Entrevistado: A minha renda é dois mil e pouquinho.

Entrevistador: A casa é própria?

Entrevistado: A casa é própria, o barraco é nosso.

Entrevistador: Então dá pra viver uma vidinha tranquila?

Entrevistado: É, num dá pra fazer muita graça. Mais dá pra nois vive, porque meu muleque ainda dá uma força, ajuda nós, então dá pra viver.

Entrevistador: Então, que mora com vocês é um filho do senhor?

Entrevistado: É, têm um filho que mora comigo. Chama (*suprimido*), ele casou, mas depois num deu certo e...

Entrevistador: Ah, ele largou e depois voltou pra cá?

Entrevistado: É, eu num ia deixa ele na rua, né?

Entrevistador: Só vocês três? E o resto dos filhos?

Entrevistado: Só nós três e o resto dos filho, quatro filho. Uma mora nessa casa aqui do lado, trabalha na batata lá no shopping. Têm uma que mora em Maringá, a (*suprimido*) e o (*suprimido*) mora no Anita Tiezzi. Tudo os meus filho é... os dois mexe com a mesma coisa,

negócio de serigrafia, eles são serígrafos os dois. E a minha filha é formada, ela trabalha num escritório de anatomia lá em Maringá, só mexe com defunto. Ela que cuida de um monte de esqueleto e não sei como ela tem coragem de mexe com aquilo lá. E agora ela tá querendo fazer um curso pra... Quando morre um tem que dá o sinal que o cara morreu e ela que fazer isso aí, que fazer esse curso. Esse ano ela quer fazer.

Entrevistador: Pra dá a declaração de óbito, né?

Entrevistado: Isso. Então, e a outra mora aqui comigo do lado, os três filhos mora aqui, só ela que mora lá.

Entrevistador: O senhor estudou?

Entrevistado: Eu fiz o quarto ano na marra

Entrevistador: Até o quarto ano. E a esposa do senhor?

Entrevistado: Ela também tem o diploma de quarto ano.

Entrevistador: E os filhos do senhor estudaram?

Entrevistado: Só a mais que estudou foi a (*suprimido*).

Entrevistador: Ela formou em quê?

Entrevistado: Ela estudou esse negócio que fica aí no meio do mato, como é que fala? É... estuda cobra, essas coisas.

Entrevistador: Biologia?

Entrevistado: É, biologia! Ela se formou em biologia.

Entrevistador: O resto fez o Ensino Médio?

Entrevistado: O resto não fez nada. Um foi até a oitava série, todo mundo estudou, mas todo mundo parou.

Entrevistador: Entendi. Só ela que seguiu até a universidade?

Entrevistado: Graças a Deus e hoje ela tá num serviço bom, trabalha pouco, trabalha... agora ela disse que tá trabalhando muito, seis hora por dia. Antes ela só trabalhava três, ela entrava às seis e saía às nove. Agora não, agora ela entra às cinco e saí às onze. É uma faculdade lá que ela trabalha nesse laboratório, dá aula, porque às vezes é... o pessoal quer sabe pra quê serve isso doutora? Serve pra tal coisa, assim, assim, esse é o serviço dela.

Entrevistador: Entendi. Agora vamos voltar no passado. O senhor nasce aonde?

Entrevistado: Palmeira dos Índios, sabe onde fica?

Entrevistador: Não sei.

Entrevistado: Alagoas.

Entrevistador: No Alagoas? E como que o senhor veio parar aqui?

Entrevistado: Eu não vim pra cá. O casal que me criou, eu sou filho adotivo. Eu nasci em Palmeira dos Índios em 29/06/1944 e uma família me pegou pra criar. E meu pai veio pra cá, pro Estado de São Paulo, foi morar em Bernardes

Esposa do Entrevistado: Esse negócio tá gravando? Tá gravando a voz dele?

Entrevistador: Tá.

Esposa do Entrevistado: Desculpa pergunta. Ocê também me desculpa.

Entrevistador: Não, fica tranquila.

Esposa do Entrevistado: Eu senti ali dentro, que alguma coisa vai acontecer. Pelo amor de Deus, num vai tira o dinheiro nosso não, heim?

Entrevistador: Não, tá tudo certinho. Se a senhora quiser ler o termo aqui...

Esposa do Entrevistado: Nem o meu, nem o dele. Porque acontece de as pessoas vim aqui e quere tira o dinheiro, o pagamento da gente.

Entrevistador: Não, esse estudo é da Unesp.

Entrevistado: Não tem nada a ver com aposentadoria.

Entrevistador: Nem com o postinho tem nada a ver. Eles que indicaram a gente exatamente porque estamos trabalhando junto com eles, na pesquisa do bairro.

Esposa do Entrevistado: Não é dizer que eu sei, é que eu escutei ele falando da minha doença. Mas eu vejo fala, as pessoa, chega na casa da pessoa, envolve a gente e pega e tira um documento da gente.

Entrevistador: Não, não, de jeito nenhum.

Entrevistado: Então aí, meu pai, o velho que me criou, ele veio pra Bernardes primeiro. Daí uns ano que a minha mãe veio. Nó somos, a minha mãe criou uma filha ligítima e depois criou mais três. Criou eu, criou uma irmã minha que mora em Maringá e criou uma que mora em Paranacity, tudo no Paraná. Então, nós tudo fomos criado por esse casal.

Entrevistador: Vocês são irmãos biológicos?

Entrevistado: Sim, somo irmão biológico. Por isso que nós veio para aqui no estado de São Paulo, minha mãe veio encontrar o pai aqui e aqui nós ficamos. Talvez em 48, não 47 porque eu tinha 03 anos.

Entrevistador: O senhor veio pra Prudente quando?

Entrevistado: Pra Prudente nós veio em 1972. É o que eu falei pro cê, quando abriu aqui. Porque quando... Nós morava em Cruzeiro do Sul, eu e o meu sogro, sogro, sogra...

Entrevistador: O senhor casou com quantos anos?

Entrevistado: Eu casei com 25 anos. Casei em 72.

Entrevistador: Ah, o senhor veio pra cá quando casou?

Entrevistado: Eu vim pra cá era casado de novo, acho. Eu casei em 31/12/1970 e eu tinha 25 anos, né? E ela tinha 20, ela é mais nova do que eu 06 anos. Então nós veio pra cá, isso em 72, num sei se é do seu tempo, eu entrei ali na extinta Lótus?

Entrevistador: Num conheço.

Entrevistado: Eu entrei ali dia 15/09/1972 e daí tamo sempre por aqui. Daí nessa época que apareceu o serviço que eu tava na rua e nós fomo pra Maringá. Porque minha mulher num acostumava em Maringá, porque os filho morava pra cá e nós acabamo vindo pra cá. Eu tinha uma casa no Cambuci e comprei lá em Paissandu que é vizinho de Maringá, depois quando veio pra cá vendi lá e comprei aqui.

Entrevistador: Mas aqui era do seu sogro?

Entrevistado: Aqui era do meu sogro, mas ele tinha morrido, a velha também tinha morrido. Isso aqui já tava em dívida em juizado, ninguém queria porque num pagava os imposto e...

Entrevistador: Mas era só o terreno na época?

Entrevistado: Não, já era do jeito que tá aqui. Já tinha essa casa aqui, só num tinha aquela ali. Aí eu falei com um advogado amigo meu, que precisava de um advogado pra falar pro juiz que o negócio já tava na mão do juiz. Aí o advogado pegou e falou não, tem jeito, mais tem que paga. Então deu tudo certo e eu acabei comprando isso aqui. Aqui já fazia nove ano, era quase dez ano, porque era quase 117 mês que num pagava lá. Puxaram lá e tava tudo vermelho, aquele monte de papel dívida. Aí eu consegui compra isso daqui, isso em 2010, foi logo quando eu aposentei, aí eu vim pra cá. Porque eu prometi pra ela que quando eu aposentasse eu vinha pra cá. Aí viemo pra cá e tamo aqui até hoje e daqui só pro cemitério.

Entrevistador: O senhor não volta mais pra Maringá, não?

Entrevistado: Não, eu tenho vontade de voltar, mais já tô muito véio pra tá voltando. Oportunidade tem, né? Vixe, lá eu tenho um monte de sobrinho, tenho a minha irmã, tenho a minha filha. Todo mundo torce pra ir pra lá, mas a gente já tá muito velho e outra, a gente aqui, você sabe, a nossa renda aqui dá pra nós viver. Num precisa tá correndo mais atrás de nada. Então, graças a Deus a gente não tem uma vida tão ruim não.

Entrevistador: E o senhor têm lembrança de como era o bairro aqui, quando o senhor chegou?

Entrevistado: Era igual tá ali, tá vendo? Era cheio de piquete que ia saí uma rua, igual tá ali. Tinha uma rua aqui, aqui num era uma avenida, aqui era uma rua. É, quando meu sogro comprou aqui, o corretor, que já foi também, falou que futuramente aqui vai ter uma avenida e o senhor num vai precisa paga asfalto. Então futuramente aqui vai ter uma avenida e o senhor num vai precisa pagar asfalto, e se o senhor ficar com esse terreno aqui, o senhor já vai ganhar alguma coisa nisso. Que nada, deu tudo errado! Que a avenida saiu depois que Agripino ganhou, já isso agora, recente que abriu essa avenida aí. Foi ele que trouxe asfalto aqui no bairro, então, paguemo aqui e o meu sogro pagou aqui e pagou ali, porque era uma rua, rua... Ah esqueci o nome, depois que o Agripino abriu é que passou o nome de Avenida Zeferino Vaz. Mais daí já tinha pago o asfalto. Então, quando nós mudou aqui num tinha nada, é o que eu tô te falando, era mato, e... meu sogro comprou isso daqui e ele mandou o caminho... ele fez uma casa mais ou menos desse tamanho, mas de tábuas... Então, quando nós mudou aqui o começo de bairro foi assim. E demorou, demorou muito tempo e aí veio a água, depois da água.

Entrevistador: Quanto tempo vocês ficaram sem água?

Entrevistado: Aqui nós ficamo muito tempo sem água, muito tempo porque eu entrei na Lótus, e eu tenho uma menina que é essa (*suprimido*), ela nasce em 28/12/1972 e eu levantava cedo, e eu ia buscar água num poço que tinha aqui embaixo, pra deixar água, ela tava de dieta, era uma casinha ali que tem uma igreja de frente, logo ali, na primeira esquina na parte de lá tem uma casa, aquele terreno era meu, eu morava lá. Mas nesse tempo a Vila Aurélio num tinha nem no mapa, nós fazia uma compra e num vinha, tinha que ir lá busca. Porque num tinha no mapa, isso aqui foi feito clandestinamente... Só depois que o Mauro Bragato entrou na política que ele agilizou, aí esse mato ficou pra prefeitura e a prefeitura agilizou isso aqui.

Entrevistador: Entendi, aí ele regularizou.

Entrevistado: Mas antes ninguém sabia. Aonde cê mora? Na Vila Aurélio. E aonde é que fica? Ah, pra lá no Planalto, mais num tinha nome, então, depois é que foi melhorando, melhorando. Aí depois veio a luz...

Entrevistador: Na época que o senhor mudou pra cá era fossa?

Entrevistado: Era fossa, era fossa. Tinha ...

Entrevistador: E o encanamento chegou quando? O senhor lembra?

Entrevistado: O quê? A água?

Entrevistador: Água e esgoto.

Entrevistado: O esgoto num lembro não, rapaz. Porque depois daqui é o seguinte, depois daqui... eu desgostei daqui, porque você fazia uma compra no seu (*suprimido*), seu (*suprimido*) era ali onde é o Nagai. Daí depois virou Casa Moreira, não, minto, seu (*suprimido*) era em frente à Casa Moreira e o Bragato pertencia a Casa Moreira, então, é... a gente comprava as coisa e num vinha e aí eu desgostei e acabei vendendo e fui morar... eu trabalhava no Tsunaga nessa época, é um cerealista, então, eu arrumei uma casa lá pertinho do serviço e pagava aluguel. Aí depois que a gente já tava estabilizado, era um lugar gostoso, o cara precisou da casa porque a fia dele tava enrolada lá pra São Paulo e o contrato ia vence. Daí ele chegou e falou o senhor é um inquilino muito bom, mas eu vou precisar da casa e aí eu desgostei. Daí eu falei, olha muié, nós vai vende tudo que nós têm e vai comprar outro terreno. Aí comprei outro terreno lá no Parque do Pinheiro, um terrenão ajeitado... Mas depois num gostei de lá e acabei falando pro corretor que ia vender aquilo lá. Quando saí o loteamento por aqui, você fala comigo. Que o dinheiro que eu vende lá eu vô guarda pra compra um terreno por aqui, Mas num tinha que ia ser Cambuci ali, Cambuci ali plantava algodão na época. Aí um dia ele foi na Lótus, eu ainda trabalhava na Lótus e ele falou que ia sair um loteamento pra baixo lá da Vila Aurélio. Você falou que quando saísse um loteamento você queria compra, mas nesse tempo aqui já era estabilizado, já. Tinha água, esgoto, luz...

Entrevistador: Aqui na Vila Aurélio?

Entrevistado: Aí já num tinha aquele problema, compra aqui vinha rapidão porque já tava no mapa. Então aí, mas eu num quis mais morar aqui, eu falei num quero mora na Vila Aurélio mais não. Naquele tempo bandido era o que tinha.

Entrevistador: Aqui tinha muita violência nessa época?

Entrevistado: Tinha muita.

Entrevistador: Mais ouvia falar de morrer gente?

Entrevistado: De vez em quando morria um.

Entrevistador: Mas era o quê? Era briga? Droga? Assalto?

Entrevistado: Era briga. Morreu um cara ali matado de faca. Era do cotidiano ali da droga e a droga tinha acabado de saí... tinha saído o militar e entrado essa... Na época do militar num tinha muita droga, a droga apareceu depois que entro esse negócio de democracia. Daí a droga tomo conta. Tinha muita aqui, aqui era brabo. Hoje em dia não, o pessoal daquela época maior parte já morreu, tem gente que ainda tá preso e eu moro aqui num lugar bão, graças a Deus. Aqui é um lugar bão, lá pra baixo talvez num seja, já num é tão bom quanto aqui. Lá onde mora o (*suprimido*) num é tão bom quanto aqui, num sei se você vai entrevista ele. Ele mora na rua de baixo, (*suprimido*), lá pra baixo, (*suprimido*), foi policial muito tempo

e é um amigão meu, vixe, nós sempre tá junto. E também é um morador véio, só que todo mundo que chegou aqui, chegou depois do meu sogro.

Entrevistador: Seu sogro foi o pioneiro?

Entrevistado: Meu sogro comprou aqui, num tinha nada. É o que eu tô te falando, só tinha mato, mato, mato e mato. Que a Vila Aurélio é o seguinte, é quatro rua. Essa, aquela, depois de muito tempo abriro essa aqui, berano o mato, que o nome da rua é o nome da minha sogra, rua (*suprimido*) e lá embaixo a rua Antônio num sei o quê. Que foi o presidente de bairro muito tempo que teve aqui, então puseram aquela rua o nome dele e depois acabou.

Entrevistador: O nome da rua aqui do lado é da sua sogra?

Entrevistado: É, aqui em cima berano o mato na parte de cima é o nome da minha sogra, (*suprimido*), sai lá embaixo. E tinha isso aqui era o trio, depois que arrumaro o nome aí... Sai lá da Bandeirante, vai até lá. Isso aqui foi asfaltado recentemente, quem asfaltou isso aí foi o Tupã, que aqui era um trio, depois passou uma ruinha e uma estradinha, todo mundo ia trabaia lá em cima e passava por aqui... tudo chão, subida, depois que...

Entrevistador: O dia que chovia, então era difícil?

Entrevistado: Ah, o dia que chuvia era brabo. E tinha um corguinho ali que tinha tempo quando chuvia ele passava por cima do aterro, levava o aterro embora, então isso era constante.

Entrevistador: Você tem alguma foto dessa época?

Entrevistado: Não, num tenho nada. Num tenho foto coisa nenhuma, eu tinha uma foto da Lótus, mas também num sei aonde é que foi para, perdeu.

Entrevistador: Tem alguma história curiosa da época que seus filhos crescendo aqui na região? No bairro?

Entrevistado: Não, num tem não. Assim, de destaque num tem não. Porque aqui só morou gente pobre e toda a vida foi assim e... quando, nessa época eu mudei pra Furquim, eu fiquei longe daqui uns seis anos, mas meu sogro morava aqui, então sempre nós tava aqui, final de ano a gente se juntava aqui... meu sogro gostava muito das coisas de final de ano, então todo final de ano os filho tudo vinha aqui e a gente passava final de ano, Natal, tudo aqui. Mesmo morano lá em coisa, nós... aí quando eu fui pro Paraná, meu sogro adoeceu e logo morreu também. Mais num tem nada de destaque não, teve umas confusão aí, mais coisa rotineira.

Entrevistador: Nenhuma tragédia também não, né?

Entrevistado: Tragédia? Ali no Planalto teve a tragédia do caminhão, caminhão de boia-fria que tombou e matou muita gente, mas num foi aqui, isso já foi no Planalto. E eu tava de férias e quase que eu colhe algodão com esse pessoal, que esse pessoal era da colheita de algodão. Eu trabalhei de 72 à 75 e depois voltei em 80 e saí em 84, já quando todo mundo falava que ia fecha. Nós, eu mesmo já fui mandado embora porque ia fecha. Então, graças a Deus, ali era uma firma excelente, mais fecho. Quando eu saí, dali um ano fecho tudo. Depois abriu de novo, mais torno a fecha, num guento nem um ano.

Entrevistador: Depois que reabriu, né?

Entrevistado: É, depois que reabriu, um ano, uma safra só e já fecho, num deu.

Entrevistador: Lá o senhor fazia o que?

Entrevistado: Eu era conferente, eu trabalhei muito tempo. Depois eu ficava só viajando pra fora, tive a felicidade de conhecer alguns lugares trabalhando aí. Prestando serviço fora, Ribeirão Preto, Tupã, Pompéia, Ponta Porã, Umuarama, tudo eu conheci esse lugar trabalhando na Lótus. Tudo embarcando mamona, recebendo amendoim. Lá me Ponta Porã, lá em Ponta Porã eu fiquei quase três ano. Morava aqui, morava lá no Planalto, lá em cima, mais prestava serviço pra eles lá em Ponta Porã. Esse rolo que tá tendo agora lá, eu sô conhecedor, lá é desse jeito. O que se viu aí nessas briga, lá é desse jeito. Brasileiro lá pra morre é rapidão e eu tive sorte, graças a Deus. Nunca arrumei confusão, mas eu fui ensinado pra mora lá, parece que não e você pode até num acredita mais, eu num sei hoje como é que tá, mas essas morte que nem tá aconteceno, esse pessoal que saíro, que foro solto, eu tenho noção porque eu fiquei lá três ano, então eu sei como é que funciona lá. Lá morre gente que eles num fala, mais na minha época, isso em 81, 82 e 83, morria gente todo dia, na bala, na faca... Bandido contra bandido, a vida lá é essa que você tá vendo aí, deve te assistido esses dias aí, a vida lá é essa. E eu tive a felicidade de ir pra lá, fiquei lá 03 ano, trabalhano lá, ficava 20 dia lá, voltava ficava 05, 06 dia aqui, voltava lá de novo, ficava depois um mês, 40 dia, voltava aqui de novo. Fiquei nessa vida três ano. E graças a Deus nunca arrumei confusão. Mais fui ensinado, lá num sei, num vi, cheguei lá a conversa já tinha acabado, num sei de nada. Num sei e num vi, lá o lema é esse, se for fala tudo que vê, por exemplo, eu embarcava mamona e eu trabalhava só pra uma empresa, Favini Grãos e já saí daqui adestrado. Porque quando foi pra ir pra lá, começaram a roubar mamona no caminho, caminhão saía de lá com um peso e chegava aqui com outro, então tá saindo alguma coisa aqui, ou lá ou cá. E ficou uma coisa sem sabe aonde tava, motorista falava que num era ele, lá falava que num era eles. Então foi feiro um levantamento e coube eu ir pra lá, pesar, faze nota fiscal, tira amostra, né? Era só mamona e eu acabei indo pra lá. Então, pra ir pra lá eu passei numa escola, porque tinha um cara amigo meu, ele era balanceiro e eu fiquei uns três dias mais ele me ensinando como é que era lá. E tudo o que ele me ensino, foi muito mais do que ele me ensino, porque eu já conheci um cara daqui pra lá que ia mata um cara, isso no ônibus que eu tava, na poltrona que eu tava, por aí você vê a minha situação. Sem conhece, eu sabia nada onde era Paraguai, eu ouvia fala em Ponta Porã porque chegava mamona de Ponta Porã. Eu lembro que um dia eu ainda perguntei, aonde que fica isso? Isso aqui fica divisa do Brasil lá no Paraguai. Nunca que eu pensei de ir lá, depois eu fui trabalhando e fui aprendendo. Aprendi analisa mamona, amendoim, essas coisa. Então, quando saiu a bronca, daí o gerente ficou bravo que sumiu 3.000 kg de mamona e aonde tá essa mamona? Quem fico com essa mamona? Foi o caminhoneiro? Ou foi lá no Paraguai? Então, vai ter que ir um conferente pra lá. Pesa o caminhão, tira tara e vê o que tá aconteceno... aí coube pra mim, eu tinha aprendido. Você aprendeu, você vai. E fazer o que? Eu precisava trabalha nesse tempo, minha molecada era tudo pequena, eu tenho quatro filho tudo pequeno, tudo, então vamo lá ué. Então, daqui pra lá no ônibus já fui com um cara mal encarado, eu queria conversar com ele, mas ele num queria conversar comigo. Aí quando chegou em Eptácio eu tava na berada, tava no corredor e ele tava no canto... eu sei que ele me chamo pra tuma um negócio, vamo desce aí moreno? Vamo tuma alguma coisa? Eu falei vamo, porque eu sou bom de arrumar amizade, sabe? Aí nós começemo a conversa e pá e pá, tomemo uma cerveja, eu paguei, num deixei ele paga não e a gente foi conversando. Ele perguntou se eu conhecia lá, eu disse que nunca tinha ido, que tava indo no escuro. Aí começamo a conversar, contei a situação pra ele da mamona, ele falou Paraguai, o cara pra rouba o outro é daqui pra li... Eu falei pra ele que começou mais ou menos um ano essa

putaria de sumi mamona, começou a sumi mamona e então começo a corre boato de que alguém tava robano... aí falaram com o chefe do laboratório, pra ele arruma um cara pra manda pra lá, era pro cara pesa e fazer nota fiscal. Aí o chefe falou, eu num tenho esse cara não e outra, além disso, meus funcionário é contado, eu num posso tira nenhum pra manda pra aí não. Então, sai no pátio que o (*suprimido*) tem muito conferente e o (*suprimido*) pode manda o (*suprimido*), porque o (*suprimido*) sabe pesa, sabe fazer nota fiscal e sabe analisa, que ele aprendeu com nós no laboratório. Aí num teve escapatória, eu acabei indo pra lá. Aí fomo conversando eu mais o cara, aí ele falo ó, nós vai chega em Ponta Porã umas seis hora, se o ônibus adianta umas cinco hora, antes das cinco nós num chega. Se nós chega cinco, cinco e pouco, você vai pro hotel que eu vou, mais você sai de lá o mais rápido possível. Você tá com tudo os seus documento certinho? Eu falei que tava, que quando desse seis hora era pra eu ligar no escritório que tavam me esperando. Ele falou, então quando dé seis hora cê liga, num fica muito lá aonde eu vou ficar, porque onde eu tô a barra é pesada. Eu tô vendo que você é uma pessoa inocente, uma pessoa do bem, você num merece fica lá. E outra coisa, quando nós chega lá, você vai arruma hotel aonde? Eu, o cara tá me esperando lá, eu já falei que vô chega tal hora e você fica comigo, só que deu seis hora você liga e sai fora, num fica lá não. Então aí quando chegou lá, nós chegemo lá era umas cinco e poquinho, aí chamou o táxi, o táxi veio e levou nós no hotel. Aí ele chamou o cara, o dono e falou olha, esse cara vai ficar comigo, no meu apartamento, mas quando dé seis horas ele vai liga e vai vir busca ele. Eu vô deixa tudo pago, ele num vai paga nada e o cara vai vim busca ele, ele vai presta serviço aí pruma firma. Eu só vou aluga aqui, mais eu nem sei se eu vô deita aqui... e aí quando nós tava conversando e se conhecendo, ele perguntou o que eu fazia e tal e eu perguntei o que ele ia faze lá. Ele disse, eu vô mata um cara lá, assim no seco. Eu falei meu Deus do céu, aí me bateu aquilo que me falaram, eu pensei é torta mesmo. Eu falei mais por que? Ah, o cara... eu trabalho pra uma empresa, você sabe o que é matado de aluguel? Rapaz eu nem sabia o que era isso, aí ele falou, eu num sou um matador de aluguel mais eu faço esse serviço de um matador de aluguel... é que o cara comprou umas máquina lá na firma que eu trabalho e num pagou e eu tô com o endereço dele aqui e meu patrão disse que é pra leva ou dinheiro ou a orelha dele. Então eu tenho que mata ele, eu num vô deixa ele lá vivo fartando uma orelha, né? Pelo amo de Deus, você tá falando sério? Tô, tô sim, eu num tô brincando não. E você vai ver que aqui é perigoso, e foi memo, foi muito pior do que eu tinha imaginado e tinham me falado. Era muito pior, aí a gente foi conversando e ele falou, olha se o cara me der um pouco de dinheiro, eu sô uma pessoa honesta, eu faço esse trabalho em outro caso, se precisar eu mato. Se ele me der um pouco de dinheiro, eu levo pro meu patrão e num mato ele, agora se ele fala que num tem e eu sei que ele tem e quiser me enrolar, eu mato ele, tiro uma foto lá pra leva pro meu patrão, levo uma orelha pro meu patrão. Aquilo pra mim era uma morte, eu num conhecia nada dessa vida, sempre fiz tudo certo e agora me acha ali, naquela situação. Aí lá vai nós, chegemo lá o cara nem dormiu, olha eu tenho que cuida do meu serviço. Dá seu telefone aqui, que lá pelas nove hora eu já tô liquidado, ele num me falou nada aonde ia, só a única coisa que eu sei é que tinha que liga aqui, nesse telefone depois das seis hora, pro cara vim me pega aqui. Então vai, liga seis hora, nem dorme, você vai prum hotel, num sei onde você vai fica, tem vários hotel por aí, aí você dorme, mais aqui cê num dorme não. Aí eu fiquei acordado, quando deu seis hora eu liguei e o cara falou que já tava me esperando, aonde cê tá, aí eu falei, ele pelo amor de Deus! Num tinha outro lugar pro cê ficar? Eu falei, ó aí contei pra ele o que tinha acontecido e ele falou pode junta suas coisa, que eu tô passando aí pra te pegar. Aí demorou uns cinco minuto e ele chegou, aí eu falei que num tava devendo nada não, aí o homi do hotel falou que eu num tava deveno nada não, que tava tudo certo. Aí ele me levou prum hotel internacional,

aí lá já tava tudo apartamento certinho, ele falou você vai morar aqui, lembro que era o apartamento 33. Ele falou, esse é seu, que você vai trabalhar muito tempo. Eu num sou o dono da mamona, mas eu sou o intermediário que arruma a condução pra leva a mamona, eu sou tão importante pra você quanto o dono da mamona. Você vai trabalhar na Favini Granos, lá pras três horas eu venho buscar você aqui pra você ir lá conhecer aonde você vai trabalhar e vê a mamona que você vai embarcar... e hoje você vai dormir, você tá com sono, viajou muito, a noite inteira, vai dormir que mais tarde eu chego aqui e aí a gente vai conversar. E me deixou lá. Eu não sou acostumado com luxo, apartamento, essas coisas, daí eu pensei, eu num acostumo com essa vida aqui não. Ele mandou o seu (*suprimido*) me servir um café que eu ia ficar uns dias lá, seu (*suprimido*) era o dono do hotel, um véinho bom, precisava de vê e o café era mais do que o almoço. Aí já ligaram pra mim perguntando se eu queria o café da noite no quarto. Eu falei não, não, eu preciso saí pra ver o povo, porque eu cheguei de noite. Aí quatro hora o cara me ligou, eu vô te busca aí, eu falei pode vim, eu já dormi um pouco e outra, eu tenho a noite pra dormi, né? Porque a amanhã começa. Nós precisamos embarca três carreta, dois mil e pouco saco por dia. Então, essa mamona eu tinha que pesa as carreta vazia, tira amostra, ponha num saco, pesa, depois carrega, tira a tara pra num ter roubo. Aí parou o robô, num teve mais. Aí quando foi três hora ele chegou, ele falo seu nome é (Entrevistado A), né? Aí ele falou, olha (Entrevistado A), nós vamos num lugar aí, é aonde você vai trabalhar, você vai ter que se adaptar... nós vai lá agora, você vai vê o pessoal oiando você meio de lado, meio nas esquina, lá dentro da firma e o pessoal tudo trabalha lá, são saquero mais são tudo meio jagunço. Se o homem dé um apito, vixe. O dono nosso chama (*suprimido*), é um paraguaio, sabendo leva ele, ele é um anjo, mas tem que saber leva. Então, aqui que ele me disse com aquilo aqui e eu já vendo o movimento, pelo que o cara tinha me falado e lá naquele hotel eu tive a oportunidade de sair, assim o pessoal tudo mal encarado, eu falei só Deus mesmo pra me guardar. Aí nós foi lá, mema coisa que ele falou, os cara ficava olhando assim, aí chegou o gerente lá e mandou chamar todo mundo. Todo mundo aqui. Eu fiquei na roda e ele falou, o patrão de vocês, dagora pra frente vai ser ele, todo mundo aqui vai obedecer ele, o que ele disser ceis faz, se não vocês me trazem problema. Essa firma que ele é representante me compra mamona e eu não posso deixar de vender pra eles e ele é o responsável por essa compra. Então o que ele mandar vocês fazer, cês faz. Eu num tô aqui, vocês sabem que eu saio muito, então o patrão de vocês agora é ele. Ai meu Deus do céu, o povo tudo armado de faca, ia trabaia ponhava o revólver debaixo da roupa, mais eu fui tentando, Deus foi me ajudando, abrindo caminho e abrindo caminho, fui trabalhando. Eu tinha ordem e à tarde eu pagava bebida pra eles, eu era estranho a eles, então no primeiro dia eu falei, vocês num bebe nada? Bebe nósi bebi, era uns doze saquero, então o que é que cês bebe? Ah, nósi bebi, lá é pinga, né? Aqui nósi tem uma pinga boa, sempre tem uns mais saído, né? Aqui nósi tem uma pinga que chama Setenta e sete, mais aqui memo o forte é whisky, aí paguei pra eles. Eu lembro que eu pagava cincão no apartamento de luxo, eu lembro até hoje da nota, daí eu dei dez pra ele e perguntei se dava pra comprar whisky, eles dá, isso aqui dá sim. Então, você compra lá e o troco é seu, aí comecei a fazer amizade com ele, rapaiz, depois eu deitava e rolava. Que eu fiquei lá três ano e eles num mudava não. Só que eu ajudei ele, ele tinha uma mamona que era Carimã, Carimã é aquela mamona que num quebra, a máquina num consegue quebra. Então ele disse que tinha um sítio com mamona e perguntou como que eu podia ajuda ele, eu falei, olha é o seguinte, eu posso até vê essa mamona aí, mais vai dá muito trabaio, você vai tê que gastar dinheiro. Ele falou num têm problema, porque essa mamona aí tá perdida. Aí ele falou, como é que você faz? Aí eu falei ó, cê tem que pegar a mamona boa sua, que sua mamona é boa, era mamona maquinada e despeja no monte e eu vou dosando o tanto de Carimã que vai.

Nós podemos comprar a sua mamona até com três por cento de Carimã que num tem problema nenhum. Tem que fazer uma liga. Mas será que vai dá certo? Dá ué. E quanto vai ser o seu trabalho? O meu trabalho não é nada, eu não posso pegar um centavo aqui, sou o homem de confiança da empresa que eu trabalho, dinheiro pra mim num faz diferença não, eu quero te ajuda. Ele , então vamo fazer, chamou todo mundo e falou a mesma coisa. Nós vai fazer isso, isso e isso, Prudente que vai manda aí, porque o que ele manda você faz. Aí tinha trezentas mil tonelada, um barracão assim, que era cheio de mamona e eu tinha que embarca tudo aquilo e trazer pra cá. E o cara falou, nesse lote das trezentas mil tonelada vai dá as Carimã? Vai, vai até falta Carimã, daí ele, rapaz tu é gente legal, heim? Eu vou caçar um jeito de te ajudar, aí ele começou a me ajuda, porque um dia ele me chamou e falou ó, você tá vendo essas coisas aqui? Era uma coroinha de, mais era um coroinha chique. Aí tem banheiro, tem tudo o que você precisa, você mora aí e num dorme lá no hotel e economiza nu pouso. E aí tem essa geladerinha pequena, você pode colocar o que você que pro cê, num precisa você ir na cidade, você economiza dinheiro e quando você for embora eu tenho um amigo que arruma tudo pra você. Então a gente sempre fez troca e se ajudou, hoje eu tenho que agradecer isso.

Entrevistador: E o senhor ficou três anos lá? Trabalhando junto com esse cara?

Entrevistado: Trabalho três ano com esse mesmo coisa, aí quando ia fechar aqui, né? Aí ele falou (Entrevistado A), vamos parar de comprar mamona e lá também já tava difícil. Porque daí já é o seguinte, no último ano, ele falou (Entrevistado A), tem uma estratégia que eu quero aplicar com você, porque eu acho que é melhor pra mim e pra você. Aqui vem muita gente vende mamona, quando vié um cara que tivé aí, dois mil, três mil, cinco mil quilo de mamona, você vai oia a mamona. Todo mundo sabe que eu só compro mamona boa, maquinário que tinha aqui, de primeiro nós comprar mamona ruim e maquinário, agora nós só compra mamona boa, porque e o maquinário eu tirei daí. Agora, você levou a mamona ruim, agora é que eu num compro memo, então, quando chega o cara pra vender, você vai lá e vê a mamona dele. Se você vê que é boa, cê já embarca, já liga lá, já manda as carreta, então, chegava aqueles cara pra vender mamona e ele me chamava, olha o cara tem umas cinquenta tonelada de mamona, vê se serve. Tira a mostra, analisa e se você acha que servi, já embarca lá. Você só faz a nota, de lá aqui num precisa nota porque o roubo sobre nota é muito grande, então daqui você faz a nota. Então eu ia carregava, fazia a nota e dali ia embora. Mas essa firma, ela tinha um cercadão grande, então as carreta carregava cedo, mais saía dali só nove, dez hora que eu tava autorizado a dar a nota fiscal pra eles. Tudo trambique, tudo trambique e eu no meio dessas carreta, olha, só Deus pra guardar a gente. E essa vida eu guentei três anos e nunca aconteceu nada.

Entrevistador: Agora, voltando a falar um pouco daqui de Prudente. Nessa época o senhor falou que não tinha nada de Postinho de Saúde aqui, e como é que o senhor fazia? Conta pra mim?

Entrevistado: Qualquer coisa nós ia na Santa Casa, só tinha a Santa Casa. Num tinha nem HR, num tinha nada. O HR foi depois que o Agripino fez. Então aqui, meus filho tudo ia na Santa Casa.

Entrevistador: E também não tinha ônibus aqui, né?

Entrevistado: Ônibus veio aparece depois, tinha que ir a pé. Nós sempre foi pobre, tinha uma época que a gente comprou um carrinho, mais logo num deu certo. Então, a gente ia a pé. O (*suprimido*), que é esse que mora no Ana Jacinta, uma vez ele tava com desidratação,

nóis levou ele a pé, saiu com ele daqui nas costas, até chegar na Santa Casa. Subiu aqui, passou na rodoviária até chegar na Santa Casa, eu, ela e ele. Eu num sei nem com quem que os outros muleque ficaram, eles era tudo pequeno na época. Então a vida aqui era... depois de muito tempo, aí Matheus Seribeli foi vereado, aí começou a aparecer as ambulância, antes ambulância num tinha. Um caso grave era o Corpo de Bombeiros que vinha buscar e pronto. Então, o Matheus Seribeli foi vereado, num sei se um mandato ou dois e aí tinha um carro e supria isso aqui. Num era uma ambulância, mas era uma Belina e ele colocou lá uma cama véia e carregava o povo. Então aqui ele ganhou duas vez, aí foi quando fizeram isso aí e puseram o nome dele, Matheus Seribeli, é... fala posto do Santana, mas o nome é Matheus Seribeli, é UBS Matheus Seribeli. Aí depois na próxima eleição ele perdeu, mais aí Agripino já tinha arrumado umas ambulância, que Agripino foi governo duas vezes, então começou a chegar as ambulância. Porque na época do Paulo Constantino num tinha ambulância não, ele foi prefeito duas vez, mas ambulância que era um Deus me livre. Ele foi um excelente prefeito na primeira gestão, na segunda ele num fez nada, mais na primeira ele fez tudo. O PUM ali era tudo um buracão que cabia essa casa, ali onde tá o PUM, ali era um buracão e descia tudo esburacado. Ali ele arrumou ali, na gestão dele ele trabalhou. Ali os caminhão trabalhava vinte e quatro hora por dia, trazer terra num sei da onde e ele que arrumou o Parque do Povo, num ficou bom na época, mais ficou bem melhor, bem melhor. Mas na segunda gestão ele num trabalhou bem, não. Aí depois entrou o Tiezzi, só sei que a mudança começou a chegar depois do Agripino. Aí depois fizeram aí... aí foi quando inauguraram, eu não lembro quando inauguraram o HR, que na época era o HU, era Hospital Universitário. Depois que teve esse rolo do Agripino com o Governo que passou HR.

Entrevistador: O senhor ficou algum tempo desempregado? Nesse tempo?

Entrevistado: Eu fiquei muito pouco tempo, sabe? Porque eu, eu...

Entrevistador: Então a família do senhor nunca passou necessidade, não?

Entrevistado: Mesmo trabalhando nóis já tivêmo, porque quando nasceu essa menina que mora aqui, que ela é gêmea, nesse tempo nóis passou com a água no peito. Trabalhava mais, só eu trabalhando, ela grávida delas. Então a situação apertou, mais fome nóis nunca passou não. Passou assim, meia perrengue mas, daí depois Deus abençoou e eu voltei a trabalhar no Matsunaga de novo. Foi uma época que eu fiquei trabalhando de chapa, eu trabalhei muito tempo na rua de chapa, sabe o que é, num sabe?

Entrevistador: Uhum.

Entrevistado: Trabalhei muito tempo de chapa. Eu trabalhei no Matsunaga é, oito ano. E quando num tinha serviço, ele mandava a gente entrega coisa aí na rua e com isso eu fui conhecendo Prudente. O chapa ele vale muito pelo conhecimento que ele tem na cidade, então eu trabalhava de chapa e graças a Deus eu ganhava um dinheirinho. Mais nessa época chapa também ficou ruim e era só eu e três muleque, porque não tinha ganhado a outra ainda e ela num podia trabalha que tava grávida, então a coisa apertou. Foi a época mais difícil que a gente passou, e nessa época eu pagava aluguel, eu morava ali no Jardim Itatiaia. Eu tinha mudado da Vila Furquim pro Jardim Itatiaia, que foi quando o homem pediu a casa e eu vim pro Itatiaia, aí nóis veio mora aqui mais o meu sogro e daqui foi que eu comprei lá no Cambuci, aí mudemo pra lá, também tudo no escuro, num tinha energia lá, num tinha nada, era igual aqui. Só que lá quando nóis fez a casa, já tinha as rua, a diferença daqui era essa. Mas água era um Deus me livre, pegava água num poço lá embaixo, ali descendo a rua, onde desce o

ônibus, ali era direto, saía uma rua lá embaixo, era um barro, umas mangueira que às vezes os cara roubava ali e quando chovia nem carro subia, o ônibus aqui...

Entrevistador: O senhor lembra quando começou o ônibus?

Entrevistado: Num lembro não. Se não me engano, no Planalto foi na época do Tiezzi, porque eu lembro que nós teve uma reunião aqui com o Mauro Bragato sobre o orelhão, que era um rolo aqui, um queria o orelhão pra cá o outro pra lá e o Mauro Bragato veio aqui. E eu, eu, naquele tempo eu acho que eu era alguma coisa aí do bairro, eu falei não, vamo pôr no meio, porque favorece quem mora no caso numa ponta e na outra. E eu nem morava aqui na época, eu morava lá em cima e eu tinha morado aqui e acabou que me chamaram. Eu falei vamo pôr no meio que favorece quem tá lá embaixo e quem tá lá em cima, o meu sogro morava aqui. Meu sogro, o (*suprimido*), o (*suprimido*), esse povo todo morava aqui, esses outro aí não, não existia esses aí, era um capoeiral. Mas eu num me lembro assim o ano certinho, mas se eu não me engano o ano do Planalto foi na época do Tiezzi.

Entrevistador: E pra cá o senhor não lembra?

Entrevistado: Pra cá eu num lembro, eu num sei que quem trouxe pra cá já foi o Agripino... porque depois do Tiezzi aí veio, acho que Mauro Bragato, num sei, num lembro não. É uma coisa que a gente num guarda e devia guardar, porque eu trabalhei pro Mauro Bragato nessas política aí dezoito ano. Quando ele era candidato e depois de dois em dois ano, você sabe que têm política, né? É... depois pra vereado, pra prefeito e pra deputado. Então, de quatro em quatro ano eu trabalha pra ele e de dois em dois anos, trabalhava pra esses cara, todo ano nós trabalhava e ganhava um dinheirinho, não ganhava muito, mas ajudava. Então eu tinha por obrigação de saber, mas eu nunca me interessei em saber quando veio ônibus aqui, eu sei que quando veio ônibus aqui, aqui! Era Vila Aurélio/Sambra, isso eu sei. Mas não lembro que ano era, nem quem era o prefeito, talvez já era Mauro Bragato, mas num lembro, num posso afirma. O asfalto sim, o asfalto eu sei que quem trouxe o asfalto aqui foi o Agripino. Logo que o asfalto aqui veio, aí parou ali em cima, ali pela dona (*suprimido*)e... e o pessoal falava que o presidente daqui de bairro, já num era o finado (*suprimido*), já era o (*suprimido*) e disse que ele memo tinha impugnado, que o pessoal aqui era pobre e num ia poder paga asfalto. Aí ficou lá parado um bom tempo, mais depois que Agripino entrou e falou, vai asfaltar tudo, aqui pra baixo o que for de rua nós vai asfalta. Aí asfaltou, o asfalto num era bom, era ruim, mais asfaltou. E aqui tudo era barro, isso tudo aqui era barro, era uma terra roxa ruim, um barro violento, tudo aqui. Cambuci, Zé Rota, Paraíso e... num sei se têm outra vila pra lá, mais acho que é só essas, as casinha lá é outro nome, num sei como é que chama lá. Aquelas casinha foi feita em oitenta e cinco, porque em oitenta e cinco, no dia 05/10/85 tava colocano água lá, na nossa casa, toda casa ali. E a tarde deu um vento, sobro a minha casinha porque era de madeira, muita gente dentro, mulher já machucada, porque o vento levou o que achou. Casa com laje foi pro pau, a minha ficou porque era madeira, se fosse de material tinha ido, porque num podia fazer de material bem feito, todo mundo pobre. Fazia com mais barro do que cimento, mais o vento levou. Olha, o vento foi tão bravo que eu tenho um amigo meu, que ele tava fazendo a casa dele, tava no quarto, aquilo ficou só o alicerce, derrubou tudo. A minha casa ficou porque era madeira, memo assim o vento levava pra lá e pra cá e eu falava ai Meu Deus, agora ela vai. Mais passou, aí depois que passou aí que nós viu. Cambuci, aqui embaixo, num sei como é que chama essa vila aqui embaixo, lá do lado do Alvorada, esqueci o nome, a noite inteira você só via Corpo de Bombeiros. Aí já tinha as ambulância dos Corpo de Bombeiros, mais ainda não tinha ambulância.

Entrevistador: Ambulância da Santa Casa?

Entrevistado: Vinha busca gente machucada, porque tinha muita gente machucada. As teia foi embora e o pessoal se ralou todo. Aí quando foi em 88/89 sei lá, aí deu uma chuva de pedra, aí desceu aqui, eu trabalhava na Liane nesse tempo e morava no Jardim Itatiaia, aí ela desceu cortano ali na Pierre de Almeida ali, levou um pouco do Itatiaia, mais em casa, graças a Deus, teve alguns salpique, umas teia quebrada e nada de grave. Mais ali o Bongiovani, eu trabalhava de entrega na Laiane, no outro dia é que nós foi vê o estrago.

Entrevistador: Eu morei no Jardim Bongiovani.

Entrevistado: Ali na parte do Bongiovani umas casona tudo boa, que nada. Até essa telhona forte rachou tudo, foi coisa feia rapaiz, foi coisa feia. Eu lembro que eu trabalhava na Liane e levantou aquele temporal aqui e chuva daquele nunca é boa pra nós, aquele temporal vermelho e azul por baixo assim, não, azul por cima e vermelho por baixo, daí falaram, aquilo é vento. Aí o povo ainda tava se recuperando daquele vento que deu, daí veio essa chuva de pedra. Mais graças a Deus pra nós num afeto, eu morava no Itatiaia e aqui também num passou, passou ali da Pierre de Almeida pra lá, aí foi bravo. Aí pegou todo o Bongiovani, ali na baixada, hoje num tem mais nada, era os Irmãos (*suprimido*), pode vê que ali tem uma casona grande que tá abandonada lá, ali era os Irmãos (*suprimido*), ali foi tudo pro pau, furou e quebrou tudo, machucava muita gente. Nesse tempo tava começando a vim pra cá a Globo, num tinha Globo aqui ainda não, aqui era a São José do Rio Preto. Quem tinha TV Colorado que nem nós, uma tevezona grande Colorado de tubo, ainda assistia alguma coisa, mais a TV tava começando, tava começando não, já tinha muita, mais pobre que nem nós era essa e a gente assistia o pessoal tudo machucado. Mais nossa vida aqui é essa.

Entrevistador: Não, foi bom demais. Eu agradeço o senhor por contar sua história pra gente. Porque a ideia é que a gente, a partir disso vai tentar fazer uma análise juntando a sua história, com a história de outras pessoas. Quer ver? Deixa eu ver se o senhor conhece as outras pessoas que eu vou entrevistar. Duas são ali do São Domingos, do Alvorada, né? (Entrevistada C), conhece? (Entrevistada B)?

Entrevistado: Não, daqui eu só conheço o (*suprimido*), porque o (*suprimido*) mora aqui num sei quantos anos, mas faz muito tempo. Ele era soldado e ele trabalhou muito tempo e via ele fardado aqui, ele tem mais de quinze ano de aposentado. Então a gente sempre tá junto.

Entrevistador: É, o contato dele não me passaram não. Me passaram o da dona (Entrevistada D), que mora na Júlio de Paula Pereira, no Cambuci.

Entrevistado: Eu vô vende o que eu falei pra você.

Entrevistador: Às vezes não conseguiu falar com ele. É que eu tenho que entrevistar pessoas que vão no postinho do Cambuci e do Alvorada

Entrevistado: Entendi.

Entrevistador: Tá muito bom. Eu agradeço demais o senhor, porque foi muito bom. Mas vai ser muito bom e acho que o senhor vai conseguir me ajudar a desvendar.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PRESIDENTE PRUDENTE - Entrevista B

Entrevistador: Então, me conta um pouquinho da sua rotina. O que a senhora faz durante a semana?

Entrevistado: Olha, eu sou aposentada faz sete anos, né? Eu procuro levantar cedo, seis horas eu já tô de pé. Aí eu faço um café, tomo o meu café, faço minha caminhada. Depois, dou uma ajeitada na minha casa, faço almoço. A tarde dorme uma soneca e aí eu fico a parte da tarde atoa. Eu num sô muito de saí de casa, não gosto. Não sei se eu fui acostumada que eu morei vinte e seis ano numa escola, de zeladora, lá eu num podia saí. Então eu num sô muito chegada em saí, mais eu vivo a minha vida normal, sabe? Graças a Deus eu tenho, até agora eu tive boa saúde, só... que nem eu falei pra você eu tô com um problema na minha coluna, mais seja o Deus quiser.

Entrevistador: Não, mas vai dar certo. E a senhora tem alguma atividade de lazer? Que a senhora faz durante a semana? Ou no final de semana? Como é que é? O que a senhora faz no final de semana? Além da sua rotina normal? A senhora vai à igreja? Vai ao baile?

Entrevistado: Eu vou, eu vou todos os domingos à igreja, sagrado. Eu sou católica e vou à missa todos os domingos. Geralmente eu saio assim, eu vou na casa dos meus irmão, sabe?

Entrevistador: A senhora tem muitos irmãos?

Entrevistado: Tenho oito.

Entrevistador: Oito? Todos moram aqui em Prudente?

Entrevistado: É, moram, eles moram no sítio.

Entrevistador: Aí a senhora vai pro sítio?

Entrevistado: De vez em quando eu vou.

Entrevistador: Eu gosto muito de roça.

Entrevistado: Eu fui criada na roça, sabia? Eu nasci e fui criada na roça.

Entrevistador: A senhora teve quantos filhos? A senhora tava me contando de um que...

Entrevistado: Eu tive três.

Entrevistador: Três filhos.

Entrevistado: Três filho homem, tudo graças a Deus eles são formado, né? E tenho três neto.

Entrevistador: Algum deles ainda mora com a senhora?

Entrevistado: Só esse dali, num quis casa ainda não, mora ali.

Entrevistador: É só a senhora e ele aqui na casa?

Entrevistado: E meu marido.

Entrevistador: Ah, seu marido ainda mora com a senhora? Ele também é aposentado?

Entrevistado: Ele também é aposentado.

Entrevistador: A senhora toma que tipo de remédio? Como que é a saúde da senhora? Além desse que a senhora me contou.

Entrevistado: Minha saúde, eu tomo remédio pra pressão, remédio pra depressão, eu tomo remédio pro colesterol e eu tomo remédio, agora eu tô tomando remédio pra minha coluna. Só isso daí que eu tomo.

Entrevistador: E é diário todos esses remédios?

Entrevistado: Esse daqui, pressão, depressão e pra colesterol é diário. Todos os dia.

Entrevistador: Seu marido, além do alcoolismo, ele tem algum problema de saúde?

Entrevistado: Ele é diabético.

Entrevistador: E ele faz aplicação de insulina?

Entrevistado: Ele vai no posto.

Entrevistador: Ele vai no postinho e faz acompanhamento?

Entrevistado: Não tenho o que reclamar.

Entrevistador: Me conta um pouco então, da sua história? Onde a senhora nasceu? Onde a senhora passou a sua infância?

Entrevistado: Olha, eu nasci num sítio que pertence a Alfredo Marcondes. Minha infância foi no sítio. Eu estudei numa escolinha rural e eu só tenho até o primeiro grau. Eu tenho só até a oitava série.

Entrevistador: Ah, a senhora tem o primeiro grau completo?

Entrevistado: É, e aí eu fiquei no sítio até vinte e dois ano, depois eu me casei. Aí eu fiquei um ano sem trabalha e aí eu fiz um concurso público e eu passei. Aí eu trabalhei trinta e dois anos nessa escola.

Entrevistador: Desde que a senhora mudou pra Prudente, você trabalho nessa escola aqui perto?

Entrevistado: Desde que eu mudei. E eu desde os sete anos que eu trabalho, viu?

Entrevistador: Na roça?

Entrevistado: Desde pequeno na roça. Com meu pai, meus irmãos. Naquele tempo eu ia na escola de manhã e depois eu ia na roça com ele a tarde.

Entrevistador: Entendi. Você ia na escola de manhã e na parte da tarde você ia na roça com ele.

Entrevistado: Isso, isso.

Entrevistador: A senhora aposentou, tem sete anos?

Entrevistado: Tem sete ano.

Entrevistador: Desde então, a senhora não teve nenhum tipo de ocupação de trabalho?

Entrevistado: Não. Só assim, cuido dos meus dois netos. Não cuido do outro porque ele é pequenininho e fica na creche. Mas meus dois netos já tão grande, foi eu que criei eles praticamente, né? Um tem quatorze anos e a menina tem dez. A menina eu peguei ela pequenininha. Como eu aposentei e eu que cuido deles. Eles mora praticamente aqui, e a noite vai embora

Entrevistador: Ah, entendi. Durante a semana eles passam com você no contra turno da escola?

Entrevistado: É, o pai e a mãe deles trabalha, né? E a perua leva e traz eles, sabe? Então é assim, eles estuda lá naquela escola que abriu nova, Champagnat. De primeiro eles estudava no Objetivo, mais agora mudou. Eles estuda lá desde pequenininho

Entrevistador: Entendi. Aí me conta um pouco então, dessa época que a senhora veio pra Prudente? A senhora chegou aqui, a senhora já foi morar na escola?

Entrevistado: Não, eu fui morar lá na Vila Furquim. Aí eu morei uns tempo lá, aí eu vinha trabalha aqui. Aí um dia desocupou a zeladoria da escola e a diretora perguntou se eu tinha casa. Se eu queria. Aí como eu falei que eu num tinha casa, aí eu aceitei e fiquei ali tudo esses anos.

Entrevistador: Foi ali que você criou seus filhos, então?

Entrevistado: Foi ali que eu criei meus filhos. Quando eu mudei pra cá, aqui num tinha asfalto, num tinha posto de saúde, num tinha nada.

Entrevistador: Me conta um pouco dessa época? Como é que era o bairro? A senhora consegue se lembrar e me descrever?

Entrevistado: O bairro era bem pobre, bandido tinha de monte. Quando eu ia fechar a escola a noite, até então tinha aula a noite ali. E quantas vezes eu fui ameaçada de morte ali. Ali, o Parque Alvorada era boca quente, sabe? Eu tinha medo de ser morta ali dentro. Mais graças a Deus, eles na deles e eu na minha, sabe? Eu respeitava eles, oi meninos tudo bem? Oi tia! E aí foi passando, foi passando. Graças a Deus nunca ninguém roubou minha casa, sabe? Mais ali era boca quente.

Entrevistador: Era perigoso?

Entrevistado: Vixi... bandido, tiro de noite.

Entrevistador: E era mais droga? Assalto? Era o quê?

Entrevistado: Droga corria solto. Num tinha o postinho até então, era tudo mato, sabe? Era bem feio aqui, ali pra baixo num tinha nada.

Entrevistador: Mas energia e água encanada sempre teve?

Entrevistado: Sempre teve, desde que eu mudei pra cá sempre teve. É, a escola inaugurou em oitenta, né?

Entrevistador: E a senhora já veio na inauguração?

Entrevistado: Não. Eu vim depois de dois, três anos.

Entrevistador: A senhora tá aí no bairro desde de oitenta e dois, oitenta e três?

Entrevistado: É, desde oitenta e quatro.

Entrevistador: E o que a senhora vê de diferença de antes pra agora?

Entrevistado: Muita diferença, viu? Mudou bastante. O bairro melhorou...

Entrevistador: Esse problema da violência a senhora ainda acha que tem?

Entrevistado: Eu acho que... não, diminuiu bastante, né? Mais de vez em quando ainda tem. Mas graças a Deus, nós tivemos sorte que nunca ninguém mexeu em nada.

Entrevistador: Mas ouviu notícia de problema?

Entrevistado: De assalto sim, que eles assaltam. Mas isso daí é em tudo quanto é lugar agora.

Entrevistador: Não, claro, é.

Entrevistado: Quando eu comprei esse terreno, meu filho falou que queria que eu comprasse em outro lugar. Eu falei não, eu quero morar aqui.

Entrevistador: Tem quantos anos que a senhora construiu a sua casa?

Entrevistado: Faz dez anos. É, porque aqui todo mundo me conhece, né? Ainda mais que eu trabalhava na escola.

Entrevistador: Todo mundo passou na sua mão, né? Todo mundo foi seu aluno.

Entrevistado: Todo mundo me conhece, aluno que já passou. Tem vez que eu nem lembro. Oh tia a senhora tá boa? Como que a senhora tá?

Entrevistador: É, e cria uma identidade com o lugar, né?

Entrevistado: É aqui que eu quero ficar.

Entrevistador: Então, tem dez anos que a senhora construiu sua casa? Então foi um pouquinho antes da senhora aposentar que a senhora construiu sua casa?

Entrevistado: Foi, três anos antes.

Entrevistador: E por que a senhora resolveu? Porque a senhora já tava pensando em aposentar?

Entrevistado: Primeiro lugar porque eu já ia aposentar mesmo, né? E também os filhos cresceram...

Entrevistador: então, hoje a renda da senhora tá em torno de quanto? Somando a sua e a do seu marido?

Entrevistado: A minha renda líquida tá dois e trezentos, agora o meu marido, ele ganha um salário mínimo.

Entrevistador: Ele ganha um salário mínimo.

Entrevistado: Ele num para em emprego, né? Sempre foi alcóolatra.

Entrevistador: Ele sempre teve problema com alcoolismo?

Entrevistado: Sim. Sempre, sempre, sempre. Por isso que eu me sacrifiquei, trabalhei. Criei meus filhos ali e ali eles estudaram, sabe?

Entrevistador: Eles foram alunos da escola?

Entrevistado: Eles foram alunos da escola. Depois eles foram pra faculdade.

Entrevistador: Todos eles fizeram universidade?

Entrevistado: Todos eles fizeram faculdade. Tem um que tem mestrado.

Entrevistador: Então, seus filhos hoje estão bem?

Entrevistado: Graças a Deus, tão. Todos encaminhado, todos trabalhando, todos têm suas responsabilidades, sabe?

Entrevistador: E se a senhora pudesse olhar pra trás e tentar tirar um momento. Algum acontecimento positivo da história da senhora e um momento negativo da história da senhora. O que a senhora poderia me contar?

Entrevistado: Um momento positivo, nunca me arrependo de ter meus filhos. Um momento negativo foi meu casamento.

Entrevistador: É, a senhora não teve um casamento feliz? A senhora teve problema dentro de casa?

Entrevistado: Tive, porque meu marido bebe, né?

Entrevistador: Vocês passaram necessidade em algum momento?

Entrevistado: Passamos.

Entrevistador: Faltava as coisas?

Entrevistado: Sim, por causa da bebida.

Entrevistador: Isso mudou em algum momento? Ou sempre foi assim?

Entrevistado: Sempre foi assim.

Entrevistador: Desde o começo?

Entrevistado: Com dois anos só.

Entrevistador: Então você criou seus filhos nessa situação?

Entrevistado: Sozinha.

Entrevistador: E você vê que de uns tempos pra cá, a senhora conseguiu ter uma maior independência?

Entrevistado: Uhun.

Entrevistador: Entendi, então a senhora passou a ter uma vida mais confortável, um pouco mais segura, a partir do momento que seus filhos já estavam criados?

Entrevistado: Alcoolismo é muito difícil.

Entrevistador: É, alcoolismo é uma coisa muito difícil, né?

Entrevistado: Uhun.

Entrevistador: A gente vai levando, né?

Entrevistado: (suspiro)

Entrevistador: É complicado, né? A bebida é uma coisa muito perigosa. E as pessoas não são responsáveis, né? Elas acham que tem controle sobre as coisas, né?

Entrevistado: Uhun.

Entrevistador: E me conta. A senhora veio da roça, né? E aí, quando a senhora veio pra cá, a senhora não sentiu falta? Como é que foi? Eu queria entender como foi a sua... porque a senhora passou a sua juventude toda no sítio? Aí a senhora casou e veio pra cidade? Quando a senhora chegou aqui, a senhora não achava tudo isso aqui muito estranho?

Entrevistado: Achava. Eu ia todo fim de semana pra casa da minha mãe.

Entrevistador: E a senhora contou que até hoje a senhora vai, né? A senhora não tem vontade de voltar pro sítio, não?

Entrevistado: Hoje em dia não. Hoje em dia meus pais são falecidos, né?

Entrevistador: Seus irmãos ainda moram lá?

Entrevistado: Perdi um irmão, ano passado.

Entrevistador: A senhora ainda tem sete?

Entrevistado: É.

Entrevistador: Todos vivos? A senhora é a caçula?

Entrevistado: Todos. Eu sou a mais nova e a minha irmã mais velha tem oitenta e três anos.

Entrevistador: Então foi de escadinha?

Entrevistado: Foi. Eu perdi meu irmão ano passado que tinha setenta e nove.

Entrevistador: E todos com saúde, pra chegar a essa idade, né?

Entrevistado: E tem um irmão que não tá bem de saúde não. Ele tem esclerose múltipla.

Entrevistador: Ah, eu tenho um colega que tem esclerose múltipla. Perde os movimentos, né?

Entrevistado: Ele tem três cuidador. Um de dia, um de noite e um de fim de semana. Ele não se movimenta pra nada, pra nada. Até comida tem que pôr na boca dele, tudo.

Entrevistador: A esclerose é uma doença muito triste. Ela vai degenerando a pessoa.

Entrevistado: Ele tem a cabeça boa.

Entrevistador: É assim, parece até contraditório mas, é que é mais desesperador.

Entrevistado: Se você vê ele sentado, você num fala.

Entrevistador: Mais ele conversa normal?

Entrevistado: Normal.

Entrevistador: É, só a questão motora mesmo, né? Física.

Entrevistado: É, ele num se mexe pra nada, nada, nada, que você possa imaginar.

Entrevistador: Mas é lúcido?

Entrevistado: Lúcido, tô falando pra você que a cabeça dele é melhor do que a minha.

Entrevistador: A senhora lembra quando o postinho veio pra cá?

Entrevistado: Olha, lembra a data que o postinho veio pra cá mesmo eu não lembro, sabe por quê? Se fosse da escola eu lembrava, né? Mais assim, eu lembro que faz uns dez anos que eu moro aqui, eu acho que o postinho ele tem uns quinze, vinte anos. Uns vinte anos ele tem. Porque o postinho até mudou de coiso... primeiro ele era posto, depois passou a ser PS

Entrevistador: Passou a ser PSF, né? Depois UBS, que é Unidade Básica de Saúde.

Entrevistado: E eu sempre, meus filhos sempre vacinaram aí. Eu sempre levei meus filho ali quando precisava, porque na época eles não tinha Unimed, eu também vinha aí porque também não tinha Unimed, sabe?

Entrevistador: A senhora tem Unimed faz quanto tempo?

Entrevistado: Tem uns quinze anos.

Entrevistador: Uns quinze anos?

Entrevistado: Uhun. Apesar de que não é tão barato não. Seiscentos reais.

Entrevistador: Não, é barato comparado com os preços de hoje, né?

Entrevistado: Doido, doido pra terminar. Mais porque é só gente idosa que tem, você tá entendendo?

Entrevistador: Claro.

Entrevistado: Porque criaram pra entrar, então só tem os idoso que nem eu tava falando pro meu filho.

Entrevistador: Esse filho que mora com a senhora é dependente da senhora?

Entrevistado: É, ele tem Unoeste, esse daí. Aí o outro falou assim, ah mãe, acho que dá para colocar você na minha firma. Que é assim, ele é representante da Hering e como ele é representante da Hering, ele tem uma firma aberta e eu sou sócia.

Entrevistador: Entendi, uma empresa e a senhora é sócia, né?

Entrevistado: Vamos ver se num dá pra colocar a senhora na Unimed por lá e sai mais barato. Eu falei pra ele, se eu precisar fazer outra tomografia, minha Unimed não cobre, sabe?

Entrevistador: Entendi, só cobre um por ano, né?

Entrevistado: Daí eu tenho Unimed desde lá.

Entrevistador: Mais até essa época a senhora sempre dependeu do postinho?

Entrevistado: Sempre e eu sempre vô no postinho mesmo, sabe?

Entrevistador: Todos os seus remédios a senhora pega lá?

Entrevistado: Eu pego o de pressão, o de triglicérides, eu só não pego o de depressão porque ele não tem ali, o que o médico passou, aí então eu compro.

Entrevistador: Só o antidepressivo que a senhora compra. Quanto a senhora paga? Quanto que a senhora gasta com a sua saúde e a do seu marido?

Entrevistado: Ah, esse mês eu acho que gastei uns trezentos conto.

Entrevistador: De remédio.

Entrevistado: É.

Entrevistador: E aí mais os seiscentos e pouco da Unimed. Seu marido faz uso de algum medicamento que não é do postinho?

Entrevistado: Agora ele usa, porque ele ficou internado que deu pneumonia nele, né? E o médico passou remédio pra pressão também pra ele lá. E também não tem.

Entrevistador: Entendi, mais aí já tá nesses trezentos reais ou não?

Entrevistado: Esses trezentos que eu gastei foi comigo, esse mês.

Entrevistador: Então, dá quase mil reais que a senhora gasta com saúde por mês. Porque a senhora falou que paga seiscentos e pouco de Unimed, né? Seiscentos com trezentos, dá quase mil reais e a senhora falou que ganha dois mil e pouquinho, né?

Entrevistado: É, é.

Entrevistador: Então, metade é pra saúde e metade é para as outras coisas, né?

Entrevistado: É, é uma vida bem simples. Como diz, você não compra roupa, você não vai no shopping, você não compra sapato. Você vive uma vida simples.

Entrevistador: Mas não falta nada?

Entrevistado: Não. Graças a Deus não tenho o que reclamar. O tempo que eu era mais pobre e hoje eu agradeço a Deus o que eu tenho.

Entrevistador: É, a senhora conseguiu construir uma casa muito boa, né?

Entrevistado: Graças a Deus.

Entrevistador: E aí o seu filho é, ele ajuda em casa?

Entrevistado: Ele ajuda.

Entrevistador: Esse carro aí é dele?

Entrevistado: Esse carro aí é dele.

Entrevistador: Ele trabalha com o quê?

Entrevistado: Ele trabalha com vendas. O meu filho trabalho muitos anos no Bradesco, no banco Banespa, né? Aí quando foi privatizado aí ele foi mandado embora. Aí ele resolveu trabalhar por conta dele, Agora ele compra terreno desmembra e vende

Entrevistador: Entendi.

Entrevistado: É o que ele faz.

Entrevistador: Mais ou menos como se fosse uma incorporação, né? Ele pega o terreno, desmembra e vende.

Entrevistado: Uhun.

Entrevistador: Quase como um corretor autônomo. Legal. Ele fez o quê? De faculdade.

Entrevistado: Ele fez Administração, o meu filho mais velho fez Economia e o outro também fez Administração, mais trabalha no postinho, sabe?

Entrevistador: Ele é técnico?

Entrevistado: Não, ele trabalha dentro do postinho mais ele é família, lá... como chama? Que passa nas casas olhando?

Entrevistador: Ah, ele é ACS? Agente Comunitário de Saúde?

Entrevistado: É, é, agente de saúde. Mais aí ele foi lá pra cima, porque ele trabalha dentro do posto.

Entrevistador: Entendi, tá todo mundo encaminhado, todo mundo se virando.

Entrevistado: Tá todo mundo encaminhado. Minha nora ela é fono lá no HR e ela tem o consultório dela.

Entrevistador: A senhora tem dois netos?

Entrevistado: Tenho dois netos.

Entrevistador: O outro filho da senhora não teve filhos ainda?

Entrevistado: Ah, eu tenho, um pequenininho, dois anos.

Entrevistador: Então são três. E dois vem aqui pra ficar com a senhora?

Entrevistado: É, dois fica aqui, acabou de sair.

Entrevistador: Entendi. A senhora tem foto da época que a senhora morava na escola?

Entrevistado: Tenho.

Entrevistador: Só pra matar a curiosidade.

Entrevistador: Você quer falar alguma coisa do postinho?

Entrevistado: Eu gosto muito postinho, viu? Eles me tratam muito bem toda vez que eu vou aí. Não tenho o que reclamar do postinho. Vou mostrar a minha neta pra você.

Entrevistador: Já tá moça!

Entrevistado: Bonita. A minha neta é linda! Eu só tenho filho homem...

Entrevistador: Ela virou o seu xodó, né?

Entrevistado: Olha meu filho pequenininho, ele foi tomar banho.

Entrevistador: Ah, esse é seu filhote?

Entrevistado: Esse é meu pequeno. Olha meu outro pequenininho.

Entrevistador: Esse é outro neto?

Entrevistado: É outro neto. Pera aí que eu vou mostrar as fotos já pra você. A casinha que eu morava na escola.

Entrevistador: É grande a escola. E a senhora tinha que cuidar dela inteirinha sozinha?

Entrevistado: É, geralmente eu era zeladora, além de ser servente. Que eu era servente, eu tive que fazer todo o serviço da zeladoria, sabe? E como diz o outro, fazia e num reclamava, né? Essas três árvores foi eu que plantei.

Entrevistador: E tão enormes! E a senhora vai na escola ainda?

Entrevistado: Ah, eu não vou, mas eu tenho saudade. Eu ainda sonho com aquela escola, que eu tô trabalhando naquela escola, você acredita?

Entrevistador: É? Foram muitos anos, né?

Entrevistado: Esse aqui era o sítio do meu pai, onde eu morava.

Entrevistador: Aí foi aonde você cresceu?

Entrevistado: Foi aonde eu cresci. Bairro Primeiro de Maio, num se você já ouviu falar.

Entrevistador: É aqui pertinho?

Entrevistado: É vinte e cinco quilômetros daqui.

Entrevistador: E sua família ainda mora lá? Seus irmãos?

Entrevistado: Minha família ainda mora lá.

Entrevistador: Todos os irmãos ficaram lá?

Entrevistado: Não, todos não. Só tenho dois irmão lá. Um que morreu e ficou minha cunhada, né? E mais um irmão que já é viúvo. Aquele meu irmão que eu falei pra você, deixa eu te mostrar ele... que ele tá com esclerose, ele mora em São Paulo.

Entrevistador: Ah, ele mora na capital?

Entrevistado: Olha meu outro filho. Ele é bem gordinho.

Entrevistador: Esse é o pai das crianças?

Entrevistado: Esse é o pai das crianças... deixa eu vê aqui, pra te mostrar mais. Olha ele parece ser doente?

Entrevistador: Não parece de jeito nenhum. É, se você não souber da história, cê num...

Entrevistado: Só que a mão dele tá aí. A mão dele num saí daí se ninguém tirar.

Entrevistador: Você não falou muito dos seus pais. Seus pais viveram até quando?

Entrevistado: Meus pais, olha, meu pai e a minha mãe eles morreram... meu pai era dez anos mais velho que a minha mãe, sabe? E eu era a filha mais nova da minha mãe. Meu pai morreu com oitenta e três anos e eles, ele morreu de infarto. Ele tava sentado assim na mesa, né? Era umas cinco e meia, a minha mãe disse que escutou um barulho, ela parou de picar o repolho pra fazer janta. E ela escutou um barulho, quando viu era meu pai.

Entrevistador: Tinha caído.

Entrevistado: Já tava morto. Foi assim.

Entrevistador: Infarto fulminante.

Entrevistado: É, não levou nem meia hora.

Entrevistador: Mais ele morreu na roça?

Entrevistado: É, lá nesse sítio que eu te mostrei. E também nesse tempo o (*suprimido*) era médico cardiologista deles, deu atestado de óbito, num trouxe nem pra cidade. E a minha mãe, olha pra você ver. Ela morreu quase dez anos depois, mais ela tava passeando na casa da minha irmã, essa aí que você viu na foto, ela também mora no sítio essa minha irmã. Que lá eles vão em Machado, sabe? Elas tinham ido em Machado, feito compras, minha mãe era uma pessoa bem religiosa, sabe? Todo dia ela rezava, eu cresci vendo minha mãe rezar o terço dela. Aí deu seis hora, ela rezou o terço dela e ela era ligada nas novela, sabe? Aí a minha irmã disse que foi pra cozinha faze janta e ela falou assim, eu vou assistir novela. Aí a minha irmã disse que ela deu um grito, quando ela chegou na sala, minha mãe já tinha morrido.

Entrevistador: Também de infarto?

Entrevistado: Também de infarto. Também não foi nem pro hospital. Meus dois pais, meu pai e a minha mãe morreram de infarto. Mais assim, na terra do meu pai era pobre, sabe? Não tinha água, não tinha luz, não tinha nada, mais era uma família feliz.

Entrevistador: Mais sempre teve as coisas, né? Comida nunca faltou?

Entrevistado: Sempre teve, sempre, sempre, sempre, sempre. O meu pai você num via ele discutir com a minha mãe, sabe?

Entrevistador: Um casal unido.

Entrevistado: Unido, pobre, mas feliz.

Entrevistador: Entendi. Sempre com muita luta.

Entrevistado: Uma família pobre mais feliz. Eu tenho muita saudade do meu pai e da minha mãe. Minha morreu em dois mil e um. O meu pai morreu dez anos antes ainda.

Entrevistador: A senhora tinha quantos anos? A senhora lembra?

Entrevistado: Eu tinha uns quarenta e seis, por aí. Os filhos era tudo pequeno. Quando o meu pai morreu, meus filho era bem pequenininho e quando minha mãe morreu, eles já eram adolescente, sabe?

Entrevistador: Entendi. Eles morreram com a mesma idade, né?

Entrevistado: Com a mesma idade, oitenta e três anos cada um. E eu tenho um irmão agora com oitenta e três ano, mais tá bem, tá indo. E a minha família tem muita gente com câncer, sabe? E assim a minha... o meu irmão morreu de câncer.

Entrevistador: Foi um câncer de quê?

Entrevistado: Próstata.

Entrevistador: É, teve metástase?

Entrevistado: E morreu uma sobrinha minha de câncer. Meu irmão, esse daqui, ele já teve câncer no estômago. A minha irmã, aquela de lá, já teve câncer no estômago também. Tô com um sobrinho, dezesseis anos com câncer.

Entrevistador: Dezesseis anos? Nossa!

Entrevistado: Faz dois anos que ele tá em São Paulo. A mãe largou a casa, largou tudo.

Entrevistador: Pra ir ajudar no tratamento.

Entrevistado: É, o duro é que a mãe, ela já passou, a mãe dela que era casada com aquele meu irmão do sítio, morreu de câncer, o marido dela morreu de câncer na cabeça e agora tem um filho com câncer.

Entrevistador: Nossa!

Entrevistado: Bem difícil e eu espero que não acontece tudo essas coisas comigo.

Entrevistador: Não, mais se Deus quiser não vai ser nada. Vai ser, pode ser às vez um cisto ou um tumor benigno.

Entrevistado: Foi isso que o médico falou. Dona (Entrevistada B) num fica preocupada não, que esses tumores, sessenta por cento são benigno.

Entrevistador: É, e aí às vezes não é nada.

Entrevistado: Também num tô preocupada, você entendeu? Não tô preocupada, assim, tô calma.

Entrevistador: Que bom que descobriu, vai fazer o exame pra saber. Porque ainda que seja um câncer tem tratamento, dá pra correr atrás, né?

Entrevistado: É...

Entrevistador: O importante é ter certeza das coisas, porque às vezes enrola, num vai atrás.

Entrevistado: É, que nem meu irmão, né? Não é que num vai atrás, ele não sentia nada coitado.

Entrevistador: Então, quando não descobre, não tem como fazer nada

Entrevistado: Um dia eu fui na casa dele, eu sempre vou lá no domingo, aí ele falou, aí (Entrevistada B), eu tô com uma coisa ruim no estômago, sabe? Parece que a minha barriga tá empanzinada. Aí eu falei, vai no médico, né? Aí foi, acho que fez os exames, uns exames de sangue e deu alterado. Aí o médico desconfiou, fez a ultrassom e já tava tomado. Aí ele falou pro meu sobrinho que ele tava tomado. A outra vez que foi o médico perguntou pra ele e na outra semana ele já morreu. Foi três semana só.

Entrevistador: Mais vai dá tudo certo com a senhora.

Entrevistado: Se Deus quiser. Também se for pra morrer, a gente tem que morrer um dia, não tem? Eu penso assim, mais cedo ou mais tarde todo mundo vai, ninguém escapa.

Entrevistador: É, mais se a gente tiver com as nossas coisinhas tudo ajeitadinha, né? A hora que for a hora...

Entrevistado: Você é católico?

Entrevistador: Eu sou, eu sou evangélico.

Entrevistado: Morreu um evangélico aqui esses dias, um menino de vinte e quatro ano.

Entrevistador: É mesmo?

Entrevistado: Judiação. Ia casar.

Entrevistador: Eu vou casar menos de um mês.

Entrevistado: É? Parabéns! Deus que te abençoe.

Entrevistador: Dia quatorze de março eu vou casar.

Entrevistado: Ele ia casar, sabe quando? Dia dezenove de janeiro agora.

Entrevistador: O que aconteceu com ele?

Entrevistado: Ele ia indo pra igreja, ele bateu lá na Ademar de Barros.

Entrevistador: Ah, foi um acidente de trânsito?

Entrevistado: É, tava de moto. Eu fiquei com tanta dó.

Entrevistador: Triste hein?

Entrevistado: Primeiro de novembro que ele morreu.

Entrevistador: Faltando dois meses pra casar. Triste. Eu vou casar daqui menos de um mês.

Entrevistado: Bom, Deus que te abençoe.

Entrevistador: Se Deus quiser. Vai ser um casamento feliz igual ao do seus pais.

Entrevistado: Graças a Deus.

Entrevistador: Eu vou agradecer a senhora pela nossa conversa. Acho que vai ser muito produtivo, eu vou pegar esses detalhes da sua história. Vou ver se eu consigo achar algum documento da fundação da escola.

Entrevistado: No postinho sempre me trataram muito bem. Não tenho nada para reclamar e na escola foi meu serviço.

Entrevistador: Agora a senhora ganhou o descanso merecido, né?

Entrevistado: Se você quiser as fotos da escola. Esses dias veio umas crianças me entrevistar de lá pra cá, sabe? Porque queria saber como era a escola, coisa e tal. Aí fui contando, sabe? Que a escola é de oitenta, né? E já tinha os pequeno estudando lá. Pra você ver como(inaudível).

Entrevistador: Tá ótimo então, muito obrigado Dona (Entrevistada B).

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PRESIDENTE PRUDENTE - Entrevista C

Entrevistador: Então dona (Entrevistada C), a gente já conversou um pouquinho. Mas eu queria que a gente começasse de novo. Queria que a senhora me contasse, como é o seu cotidiano? Como é a sua rotina? O que a senhora faz todo dia, durante a semana?

Entrevistado: Agora eu não faço mais nada, nem dança eu num vô mais. Eu tô sem carro. Não, porque eu vi na televisão, uma senhora de oitenta e cinco anos, ela teve um surto dirigindo e entrou dentro de uma loja.

Entrevistador: Nossa. Aí a senhora ficou com medo?

Entrevistado: Aí eu fiquei com medo. Sessenta anos eu tive carta, aí eu peguei, queria pintar a minha casa, dá um jeito assim, na minha casa. Aí eu peguei e vendi.

Entrevistador: A senhora dirigiu até quando?

Entrevistado: Até o ano passado. Vendi em janeiro, agora.

Entrevistador: Então, a senhora dirigiu até esses dias?

Entrevistado: É, minha carta vence só o ano que vem.

Entrevistador: E a senhora faz o que durante a semana?

Entrevistado: Num faço nada. Só fico assistindo televisão, comprei uma cadeira que deita pra trás e eu fico deitada ali.

Entrevistador: Aí quando a senhora precisa a senhora vai no postinho?

Entrevistado: Toda vez.

Entrevistador: A senhora não sai mais pra fazer compra? Pra passear?

Entrevistado: Faço, eu num paro em casa.

Entrevistador: Me conta um pouco, então?

Entrevistado: Eu num faço comida, eu vou comer na cidade. Quando eu não quero comer aqui, agora o Sol tá muito quente, eu peço marmiteix. Aí quando é dia de domingo, todos domingos ela vêm almoçar aqui. Mais ela fala mãe, eu vou pegar a senhora e vô levar a senhora pra almoça na minha casa, mais ela não leva, ela nunca me chama. Então, eu fico aqui, ela fica aqui até três, ?? quatro hora, ?? depois vô embora. Eu vivo minha vida sozinha, peço nada pra ninguém. A minha casa não era assim não, eu pus piso na casa inteirinha. Esses dias eu comprei aquele telefone, lá. Porque apagou a luz e eu tenho um fogo de fica andando assim, daqueles de pescaria. Aí fui procurar e eu não achava a porta do meu quarto, aí fiquei batendo e fui parar no banheiro. Aí eu falei, sabe de uma coisa eu vou comprar um telefone, porque se acaba a luz... eu tenho aqui, num tô certa? Lá na cozinha eu tenho um sem fio e no meu quarto é um fixo, dentro do meu quarto. Pus um esses dias, comprei três ventilador desse tamanho, pus nos três quarto.

Entrevistador: Pra ventilar a casa.

Entrevistado: Pra quando vier os neto, ventila. E no meu eu pus ar. E a minha vida é assim, eu só fico aqui, vô na cidade.

Entrevistador: A senhora vai de ônibus, agora?

Entrevistado: Vô, vô mais é de Uber.

Entrevistador: A senhora pega Uber? Então, a senhora mexe no celular normal?

Entrevistado: Opa, olha meu telefone aqui. Tem o (*suprimido*), que já é meu colega, eu já ligo pra ele e falo vêm me buscar aqui.. Que nem agora...

Entrevistador: E por que a senhora não vai nos forró de Uber?

Entrevistado: Porque, então, eu podia ir de Uber, né? Mais eu fui, aqui e passei uma velharada tão grande, tudo fedendo, tudo os cabelo cherando cachorro e os tênis preto. Eu falei eu não, que que eu tô fazendo aqui? Não custa nada ser civilizado, né? Se arrumar, tomar um banho, né? Se perfumar, né? Ai, eu num vô mais não.

Entrevistador: É, perdeu o interesse?

Entrevistado: Perdi.

Entrevistador: Mais a senhora é muito ativa, né? Pra uma senhora de oitenta e oito anos, eu tô impressionado com a senhora.

Entrevistado: O pedreiro falou, dona (Entrevistada C)... A senhora tá com mais disposição que eu, que sou novo e ando numa preguiça...

Entrevistador: Se anda?

Entrevistado: Tem dia que eu não quero sair de casa não. Eu ó, pus piso lá fora. Tá vendo aquele portão lá? Eu tive uma cachorrinha igual a essa, cadê ela? E tinha umas tela de fora a fora e cortaram a tela e me roubaram ela. Eu quase fui internada.

Entrevistador: De desespero.

Entrevistado: De desespero. Aí demorou um ano pra mim achar a outra. Eu procurava em todos os jornal, perguntava pra um, perguntava pra outro.

Entrevistador: Achou a cachorrinha?

Entrevistado: Achei, olha ela aqui.

Entrevistador: Ah, é essa aqui mesmo?

Entrevistado: Essa aí. Paguei trezentos reais, peguei na rádio. Aí um homem tava vendendo um cachorrinho, eu nem me troquei, eu liguei pra ele, ele perguntou aonde a senhora mora? Eu falei assim, eu moro aqui, num tem o Cristo? Ao lado do Cristo, como é que chama? Ele falou assim, então a senhora vem e fala pro motorista. Porque eu peguei o Santa Paula aqui, fala pra ele para no ginásio assim, assim. Aí quando eu cheguei lá o véio tava me esperando, era a cachorrinha que eu queria. Trouxeram dentro da bolsa e agora ela pesa um quilo e duzentos.

Entrevistador: Aí a senhora mandou colocar essa tela?

Entrevistado: Aí eu falei, quero vê roubar. Aí mandei pôr aquilo lá. E aí primeiro eu tinha posto aqui, pinteí duas vezes, mandei pintar duas vezes, gastei dinheiro nesse portão e a lata num pega tinta, esquenta e solta.

Entrevistador: Ela descasca, né?

Entrevistado: Aí eu chamei o homem, ele veio e tirou toda a lata e colocou uma lata nova. Agora vai ficar assim, né?

Entrevistador: É, não tá ruim não.

Entrevistado: Aí chovia muito aqui, eu não gosto de pedir nada pra ninguém, chovia nesse canto aqui. Chamei o Calheiro, falei daqui até ali, quanto fica? Mil e oitocentos, paguei e não devo mais. Aí começou a chover aqui pra cá, aí eu falei eu quero uma calha bem... igual a esta, olha. Até na caixa d'água, quanto fica pra fazer? Mil e oitocentos pra fazer e fiz. Ninguém me deu um tostão.

Entrevistador: A senhora hoje vive de quê?

Entrevistado: Com dois salários.

Entrevistador: A senhora é aposentada?

Entrevistado: Eu sou aposentada. Acho que eu tinha trinta e seis anos quando eu aposentei.

Entrevistador: A senhora trabalhava com o quê?

Entrevistado: Costureira. Minhas filhas, elas são estudada. Eu tenho uma neta que é médica, até ela me deu um, que eu fumava, fiquei doente e eu tinha um afilhado meu, ele tinha doze anos ele veio dormir três dias aqui, mais pra toma conta de mim e eu fui no médico onze horas da noite, quase morri, fiquei com asma por causa de cigarro, Mas eu não fumei muito tempo não, uns trinta anos, só! Eu conheci uma mulher que tem noventa e nove ano e fuma, cachimbo, cigarro de palha. Aí o médico dela falou, deixa ela fuma, tá com essa idade já e até agora ela tá boa e eu , eu fiquei com asma.

Entrevistador: Aí a senhora teve que parar de fumar?

Entrevistado: Eu faço inalação. Minha neta que é médica me deu o aparelho de inalação, é pequenininho assim. Eu posso fazer na rua, em qualquer lugar. É só carregar as pilha, duas pilha, põe na bolsa e vai.

Entrevistador: Aí a senhora faz?

Entrevistado: Faço. E limpa a casa num limpo. Eu pago, faxineira de quinze em quinze dias. Se eles me ajudasse eu ia mandar toda semana vir, né? Mais eu não posso, que agora elas aumentaram a coisa, cento e setenta. Aí a cada quinze dia ela vêm. Mais eu fico sozinha aqui, num suja. Lá dentro eu nem entro, só vou dormir.

Entrevistador: A senhora passa o dia aqui fora?

Entrevistado: Fecho tudo, fecho as portas e entro. Ligo o ar, faço as minha oração, antes das dez horas e assim vou vivendo minha vida, até o dia que Jesus me chamar.

Entrevistador: Mas a senhora tá muito bem, Tô achando que a senhora vai durar mais que eu, ué.

Entrevistado: Será? Quantos anos você tem?

Entrevistador: Eu tenho vinte e sete.

Entrevistado: Você é da idade do (*suprimido*), você num conhece ele não, né? Filho do (*suprimido*).

Entrevistador: Acho que não.

Entrevistado: (*suprimido*), nossa ele me ama. Ele que cuida das minhas cachorrinha. Ele veio aqui, deu vacina, trabalha bem.

Entrevistador: Eu tô impressionado que a senhora é totalmente independente. A senhora não depende de ninguém pra nada.

Entrevistado: Não dependo de ninguém. Agora a minha filha, ontem ela me falou um negócio que... eu falei pra ela, ela paga aluguel numa casa, lá no Jardim das Rosas, vinte anos. Foi quando ela arrumou esse moço, ele veio morar aqui. Aí eu toquei de casa, aí ficava um chorando pra cá, outro chorando pra lá, aí eu falei então vocês arruma uma casa, aluga uma casa. Aí eu que arrumei a casa ainda, lá no Jardim das Rosas.

Entrevistador: Lá perto da Unesp, então?

Entrevistado: É, aí ela pegou e mora vinte ano lá. É a melhor amiga dela, a mulher casada, com um filho de onze anos, o (*suprimido*) que trabalhou na, no Correio, era muito amigo deles e ele engraçou com a moça e engravidou ela, uma faxineira. Minha filha ela se aposentou lá no...

Entrevistador: No Instituto Radiológico.

Entrevistado: Depois de, de... ela é nova, ela começou a pagar INPS, ela tinha quinze anos, ela nunca parou. Então, quarenta e cinco anos ela aposentou, mais depois ficou mais cinco anos trabalhando. É, filho sabe uma coisa boa? Vou passear, vou viajar e parou de trabalhar. De vez em quando ela viaja com a minha filha de São Paulo, ela vai lá.

Entrevistador: E a senhora...

Entrevistado: Eu já fui, como é que chama? Navio.

Entrevistador: Ah, cruzeiro.

Entrevistado: Cruzeiro, já fiz.

Entrevistador: A senhora gostou?

Entrevistado: É, eu já fiz o cruzeiro. Mais eu viajo muito com a terceira idade.

Entrevistador: A senhora faz as excursões?

Entrevistado: Faço...

Entrevistador: Pra que lado a senhora vai?

Entrevistado: Ah, eu vô pra todo lado. Eu só não gosto de praia.

Entrevistador: É? A senhora não gosta da praia?

Entrevistado: Não. Num gosto da areia, eu tenho gastura de terra. Mais eu num fico na areia não, eu fico no, tomando água de coco, passeando de noite, arrumo um candango lá (risos). De noite eu tomo umas cervejas, vamo passear, volto umas onze horas ou a hora que quiser. Eu vou de ônibus.

Entrevistador: Então, mais tá certinha a senhora. A senhora num deve nada pra ninguém.

Entrevistado: Ué, ontem ela ligou pra mim e falou assim, é, a mulher disse que num qué nada, mais quer trocar o tanque e a mulher num quer deixar ... Aí eu falei, você tá querendo colocar um tanque novo, você vai pôr uma pia nova, a dona da casa vai ficar feliz, quem que não ficaria? A mulher falou que num é pra mexer em nada e vocês fica aí, eu lavo a louça no tanque. Ela é, a minha filha coitada, ela não tem o espírito que eu tenho.

Entrevistador: De tomar a decisão.

Entrevistado: Não. Eu falei pra ela, eu te dou, eu compro as coisas pra ela. Só Deus na minha vida, porque o dinheiro que eu ganho que eu ajudo a minha filha, só Deus mesmo. Porque se não...

Entrevistador: A senhora toma algum remédio, hoje?

Entrevistado: Tomo esse da asma.

Entrevistador: Só o da asma?

Entrevistado: Sabe aquele, a veia do coração? Eu tenho um, ali, aquele como é que chama?

Entrevistador: Stent.

Entrevistado: Eu tenho, faz quatorze anos.

Entrevistador: A senhora toma remédio para o coração?

Entrevistado: Tomo.

Entrevistador: A senhora toma mais algum?

Entrevistado: Só esse de asma e o pro coração.

Entrevistador: A senhora não tem diabetes? Não tem hipertensão?

Entrevistado: Não, nada. Nem esses negócio de joelho, nada. Meu Deus, graças a Deus. Agora eu fui no cardiologista, porque eu tomava um remédio que chama Diltiazem, quatorze anos tomei ele e aí o governo cortou. Não existe mais na praça. Aí eu tive que marca uma consulta, com dez dia marcaram. Foi lá pra pedir pra ele me dar outro, aí eu tomo.

Entrevistador: Aí a senhora pega esse remédio no postinho?

Entrevistado: Não, não. Eu compro.

Entrevistador: Esse é comprado. Quanto a senhora gasta com remédio por mês?

Entrevistado: De remédio? O Diltiazem era setenta reais, era sessenta comprimido.

Entrevistador: Dava pra dois meses, né?

Entrevistado: Agora esse aí é trinta só. Esse eu pago dezesseis reais cada caixa. Eu achei tão baratinho, comprei quatro de uma vez (risos).

Entrevistador: Agora a senhora tem para quatro meses!

Entrevistado: Não. Já peguei outra caixa hoje, só tem uma.

Entrevistador: Então, mais é uma caixa por mês?

Entrevistado: Não. Só vêm trinta, é de quinze dias.

Entrevistador: É uma caixa a cada quinze dias.

Entrevistado: Eu vou lá na Brasil, eu sou cadastrada lá. Tudo que eu compro lá eu tenho desconto.

Entrevistador: Me conta agora, vamo voltar lá no passado. Me conta, aonde a senhora nasceu? Onde a senhora passou sua infância?

Entrevistado: Eu nasci aqui, aqui mesmo. Meu pai veio da Espanha, eu tenho registro de lei. É o registro de casamento do meu pai e da minha mãe. Eles vieram e foram parar em

Ourinhos. Em Ourinho eles vieram fazer derrubada de mata e não tinha nada, não existia Prudente. Aquela igreja ali, você tá vendo? Da Nossa Senhora da Aparecida, era de madeira, casinha de madeira. Aí meu pai derrubou a mata e fez, mexeu com café, ele era, como é que fala?

Entrevistador: Cafeicultor.

Entrevistado: Cafeicultor. Aí depois ele faleceu, já com os netos. Aí comprou um pedaço de terra, três lote, fez três casa. Duas ele alugou e uma ele fez de tijolos bem grande, bem bonita, eu casei lá. Mais só tinha oito, nove anos... Tinha a guerra, não tem a Guerra de 44? Eles vinha buscar açúcar, óleo, essas coisas aí, que num existia, né? A minha mãe fazia uns bolinho assim, de fubá, batia assim, fritava, puro óleo, Sabe o que eu fazia na roça? Limpava trunquinho? Sabe o que é isso? O que que é?

Entrevistador: Coisa pra colocar nas costas do boi?

Entrevistado: Não. Trunquinho. Não tem o pé de café? Quando bate o café, o café num cai aqui? Então eu limpava tudo assim, aquilo ali chama limpa trunquinho.

Entrevistador: Ah... Entendi.

Entrevistado: Minhas mãos chegava a inchar, de tanto... aquelas formiga tesoura mordida a gente. Então, até acho que onze anos eu vivi na roça. Depois cresci, fui trabalhar na Telefônica, depois que o meu pai faleceu, aí...

Entrevistador: Seu pai faleceu você tinha quantos anos?

Entrevistado: Eu tinha acho que uns quatorze, quinze anos. Eu casei com meu marido, um ano casei.

Entrevistador: A senhora casou com quantos anos?

Entrevistado: Com dezenove. Com dezenove anos e quando fez um ano certinho minha filha nasceu, a (*suprimido*). Aí eu sofri muito, o sofrimento começou depois de um ano. Meu marido era putanheiro. Vivía na zona, dia e noite. Não, de dia ele trabalhava, tinha oficina de, tudo as oficina. Mais à noite, ele tomava um banho, se arrumava e ia embora, só voltava no outro dia. O dia claro.

Entrevistador: Mesmo? Foi quanto tempo assim?

Entrevistado: Muito tempo, acho que uns vinte anos, trinta anos. Depois que ele parou porque ficou doente. Ele ficou quinze ano doente.

Entrevistador: E a senhora cuidou dele?

Entrevistado: Diabetes. Cuidei. Naquele tempo a gente não largava, né? Se a gente largasse, a gente virava mulher atoa. E quem me dava colo, era a minha sogra, minha mãe não me dava. Ela falava assim, você que escolheu, você quis casa com ele, agora aguenta. Costurando... Pus babá pra cuidar das crianças, tinha três e assim foi minha vida. Depois eu vendi e aí mudei pra São Paulo, não, ele foi pra Pirapó, Chegou em Pirapó, ele trabalhou pra um homem de São Paulo, um grupo que chamou ele. Ele ficou um ano em São Paulo sem dar notícia e sem me mandar um tostão. E eu com três filho na escola.

Entrevistador: E a senhora se virando e costurando?

Entrevistado: Costurando, pagando aluguel, é, pagando água, pagando luz. Casa de madeira, era uma tristeza. E essa minha filha pra ela num existiu homem melhor que papai

e eu não me dou com ela por causa disso. Porque ela nunca fala que o pai dela judio de mim, o pai dela era o melhor pai do mundo. Eles se davam bem, os dois, que ela é da raça dele, né? Puxou pro sangue dele, ela é ruim. Deus me livre, acho que é por isso. Eu fico pensando assim, ó, se ela quando era nova tivesse comprado um apartamento, desse uma entrada, ela ia paga, vamo supor, trinta anos. Hoje ela tá com sessenta e cinco, ela já tinha pago esse apartamento e tava tranquila. Ela nunca penso em comprar nada, ela só penso em guarda, só guarda fio. Ela vai morrer, eu não sei pra quem vai ficar esse dinheiro, vai ficar pro governo. E agora ela vai pega herança, vai dar duzentos e quarenta, sabe? Um apartamento já vendido, a mulher deu cem mil de entrada, pra dividir o resto, acho que vai pagar duzentos por mês.

Entrevistador: Nessa história, quando que a senhora mudou aqui pro bairro, de volta? Que a senhora foi criada aqui, na fazenda. Essa fazenda era do seu pai e aí depois a senhora voltou?

Entrevistado: Aí depois de lá eu fui pra Maringá. Morei um ano em Maringá e lá foi uma desgraceira também. Você sabe aonde eu cozinhava? Em dois tijolos no chão.

Entrevistador: E o que a senhora foi fazer lá?

Entrevistado: Tinha dois tijolos assim, ponhava a panela. Um dia eu tava fazendo o arroz, deu uma ventania e o vento levou minha panela embora, que o arroz ficou vermelho (risos). Que a terra de lá é vermelha, né?

Entrevistador: Eu morava em Londrina, eu morei em Londrina.

Entrevistado: Eu ia em Marialva, a família da minha mãe, pertinho de Maringá. Nós ia todo domingo lá. Minha vó morreu com cento e dois anos, a mãe da minha mãe e meu avô também. Então, nós ia na casa da minha vó e o ônibus bateu, dois ônibus. Que era um areião tão vermelho, que fechou a poeira e os ônibus um atrás do outro, não viu, bateu um contra o outro. Aí eu me machuquei interinha, eu que machuquei, as menina caíram no chão, meu marido não fez nada. Aí eu ia no médico em Londrina. Aqui, ficou preto que nem carvão.

Entrevistador: Do machucado?

Entrevistado: Do machucado. Machuquei muito e graças a Deus, sarei. E aí, de Maringá, meu marido ficou doente, ficou um ano parado. Deu uma loucura nele, ele pendurava nos pau assim, balançava? E falava que tinha gente tacando pedra na casa, tinha... ai, olha, e eu costurando. Ai meu Deus! Eu tenho até desgosto de contar essa história. Você sabe pra quem eu costurava em Maringá? Pro posto de gasolina, eles iam com Jipe e levavam aquelas peça, inteira, pra fazer capa de chuva.

Entrevistador: E você costurava capa de chuva pra eles?

Entrevistado: Fazia capa de chuva. Cortava com a gilete, as casinha, né? Pregava botão, o pulso, aí ele, sabe o que ele fez? Ele pegou e veio pra Prudente, chegou aqui, alugou uma casa da minha mãe, sem eu sabe, no fundo do quintal dela, da minha mãe. Aí quando eu vi, chegou o caminhão pra buscar a mudança. Eu precisei entrega todas as coisa pros posto de gasolina, roupa que tinha de vizinho, eu costurava muito pros outros. Aí eu tive que entregar tudo pra vir mora aí no fundo. Aí quando eu casei, quando o meu pai morreu, todo mundo pegou dinheiro, os menores não podia pega, só depois de vinte e um ano, cê entende como é que é? Então tinha eu, a minha irmã (*suprimido*) e a (*suprimido*), três irmã que ficou de fora. Conforme ia fazendo vinte e um ia pegando. Como eu casei com dezenove, minha mãe pegou

meu dinheiro, comprou um terreno e fez uma casa de madeira pra mim, lá na Vila Furquim. Aí ele pegou e vendeu a casa, sem eu sabe, aí ele chegou lá com os comprador pra minha mãe assina. Aí a minha mãe falou, como assim? Ela tem direito na metade. Eu do a metade pra ela, mais hoje eu já vendi a casa, o dono tá aqui, meu marido era pilantra. Aí minha mãe assino e ele deu um cheque, capa de cheque, sessenta conto de réis, né? Sei lá. Aí eu peguei, um tal de (*suprimido*), corretor. Aí eu saía de manhã e voltava de noite, saía de manhã e voltava de noite com aquele cheque pra compra uma casa. Compramo perto do Tênis Clube, conhece o Tênis Clube? Então, minha cunhada mora lá, eu vendi aquela casa lá pra compra uma em São Paulo. Quando eu vendi a de São Paulo, construí aqui.

Entrevistador: Que ano que a senhora veio pra cá?

Entrevistado: Oitenta e cinco eu acho. Eu num sei que ano que é... Mais nós só fizemo aqui, ó. Só ali, só a frente. Ele veio, não conseguiu a planta, me ligo, eu vim e consegui a planta, popular, seu (*suprimido*) que era o prefeito. Ele ainda marcou urgente, eu chorei e falei que tava na rua (risos), eu era, sabe? Boca de saliva, eu levava todo mundo no papo. Falei que tava morando lá na casa da minha cunhada e meu filho tava tudo na rua, que eu num tinha casa. Aí o seu (*suprimido*) marco lá urgente.

Entrevistador: Aí você conseguiu a planta popular?

Entrevistado: Consegui, num instantinho. Aí ficamo na casa da minha cunhada e fizemo essa casa. Agora esse fundo, eu tinha o seu (*suprimido*) lá em São Paulo, perto da minha casa, que a casa dele fazia quase divisa com a minha. São Paulo é tudo casa grudada uma com a outra, né? E ele falou, (Entrevistada C), você é muito sabida, vê se você vende a minha casa e chegou uma família do Paraná, alugou uma casa de frente da minha, assim ó. Coitado, ele faleceu já, aí eu conversei, conversei pra ele comprar a casa do seu (*suprimido*). Eu falei, quanto o senhor me dá se eu vender a sua casa? Cem conto. Eu vou vende. Aí vendi pra esse homi. Aí fomo lá no cartório, no centro e aí naquele tempo eu tinha um fusca amarelo, eu já tinha carta já. Aí o seu coisa foi comigo, lá no centro de São Paulo, num foi aqui não. Aí eu falei pra ir no... lá nos hospitais de São Paulo eu ia com zóio fechado de carro, pra leva meu marido que tava doente. Parece que foi Deus que falou, tira carta que você vai precisar, tirei carta escondido dele ainda. Que mulher que dirigia num prestava, virava tudo biscate e eu tirei escondido. Quando chegou lá que eu peguei a carta eu só mostrei assim pra ele, olha minha carta aqui. Aí me serviu que eu socorri ele. Aí tinha um fusquinha, papai era bom que comprou até um fusquinha pra mamãe. Aí peguei aquele fusquinha e chamei o homem que comprou a casa do seu (*suprimido*), chegamo lá o homi num queria me dá os cem conto. É esse senhor aqui, eu que vendi a casa pra ele, falei pro homem do cartório, ele falou, o seu José, o senhor prometeu? Eu tinha duas filha na época. Mais se o senhor prometeu pra ela, ela vendeu a casa pro senhor? Vendeu. Então, separou cem conto, toma, é teu. Catei o bolo ali de cem conto.

Entrevistador: E vazou!?

Entrevistado: Oh! Vamo embora daqui antes que tome da minha mão de novo. Esses cem conto que eu fiz foi aqui, ó, essa edícula. Aqui tem garagem, cozinha, lavanderia e banheiro, tudo grande. Eu peguei, meu terreno tem vinte e dois metros de, é... doze de frente, vinte e dois de fundo, eu construí tudo. E com isso, eu fui paga o INPS quando eu fiz a casa, eu tenho quase quatrocentos metros de área construída, é caro o carnê de IPTU. Porque tudo isso daqui conta.

Entrevistador: Tudo que é coberto conta, né?

Entrevistado: Conta. Aí fim do ano eles desconta quem é aposentado, quem ganha pouco, mais eu... minha área é muito grande. Taí o carnê, já paguei uma já, eu pago, dividido, né?

Entrevistador: Parcelamento, né?

Entrevistado: Sessenta e oito por mês.

Entrevistador: Aí quando a senhora chegou aqui, como que era o bairro?

Entrevistado: Quando eu cheguei aqui, aí nós viemo pra fica na casa da minha irmã, eu e meu marido. Porque nós já tinha vendido lá já, procuramo um terreno pra nós construí uma casa e a gente ia comprar aqui, ó. Então ó, você veio a pé?

Entrevistador: Uhum.

Entrevistado: Não tem uma igreja na esquina, Batista? Então, nós compra ali o terreno. Aí nós tava aqui olhando, andando e vendo se achava um terreno, aí tinha uma mulher aqui que chamava dona (*suprimido*), ela já faleceu, e falou assim, como é o nome do senhor? Seu (*suprimido*). Seu (*suprimido*), o senhor mora em São Paulo? Esse homi do terreno aqui, ele tá vendendo, até ele falou assim, se eu vende, ele vai me dá uma grana pra mim. Aonde que ele mora? Ele mora em São Paulo, tal lugar assim, assim, assim... aí meu marido daqui ligou pra ele, compramo o terreno, fizemo o negócio na fé. Aí chegou de São Paulo, meu marido pagou ele. Aí meu marido veio, ficamo na casa da minha irmã e começamos a construí e aqui eu tô há trinta e cinco anos.

Entrevistador: E como é que era o bairro na época?

Entrevistado: Não tinha nada, nada, nada. Aqui onde é a creche, era barranco, terra. E quando a gente morava aqui que eu era criança, que minhas irmã ia pro... pra você ver, eu ia vender ovos pras minhas irmã compra é, batom, rouge, hoje é blush, né? Eu tenho aí, quando eu levanto de manhã a primeira coisa que eu faço é, vô me maquiar. Lavo o rosto, escovo os dente, vô me maquiar, depois que eu faço inalação e toma café. Aí eu vinha na cidade e as minha irmã ficava namorando aqui, nessa rua e naquele barranco tinha aqueles cordãozinho, assim, é... como é que fala? Aquele matinho comprido?

Entrevistador: Cipó?

Entrevistado: Cipó! E eu ficava pulando corda.

Entrevistador: Pulava corda num cipó.

Entrevistado: Minhas irmã namorano. E aí sabe onde tinha o... aqui embaixo, tem a rotatória? Fizeram agora, é um córrego.

Entrevistador: Vocês iam buscar água ali?

Entrevistado: Não, tinha um senhor que tinha umas terra ali onde é a Vila Líder, que era tudo dele. Então, chama Córrego do seu (*suprimido*), que era o dono das terra. E a gente vinha com sandália, aquelas Alpargata, você nunca viu, né?

Entrevistador: Acho que eu sei qual que é.

Entrevistado: Umas marrom de cordinha em volta? Tá usando também agora.

Entrevistador: É, tá voltando agora, né?

Entrevistado: Vinha eu, nós lavava ali, trazia um pano, lavava os pé lá no córrego e depois calçava a sandália pra cidade. Quando chegava tirava, aqui era tudo plantação de algodão, a gente levantava o vestido era cheio de, aqueles bigato que comia as folha de algodão.

Entrevistador: E aí num tinha nem água, nem energia? Esgoto?

Entrevistado: Nada. Comprei telefone, minha cunhada falou, (Entrevistada C), tão vendendo telefone, vai lá e compra um. Você vai construí mesmo, né? Daí levantei, fui lá e comprei um, a minha linha aqui.

Entrevistador: A linha telefônica é desde aquela época?

Entrevistado: Desde aquela época. Aí eu fui lá e comprei o telefone, era um carnê grosso assim, nós pagava em São Paulo. Quando faltava dois mil pra termina, eles ligaram, aí ligaram o telefone. Aí essa minha filha, quando brigou com o marido, pra pôr dentro de casa, teve uma época que veio quinhentos e pouco de telefone. Porque a biscate ligava no celular pra ele, no fixo, a cobrar no fixo e ela que pagava que ele era vagabundo, num trabalhava. Aí ela viu, pegou e falou mãe a senhora vai lá na Telesp e corta o telefone pra mim? Aí eu fui e cortei, cortei o telefone dela. Aí depois que ele engravidou a moça, que a moça foi embora e ficou sozinho, aí ela mandou eu i lá na Telesp ligar, aí eu fui e mandei ligar, aquela linha lá é minha. O moço falou, se a senhora puser a linha no nome da senhora, a senhora num vai paga a ligação do poste, que naquela época pagava cem reais pra liga no poste, aí eu falei, então põe no meu nome. Aquelas duas linha são minha.

Entrevistador: E quando que veio a energia pra cá? Você lembra?

Entrevistado: Energia? Num sei, não lembro, acho que o mesmo tanto que eu.

Entrevistador: Mais quando a senhora construiu aqui já tinha rede elétrica?

Entrevistado: Não tinha.

Entrevistador: E quando que colocaram?

Entrevistado: Depois colocaram, que eu fui atrás, ué. Tudo eu, esse menino aqui ó, que puseram esse lanche, tem uns cinco anos. Aí falou pra mim, (Entrevistada C), o teu primo é vereador, né? Eu falei, é. Fala com ele pra pôr poste, tem dois poste que num tem luz e eu preciso muito e pôr um quebra-molas, tenho lanche aqui, né? Aí eu fui lá na prefeitura, aí conversei com o (*suprimido*), o (*suprimido*) veio, eu e o (*suprimido*) pusemos, trouxemos duas lâmpada no poste e pusemos aquele quebra-molas ali. Esse quebra-molas aqui foi eu que trouxe também, me xingaram, me falaram o diabo também.

Entrevistador: A senhora foi presidente de bairro também, né? Muito tempo?

Entrevistado: Fui quatorze anos, até hoje minha pasta tá lá e num foi desfeita. Só que houve uma confusão lá, eu num sei o que aconteceu, que afastaram todo mundo. Mais a minha pasta de presidente tá lá ainda... cansei minha beleza eu falei, e é assim a minha vida.

Entrevistador: Tá certo. E o postinho? Quando a senhora veio pra cá não tinha o postinho, né?

Entrevistado: Não. O postinho é, o postinho eu que trouxe. O postinho e a creche.

Entrevistador: A senhora lembra quando foi?

Entrevistado: Não lembro, eu sei que a reunião foi aqui... aí eu dei a ideia se alguém tinha... assim, eles queriam fazer aqui embaixo na esquina, tinha um senhor que tinha uma horta ali.

Aí eu falei assim, judiação, é uma horta! Era uma horta enorme lá, ele até faleceu, já. E aí o prefeito veio e eu não deixei fazer a creche lá por causa da horta, a prefeitura veio com uma ordi pra fazer a igreja, eu fiquei revoltada com isso, por que não fez a igreja em outro lugar? Eu nem vô lá por causa disso. Ele morreu de desgosto porque tomaram a horta dele, a horta tinha um quarteirão, daqui da esquina até lá na outra esquina, tem que ver. Meu marido fez um poço d'água, ele e meu marido, fizeram um poço pra água as planta, era uma horta a coisa mais linda do mundo.

Entrevistador: E detonaram com a horta?

Entrevistado: Detonaram com a horta. Eu nem lembro que diabo de prefeito era esse que tava, vieram e tomaram pra fazê a igreja católica. Tinha uma igreja lá em cima, que é filial dessa. E aí eu sugiri, eu levantei a mão e sugiri aqui no fundo, aí me lasquei também, né? Se soubesse não tinha pedido, é uma criançada, mais de cento e cinquenta criança aí. E depois o postinho, fizemo o postinho.

Entrevistador: E a senhora é atendida lá no postinho?

Entrevistado: Sou. Aí eu fui lá na prefeitura, o Mauro Bragato que era o prefeito.

Entrevistador: A senhora era presidente do bairro naquela época?

Entrevistado: Era, e aí inaugurou. Eu que ajudei a traze o posto e agora eu vou lá e sou muito bem tratada, eu não tenho, é, como é que fala?

Entrevistador: Convênio?

Entrevistado: Convênio.

Entrevistador: Tudo o que a senhora precisa é no postinho?

Entrevistado: Eu tenho um neto que foi criado comigo, filho dessa minha filha, o pai morreu, o pai dele. Foi criado aqui comigo até seis ano, desde piquininho, que o meu genro trabalhava com os americano e a minha filha ia junto, então ficava ele e ela. Hoje a menina é médica, o marido montou consultório pra ela agora e esse meu neto trabalha com os americano, faz o mesmo serviço que o pai, tá riquíssimo, mais ninguém fala de paga um convênio pra mim.

Entrevistador: Ninguém vem pra cá? Ninguém vem te ver?

Entrevistado: Vieram, ano retrasado vieram. Me deram até uma televisão, tá lá no meu quarto, bem grandona, a médica e esse menino, os dois. Fizeram churrasco, ficaram uns três, quatro dia aqui. Agora disse que vão vir ano que vem, né? Não, esse ano, no meu aniversário.

Entrevistador: Eles vêm pro seu aniversário, eles falaram?

Entrevistado: É, dizem que vão vim. Ele, ele comprou um prédio, um apartamento e vendeu o apartamento que tinha na Casa Verde e comprou em São Paulo Caríssimo, três, quatro milhões, no décimo sexto andar. Disse que semana passada a mulher dele num pôde levar a menina na escola, teve enchente né? Daquele lado... eu tenho essa bisneta com seis ano e agora nasceu outro.

Entrevistador: A senhora já tem dois bisnetos, então?

Entrevistado: Tenho, é, duas bisneta, a outra fez cinco meses.

Entrevistador: Se a senhora pudesse olhar pra trás na sua história e escolhe um momento feliz e um momento triste da sua história, quais seriam os eventos que a senhora escolheria?

Entrevistado: Triste

Entrevistador: É, um triste e um feliz. O mais feliz e o mais triste.

Entrevistado: O mais feliz não tive nenhum, só triste.

Entrevistador: A senhora não tem uma memória muito feliz?

Entrevistado: É, pode ser quando eu ia dançar, né? Eu era tão danada, que eu tinha tantos namorados nos baile (risos). Agora onti, surgiu uma conversa no mercado, olha, disse que a moça falou assim, cadê a mamãe? Que eu vô no mercado muito com ela, aí eu vendi o carro mesmo por causa dela, que ia me mata, que eu ia me estrangula, que a minha idade não dava mais, sabe essas coisa de lasca mesmo? Aí eu falei, eu vô vender essa merda aqui, eu vô anda de Uber e de buzão, só que na casa dela eu num vô, faz um ano que eu não vô lá. Se ela vim me ver, ela, ela vem comer todo domingo aqui e não me chama pra ir comer lá. Ela podia falar assim, eu vou lá buscar minha mãe, mais num vem. Agora eu fui onti no mercado e comprou (o telefone começou a tocar, a dona (Entrevistada C) disse que era a filha, antes de atender a chamada. Então, pra fala a verdade, você sabe quando a pessoa casa, tem filho, tem que costurar pra fora, tem que cuidar da casa, é só, é só... eu tive muita tristeza na minha vida.

Entrevistador: O casamento foi uma frustração pra senhora?

Entrevistado: Foi, foi, o meu foi. Agora eu fico pensando assim, quando esse menino nasceu, eu fiquei dois dias pra ganhar ele, que eu num tinha é... INPS, eu num tinha médico, era parteira aquele tempo, não existia. Então eu ganhei na dor, fiquei dois dias, você sabe o que é isso? Pra pari ele. E hoje ele faz isso? Devia ter morrido ele e eu, os dois, num era? Ou eu ou ele, porque eu já cansei de chorar, de sofrer, sabe? De você falar, hoje eu tô fazendo aniversário, minha filha de São Paulo liga, meu neto liga, minha neta liga, o marido dela, a nora da minha filha, todo mundo liga e eu fico assim, por dentro, esperando, sabe? Esperando uma ligação, mais num vem, é triste, né? Olha, eu já cheguei, depois que o outro morreu, na casa dele e ele tá numa tanga tão grande, de eu ter gastado o meu salário e o salário do meu marido fazendo compra, fazendo sacolão pra ele. Num dia eu tô deitada e ele levantou e falou, o Talita, cadê a sua mãe? A minha mãe foi no médico leva a minha, saiu uma verruga, era pequenininha e ela tava lá no fogão. O que você tá fazendo fia? A vó, eu só tenho esse leite aqui e eu tô esquentando ele aqui... Fia num tem nem leite? Dá tempo de ir no mercado buscar? Falei vai lá buscar leite, aí ela foi e quando meu filho chegou... eu comprei um jogo de sofá no aniversário dele, que ele não tinha e o jogo que tinha eu que dei pra ele e ele quebrou... tem dois metro de altura. E aí a biscate é desse tamanho, a muié dele. Teve uma época que ele saiu, ele arrumou um serviço em Paranavaí, você já ouviu falar?

Entrevistador: Uhum, é ali no Paraná.

Entrevistado: É, Paranavaí. Gerente de um posto de gasolina, aí eu peguei o carro e levei ele lá no patrão dele. Aí ele falou, ah a senhora pode deixar ele aqui que eu vou... daqui uma meia hora nós vamos pra lá e aí foi, com a mudança e tudo, mais já tava namorando com aquela biscate, já. E nisso ele já deve ter ligado pra ela e no fundo do posto tinha um, tinha um quarto assim, uma casinha e ele tava lá com ela e ela junto. Aí passou um mês, passou dois, passou três e nada de dar notícia. Aí a minha falou, a senhora lembra mãe, onde a senhora levou ele? Falei lembro, é um lugar assim, assim e ela me pediu o telefone do posto. Aí minha filha telefonou lá e o moço falou, ah o (*suprimido*) não trabalha mais aqui não, ele foi embora faz um tempo, ele com a mulher, com a Brasília nossa, porque ela tinha uma

Brasília. E nisso se passou meses e meses sem notícias. Meu marido tem um primo, ele é muito rico, ele mora no Mato Grosso, ele tem planta soja, aí ele só falou pro meu marido, olha, você tá aposentado, vamo pra minha fazenda, minha casa... aí ele foi. Aí a (*suprimido*) ligou da casa do meu primo, pegaram um Jeep e foram procurar, cidade por cidade e nada... aí ninguém deu notícia, aí quando foi de madrugada eu passei mal, eu falei, nessa altura já mataram ele, tanto mês, né? Aí fomo na delegacia, chegando lá pra conversar com o delegado, o delegado falou, olha, eu não quero assustar vocês e nem deixar tua mãe triste, mais lá naquela área que ele tá, eles costuma rouba o carro e mata o motorista, paranazão, né? ele faleceu, ele era macumbeiro, ele era bicha, viado memo, aí ele... fui lá falei com o (*suprimido*). Falou, (Entrevistada C), vamo fazer um negócio, depois você vai pagar, não eu pago, o que tiver que fazer eu faço... Você vai no cemitério e me leva uma vela branca e um copo de água e deixa lá em cima do túmulo, um túmulo bem velho, bem caído memo, coloca lá a água e ascende uma vela. Aí eu tô lá chorando, mais chorei, mais chorei... aí quando eu vi, um senhor veio perto de mim falou, por que você tá chorando dona? Aí eu contei, porque meu filho foi embora, não tenho notícia do meu filho, acho que mataram ele, todo mundo falou que matou ele, disse que lá é perigoso e eu conversando com o véio. Aí o véio falou, ele tá andando com essa mulher? Eu falei tá. Essa mulher, fez o trabalho pra ele e enterrou aqui nesse cemitério e depois que ela enterrou aqui a terra não desfaz, tem tecido que a terra desfaz, né? Eu ouvi falar que é nylon e ela fez. Ela fez pra ele, aí quando eu virei assim de lado, ué cadê o homem? O homem não tava mais lá, nem vi a cara do homem, ele falando e eu chorando de cabeça baixa, quando eu fui olhar, cadê o homem? Sumiu. Aí vim embora, cheguei aqui liguei pra minha filha, contei pro (*suprimido*). Ele disse assim, (Entrevistada C), você vai pega e vai tira todas as cadera da mesa, tira todas as cadera e fica debaixo da mesa. Se acredita que eu não comia, eu não bebia, eu fiquei assim, puro osso. Por isso que eu falo que eu nunca tive alegria na vida, só tristeza... aí o que que eu faço debaixo da mesa? Você chama o nome dele, vai chamando, vai chamando que ele aparece, aí... dois dia, aí quando foi num dia de manhã cedinho, buzinou, buzinou, era ele chegando, sozinho. Aí ele ainda tirou sarro na minha cara, por isso que eu falo viu, ele devia ter morrido quando nasceu, ou eu ou ele. Porque o pai não prestava e ainda tenho um filho que faz isso comigo? Como seu eu tivesse, ele faou assim pra mim, eu fiquei sabendo que a senhora pôs um homem aí dentro de casa? A senhora não se esquece que eu tenho parte nessa casa, viu? Falou assim no telefone, eu falei, ele tá aqui comigo mais ele num tá comeno os tijolo, não. Por enquanto ele não começou a comer ainda não, mais na hora que ele começar eu vô mudar pra uma casa e eu mando ele embora e desliguei o telefone. Agora quando foi esses negócio de herança, ele veio. Então a (*suprimido*) falou, (*suprimido*), vem que eu tô te esperando pra ir lá no advogado, veio ele com a filha dele, mais eu falei assim, naquela época, Deus existe, eu sou muito católica, falei assim, a mulher dele devia, ela chama ele de (*suprimido*), (*suprimido*) você devia ligar pra tua mãe, que ela não era mãe, ela não tinha filho, liga pra tua mãe, conta onde você tá, sua mãe deve tá desesperada, quantos meses faz que nós tamos por aqui, ela não fez isso. Se ele não quis fazer, pelo menos ela. Eu falei um dia, Deus vai mostrar pra ela e mostrou. Aí ela falou que eu joguei praga, eu num joguei praga, tudo o que você faz nesse mundo Deus te mostra, se você é maldoso, Ele te mostra. Porque você vê eu, vivo com dois salário mínimo, eu faço tudo isso na minha casa, sabe o que eu fiz? Chovia na cozinha, na lavanderia pingava, ela caldeirão, era balde, era num sei o que lá, chamei o marceneiro e ele falou dona não tem caída, a senhora tem que compra uma ripa e tirar todo o telhado, dá caída. Se viu que pé d'água que deu agora pouco? Cadê essas gotera? Acabou.

Entrevistador: É, ele levantou, né?

Entrevistado: Levantou, comprei as maderas, ele cobrou quinhentos reais pra fazer, destelhou tudo, banheiro, cozinha e lavanderia.

Entrevistador: E a garagem?

Entrevistado: E a garagem, aí pôs uma tábuia em cima da outra pra dá a caída. Então, ele falou eu me admiro, como a senhora faz tanta coisa, aqui ó, é tinta batida, ela num vende assim na lata. Na época eu paguei seiscentos reais, que eu queria verde, né? Aí ele falou assim, eu me admiro, como é que a senhora faz pra pagar tudo? Fiz ali, paguei mil e oitocentos, fiz ali, paguei mil e oitocentos, fiz aqui, pus o ar, troquei tudo isso aqui ó, quase três mil pra fazer isso e o meu dinheiro dá, eu faço mercado e não me falta nada. Quando vô, é dia de receber, ainda tem dinheiro do outro mês. Então você não faça coisa errada, porque aí, acho que Deus falou assim, essa mulher sofreu tanto na vida, que eu vou ajuda ela gora, né? Chegou a época. A filha dela mais velha, a (*suprimido*), quando ela chegou com a filha do (*suprimido*), eles num tinha casado ainda, chegou com a mala, barriguda. Aí meu marido falou assim, filho de puta num tem pai, quem me garante que esse filho é do (*suprimido*)? Quem garante? Ninguém garante, que ela não morava com ninguém, ela morava em república, que que é república? Muié desocupada, muié que não trabalhava, muié que sai com todo homem e aí Deus mostrou pra ela. Aí nós notamo que quando nasceu a filha dela, nós notamo que ela não gostava de sapato, sandália, brinco, cabelo cortado que nem de homem, só calça comprida, só tênis, jogava bola e sortava pipa, desde pequenininha. Aí a gente falava, por que será que ela faz isso, né? A gente notava, notava... um dia minha filha, tinha um moço fazendo vitrine, ela era chefe da (*suprimido*), aí falou assim, moço, você trabalha na (*suprimido*)? Você conhece uma moça chamada (*suprimido*)? Ah, aquela sapata? (risos) Minha filha falou que não sabia aonde enfiava a cara, é sapata. Ela teve aqui quando ela veio visita a (*suprimido*), ela veio aqui, aí falou, vô eu vou sair da (*suprimido*), pega o dinheiro da Marisa e monta uma loja pra mim e vô compra um apartamento e saí de casa, não dá mais vô, meu pai é muito ignorante. Meu filho é ignorante, porque se uma mãe arruma um namorado, eu num tô fazendo nada demais... e era um homem bom, viu.

Entrevistador: Gente boa?

Entrevistado: Gente boa, gente fina.

Entrevistador: É uma companhia pra senhora, né?

Entrevistado: A filha dele vinha aqui, genro... e a mulher viva. Só que ele tava desquitado dela, ele ficou três anos e meio comigo, aí chegava, vô, vô, as netinha dele, entrava aqui, tomava café, comia bolo, as filha tudo, me abraçava, beijava, tudo normal... aí ele num aguento a pressão, a muié dele ficou doente, faleceu. Aí ele veio aqui e falou pra mim, querida, ele me chama de querida, querida minha mulher faleceu e agora eu queria morar com você, posso? Como que ele ia morar comigo? Os meu filhos faziam um inferno, virou um inferno aqui dentro da minha casa, deitava de noite, chorava, chorava, chorava... eu falei por quê? Tem tanta mulher, tantas amigas minha que morre o marido e elas arruma homem e os filhos não fala nada. Aí eu sei que de repente falei que não dava certo, meus filho não deixava... aí eu sei que o marido dela arrumou essa menina aí, engravidou ela e foi morar com ela, aí do nada, nada, morreu o marido dela. Agora ela é viúva, sozinha e já arrumou uns vinte namorado, nenhum dá certo, ela fica sozinha, mora sozinha. Aí ontem ela falou que precisava arruma a pia, eu falei (*suprimido*) a mulher não vai fala nada, ela vai gostar, essa pia tá velha e eu não gosto de nada velho na minha casa não. Essa pia aí, era velha, tinha

trinta e cinco ano, troquei por uma nova. Saiu na Havan ontem, um negócio lá, um chuveiro e uma, olha lá, a torneira lá do filtro, fui lá na Havan buscar, um chuveiro desse tamanho, sai uma água... e comprei um pra ela também, tudo o que eu compro pra mim eu compro pra ela. Então, eu compro tudo isso, tudo eu que, fui lá comprei essa poltrona, se eu não comprasse essas poltrona, cadeira, ela morria, num sei pra que, tem essas daqui e mais quatro lá dentro. Pra que tanta cadeira assim? Não, essa daí é coisa bonita, coisa linda, tem que comprar e eu compro. Aí eu falei pra ela, (*suprimido*) , e aí eu fui no mercado, a moça falou assim, cadê a mamãe? Ah, a mamãe não veio hoje. E ela mora sozinha? Mora. E por que você num vai morar com ela? Ah, num quero. Ela num quer que mora junto... Ah, a minha vó também num quer que ninguém mora com ela, mais ela tem um namorado, ela falou. A sua mãe não tem? Ah, não sei, se tem eu não sei. Olha, ela falou isso, acredita? Quantas mil vezes eu falei pra você vir morar aqui, que eu tenho um jogo de sofá dela, tem um monte de coisa dela que ela não usa, ela trouxe, compra e põe aqui na minha casa, ela nem pede, vai trazendo e vai pondo aí. Eu falei, eu num quero que você vem morar aqui? Não mãe, eu falei que também tô acostumada a ficar na minha casinha. Então você num fala que sou eu que num quero, que se no dia de amanhã você falar, eu vou morar aqui... Mais eu pensando bem, se ela vier morar aqui comigo, ela num dura uma semana... eu vou pra casa do chapéu mesmo, eu num quero, pensando bem eu num quero ninguém comigo não. Depois quando eu ficar, quando eu ficar mais velha, acho que não demorar muito pra eu ficar assim, aí eu pago alguém pra tomar conta de mim.

Entrevistador: Uma cuidadora.

Entrevistado: Uma cuidadora ué. Tadinha da minha irmã, filho milionário, vieram aqui e colocaram ela no asilo, morreu de tristeza tadinha, tão bonita, que a pele, ela fez plástica. Mais ela, o meu cunhado morreu e deixou nove casa, ela ficou só com duas, o resto foi tudo vendida pra dar dinheiro pros filho. Gerente do banco chamou ela e falou, dona (*suprimido*) , a senhora lembra aquele dinheiro que o Collor tomou da senhora? Foi devolvido, a senhora tem sessenta mil reais, ela chamou os dois filho e deu trinta pra cada um. Aí ela ficava ruim, corria e me chamava e eu socorria, tirava o carro correndo, do jeito que eu tava e socorria. Chegava lá, ela num tem nada, ela tava desnutrida, falta de comer, de alimentação. Porque a pessoa idosa que nem eu, num gosta de arroz e feijão, nós gosta de queijo, leite, toma um copo de leite pra dormir, é... frutas, banana. Eu fiquei triste agora porque acabou pêssego, acabou a ameixa, comprava dois, três quilos de ameixa, comia o dia inteiro, pêssego disse que acabou, né?

Entrevistador: É, não é época, né?

Entrevistado: Agora tá entrando a ponkan.

Entrevistador: Agora é época de mexerica

Entrevistado: Hoje eu compro marmitex, hoje eu comi mandioca com ovo, eu adoro, mandioca bem molinha, fritei dois ovos e puis em cima, depois chupei dois cacho de uva que tinha aí. Agora amanhã tenho que ir no mercado, aí eu falo pra ela, (*suprimido*) eu vou no mercado e eu faço a minha compra, nossa senhora, quando é nove horas ela tá aqui, ela num qué que eu vou sozinha, tem que ir junto. Então, por isso que eu falo, eu fico contando minhas coisas assim, você pode até pensar... acho que eu nunca tive alegria na minha vida, só sofrimento, mais eu aguentei.

Entrevistador: É, a senhora além de tudo deixou um legado pro bairro, né? A senhora lutou pelo bairro, a senhora lutou por si própria, né? A senhora cuidou da sua vida.

Entrevistado: Eu num sei se eles, se eles reconheceram o que eu fiz, né? Porque essa casa aí foi uma herança que o pai deu pra ela, o pai morreu e deu a herança, ela contou ou não?

Entrevistador: Ela não falou da onde que veio o dinheiro não.

Entrevistado: Não? Ela comprou o terreno, era dois terreno. Então, com o dinheiro de herança ela fez e os filhos fizeram a casa, uns carro bão. Depois, tá morrendo à mingua aí, os dentes tá tão ruim na boca, vixe, ele nem passa mais aí.

Entrevistador: É, tem problema com bebida, né?

Entrevistado: Ela falou dele?

Entrevistador: Falou.

Entrevistado: Ele foi internado várias vezes. Ele trabalha na Motta, trabalhou muitos anos lá, aí a Motta vendeu, né? Aí mandaram ele embora, ele aposentou, mas ele falou que não dorme dentro de casa, ele dorme numa rede lá fora. É tristeza, né? Agora sabe o que eu faço? O que passou, passou.

Entrevistador: É, tem que viver o dia de hoje.

Entrevistado: Faz tempo, faz tempo já. Aí fala assim, o papai era tão bom pra senhora. Eu falei pra ela, sabe o que você faz? Vai lá no cemitério, que ela vai todo dia no cemitério, por vela por pai dela, nem lá eu num vou. Mais ela vai, eu falei, sabe o que você faz? Você vai lá na capela e ranca os osso do teu pai e faz uma capelinha lá no teu quarto e põe os osso dele lá, você adora tanto o teu pai. Mais ela é a filha mais velha, ela viu meu sofrimento.

Entrevistador: Ela acompanhou...

Entrevistado: Mais ela não dá o braço a torcer. Que eu acho que a filha mais velha, né?

Entrevistador: É que talvez ela criou...

Entrevistado: Elas tinha até babá, porque eu costurava pra fora, eu costurei pra mulher da zona. Meu marido que frequentava lá e eu costurava pra elas, já viu isso? Vinha táxi, um atrás do outro e os retalho das roupa que sobrava, elas me dava pra fazer vestido pra (*suprimido*) e pra (*suprimido*) . Será que a (*suprimido*) não vê isso?

Entrevistador: Às vezes é que como o pai dela já morreu, ela inventa uma ilusão pra confortar, pra ter uma memória feliz do pai, então, talvez ela se engana, né? Ela sabe da história mas finge que não sabe pra ter uma memória boa do pai, pra achar que foi uma infância feliz, que não teve problema, que o pai era presente.

Entrevistado: Agora eu falei pra você, na época que a minha mãe fez aquela casa pra mim, comprou o terreno e fez a casa, é o dinheiro que cê ia recebe, eu tirei e fiz a casa pra você. Aí ficou dessa pequena e do outro que morreu. Aí pegou um sítio e dividiu no meio, num dividiu assim, dividiu assim, ó. A metade aqui pra baixo ficou pro meu irmão, os dois pinguço, puxaram o meu pai e a outra metade lá em cima, ficou pro meu irmão, os dois irmão. Que já eram casado, né? Aí sabe o que fizeram? Num venderam? Acabaram em nada. O meu irmão João vendeu e o meu irmão vendeu, um japoneis comprou tudo deles e foi vendendo lote. Ficou milionário. E sabe onde o meu irmão tava? Numa casinha que você tinha que abaixa a cabeça pra entra, casa de madeira, mais bem veia memo, num barranco assim. Se você sair da cozinha e você num olhasse direito, você caia no barranco e se matava lá em baixo. É isso que era nosso pai, eu falei, se a minha mãe tivesse deixado pra nós, principalmente pra

mim que sou inteligente, nossa senhora, eu num ia fazer isso com eles dois. Esse meu irmão, último que morreu agora, morreu com noventa e seis ano.

Entrevistador: É, a senhora tem que aproveitar a sua vida agora, né?

Entrevistado: Agora eu vou aonde? Eu gostaria de ir, quando eu tinha meu carro eu ia, eu saia no sábado depois do almoço, só vortava no domingo à noite. Ia lá pra Epitácio passa o dia lá, ia na chácara do pai dele. Agora ela num tem marido, ela fica enfiada aqui o dia inteiro, cuidando da minha vida, eu vou aonde? Ah, tenha dó! Ela virou uma arara que eu tirei o varall.. E a menina bate na máquina, duas batida, seca tudo no memo dia, sai seca, né? A roupa.

Entrevistador: Tá ótimo.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS: PRESIDENTE PRUDENTE - Entrevista D

Entrevistador: Então, a gente já viu o termo, né? Já te expliquei sobre a pesquisa e eu queria que a senhora começasse me contando um pouco sobre o seu cotidiano. O que que a senhora faz no seu dia-a-dia, durante a semana, no final de semana. A senhora sai pra algum lugar, a senhora faz alguma coisa, a senhora me conta.

Entrevistado: Olha, é... bom dia, eu sou pensionista há três anos já, né? E no meu dia-a-dia é assim, eu vò pro CRAS, depois que o meu marido faleceu eu comecei a ir pro CRAS, que é da terceira idade mas eu participo. Aprendi a bordar várias coisas, então assim, eu bordo durante o dia, eu vendo meu trabalho. De manhã, não comecei ainda, acho que vai começar segunda-feira, sei lá, acho que tem o carnaval, né? As fisio no posto, então a gente participa também e, a correria do dia é assim, no dia-a-dia é, faz uma coisa aqui, faz outra coisa ali e... que eu posso falar mais? Quando é consulta de médico vai, né? Quando o pessoal marca consulta ou você tem um retorno ou você tem os exame, e é assim o dia-a-dia.

Entrevistador: A senhora... quantas pessoas moram com a senhora?

Entrevistado: Hoje mora eu, minha cunhada, meu filho, minha nora e meu neto. Só que o meu filho viaja pra fora. Então aqui fica eu, minha nora, o meu neto e minha cunhada.

Entrevistador: A senhora que cuida da criança?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: A sua nora trabalha fora?

Entrevistado: Não, não, por enquanto ela tá em casa.

Entrevistador: Então não é responsabilidade da senhora?

Entrevistado: Não, não. A única responsabilidade que eu tenho, é que de vez em quando eu tenho que levar meu neto na escola, o outro neto, e buscar. Quando não dá tempo do pai ir buscar e nem a mãe, entendeu? Mas assim, responsabilidade, responsabilidade por enquanto não. O ano passado eu tive, porque tava os dois trabalhando, então eu tinha que buscar. Agora esse ano não.

Entrevistador: E a renda da senhora é a pensão do seu marido?

Entrevistado: A minha renda é a pensão do meu marido que ficou e uma renda assim, que eu faço um bordado, aí eu vendo. Eu vendo tempero, né? Faço um cabelo. Então é minha renda.

Entrevistador: Então você tem uma renda fixa que é a pensão do seu marido, quanto é essa pensão?

Entrevistado: Mil duzentos e sete reais.

Entrevistador: E quanto a senhora acha que consegue tirar desses trabalhos manuais, desse cabelo, dos bordados, mais quanto mais ou menos?

Entrevistado: Então, o problema é que, o bordado é bem assim, eu bordo guardanapo então, tem gente que me pede... igual ontem, eu vendi dois guardanapos. Então, ontem foi trinta reais a venda, quinze reais cada um, entendeu? Então, oscila muito. O cabelo, eu faço cabelo a cada três meses, porque é progressiva. Então, daqui três meses, às vezes vem cinco, seis

cabelo, então, eu fico três meses sem fazer nenhum cabelo. Então eu não tenho uma renda, essa renda varia muito, entendeu?

Entrevistador: E a senhora que mantém a casa da senhora?

Entrevistado: A minha é. Porque minha nora mora, mais a gente dividiu a casa e ela tem a casa dela lá e eu tenho a minha aqui.

Entrevistador: Entendi. E aqui na sua casa, nesse lado aqui mora a senhora e a sua cunhada?

Entrevistado: Eu e minha cunhada.

Entrevistador: E a senhora que é o arrimo da casa?

Entrevistado: É, eu mantenho a minha casa.

Entrevistador: Você toma algum remédio?

Entrevistado: Tomo. Eu tomo Losartana pra pressão e o Propanolol. E eu tomo pra dormir o Aprasolol.

Entrevistador: Todos esses remédios a senhora consegue pegar no postinho?

Entrevistado: Não, só o de pressão. O de dormir eu pago.

Entrevistador: E quanto a senhora gasta com medicamento por mês?

Entrevistado: Ai (Entrevistador), olha, é, até ontem me fizeram uma pergunta e eu fui ver outra coisa e não respondi. Antigamente eu pagava trinta e oito na caixinha, dava pra um mês e a doutora me dava sempre duas caixinhas pra dois meses, né? Mais agora eu comecei a compra na Drogasil e eu pago treze e sessenta e cinco em cada caixa. Então, sai em torno de vinte e sete reais e um quebradinho, menos de trinta reais por mês. E fora os medicamento que a gente usa no dia-a-dia que precisa, né? Mais e é assim, o remédio que eu tomo, que eu não posso ficar é esse.

Entrevistador: Entendi, então, mais assim, não é uma despesa muito pesada pra senhora?

Entrevistado: Não, o meu remédio não.

Entrevistador: Nada que chega a comprometer a renda familiar.

Entrevistado: Não, não, eu só não posso ficar sem ele.

Entrevistador: A sua cunhada faz uso de algum medicamento?

Entrevistado: Faz, faz uso de medicação também.

Entrevistador: E consegue pegar no postinho também?

Entrevistado: O do posto, ela pega também o de pressão. Ela tá tomando agora um medicamento pra Doença do Crohn que ela tem, né? E começou, tá até numa dose agressiva. Ela pegava no Alto Custo uma injeção, a cada quinze dias tomava uma dose, é, a Azatioprina e a Adalimumabe. Aí o médico cortou agora, agora começou uma dose agressiva que chama não sei o quê. Aí ela vai toma a última dose agora, dia dezoito de março e aí depois de dezoito de março a cada dois meses vai começar a contar, entendeu? Mais também entrou pela Defensoria Pública, porque é muito alto o custo.

Entrevistador: Mais aí vocês também não pagam?

Entrevistado: Não, não paga.

Entrevistador: Ela faz uso de algum medicamento pago?

Entrevistado: Ela faz uso do Daflon.

Entrevistador: E quanto fica pra senhora pagar isso?

Entrevistado: Então, o Daflon é ela que compra e eu não recordo bem agora o preço.

Entrevistador: Não, tudo bem. Só pra gente ter uma noção. E questão de alimentação, como vocês se alimentam? O que vocês comem durante o dia?

Entrevistado: Ah, alimentação de manhã é o café, né? Um pão, às vezes uma mortadela, vamo supor, vai o gosto do freguês. E almoço é o arroz, feijão, uma verdura, uma mistura, né? A tarde quem quer toma café toma, quem num quer não toma.

Entrevistador: Vocês têm o hábito de janta?

Entrevistado: Tem o hábito de janta, tô querendo tira.

Entrevistador: E janta é a mesma coisa do almoço?

Entrevistado: É, se tiver alguma coisa de diferente é mais a mistura, né? Mas assim, geralmente é a mesma do almoço. Um arroz, um feijão, uma salada, uma...

Entrevistador: Você avalia que a sua renda ela é suficiente pra vocês manter essa rotina? Não falta?

Entrevistado: Ah, vô ser bem sincera, o suficiente não. Mas você tem que balancear, né?

Entrevistador: Ah não, claro, mais não chega a faltar nada.

Entrevistado: Não falta porque a gente faz o possível pra não faltar, faz a mágica, porque na realidade eu falo que, eu agora, esse ano que eu tô começando a tentar manter, eu não consegui ainda manter. Mais pra você ter uma ideia, meu marido ganhava três mil e meio, então você tinha uma vida...

Entrevistador: Um padrão de vida melhor.

Entrevistado: Um padrão de vida melhor.

Entrevistador: A senhora sempre foi dona de casa?

Entrevistado: Não. Eu trabalhei com vendas muitos anos, eu trabalhei com vendas mais de vinte anos. Eu vendia roupas pra uma fábrica do Rio e daqui de Birigui. Então, eu tinha cento e cinquenta sacoleira, né? Então, eu fazia Prudente e região. Aí meu pai adoeceu, eu perdi duas irmãs, né? E meu pai foi adoecendo, foi ficando na cama, acabou ficando acamado. Aí quando eu tava em Prudente trabalhando, minha mãe me ligava, ó seu pai quer tomar banho, seu pai tem que dá medicamento, então eu saía da onde que tava, deslocava e vinha. E aí chegou ao ponto de eu falar que não dava mais pra mim trabalhar, aí eu parei. Parei de trabalhar pra cuidar do meu pai, aí ele veio a falecer depois de cinco anos e aí minha mãe, ela morava três quadra aqui pra baixo, ela veio morar comigo. Meu marido falou não, não vamo deixar, ele chamava ela de cumadre, não vamo deixar ela sozinha. Ela já era de idade e minha filha quando... meu pai ficou doente, então pra mim não ter que dormir lá, a minha menina mais nova dormia, morava com eles. Era menina de escola ainda, mais ela ficava com eles lá, só mantinha com eles lá. Tipo assim, ela vinha aqui em casa mais de passeio. Mas se precisasse à noite, mãe o vô tá passando mal, ela ligava, eu descia. Aí quando meu pai faleceu, ele falou, não é justo deixar a cumadre e a Nayara lá, duas pessoas sozinhas. Aí trouxe pra minha casa aqui, que é aonde a minha nora mora, né? Que pessoa de idade quer

as coisinhas deles, né? Então ela queria vir, mais ela queria trazer tudo, então a gente teve que fazer um bem bolado, sabe? Aí foi aonde que ela ficou com nós dez anos, é, ela morreu com noventa e um anos e aí eu fiquei, fui trabalhar mais assim, quando eu vi também que não dava pra ficar sozinha mais eu parei de novo. Aí foi eu, ela, meu marido, meu filho sempre viajando pra fora e nós ficamos aqui. Aí ela morreu dia doze de abril de dois mil e dezesseis. Ela morreu em dois mil e dezesseis e depois de três meses meu marido adoeceu, aí descobriu um câncer e veio a falecer em novembro.

Entrevistador: Então a senhora perdeu sua mãe e seu marido no mesmo ano?

Entrevistado: No mesmo ano. E aí assim, então, eu falo que ainda hoje, eu não tô acostumada ainda, assim, porque tem coisas que, igual, eu vou citar aqui, o meu IPTU, a gente pagava tudo certinho. Com a doença dele, começou a complicar, complicar e você vai ah, depois eu pago e assim vai indo, até hoje eu não consegui estabilizar. Por que? Porque ele faleceu, aí diminuiu, bem menos que todo mundo acha um absurdo. Mas ele infelizmente era muito bom, mas era muito teimoso, ele era construção civil, trabalhava de Mestre de Obras, então, tinha firma que ele falava, ah (Entrevistada D), não vô deixar me registrar não, porque é firma pequenininha, eu não vô registrar. Então, ele perdeu dez anos de carteira. Nesses dez anos de carteira, peso no INSS.

Entrevistador: Entendi, aí quando saiu a pensão, saiu proporcional.

Entrevistado: Proporcional ao tempo dele, entendeu? Então, faltou dez anos. Então, tipo assim, eu penso, ainda bem que tem esses mil duzentos e sete, mais não é fácil não, (Entrevistador). Não é fácil, você tem que tá bem... Minha cunhada me ajuda, às vezes, né?

Entrevistador: Ela trabalha?

Entrevistado: Não, ela tem, ela é pensionista também. Mas ela gasta, o médico dela quando não é do postinho, ela passa pelo posto, mas quando ela precisa, urgente, ela tem que pagar, por que? Porque ela passa no médico que operou ela, ela operou. Acho que já vai fazer oito anos que ela vem lutando com esse Crohn. Então, o que acontece? Ele atende ela no H.R., ele atende ela lá, entendeu?

Entrevistador: Mas quando tem uma emergência...

Entrevistado: Quando tem uma emergência precisa consultório, entendeu? Então, assim, é tudo um processo que vai o dinheiro, né? E não é barato, né? Então é complicado.

Entrevistador: E voltando um pouco essa questão da rotina, a senhora falou que a senhora vai no CRAS, né? A senhora vai quantas vezes na semana?

Entrevistado: Então, o nosso CRAS foi assim, tava duas vezes na semana, terça e quinta. Aí ficamo terça e quinta bastante tempo, dois anos parece ou bem mais. Aí o ano passado tirou um dia, aí ficou de sexta-feira. Aí quando foi perto do final do ano a professora nossa aposentou, a gente já tava entrando em férias e até agora não voltou, né? Esse ano ainda não começou, tanto é que ontem, antes de ontem as menina mandou no grupo que ia te uma reunião, pra gente comparece num bairro aqui perto, no CEU, que chama CEU. Aí eu descí no CRAS, a moça falou não, a Ana Rosa falou não, não é você é o CRAS do Itatiaia e do Furquim. Vocês por enquanto não tem nada ainda. Então a gente tá assim, ela falou pode aguardar que quando tiver a gente avisa, eu falei tá bom. Então até agora não começou nada, eu creio que vai se depois do carnaval, né? Aí eu não sei te dizer quantos dias vai ser, se vai

volta aos dois dias na semana ou um dia só. Porque até no CRAS nós tinha zumba, um dia de zumba.

Entrevistador: No Centro de Convivência do Idoso?

Entrevistado: É, eu ia aqui no CRAS, né? Não é no centro não. Aí eu ia, participava. A zumba era dia de quarta, das nove às dez, era uma hora.

Entrevistador: Então você fazia terça, quarta e quinta?

Entrevistado: Isso.

Entrevistador: E hoje como tá de férias, ainda tá indefinido, a senhora tem algum lazer? Alguma coisa que a senhora vai?

Entrevistado: Pra exercício, essas coisas? Ou não?

Entrevistador: É.

Entrevistado: Não, ainda não comecei. Ainda até comentei com a minha vizinha aqui de frente, eu falei, olha segunda-feira, mas eu esqueci desse carnaval. Segunda-feira nós vamos começa a caminhada, vô começa de novo no posto com os fisio, né? Porque as menina vai embora agora sexta-feira, não sei se hoje é o último dia ou é na próxima, porque cada seis mês troca, né? Então, já vamo começa tudo de novo.

Entrevistador: Entendi.

Entrevistado: Aí eu lembrei que vai ter o carnaval, então vai se depois do carnaval... e o lazer é só passear, né? Vamo supor, igual, eu vô pra casa do meu irmão, eu vô pra casa do sobrinho, amanhã mesmo eu tô indo pra casa do... lá pra Três Lagoa.

Entrevistador: Entendi. Então a senhora mantém uma vida social?

Entrevistado: Não, eu mantenho, mantenho. Eu não fico aqui em casa não, não. Eu sou muito comunicativa, se passa dez pessoa e fala bom dia, eu falo bom dia, entendeu? Geralmente eu bordo aqui no meu portão, entendeu?

Entrevistador: Entendi. A senhora tem o costume de ir à igreja? Bar?

Entrevistado: Igreja.

Entrevistador: A senhora vai à igreja no final de semana?

Entrevistado: Vou. Eu faço de tudo pra ir duas vezes na semana, que é quinta, né? Como ontem é domingo no culto. Mais assim, vou na igreja.

Entrevistador: A senhora é de qual religião?

Entrevistado: Batista.

Entrevistador: Tem alguma igreja aqui perto?

Entrevistado: Dá um quilômetro e meio mais ou menos.

Entrevistador: E a senhora vai...?

Entrevistado: Vou de carro.

Entrevistador: A senhora dirige?

Entrevistado: Dirijo.

Entrevistador: Legal. A senhora acha que o postinho podia melhorar de qual maneira?

Entrevistado: Ai, o posto melhorar de qual maneira? Olha, eu vou ser bem sincera pra você. Você perguntou pra pessoa não muito certa. Porque, é, eu vejo algumas coisas erradas no posto, mais é uma coisa que, como que eu vô pode te explicar? O melhor, tampa aquele errado.

Entrevistador: Ou seja, no fim do dia é mais positivo que negativo.

Entrevistado: Isso, entendeu?

Entrevistador: É que a ideia nossa, dessa pesquisa, é exatamente tentar melhorar o que não tá tão bom e valorizar o que tá bom.

Entrevistado: Então, eu não tenho o que reclamar dos agente, nenhum, porque quando a minha agente era a (*suprimido*), ela sempre tava presente e quando ela tava de férias, os menino cubria as férias dela, nunca deixou a gente na mão, desamparado. Depois que mudou os agente, foi o seu (*suprimido*), mesma coisa também. Ele também vem, nunca deixou a gente desamparado, tudo o que a gente, eu, pelo menos eu, eu tô falando de mim e da minha família. Tudo o que eu preciso, às vezes eu ligo lá, (*suprimido*) é assim, assim e assim. Ah, tá, você vem tal hora. Ou seu (*suprimido*) tá aí? Eu preciso falar com ele, você entendeu? Ele sempre tá presente, né? Quando não é o seu (*suprimido*) é o (*suprimido*), todos eles, todos eles assim, sempre tá presente. Nunca ninguém nunca me virou as costas, falou hoje eu não posso atender a senhora ou então não dá certo, sempre tem aquele jeitinho do brasileiro, sempre eles dá um jeitinho, entendeu? A única coisa que, que assim, que eu não gostei que aconteceu comigo mas também não relatei e também eu acho que cada um é cada um. Que também se eu fosse uma pessoa barraqueira, se eu fosse uma pessoa barraqueira que todo mundo assustou com o que aconteceu comigo. Ia fala nossa! Mas eu não sou, não gosto de confusão, foi um dia que eu fui buscar uma receita e a (*suprimido*) que é a enfermeira, falou pra mim assim, a senhora não toma esse medicamento. Eu falei, (*suprimido*) eu tomo, que é o de dormi. Aí ela falou não, a senhora toma esse outro medicamento, porque eu tomava um antes controlado, mais isso fazia muitos anos... E todo mundo, e aí... eu falei pra ela, eu tomo esse medicamento, eu não tinha mais ou menos a data certa de quanto tempo eu tava tomando. Porque foi assim, meu marido faleceu em novembro e eu fiquei um ano e meio sem dormi. E como eu moro aqui há trinta e três anos, eu conheço o posto desde quando foi postinho, depois foi PSF, né? Então, todos os médico passa, me conhece, eu participo bastante em reunião. E aí era na época que o meu marido faleceu, antes, quando ele adoeceu, foi o Dr. (*suprimido*) e depois entrou a Dra. (*suprimido*). Então, eles me conhecia, eles acolhe as pessoas, entendeu? E ainda o Dr. (*suprimido*) falou pra (*suprimido*), a(*suprimido*) era a minha agente, Berta, você fica de olho na dona (Entrevistada D) que uma hora ela vai precisar. E o dia que eu precisei mesmo, eu falei não, chega, eu não tô conseguindo, eu vou precisa procura o doutor. Ainda ele falou assim, nossa, a senhora demorou! Eu sabia que a senhora vinha, entendeu? E aí tudo bem. Então, eu não sabia a data certa de quanto tempo eu tinha ido e aí eu consultei com ela e ela não dona, a senhora não toma, a senhora toma esse outro aqui. Eu falei (*suprimido*), eu não vou levar essa receita porque eu não tomo. E eu sou muito de não guarda, eu tenho esse negócio na minha cabeça por esse episódio, parece que é uma coisa que aconteceu pra mim aprende. Porque eu não guardava nome de remédio, então, o que eu fazia? A última caixinha, eu deixava guardada, no dia eu levava, já pra evita. E nesse dia eu não levei a caixinha, mais ela tava guardada aqui. Aí ela me deu a receita, eu falei pra ela que não, que eu não ia traze, que eu ia jogar fora e eu precisava do medicamento, eu já não tinha mais, que eu só vou quando falta um

comprimido só. Aí ela pegou e falou assim, não, infelizmente a senhora não toma esse remédio. Eu falei, (*suprimido*), eu fui até indiscreta com ela, mais assim, eu e ela na sala, sabe? Só que eles me conhece, o pessoal do postinho me conhece e ela é nova, não me conhecia, até que ela é meio ressabiada comigo. Aí eu peguei e falei assim, (*suprimido*), vamo faze o seguinte, eu sei que você tá com muito prontuário, você não quer, eu fui até bem irônica. Você não quer da meu prontuário? Eu te procuro devagarzinho e te mostro, porque tem que tá aí. Não é possível, há dois meses atrás eu peguei minha receita. Aí ela falou que não, bateu pé, eu falei, tá bom, brigada, tchau, boa tarde e vim embora. Saí da porta dela, dei de cara com o seu (*suprimido*), dona (Entrevistada D) o que aconteceu? Falei, ah seu (*suprimido*), vamo lá fora. Aí ele foi lá fora, eu falei, olha, aconteceu isso, isso e isso. Ela falou que eu não tomo esse medicamento e eu falava pra ela assim, eu vou trazer a caixinha e ela falava não, não precisa trazer a caixinha, não precisa que eu não vô receita esse remédio. A senhora nem me traga essa caixa, sabe, ela foi bem rústica. Ele falou não, vai embora, a senhora tem? Não tenho seu (*suprimido*). Vai embora, fica tranquila, daqui a pouco eu vou na casa da senhora. A senhora tem a caixinha lá? Eu falei tenho seu (*suprimido*). (Entrevistador), eu virei aqui de carro, o seu (*suprimido*) virou de moto. Por isso que eu falo, eles são muito prestativo, não tenho o que reclamar. Eu encostei, ele encostou, dona (Entrevistada D), o que que aconteceu? Aí eu contei, mais detalhado, porque eu não ia conta lá no meio de todo mundo, né? Aí ele entrou e falou assim, me dá uma caixinha da senhora, olhou minha caixinha, pode deixar que eu já resolvo. Nisso foi duas hora, três hora da tarde, antes do posto fecha ele me trouxe. Nem fui busca, ele me trouxe, coisa que eles não pode, mais nesse dia ele trouxe pra mim. Aí então, assim, tipo assim, foi a única coisa que eu vi que teve uma indisposição, mais foi resolvido pelo posto. Porque ela não me conhecia, não sei se ela devia tá num dia que não tava muito legal pra ela, né? Então, o que aconteceu comigo, foi a única coisa, a única coisa que eu falo assim ó, que eu fiquei chateada. Hoje não, hoje eu chego lá, falo (*suprimido*) eu vim buscar a minha receita. Ela já quer me dar todas se for possível, se for data de pegar, ela já quer me dá todas. Mais por um lado foi bom que eu aprendi o nome do remédio, hoje eu não esqueço, que antigamente eu tinha que levar aonde que eu fosse, e...

Entrevistador: É que também a gente precisa, como a senhora falou, a gente precisa também ter consciência que é humano trabalhando com humano. Às vezes a pessoa tava num dia ruim e tem que avaliar as coisas.

Entrevistado: Tem coisas que é, todo mundo tem defeito e tem suas qualidade. Então você tem que ver se seu defeito tampa sua qualidade ou sua qualidade tampa seus defeito, né? Porque tem que fica ali, então, é o que eu falo, pra mim o posto, o posto assim, por incrível que pareça, nessa época da (*suprimido*) aí, desse episódio, tinha mudado a doutora, que a doutora nossa tinha saído pra ganhar neném. Eu até fiquei pensando, ai Senhor a doutora não voltou, essa doutora nova não conhece a gente, não me conhece, não conhece a minha vida, a minha história. Porque a doutora do posto, as outras doutora já me conhece, conhece a minha história que não é fácil e... passei por situações muito difícil, que a doutora do posto me ajudou na época, de amiga assim ó, de conselho e eu falei agora eu tô meio perdida. Mais tudo bem, não que eu tô me destratando não, eu não. E aí, deu certo que Deus abençoou que a doutora voltou de novo e eu acho que vai fica fixa com nós de novo. Que eu já voltei nela e eu acho assim, que eu ainda sou privilegiada ainda, porque eu não tenho sessenta anos, mais às vezes eles marca uma consulta pra mim que eu nem sei, marca exame. Igual, eu tenho problema de rim, eles marca exame a cada seis meses pra mim, tipo assim, dona (Entrevistada D) olha o exame da senhora tá marcado, entendeu? Então, eu acho que eu

ainda sou privilegiada, a respeito de medicamento, a respeito de tudo. O que eu precisa do posto, eles tão à disposição e eles fazem o que pode. Se eles fala não, não dá certo, não dá certo. E eu sou uma pessoa assim, eu falo pros menino assim, vamo supor, (*suprimido*) aconteceu assim, assim, assim, você acha que dá? Dona (Entrevistada D), a senhora pode deixa com nós que a gente vai resolver. Então pronto, entendeu? E o episódio da minha nora eu não lembro o que que foi que ela falou que aconteceu, mais foi também com a (*suprimido*), entendeu? Mais a respeito de exame, de receita também.

Entrevistador: Entendi, de buscar receita...

Entrevistado: De busca receita e ela quer um exame que a doutora falo que tinha que fazer, sabe? Então, é porque a (*suprimido*) não conhecia nós, não sabia, nova, então assim, foi é, só esse episódio mesmo. Mais assim, quanto a outras coisa não, marca consulta é igual eu vejo no jornal, o pessoal reclamando aí no jornalzinho, não sei se foi de Prudente ou se foi de região, que tinha cento e cinquenta pessoa na fila pra marca consulta e só tinha cinquenta. Eu até comentei com a minha cunhada, eu falei gente, é um absurdo, por que? No posto agora não, a consulta tá livre, né? É de tal hora a tal hora marca a consulta, quantas consultas tiverem, né? Só que antigamente, quando surgiu a lei da secretaria que era vamo supor, quarta-feira cinquenta consulta, eu cansei de ir pro posto de manhã cedo e chega lá e contava as pessoas, opa tem cinquenta, então eu tô indo embora. Por que eu ia ficar lá até a hora que posto abrir? Não tinha necessidade. Então eu acho que a pessoa também, tem que ter discernimento, né? E os que tão lá na fila, são os mesmos que tão lá toda semana, não sei onde que arruma tanta doença. Dá uma dor no dedo, você tá lá, dóis o fio do cabelo, você tá lá. E alguém que realmente necessita não consegue.

Nora da entrevistada: Aí tá lá toda semana, aí a dona (Entrevistada D) passando mal outro dia, precisou, a (*suprimido*) teve que se virá nos oitenta pra poder encaixar a dona (Entrevistada D). Sendo que tinha gente que tava lá, que vai lá toda semana. Acho que a pessoa também tem que ter um pouquinho de desconfiômetro, né?

Entrevistador: É, é que as pessoas... é a questão da consciência, né?

Entrevistado: Exatamente. É aonde que eu falo, tipo assim, eu fiquei chateada com a (*suprimido*), mais também já passou. Porque às vezes, tipo assim, por ela não me conhecer, ela falou assim, puxa vida, mais uma, no subconsciente dela, pra ela, né?

Entrevistador: Que era alguém que tava querendo pegar remédio que não precisava...

Entrevistado: Sabe? É, já aconteceu de, tipo assim ó, só pra você ter uma ideia, meu remédio acaba, meu não, do meu marido na época, eu nem tomava remédio controlado, ele tomava o controlado, já aconteceu do remédio dele acaba e não era dia de receita. E eu ficava apavorada, porque às vezes eu passava despercebido, não contava quanto remédio tinha, remédio era receita na terça e na quinta só, mais eu dava um jeito, ligava lá, conversava com as menina ou então eu ia lá, porque eu também, eu prefiro ir do que tá ligando. E elas fala não dona (Entrevistada D), sem problema, você entendeu? Porque é igual elas fala pra mim, dona (Entrevistada D), a gente conhece a índole da senhora, a gente conhece a senhora, não é uma pessoa... não vô pega uma receita controlada aqui e fazer uma loucura ali, você entendeu? Então, tem certas coisas, igual, ela era nova, né? Às vezes não tava num dia bom, né? Então, tudo isso, por isso que eu falo, todo mundo falou, nossa, se fosse você, se ela tivesse pegado uma pessoa barraqueira, ela tinha apanhado lá dentro. Não, eu não penso desse jeito. Ué, por que? Rapidinho resolveu, simplesmente eu falei pra ela, (*suprimido*), eu infelizmente vou fica sem o medicamento e acabou. Mais não fiquei, entendeu?

Entrevistador: Ou seja, num dia de fragilidade dela o resto da equipe resolveu pra ela.

Entrevistado: Ela levou tanta sorte (Entrevistador), que ela pegou justo eu. Porque se ela pega uma pessoa barraqueira, que eu falo, porque eu tenho gente aqui, que chega aqui nossa! Eu falo, você já falou pelo menos um bom dia? Eu acho que um bom dia, um boa tarde ajuda, né? Ainda mais num lugar público, né? Agora você já vai chegando lá com cinco, seis pedra, ah eu vim marca uma consulta, é porque num sei que, não, não é assim. Tudo tem regras, pra tudo existe regras e lei, né? Então é isso que eu falo e tem pessoas que não entende. Ah que tudo é a senhora, tudo é você, tudo você acha maravilhoso, acho mesmo. Eu uma época que meu morava ali na chácara Marisa, num bairro aqui perto, chácara Marisa, num sei se você já ouviu falar. Tem o posto Alvorada, hoje ela é, eu acho que ela é a diretora geral dos postos de saúde, a... aí esqueci o nome dela, não é (*suprimido*), não lembro, na época era enfermeira chefe igual a (*suprimido*) e meu pai na época pegava oito tipo de medicamento, que ela já vinha vindo adoentado de lá, por isso que eu trouxe pra cá pra morar perto de mim. E aí todo mês eu pegava os oito medicamento, eu nunca cheguei no posto e fala assim, olha esse aqui num tem hoje, o mês que vem, não, tá faltando o outro, nunca. Quando foi um dia, eu tô lá ouvindo rádio, apareceu uma reportagem do posto de saúde do Alvorada, porque pra mete a boca tem vários, viu? Mesmo que num tá nem aí, que nem aconteceu com eles, mais eles já ajuda. Aí tá lá, meteno a boca, ah esqueci o nome dela, como eu gosto dela... aí falando que o posto de saúde do Alvorada, as enfermeira não valia nada, que medicamento ia buscar e nunca tinha. Ah não, aí eu já achei um absurdo. Aí eu liguei na rádio e foi uma demanda, que eu desmenti tudo a mulher, eu falei é mentira, porque tá aqui ó, medicamento tal, medicamento tal, todos os medicamento do meu pai eu pego, eles vem ver o meu pai na minha casa, na casa dele, eles vem fazer visita como eles vem aqui também, quando tem acamado, vinha na minha mãe, vinha no meu marido e eu sei que eu falei tudo. Eu falei não, não é possível que tá acontecendo isso, entendeu? Então, eles falam que eu sou muito assim, ah porque é tudo pra você. Não, não é que é tudo pra mim não, é que eu sei como chega, eu sei como pedi, se eles pode me ajuda, eles vão me ajudar, se fala não eu tenho que entender também. Nem Jesus agradou todo mundo, então não é possível, que nós seres humanos vai te que tá agradando, né? Vai chega uma hora que vai fala não, hoje num dá dona (Entrevistada D), tudo bem, brigado, mais eu vô esquece o que eles fizeram pra mim? Não tem lógica!

Entrevistador: Mais também o pessoal é muito ingrato, né?

Entrevistado: Ingrato.

Entrevistador: E é aquilo que a senhora falou, pra falar mal tem muitos e pra reconhecer o bom trabalho, porque o bom trabalho é mais que a obrigação. Até o dia que dá alguma coisa errada, é o fim do mundo.

Entrevistado: Mais então, mais aí você falou uma coisa que, igual, todo mundo acha que o bom trabalho é mais que a obrigação. Às vezes nem é tanto, né?

Entrevistador: Às vezes tá fazendo muito mais do que é a obrigação dele.

Entrevistado: Muito mais.

Entrevistador: Mais é o que as pessoas acham, né? Se você fizer tudo certo, você não fez mais que a sua obrigação.

Entrevistado: Isso, eles vão falar isso. Ah, você não fez mais que a sua obrigação. Eu, se eu fosse uma pessoa ingrata, quando o seu (*suprimido*) me perguntou, dona (Entrevistada D)

pode ir embora, vai pra casa, fica tranquila que eu vou tenta resolver e quando eu cheguei do posto, porque olha, foi quase que automaticamente, porque do posto até aqui é muito rapidinho, ele pegou a moto dele, ele veio aqui na minha casa. Então, ele resolveu o problema, tipo assim, eu ia fala pra ele assim, ah, o senhor não fez mais que a sua obrigação? Não. Ele fez por carinho, por amor que ele tem ao trabalho dele, entendeu? Então tudo isso pesa. Agora, se ele fala assim, ah, eu não vô mexe com isso não, eu ia fala pronto, então seu (*suprimido*) é uma pessoa que num tá nem aí, eu ia mete o pau nele, no posto junto? Não. Porque um dia não deu certo? É lógico que eu ia tenta outro dia, até... vamo supor, fala com a (*suprimido*), olha (*suprimido*) eu tomo um medicamento e a fulana falou que eu não posso pegar, que a (*suprimido*) ia resolver, lógico, entendeu? Mais num chegou nem ao conhecimento dela, não precisou chega.

Entrevistador: E aí resolveu.

Entrevistado: E aí resolveu, hoje em dia eu pego normal e aí nesse dia o seu (*suprimido*) falou assim, dona (Entrevistada D) a senhora sabe quanto tempo a senhora toma o medicamento? Seu (*suprimido*) eu não sei, ele falou, faz um ano. Então, foi coisas, palavras desencontradas.

Entrevistador: Foi uma vez, né? Quanto tempo faz que você é atendida no posto?

Entrevistado: Ah, faz, nossa! Nem fala meu filho, só que eu moro aqui faz trinta e três anos.

Entrevistador: Então agora, vamo falar um pouco da história, né? Aonde a senhora nasceu?

Entrevistado: Eu nasci em Pirapózinho. Vinte e seis quilômetro daqui.

Entrevistador: E sua infância foi em Pirapózinho?

Entrevistado: Eu fiquei em Pirapó até seis anos de idade. Depois meu pai mudou pra cá e eu comecei dos seis anos pra cá e tô aqui até agora, com cinquenta e dois anos.

Entrevistador: Quando a senhora veio de Pirapó a senhora já veio pra cá?

Entrevistado: Não. Eu vim prum bairro aqui perto, chama Vila Líder. Eu vim pra cá, pro Jardim Cambuci, faz trinta e três anos que eu tô aqui, quando construiu esse conjunto, que aqui é um conjunto, né? Construiu o conjunto e a gente pegou as casa e agora dia três de março vai fazer trinta e três anos, na realidade, trinta e quatro anos.

Entrevistador: E a senhora estudou até quando?

Entrevistado: Até a sétima série.

Entrevistador: Só pra eu entender o tempo, a senhora casou quando? Com quantos anos?

Entrevistado: Eu casei com dezenove, dezoito anos. Eu casei com dezoito anos, eu vivi com o meu primeiro casamento, o meu primeiro casamento dois anos, separei-me, isso eu morava em outro bairro, tive um filho do meu primeiro casamento. Depois eu conheci esse meu marido que faleceu e nós vivemo trinta anos junto. Aqui no Cambuci, aí quando eu fui morar na casa dele em outro bairro, ficamos lá um ano, não deu um ano, que logo depois entregou as casa. Aí a gente veio mora pra cá e estamos aqui até hoje.

Entrevistador: Entendi. Então a senhora veio pro Cambuci há trinta e três anos, quando a senhora veio com esse marido que faleceu?

Entrevistado: Sim, que faleceu.

Entrevistador: Ele faleceu tem quantos anos?

Entrevistado: Fez três, dia dois de novembro.

Entrevistador: Então a senhora viveu com ele trinta anos. E aí depois que a senhora casou com, como que era o nome dele?

Entrevistado: (*suprimido*).

Entrevistador: A senhora casou com o (*suprimido*), a senhora teve quantos filhos?

Entrevistado: Eu tive duas filhas com ele e quando nós fomos morar junto, ele tinha um casal de filho. Um menino na época com sete anos e a menina com dez.

Entrevistador: E a senhora trouxe seu filho?

Entrevistado: Trouxe. Eu trouxe o meu e ele trouxe o dele. Aí então no geral, eu conto cinco filhos.

Entrevistador: Então, são seus filhos. A senhora que criou?

Entrevistado: É. Quando eu vim morar com ele, o menino dele tinha sete anos e a menina tinha dez. Ele sempre viajou pra fora, né? Ele era mestre de obra, então pegava construção fora, São Paulo, esses lugares tudo pra fora, nunca foi de ficar em casa. E sempre só vinha de final de semana ou então a cada quinze dias. E aí eu fiquei administrando a casa e as crianças, tive duas filhas com ele.

Entrevistador: Nessa época a senhora não trabalhava?

Entrevistado: Olha eu trabalhava, não trabalhava. Aí eu vim trabalhar quando eu tive... meu menino já tava com quatorze anos. O meu filho que hoje tem trinta e três, tava com quatorze anos. Aí eu trabalhava, eu já trabalhava também e ele já trabalhava aqui em Prudente.

Entrevistador: Entendi.

Entrevistado: Aí, tipo assim, eu saía cedo e ele também. Eu fazia minhas linhas, né? E ele sempre trabalhava em prédio, em construção aqui, de fato ele fez vários prédios aqui, ponte, tudo e aí a gente sempre tava em casa durante a noite, né?

Entrevistador: Entendi. Então foi mais a época de adolescência dos meninos, né?

Entrevistado: Adolescência dos meninos.

Entrevistador: Aí você pôde trabalhar pra fora.

Entrevistado: Aí eu pude trabalhar pra fora, foi aí que junto esses vinte anos que eu tô te falando, entendeu?

Entrevistador: Até o seu pai adoecer, né?

Entrevistado: Até o meu pai adoecer.

Entrevistador: Tá certo. Como é que era o bairro quando vocês chegaram?

Entrevistado: Ah, o bairro quando nós chegamos, a maioria das casas foi as oitenta casinhas, né? Que era o conjunto, depois tinha poucas casas do bairro, tinha uma barzinhos, não era nem mini mercearia, era um bar mesmo. Um pequeninho aqui e depois um maior lá em baixo, na mesma rua aqui, na principal do bairro. Depois que foi crescendo, aí a escola era lá no Planalto, que é um quilômetro e meio. O posto de saúde nosso era o do Alvorada, que até hoje ainda funciona. Então a gente fazia parte do Alvorada. Depois que abriu aqui, que eu

não sei que época que era, nós temos posto aqui. Aí a gente foi transferido pra cá e quando é alguma coisa a noite, a gente vai no Santana ou no UPA, né?

Entrevistador: Mais quando vocês vieram pra cá, quando esse conjunto foi criado já tinha energia, água, esgoto?

Entrevistado: Tinha, tinha energia, água, esgoto, só não tinha o asfalto. Quando a gente mudou não tinha, só que aí depois...

Entrevistador: Os seus filhos estudaram no Planalto?

Entrevistado: No Planalto. Aqui todas as crianças, a maioria, todo mundo ia pra lá. Tanto é que o meu menino, o meu enteado, a mais velha, vamo supor pela mais velha, que é a (*suprimido*), menina dele, já estudava no Clotilde, o menino dele já estudava no Alaíde e o outro meu menino estudava no Clotilde, mais pré, entendeu? Eles sempre estudavam no Planalto, porque nós não tinha escola por perto. Hoje tem, tem a nossa escola Vilma, né? E tem a próxima aqui que deve dá um quilômetro mais ou menos e tem a creche do lado do posto. Então, já favoreceu bastante. Nós tem o CRAS do Cambuci, tem pra quem gosta, eu vô fala pra você que eu faço quando o fisioterapeuta manda, tem a academia ao ar livre, né? Que a gente também faz exercício lá com os fisioterapeuta.

Entrevistador: Tem muito mais estrutura.

Entrevistado: Ah, muito mais.

Entrevistador: E com relação ao problema do bairro na época e agora? O que você me conta?

Entrevistado: Problema, como assim? Fala aí, só um exemplo.

Entrevistador: Violência ou coisa parecida.

Entrevistado: Ah (Entrevistador), eu vou ser sincera pra você. Se eu falar pra você, que do tempo que eu moro aqui, se alguém um dia me tirou uma colher, eu vou tá mentindo. Como eu te falei, quando eu saía pra trabalha, é, eu saía cedo, porque como eu fazia minhas linha pra fora, eu saía daqui de casa seis hora da manhã e eu voltava dez e meia da noite. Nós tinha uma Belina, eu tinha uma e meu marido tinha outra e eu trabalhava com venda. E eu saía e os quatro, né? Ficava aqui.

Entrevistador: Nunca teve problema nenhum?

Não, os quatro ficava aqui. Os meu menino, nunca aconteceu nada, nunca teve desavença. No comecinho do bairro, nem no comecinho, foi já quase pro meio mais, foi coisa de molecada, assim. De quatorze, quinze anos acha que queria manda no bairro, que aí eles começou com, ah vô pedi um gás aqui e eles dava seu endereço, você ficava esperando e às vezes você nem sabia, aí o cara vinha entrega o gás e eles robava. Mas isso aí foi coisas rápida que passou, porque... aconteceu comigo aqui, um dia eu fui abrir o portão e a pessoa, foi até uma farmácia, o rapaz entrou aqui dentro na minha casa e os menino aqui no meu portão com o outros, então assim, sabe? Foi bem... mais... pra fala assim, mexer, não. Olha minha menina ontem deixou a moto aqui fora, eu cheguei do culto, tava aí fora, já foi por pra dentro já era quase meia noite.

Entrevistador: Um bairro tranquilo.

Entrevistado: Um bairro tranquilo. O bairro tem seus errado, tem. Acho que todos os lugar tem, né? Mais é...

Entrevistador: Você nunca se sentiu insegura?

Entrevistado: Não e como eu te falei e vou te falar...

Entrevistador: Assim, por exemplo, nunca foi difícil ou perigoso criar seus filhos aqui?

Entrevistado: Não. E é igual eu te falei e vou te falar de novo, um bom dia, um boa tarde, não vai dizer que eu tô envolvida com eles, não é? Então, se eles passa aqui, como eu falo que eles me conhece, eles me chama, oh tia (Entrevistada D), boa tarde! Boa tarde, se entendeu?

Entrevistador: É a política da boa vizinhança.

Entrevistado: Cada um cuida da sua vida. Eu uso fala assim, eu não cuido nem da minha vida direito, vou cuida da dos outros? Eu vejo por esse lado.

Entrevistador: A senhora nunca se sentiu insegura com criação de filho?

Entrevistado: Não, não, não. Olha, com criação de filho eu nunca me senti insegura. Graças a Deus, os cinco, são todos encaminhado, nunca teve problema.

Entrevistador: Seus filhos, todos estudaram?

Entrevistado: Todos estudaram.

Entrevistador: Eles foram até onde?

Entrevistado: Então, a mais velha do meu marido terminou. Até falando agora, no domingo aqui, o meu enteado mais novo, ele não gostava de estudar, então nós tava até comentando, ele falou assim, ah mais não é culpa da (Entrevistada D), porque ela mandava eu pra escola. Então, ele falou assim, hoje eu sinto falta, que hoje ele já é pai, ele parou sinceramente no segundo ano do primário. Aí vem meu filho, parou acho que no primeiro, não terminou também, a minha outra filha, que já é do meu marido, do (*suprimido*), ela terminou o terceiro e a outra última, que tem vinte e seis anos agora, ela terminou e não terminou, porque ela tava fazendo Etec. Então, ela pulou pra Etec, entendeu? Mais assim, a única pessoa que não terminou, que não fez nada foi o (*suprimido*), que ele fez só até o segundo ano. Mais não quis, porque tinha aula todos os dias, é igual ele falou domingo, nós tava conversando aqui a respeito, eu cheguei do culto e eles tavam aqui e aí a gente tava conversando que ele tem um menino de dez anos, e aí ele falou assim, (Entrevistada D) eu sou uma pessoa assim ó, se eu fosse, se eu tivesse estudado, ele até falou, eu vou falar da maneira que ele me falou, se eu fosse uma pessoa que eu tivesse estudado, eu acho que eu seria um doutor hoje. Eu falei, por que (*suprimido*)? Ele falou, porque se eu leio um negócio, uma coisa só, eu já gravei, num esqueço mais, Então, a (*suprimido*) às vezes reclama que o (*suprimido*), que é o pequeno dele, né? Num estudar, mais ele falou pai, eu já prestei atenção, eu já li. Vamos supor, você tem uma prova, você tem que tá ali folheando, eu não precisava disso, aí foi quando ele falou, eu hoje me arrependo. Eu hoje sei o que você fez pra mim estudar, eu não fui porque eu não quis, se entendeu? Só que também ele não falava assim, eu não vô pra escola, porque aqui em casa tinha uma regra. Você vai pra escola? Vou. Então você vai estudar, se você for pra escola bagunça eu deixo o lugar pra outra pessoa. Então aqui sempre teve a regra com todos, eu falava, meu marido falava, você entendeu? Então, ele nunca falou assim, eu vou pra escola e matava aula, não. Meus menino nunca foi de matar aula. Ah hoje eu não quero ir pra escola, não quer? Por que você não quer? Ah, porque eu não quero. Ele mesmo não queria e não tinha Cristo que fizesse ele ir, entendeu? Então, eu até falei pro(*suprimido*) pequeno, ó (*suprimido*), você não ouça seu pai, seu pai tá arrependido, ainda

eu falei pra ele, (*suprimido*), eu ainda tenho uma opinião pra te dar, ele qual? Hoje você pode voltar a estudar.

Entrevistador: Faz o EJA, ué.

Entrevistado: Hoje você pode voltar a estudar, você pode fazer aquela eliminação de matéria, ele falou, então eu tô pensando nisso. Então, a cabeça dele... eu falei pro filho, você não vai pelo seu pai, porque estudo é tudo. Aí nós até brincou, porque ele tem açougue, tudo, ele falou assim, se você não for estudar, você vai ser açougueiro igual à eu, sabe? E começou a brincar. Mais os meus meninos assim, todos estudaram normal, todos no Planalto, sabe?

Entrevistador: E todos trabalham?

Entrevistado: Todos trabalham, todos tão encaminhado. A única que tá fazendo entrevista agora é essa da Etec mas, trabalha a noite quando surge algum serviço, que ela é barman, né? Mas os outros tudo trabalha, tudo encaminhado. Quem tem suas profissão tem, quem tem suas coisas própria tem, entendeu?

Entrevistador: A senhora, se a senhora olhasse pra trás, olhasse sua história inteira e pudesse escolher um momento feliz, o momento mais feliz, qual seria? Que momento você escolheria?

Entrevistado: Vixi, ai, qual momento? Ai (Entrevistador), tem tanta coisa, né?

Entrevistador: Pode falar várias. É só assim, coisas que você olha pra trás e te trazem felicidade.

Entrevistado: Ah, às vezes eu não vô nem saber dizer, mas, felicidade que eu vejo é quando igual, quando o meu marido viajava pra fora e chegava no sábado, né? Ou quando os filhos caso e daqui a pouco aparecia os neto.

Entrevistador: Ou seja, a senhora é feliz nas coisas pequenas, né?

Entrevistado: Pequenas.

Entrevistador: É a chegada do marido em casa...

Entrevistado: É... sabe assim? Um filho que fala, olha hoje, igual o meu menino, o meu menino é motorista de caminhão então, ele sempre teve um sonho de ser motorista de caminhão, hoje ele trabalha, tudo bem que é empresa, né? Mais ele realizou o sonho dele, então eu fico contente, eu fico feliz com isso, né? Tem o outro que também hoje em dia, antigamente vivia aí mexendo com construção como o pai, hoje ele tem um açougue, entendeu? Então assim, me traz felicidade, né? Eu lembro, tipo assim, você batalhou, batalhou, até que você conseguiu, mas, é isso aí.

Entrevistador: E agora o contrário. E um momento triste?

Entrevistado: Ixe...

Entrevistador: Quais são os momentos tristes que marcaram a vida da senhora?

Entrevistado: Bom, eu tive quatro percas, né? Quatro, cinco percas na minha vida, por enquanto. Eu tive duas irmã.

Entrevistador: Elas morreram de que?

Entrevistado: Afogada. Tive o meu pai.

Entrevistador: Elas morreram, como foi essa situação das suas irmãs? Eram crianças?

Entrevistado: Esse caso, não, não. Uma já era viúva, a outra trabalhava na indústria Liane. Mas nós era uma família assim, como todo mundo, a maioria trabalhava por conta, até hoje, não tem ninguém, meus irmãos nenhum são registrados, assim, paga os seus INSS, mas todo mundo é autônomo. Então era assim, nós tava igual tá nós dois aqui conversando, daqui a pouco o telefone tocava, ah nós vamo lá pesca na Cica, um exemplo, vamo? Vamo. Então, ajuntava todo mundo e ia e um final de ano, final de semana, no começo de janeiro, não era final do ano, porque abril, porque achou em quatro dias, é... um sábado, a minha irmã tava de férias da Liane, a outra já era viúva e o marido dela, da que trabalhava na Liane, ele falou assim, vamo pega Lambari pra nós pesca na semana? Aí ela falou, vamo. Aí elas foram aqui na, aí como é que chama essa rodovia aqui? Assis Chateaubriand, saindo aqui da Ângelo Rena na baixada tem aquele monte de bambu, tem uma ponte ali, né? Mais ali tinha um corguinho que tinha uma ilha, e do lado passava uma aguinha de cada lado, que não tampava seu pé. O peito do pé não tampava. E aí elas foram, foi meu cunhado e as duas. Isso aí foi numa sexta-feira, não, na sexta-feira choveu o dia todo, a noite, mais lá em Regente, aqui não. E no sábado, tava igual esse dia, turvo, meio nublado, de vez em quando dava uma garoinha, tanto é que eles foram, era umas duas horas da tarde e aí elas foram lá. E tavam lá pescando de peneira, pescando de peneira e pondo naquelas pet, os lambarizinho. E de repente quando foi umas... quatro horas da tarde, começou a chuveirar e aí meu cunhado falou assim, vamo saí e o barranco era alto como essa casa aqui, aqui em baixo era o rio e lá em cima o barranco pra subir. Aí meu cunhado falou, vamo saí que já começou a chover e a água tá começando a ficar vermelha, mais só foi tempo dele falar isso. A represa do clube San Fernando estourou e a água desceu. Conforme a água desceu, veio um jato que lá, quem quiser ir ver, tem um tubo que passa a tubulação da rodovia por cima, o tubo veio e encheu de uma vez. Então, de lá ele já veio trazendo árvores, tronco e tudo, né? E nós, por mais que nós gostava de rios, essas coisas, nós não entrava, a gente não sabe nadar. Então, elas também não sabia e tipo assim, apavoro quando viu, aí elas foram pra cima da ilhinha e meu cunhado falou assim, eu vou buscar a corda aqui, rapidinho eu volto. No que ele subiu pra buscar a água também já levou ele. Só que meu cunhado sabia nadar... Aí elas já começou a rodar, isso aí eu tô te contando porque tinha quatro pescador uns quinhentos metros pra frente delas e viu, né? Tanto é que os menino mais novo, queriam pula, o pai que não deixou, falou não, não, vocês vão morrer também. Porque veio de uma vez e quando o riozinho, depois de uns quinhentos metros ele fazia uma curva, então, foi quando elas boiaram, naquela curvinha, subiu, desceu e não voltou mais. E aí meu cunhado também foi carregado pela água, tanto é que ele foi passando na cerca de arame, porque igual, nós fomos lá à noite, depois a gente foi no outro dia de manhã com os bombeiro. E os moradores de lá falou assim, faz, tinha um senhor que falou isso, faz vinte e cinco anos que eu moro aqui, eu nunca vi um absurdo desse de água. Porque o bombeiro comparou assim, cem metros de largura de água, água e um poste de altura, entendeu?

Entrevistador: Três metros de altura, é muita água.

Entrevistado: Então, do jeito que veio, veio lavando tudo assim ó. Veio arrastando tudo e meu cunhado veio debatendo na cerca até que conseguiu escapar, se não tinha ido os três. E aí foi assim que, elas rodo quatro dias.

Entrevistador: Foi em que ano?

Entrevistado: Olha (Entrevistador), fez dezesseis anos agora, não fez quinze anos agora.

Entrevistador: Seus pais eram vivos ainda?

Entrevistado: Meus pais eram vivos. Foi em 2004 parece, acho que foi em 2004. Porque achou dia quatro de janeiro, no dia do aniversário do meu irmão.

Entrevistador: Vocês eram em quantos irmãos?

Entrevistado: Nós éramos em oito. Era quatro mulher e quatro homem. Foi na entrada de 2004 sim. Então, por isso que meu pai adoeceu.

Entrevistador: Foi por causa da perda?

Entrevistado: Assim, não é que ele adoeceu de uma vez. Foi, foi ficando meio triste e foi indo. E aí, os bombeiros já começaram, já chamou na hora do acontecido, ficaram até... era horário de verão, ficaram até umas dez horas da noite. Que aí começou a chover muito forte, aí marcaram pra o outro dia de manhã, todo mundo compareceu e foi assim, foi um caso tão falado, falou no Jornal Nacional, falou muito, até pouco tempo eles anunciaram quando tinha enchente, sabe? Eles anunciavam esse caso. E eles, o pessoal, os vizinhos delas, eu sou a mais afastada, elas moravam aqui num bairro mais próximo, né? Do Parque Alvorada. Eles iam, enchia a caminhonete pra procurar, então, eles ficavam à vontade. E os bombeiros também, e os bombeiro pra você tê uma ideia, eles usaram barco, de tanta água que tinha. Usaram barco, usaram aquela roupa de mergulho. Aí quando foi no quarto dia, um bombeiro chegou ne mim e no meu irmão e falou, olha aqui, essa ponte aqui, já a próxima caída da água já é pro Rio do Peixe, se nós não encontra os corpos aqui.

Entrevistador: Até hoje não encontraram?

Entrevistado: Até o Rio do Peixe não vai tê como mais, porque a gente aqui, eles entraram com aquelas é... carro da ambiental e eles entravam com aquelas motosserra, eles iam cortando as coisas e eles iam puxando os galhos, você precisa de vê que absurdo, sabe assim? E eles trabalharam muito bem e eu falo sempre, nossa gente, é porque as pessoas não conhece o valor do serviço do outro, entendeu? Como um bombeiro, sabe? Igual que eu falo.

Entrevistador: Colocando a vida dele em risco.

Entrevistado: Em risco. Você precisa de vê cada loucura que eles faziam. E a vontade, a sede que eles tinha de encontra, sabe? Então, tanto é que enquanto não encontrou eles não... simplesmente falou, olha, se caí da ponte pra lá, vai desagua no Rio do Peixe e vai ser difícil de encontra. Aí só se for com a máquina escavadeira. Mas aí deu certo que na volta que a gente subiu, esse meu enteado e meu irmão marcou um lugar, porque a gente ia procurando, procurando, procurando e os bombeiro também, vamo supor, finalizava a tarde daquele dia, eles falava assim, vamos sair daqui aonde nós tamo, aí então a gente cortava por fazenda pra sair na rodovia, não pegava de volta pra perde o lugar ali, então sinalizava ali. E meu irmão, um dos meus irmãos e meu enteado ele foi procurar e voltou atrás, nós fomos na frente e ele voltou atrás. Aí ele voltou, eu já tava até na casa da minha irmã, daí meu enteado chegou e falou (Entrevistada D), achei um isqueiro e um chinelo, você conhece? Eu falei bom, isqueiro é meio, que de todo mundo, mais parece com o da minha irmã. Que eu tinha uma outra irmã que fumava e esse chinelo é de uma das minhas irmã. Aí eu falei, você marcou? Marcou. Aí no outro dia o bombeiro falou, então a gente vai começar dali, vai desce de novo e vai começar dali. Aí dali pra frente, isso eles marcava sete e meia na base, saía todo mundo e quando foi, eu tava em casa, graças a Deus, meus pais tava aqui e... tava ligado no SPTV, meio dia e eu vim buscar o lanche, né? Que eles também não comem, eles comem só fruta, então a gente levava lanche pro pessoal e fruta pra eles. Às vezes eles nem queria, porque

eles tinha as frutas deles também e... e eu vim buscar o lanche e quando eu cheguei aqui eu liguei no SPTV, meus pais tava na sala ouvindo. Aí entrou uma moça na reportagem, olha, acabou de encontrar os corpos das duas irmãs, assim, assim, assim, eu falei nossa! Aí meu sobrinho que era civil já entrou em contato comigo e falou não, eu tô aqui, pode ficar tranquila, eles vêm só pra ajeitar. E aí foi assim. Aí uma perca foi essa, depois eu perdi meu pai, né?

Entrevistador: Foi em que ano?

Entrevistado: Do meu pai? Meu pai fez onze anos. Dia vinte e quatro de agosto de dois mil e nove. Então de dois mil e quatro pra cá, ele ficou, foi, sabe? Foi se debilitando. Igual, eu trabalhava, mais ele ainda tava andando, ele ia pro banheiro, foi quando eu parei porque ele começou a usar fralda, começou assim, a precisar de uma pessoa por perto dele, né? E aí ele ficou, é... até onze anos atrás e... minha mãe morreu, foi outra perca, dia doze, dia doze de abril de dois mil e dezesseis. Que depois que meu pai faleceu, ela veio morar comigo. Ela morou comigo quase onze anos, então era assim, ela era muito difícil, mais ela era mãe. Difícil assim, eu falo assim, ela tinha uma opinião. Se ela gostasse de você, ela gostava. Se ela não gostava, ela falava pra você que não gostava, gênio forte. Tinha dia que eu falava assim, nossa mãe, se a senhora fosse pique no chão pega fogo, sabe? Mais assim, era uma companheira, né? Depois que todo mundo saía pra trabalhar, ficava nós duas juntas, né? Almoçava, o café. Meu marido sentiu muito quando ela faleceu, porque ele não entrava no quarto dela, mais ele fazia o café de manhã, cinco hora da manhã, quando eu não fazia, ele fazia, quando eu fazia, ele não fazia. E aí ele chegava na porta do quarto dela e falava assim, cumadre e aí ela tava naquele soninho. Cumadre, aí ela falava oi, ó, levanta pra senhora toma um golinho de café. Então, a nossa vida era essa, entendeu? E ele não teve mãe, ele perdeu a mãe com quatro anos, então ele se apegou a minha mãe. A cumadre era a segunda mãe dele. Ele não jantava comigo, ele jantava na casa dela, ele fazia o prato na minha casa e jantava na casa dela, sabe assim? Ela chegava de tarde, ela sabia que ele chegava cinco horas da tarde e ela fazia o café e aí de quem tomasse ou então fizesse na frente dela, porque ela queria fazer o café do cumpadre (*suprimido*) dela. Tanto é que quando ela faleceu, ele sofreu, ele sentiu, foi quando estourou o câncer que a gente veio descobrir. Ele já tinha um câncer, mais tava adormecido, igual o médico falou. Ele tinha um tumor no pulmão, o dr. (*suprimido*) falou que já fazia mais de dez anos que ele tinha.

Entrevistador: Mais não era assintomático?

Entrevistado: Não, não sentia nada. Ele só tinha tosse, porque ele fumava cinquenta anos, né? E aí ele... ficou abalado com essa perca. Depois, foi logo que eu já tinha entrado na aposentadoria, ela morreu em... abril, ele entrou com a aposentadoria em agosto. Ele também sentiu, tipo assim, ele falou, nossa! Não acredito que aconteceu isso, esse valor. Eu falei, ah (*suprimido*). Eu não esqueço disso, porque no dia que ela faleceu, o advogado ligou pra que eu fosse lá pegar a carta que tinha chegado da aposentadoria dele. Aí eu expliquei pra ele, eu falei assim, então eu vou mandar o (*suprimido*). Aí como ele não podia ir, ele cuidava do prédio e não podia largar, então ele falou, então (Entrevistada D) eu vou de manhã, sua mãe tá sendo velada, eu vou de manhã, saio daqui seis horas, libero os pião, passo pelo escritório e volto pro velório, eu falei tá bom. Quando ele chegou, ele chegou super abatido, ainda eu falei, ah (*suprimido*), magina, melhor pingar do que faltar, ainda respondi assim pra ele. Então, mais aí o médico explicou, o médico me chamou e perguntou se ele teve alguma perca, se ele teve algum é...

Entrevistador: Trauma?

Entrevistado: Não foi nem trauma, uma... uma decepção e... Tipo um choque assim, que ele levou e que se transforma em perda. Eu falei, ah doutor, eu vou falar a verdade pro senhor, eu perdi minha mãe faz três anos, não, três meses e... e, minha mãe morava com nós há onze anos e minha mãe, nós ia viajar pra Campinas, aliás, o nosso carro o lugar dela taria lá. Se você tivesse que ir, mais não tivesse o lugar dela, fosse ocupado, você não ia, era ela. Então, aí eu contei pra ele, aí ele pegou ele falou, ele falou ó, é porque o seu (*suprimido*). Foi assim, ele tava trabalhando, numa segunda-feira e... ele passou mal. Tinha problema de pressão, teimoso, eu marcava exame aqui no médico do posto, ele falava (*suprimido*), vem aqui na hora do seu almoço, né? Quantas vezes marquei, falei meninas vocês desmarca aí, porque o (*suprimido*) não vai. Às vezes ia e fazia um exame por ano, normal, exame de rotina, porque ele não ia e brigava com a doutora ainda, doutora (*suprimido*), brigava doutor (*suprimido*) sabe assim? Ah, não precisa, eu tô bem e tal.

Entrevistador: Nunca cuidou da saúde dele.

Entrevistado: Nunca gostou. E aí um dia ele tava trabalhando, ele só pegava o medicamento dele e aí um dia trabalhando...

Entrevistador: Ele tomava remédio de que?

Entrevistado: Pra pressão e pra dormi. Aí quando foi um dia, o telefone tocou, era o pessoal do serviço. Dona (Entrevistada D) a senhora vem buscar o seu (*suprimido*)? Que ele passou mal. Mais eu achei que era pressão, né? Eu falei, vou. Aí, eu falei pra minha menina, vamo comigo porque onde, é aquele prédio que fez do lado do... em frente do Prudenshopping, ele começou aquele prédio na terra, ele parou tava no quinto andar, quando ele faleceu. Aí ele pegou e falou assim, eu falei pra minha menina, vamo comigo, porque lá não é lugar de estacionar e aí eu paro e você chama o pai, ela falou, tá bom. Aí ela foi. Aí chegamo lá, eu parei, deixei o alerta ligado e ela desceu e ficou demorando. Eu falei que caramba, que demora é essa só pra falar pai, vamo embora? Eu sei que eu dei três volta e eles não aparecia no portão do prédio. Eu falei, ah não! Vô tê que encostar, agora dane-se se der multa, aí encostei. No que eu encostei, que eu entrei, ele tava todo, de um lado todo caído, igual derrame, não falava, não andava. Aí nós colocou ele no carro, a gente achou até imprudência, depois que passa a situação que a gente vai vê que é imprudência, porque o pessoal tinha que ter chamado um resgate, eles tinha que ter socorrido, não ter me ligado primeiro, né? Pra mim socorrer. E aí, levei no médico, o médico falou que era um derrame emocional. Se alguma coisa tinha acontecido com o emocional dele, o doutor tinha perguntado depois do caso passado. Aí eu falei doutor, mais o que aconteceu, eu até saí desse doutor na época, eu falei doutor, mais eu queria que pedisse exame e ele falou que não precisa, vamo tratar como derrame emocional que é isso que aconteceu e meu deu o medicamento e eu vim embora. Foi um psiquiatra, foi até um, um neuro. Aí, tomou o medicamento quinze dias e eu sempre cuidano, eu vi que ele começou a babar, eu falei, peraí, opa! Tem alguma coisa errada, eu falei, vou marcar um neuro que eu conheço, que é o doutor (*suprimido*). O doutor (*suprimido*) na hora que eu entrei ele falou magina, isso é um derrame, tem nada de emocional, possa ser que venha ter alguma coisa, mais não tem nada a ver. Vamo fazer uma tomografia. Eu falei, então, eu pedi tanto uma tomografia pro outro médico e ele não fez, o outro, né? Eu passei quase quinze dias pedindo uma tomografia e o doutor falou que não precisava. Aí no outro dia levei pra fazer a tomografia, aí lá mesmo, o doutor (*suprimido*) falou assim, olha dona Lídia, falou pra ele assim, seu (*suprimido*), o senhor tem uma lesão no... o senhor tá com uma lesãozinha no cérebro, o senhor tem que ir pro hospital. Ele como era teimoso, eu falei assim, você tá entendendo que você tem que ir pro hospital? Aí ele falou

que sim, né? Ele não falava, chacoalhou a cabeça. Aí eu falei então tá bom, a senhora leva ele lá na sala de fora e volta aqui pra pegar a carta que eu vou mandar a senhora descer pro hospital. Aí quando eu voltei, aí veio a notícia. Aí veio a notícia, ele falou assim, dona (Entrevistada D), não é uma lesãozinha, o seu (*suprimido*) está com dois tumor na cabeça, um aqui na frente, é... que mexe com a coordenação, né? E a voz. E... um pequeninho, do tamanho de um limão na frente, menor do que um grão de feijão na nuca, a gente vai ter que fazer cirurgia. A senhora vai descer agora com ele pro hospital, daqui já vai internar e é o câncer, tudo indica que é câncer. Falei tá bom, senti, chorei, né? O chão cai, o doutor me acalmou, eu saí lá fora, respirei lá fora, peguei ele, entrei no carro, pensei, sabe? Porque eu sou uma pessoa assim, eu sinto, só que eu ajo, depois é que vem as consequências mas, eu sinto e já ajo. Aí eu sentei no carro, respirei e falei não, não vou levar ele daqui embora pro hospital, vou em casa primeiro, num sei se vai voltar, né? Aí trouxe em casa, liguei no meio do caminho pras meninas, a minha nora tava aqui. Aí ele sentou aqui, fumou um cigarro, o último cigarro que ele fumou. Ele sentou aqui na cadeira de área e minha nora entrou comigo, eu falei pra ele que eu ia ajeitar as coisas dele e já minhas menina chegou, aí já expliquei. Falei olha, vocês calma porque o pai vai fazer uma cirurgia, vamo torcer pra dá tudo certo, tal, tal. De fato deu certo a cirurgia mesmo, foi perfeita, ele, como eu tava com a tomografia, pronto, só fez um exame de sangue lá no H.R., ele entrou dia vinte e nove de julho, agosto e operou dia quatro de agosto, então assim, foi bem rápido, sabe? Só foi esperar desocupar um leito na UTI, tal, pra ele pode subir, porque tem que ter, né? Aí ele pegou e foi e fez a cirurgia, o doutor (*suprimido*) com a equipe dele, fez a cirurgia, foi muito bem sucedida, saiu da UTI já falando, não, da sala de cirurgia pra UTI já falando, que ainda eu lembro que ele foi enganado pra sala de cirurgia, como ele não gostava o doutor falou que ele ia fazer um exame e eu lembro. Eu não esqueço, uma coisa que, igual você falou, olha, lembra uma coisa, eu não esqueço isso, quando ele saiu da sala de cirurgia, menos enrolado do que ele falava, ele olhou pra mim e falou assim, é né veia, você me enganou, né? Você falou que era só um exame, eu falei então, mais se eu falasse pra você que era uma cirurgia, você ia? Tipo assim, entendeu? Então foi, ele voltou muito bem. Passou-se vinte dias, eu tava no posto aqui com a minha cunhada, como eu já falei pra você que todo mundo me conhece no posto, a minha menina tinha ficado com ele aqui, ele tava fazendo já fisio, já tava começando a querer andar, entendeu? Não comeno não, nem banheiro sozinho, mais andando ele tava nuns passinhos já. A minha menina falou mãe, e ele tinha um tal de auto se medicar, o pai tá aqui falando que tá com dor no estômago, que é gases, ele quer um Luftal, onde tem? Eu falei não, eu tô com a sua tia aqui no posto, eu trago seu pai aqui, pera aí que eu vou falar com a doutora (*suprimido*). Aí, falei com ela, ela falou não, pode trazer o seu (*suprimido*) dona (Entrevistada D), aí a minha menina já trouxe, chegou lá, ele foi pra maca, deitar, fui pegar uma cadeira lá na frente, pegou, deitou na maca, veio a doutora (*suprimido*), a (*suprimido*), a (*suprimido*) e... e a (*suprimido*) que era a minha agente ainda. Aí ainda ele falou pra doutora (*suprimido*), doutora (*suprimido*) eu tô com um mal-estar aqui ó, é gases, a senhora não dá um Luftal pra mim? E a minha menina foi ficar com a minha cunhada na outra sala. Aí eu peguei e fiquei do lado dele lá, aí ela falou, pera aí seu (*suprimido*) eu vou examinar o senhor, aí ela foi examinar, aí ela conversou com a (*suprimido*), mais em língua de médico, só que eu já me toquei, que igual eu falo, eu sou bem atenta. Aí eu me toquei, aí falou pra (*suprimido*) assim, oh (*suprimido*), dá quarenta gota de Luftal pro seu (*suprimido*), pra ele melhorar essa dor, que eu vou aqui e já eu venho. Quando ela falou eu vou aqui e já eu venho, eu fui atrás, eu falei (*suprimido*) espera aí que eu vou ali com a doutora (*suprimido*), tá? Aí eu cheguei lá e falei, fala doutora, aí ela falou, dona (Entrevistada D), vamo fazer o seguinte? O seu (*suprimido*) tá pós operado, no pós operatório, a senhora num leva ele pro H.R.? Falei, leve, leve sim. Como

eu já andava com a pasta dele no carro, aí de lá eu já fui. Aí cheguei lá no H. R. expliquei, uma doutora tava de plantão, falou o senhor fuma? Aí ele falou que não fumava mais não, do jeito dele, eu falei doutora, ele parou de fumar agora dia vinte e nove, faz... não faz nem um mês, não era nem dia vinte e nove de agosto ainda. Ela foi ainda brincando, então o senhor ainda fuma ainda. Quantos anos o senhor fumou? Ele fez assim, eu falei cinquenta anos, ela falou, ah, então, o senhor ainda fuma ainda, tudo na base da brincadeira. Aí ela olhou o pulmão.

Entrevistador: Ela fez raio-x?

Entrevistado: Primeiro sentiu naquele aparelho. Aí ela falou, vamos fazer um raio-x do seu tórax seu (*suprimido*)? Ele falou que sim, aí eu fui, levei ele, ficamos por ali aguardando. Ela tava tão ansiosa que ela não esperava nem os menino trazer o resultado, ela ía lá buscar, quando tava pronto ela voltava. Quando ficou pronto, eu tava lá fora, ela ne, chamou nós na sala, ela falou assim, seu (*suprimido*), o senhor tá com um probleminha, o senhor tá com um tumor no pulmão, aí ele só falou pra ela assim, doutora, já saiu o resultado da biópsia da cabeça? Aí ela falou pra ele assim, seu (*suprimido*), não se preocupa que tudo vai dar certo. Hoje em dia a medicina tá bem avançada, a gente vai cuidar do senhor. Ele falou, então tá bom, ela falou, então eu vou internar o senhor, pode? Ele falou pode, chacoalhou a cabeça que sim. Aí ela internou, aí nós subiu pro pneumologista, já ficamos lá, aí o doutor já veio, me orientou, falou assim, olha dona (Entrevistada D), é assim, assim e assado, ele tá com um tumor no pulmão, que já faz, esse tumor do tamanho que ele tá aqui, ele deve tá constando já uns dez anos, só que nunca se manifestou, eu vou falar pra senhora em palavras. Eu falei doutor, fala em palavras que a gente possa entender. É como se ele estivesse dormindo e aconteceu alguma coisa que mexeu com o emocional dele, que acordou ele e ele, como que descobriu na cabeça? Porque deu metástases na cabeça, porque no início...

Entrevistador: Entendi, ele tinha o tumor no pulmão que deu metástases na cabeça.

Entrevistado: E eles não descobriram por que? Porque ele nunca sentiu nada, então aconteceu na cabeça, então a gente cuidou da cabeça. Só que em compensação também, o do pulmão não tinha mais o que fazer. Porque depois disso, o doutor (*suprimido*) veio aqui, ele tava já, ele ficava no hospital e vinha embora, ficava, internava e vinha embora, nesses três meses.

Entrevistador: Ele chegou a fazer quimio? Rádio?

Entrevistado: Fez rádio, vinte rádio. Então, e nesse meio tempo ele vai debilitando, né? Então o doutor (*suprimido*) vinha olhar ele aqui, vinha mais as meninas com o doutor (*suprimido*). Aí o que aconteceu? O doutor (*suprimido*) um dia trouxe o notebook, falou assim, dona (Entrevistada D), senta aqui perto de mim que eu vou explicar pra senhora como que tá a situação do seu (*suprimido*), eu falei, tá bom doutor. Aí ele sentou, igual você tá assim, abriu o notebook na perna e falou, me arruma um papel e uma caneta? Eu fui, peguei um caderno, aí ele desenhou o pulmão, a traquéia e ele foi circulando, ele falou olha, nesse pulmão aqui ele não tem nada, mais nesse aqui ele tem esse, tem esse, tem esse, tem esse, tem aquilo e foi falando, na traquéia, aqui ele já tinha dois, sabe? Aí, o da cabeça tinha tirado, né? Fora o da cabeça, acabou aparecendo doze, entendeu? Quando esse acordou, ele já acordou a todo vapor, vamos supor assim, bem agressivo. Aí tomou o tórax todo, aí o doutor (*suprimido*) foi bem claro comigo, ele falou assim, dona (Entrevistada D) olha, eu sei que a senhora é uma pessoa bem sensata e eu vou falar uma coisa pra senhora, o dia que o seu (*suprimido*), não, como que ele falou? Ele falou assim ó, é... a senhora tem uma plena certeza, o dia que o seu

(suprimido) for pro hospital, ele não volta mais. Então, enquanto a senhora puder ficar com ele, aproveitar os filhos, a senhora aproveita, porque o dia que ele tiver que internar, ele não volta, eu falei, tá bom doutor. Aí assim a gente foi levando, os neto cuidano, os filho tudo. Aí quando foi um final de semana, passou sábado e domingo, todo mundo aqui, no domingo pra segunda, foi a pior do mundo... foi a última noite, mais foi a pior do mundo, que ele passou em casa, que aí eu vi que não tinha mais como segurar. Aí eu liguei pros meninos, pros filhos. Aí eles vieram e eu falei olha, o seu pai passou a pior noite, a gente já não vinha dormindo, mais essa foi a última, foi a noite que ele sofreu mais, né? Aí eu falei, eu quero a opinião de vocês, o que vocês acha que a gente vai fazer? Eu tô avisando porque o doutro falou isso, isso e isso, então vamo esperar em casa ou vamo já socorrer? Aí a minha enteada mais velha, é... antes de todo mundo falar, ela falou o (Entrevistada D), que eles me chamam por nome, ela falou (Entrevistada D), eu acho que você deve fazer o que você achar melhor, o correto com o meu pai, se você acha que tá na hora, eu acho que tem que levar. Aí eu peguei e falei, bom, então e vocês? Aí eu olhei pros meninos, ninguém respondeu nada, tipo assim, fique à vontade, né? Eu falei, então eu vou levar, aí eu levei pro UPA, porque de qualquer forma tinha que passar pelo UPA primeiro. Passei pelo UPA, no UPA eu achei até chato por que lá o pessoal, eu cheguei lá nove horas da manhã, eu saí de lá meio-dia, com os dado dele todinho, ele lá dentro, na situação que ele tava, não precisava o médico esperar, porque o que o médico falasse não ia resolver nada, então tinha que internar. Não que ele morreu por causa disso, entendeu? Não era, simplesmente ele segurou ele lá, podia ter ido mais cedo, né? Aí ele pegou, liberou meio-dia, isso foi numa segunda, passou, fomos direto pro H.R. do UPA. Chegando no H.R. o doutor já colocou ele na semi. Aí ele falou pra mim, dona (Entrevistada D), a senhora pode ir embora porque o seu (suprimido) tá na semi e não tem como a senhora ficar por aqui, qualquer coisa a gente liga pra senhora, tem a visita da Semi-UTI, eu falei, tá bom. Aí vim embora, aí quando foi umas sete horas eu falei, vô me trocar pra mim fazer a visita das sete horas da Semi-UTI. Falei pros meninos do pai, aí tá bom. Quando eu tô tirando meu carro, o celular meu toca, dona (Entrevistada D), o seu (suprimido) foi pro quarto, a senhora já vem com as coisas, eu, tá bom, vou demorar um pouquinho que eu vou ter que voltar pra pegar as coisas. Aí voltei pra dentro, peguei as coisas, coberta, travesseiro, essas coisas pra ele e a roupa dele pra voltar, pra ficar no hospital. Porque a gente num ficava assim, dez dias, cinco dias, vinte dias, num tinha tempo, que aí ele tava na oncologia na época já. Aí eu peguei e voltei, aí ele foi pro quarto normal, mais embaixo, lá no H.R. mais no quarto, num foi em maca não. Aí, isso foi no dia primeiro de novembro pro dia dois, aí quando foi... começou assim, umas nove horas da noite, tinha três doutora de plantão, depois trocou o plantão, entrou três doutora, então elas tava sempre revezando, ia uma, ia outra. Aí ela... pegou e falou pra mim assim, me chamou lá fora e falou, dona (Entrevistada D), a senhora sabe da situação do seu (suprimido)? Eu falei sei, sei de toda a situação. A senhora tá ciente? Eu falei, tô ciente. Aí ela falou assim, então, porque a gente vai vê se a gente libera a visita pra ele amanhã, onze hora da manhã, eu falei, tá bom. Aí só que elas passaram a noite inteirinha visitando ele, olhando ele, a noite inteira, inteirinha. Aí quando foi seis hora da manhã, elas foram as três de novo. Tornou a me chamar lá fora e falou, dona (suprimido), a senhora... nós não vamos liberar onze hora, nós vamo libera agora, oito hora da manhã. A senhora já avisa o pessoal, se tiver parente de fora, eu falei tem, porque os filho da minha cunhada já tinha vindo, os de Campinas já tinha vindo, tava todo mundo aqui já. E... só que a gente vai libera assim, primeiro os filhos, dez minutos, cada dois. Depois que os filhos saírem, for a vez dos filhos, vai vindo os familiares e se os filhos quiser retornar, enquanto tive, tudo bem. Aí eles faziam um crachá, só com o nome dele, eu ia na porta e falava pro segurança, o segurança tava avisado, olha eles vão entrar eles dois e colocava lá,

(suprimido). Ficava dez minuto, saía e eu levava na porta de novo e trocava, eu só trocava sabe? E assim foi, isso foi na terça já do feriado. Quando foi duas e meia pra três hora, aí tava, chegou meu sobrinho, meu menino de novo, esse que tá viajando, ainda eu falei de novo (suprimido)? Você precisa de ir embora, ele falou, ah mãe, eu lá em casa e aqui na frente do hospital pra mim é a mesma coisa, então eu vô ficar aqui, eu fiquei aqui. Aí o segurança veio e falou assim, você vão entrar? Eu falei vai, meu sobrinho chegou, que era motorista da Andorinha, chegou agora e meu menino vai entrar de novo. Aí entrou os dois, só mesmo pra um ver o pai morrer e o outro pra ver o tio. Que aí lá ele faleceu, eu só falei pra ele assim, você sabe quem tá aqui? Aí eu vi quando escorreu uma lágrima assim, aí eu fechei o olho dele, fechei a boca, né? Foi a perca pior do mundo, né?

Entrevistador: A senhora teve um casamento feliz?

Entrevistado: Vixi! Não é porque morreu não, mais se tivesse que ser tudo de novo, ia ser tudo de novo. Com muita batalha, né? Porque tem filho pequeno, filhos que não era meu e nem dele também, né? Mais, teria tudo de novo e também, é... eu creio que, igual quando ele passou mal, que ele não pode ir no banheiro e ele queria evacuar e ele ficou meio bravo. Eu falei não, se fosse eu? Então você não ia cuidar de mim? Entendeu? Então, tipo assim, né? É... eu acho que ele cuidaria também da mesma maneira que eu cuidei dele, né? E essa foi a perca que eu falo assim, já perdi irmã, é uma dor. Perdi pai, uma dor também. Perdi minha mãe também, não que minha mãe, tipo assim, se eu te falar pra você que eu sinto mais falta do meu pai do que da minha mãe, eu vou... se eu falar pra você que eu não sinto, eu vou tá mentindo, eu vou ser hipócrita, por quê? Porque meu pai ele era uma pessoa doce, carinhosa, amigo. Minha mãe ela era isso, só que ela tinha o gênio forte dela, entendeu? Mais ela era tudo também, então eu sinto falta dela também. Mais eu falo assim, eu nunca perdi filhos, mais perde o marido... não sei se você é casado.

Entrevistador: Vou casar daqui um mês.

Entrevistado: Perde o marido meu amigo, eu vou te falar, não é fácil, não é.

Entrevistador: É que perde o companheiro da vida, né?

Entrevistado: Ixi! É uma dor muito, muito, muito diferente... e aí a vida continua. E a gente vai batalhando, né? Que parar também não pode.

Entrevistador: Não, não. Porque tem, a sua vida continua.

Entrevistado: A vida continua, como se eu tivesse ido e ele tivesse ficado. Com certeza ele também tava sofrendo. E a única coisa que ia ficar diferente, é que ele ia continuar trabalhando e eu num trabalho, né? Que ele tinha o serviço dele... Mais, é a tristeza pior do mundo e que num... não tem assim, nada, nada, nada, nada que tampe o buraco não. Você tá bem, tem hora que você tá bem, os filho tá todo mundo aqui, tá todo mundo conversando, dando risada e você tá entrando no clima mas... saiu do portão pra fora, você sentiu aqui dentro sozinha... não é todos os dias, mais tem hora que o bicho pega e você chora com parece que morreu alguém. Então, parece assim que morreu alguém, de novo, né? Naquela hora, mais é complicado. Mais é isso aí (Entrevistador) e assim vai. Então é assim, a vida é essa.

Entrevistador: Não, eu te agradeço a sua disposição de falar comigo, de partilhar um pouco da sua história, das suas alegrias, das suas dores e que... eu fico tocado com a sua história e com o nível de cumplicidade que a senhora teve com a sua família. Abdicar de parte da sua vida pra cuidar dos seus pais, depois do seu marido.

Entrevistado: Cuido da minha cunhada...

Entrevistador: Cuida da sua cunhada. Cuida dos...

Entrevistado: Até os vizinhos se você quer saber, quando eles precisa. Mais é assim mesmo, né? Melhor cuidar do que... tem certas coisas, eu falo assim, que é melhor você ajudar do que você precisar, não que eu tô sendo é... como é que eu posso dizer? Petulante, não. É porque você tá fazendo, você tá ajudando.

Entrevistador: É sinal que você tá bem, tá podendo ajudar.

Entrevistado: Entendeu? Enquanto você tá podendo ajudar, tá bom, né?

Entrevistador: Não é assim, eu acho especial que você pode tá presente. Talvez se você não fizesse, se fosse o contrário, se você não pudesse tá presente, talvez hoje você teria uma sensação de que você podia ter feito mais.

Entrevistado: Ah, tá! Então, é eu não tenho essa sensação. Graças a Deus! Eu quando o meu pai faleceu, pra mim eu perdi o chão também, eu vô falar o meu pai porque as minha irmã já era casada, tinha outra vida. Mais meu pai eu cuidei, né? Minhas irmã ninguém cuida, agora foi uma tragédia. Mais o meu pai, a gente, eu cuidei, então o meu pai eu dava banho, eu cortava cabelo, eu cortava a unha, eu dava banho e fazia massagem nas pernas, sabe assim? Eu tinha a minha vida dedicada a ele, certo? Tanto é, que eu tava falando com a minha cunhada hoje, que chegou um ponto na hora de vender a casa do meu pai que não vou entrar em assunto, mais eu vou te dar só um exemplo. Nós tinha um grupo da família e esse grupo, hoje sou fora, por quê? Porque chegou uma hora que eles ficaram contra mim e eu fui obrigada a falar pra eles, porque (Entrevistador) eu tinha... nós éramos em oito, você concorda comigo que eu tenho mais uma irmã, então fiquei duas irmã e quatro homem. Eu tinha não, eu tenho quatro irmão homem, só que nunca, nunca, você pode acreditar no que eu tô te falando, nunca, eu não vô ser hipócrita de tá mentindo. Que nenhum dos meus irmão chegou ni mim e falou assim, eu posso ajuda a dá um banho no pai? Eu posso levar e se eu não conseguir fazer a barba, eu posso levar pra fazer a barba dele? Não! Então eu cortava cabelo, eu fazia barba, eu dava banho, eu cortava a unha, eu era a única. Porque minha mãe coitada, ela não podia fazer e também ela já era de idade. Então, você não ter um irmão pra falar assim ó, vai descansar hoje, pra dividir seu fardo, é demais você não acha? Entendeu? Então chegou ao ponto de eu chegar no grupo e falar assim, espera aí! Quem de vocês veio aqui um dia dá um banho no vô? Dá um almoço pro vô? Pega ele e leva pra almoçar na casa de vocês? Quem é vocês pra falar isso? Eu sim parei tudo, não reclamo não. Se eu tivesse que cuidar dele de novo eu cuidaria. Mais num é em termos de reclamar, é em termos de, da realidade. A realidade, eu falei pra minha cunhada hoje, a realidade dói. Quando a pessoa tem que ouvir a verdade dói, entendeu? Então meu pai faleceu, olha (Entrevistador), senti, chorei, você sente mesmo, é da carne, só que eu deitei na minha cama, eu dormi a noite inteira tranquila, eu não tive um pinga de remorso. A minha mãe a mesma coisa. Eu tenho uma irmã, eu não sei se você conhece aqui, mora lá pra frente do Humberto Salvador, numa chácara. Lá do Humberto aqui dá meia hora, a minha irmã passava meses sem ver minha mãe, certo? E aí, quando álcool era barato, um real, cinquenta centavos, eu nem lembro quanto que era, ela falava pra mim assim, ligava no meu celular e falava assim, avisa pra mãe que eu não vou visitar ela aí hoje, porque eu não tenho dez reais pra mim por de combustível, tá eu aviso. Só que eu já sou esquentada pra esse tipo de ponto, porque minha mãe, ela, você fazia mas os outros levava a fama, só que eu num queria que ela me glorificasse, não. Eu queria que ela entendesse que tava errado. Aí, eu sou evangélica, só

que eu não deixo de cuidar do meus dentro de casa pra cuidar dos de fora. Eu cuido dos meus e dos de fora também, se precisar. Que que a minha irmã fazia? Aí, passava um dia, dois dia, ah então, né? Sábado eu não fui ver a mãe, mais a irmã da igreja, lá na COHAB, a irmã da igreja da COHAB tava gripada, não tava jantando, eu fui lá fazer uma canja pra ela. Ah (Entrevistador), me poupe! Aí eu vou falar isso pra você? Aí você faz o quê? Você fica dando um sorriso? Nossa, que legal! Você entendeu? Essa minha cunhada mora comigo, mais de oito anos, ela tem doença do Crohn horrível. Eu levo pra internar, eu já fiquei meses com ela dentro de um hospital, ela tem uma filha em São Paulo, eu tava conversando com ela isso hoje, porque tava no assunto dos filho. E ela tem uma filha em São Paulo, eles são tudo de São Paulo, a filha mulher dela não é capaz de falar assim, eu vou lá num feriado ver minha mãe, eu vou lá numa consulta com a minha mãe, não sabe nem que remédio que a mãe toma. Se eu der o remédio aqui que mata, ninguém nem fica sabendo, você tá entendendo? Então, é esse tipo que eles fala que ah, você é muito ignorante, você é chata. Ah a tia (Entrevistada D)? Deus me livre! A (Entrevistada D)? Deus me livre! Não é, é a realidade, é a pura realidade. Puxa, meu marido ficou três meses na cama, a minha filha, que mora uma rua abaixo aqui, pode perguntar no posto, ela perdeu o cabelo, caía as tocha assim, ó. Ela pegou uma alergia, foi o doutor (*suprimido*) que passou, até hoje ela passa a pomada que ele mandou, com a fórmula que ele fez pra ela, por quê? (*suprimido*) é estresse emocional. Ele deitava no sofá aqui (Entrevistador), ele ficava o tempo todo, eu fazia, mais eu não fazia igual ela, ele falava assim, eu quero a (*suprimido*), chama a (*suprimido*), eu já entendia, fazer massagem aqui pra abrir a traquéia. Você podia sentar do lado dele e fazer, não, não tava bom. Ela não tinha vida! Chegou ao ponto dele falar pra mim assim, faz almoço e janta aqui pro (*suprimido*) e a (*suprimido*) come aqui. O meu quarto tem o banheiro, ele tava na cama, às vezes ela falava mãe, eu queria tomar um banho, eu vou em casa. Quando ela saía na porta do meu quarto ele falava assim, ele acabou de levantar da cama dele, ele chamava, (*suprimido*)? Aí ela falava, oi pai. Vêm aqui e ela voltava. Eu falava assim, (*suprimido*), toma um banho então aí no banheiro da mãe, você entendeu? Os outros, mesma coisa. A minha outra menina de vinte e cinco anos, ela mora aqui, doze quilômetro, ela passava, saía do serviço seis horas, chegava aqui seis e cinco, então, exemplo meus filho teve. Eu cuidei de muitas pessoas, cuidei do meu pai, da minha mãe e é o que eu falo, o meu pai e a minha mãe, meus filhos, os netos foi criado tudo junto. Não que a gente morou junto, mais todos os dias eu ia na casa do meu pai, quando eu podia, quando nós podia ir durante o dia, nós ia à noite. Meu marido chegava, quando tava trabalhando já aqui, vamo lá ver o (*suprimido*)? Vamo. Nós ia a pé, quando não tinha carro, então meus filho tem exemplo, os meus netos tem exemplo. Esses daqui ó, eu tenho mais um que a minha nora foi buscar, mesmo ano, mesma idade. O vô aqui, o outro que vai chegar daqui a pouco, eu tava ali e falava assim, o (*suprimido*) fica com o vô aqui um pouquinho que a vó vai só aqui na cozinha toma uma água. Quando eu tava pondo a água no copo, o vovó o vovô tá tossindo, então vamo lá. Eu tinha tampa, se você chegasse aqui eu tinha tampa de tupperware pra eles, eles catava as tampa de tupperware a fazia assim ó, pro vô respirar, você entendeu? Então, eles tem exemplo. Então, é o que eu falo, os meus sobrinhos, eles não teve exemplo, mais eu não culpo ninguém não. Só que não venha ser hipócrita, fala ao mesmo tempo. Ah não, pera aí! Você não pode. Posso, eu posso dormi tranquila, eu posso deita, olha minha mãe... meu pai morreu nos meus braços, minha mãe morreu nos meus braços, minha mãe tomou café sete e meia da manhã comigo na mesa, oito hora deu um mal súbito na minha casa. Então, meu marido morreu, eu tava junto. Então, que exemplo eu tô deixando? Se eles quiserem pegar, tudo bem. Agora minha irmã nunca, eu vou falar da minha irmã, minha irmã nunca falou assim, olha, o fulano, vamo lá na casa da sua vó almoçar? Ou então, vamo busca sua vó e

seu vô pra almoça na minha casa? (Entrevistador), eu tenho cunhadas em Campinas, é cunhada minha porque é casada com o meu, ela é casada com o irmão do meu marido, quer dizer, não é família minha. Mas quando eu ia pra São Paulo, pra Campinas, a minha mãe ia junto. Se você falasse assim, dona (Entrevistada D), vai ter um aniversário meu ou da minha mulher aqui, a senhora vem, eu tô convidando. O (Entrevistador), tudo bem, eu posso até ir, mais eu posso levar a minha mãe? Que ela mora comigo. Eu nunca larguei ela pra trás e falar assim, não, não, ela fazia parte da minha vida. Então, tudo tem um custo e esse custo é lá na frente, é o que eu falo, esse custo tá lá frente. Então, você procura andar direitinho, né? Ter um temor a Deus em primeiro lugar, porque se você não tiver temor a Deus, você não é ninguém e ter um Deus na sua vida, não é ninguém. E tenta fazer o melhor. Eu tô aqui em casa, essa aqui as vezes me liga, ali na frente o vizinho me liga, o daqui me liga, ou, você não chama a farmácia pra mim? Ou, você num leva eu no médico? Você não me leva pra fazer um exame? Levo. Olha, toma aqui, quinze, vinte reais. Não. O dia que eu não tiver, eu falo, ó hoje eu quero pra mim abastecer, mais hoje eu tenho. Então, eu vou com o meu, o dia que eu não tiver, você põe, você entendeu? Eu, meu pai me ensinou nós assim, pegou quem quis, né? Eu não vou dizer das minhas irmã que faleceu, porque elas também era apegada com a minha mãe e com meu pai, né? Então, eu não qual seria a atitude delas nessa situação. Mais eu sou assim, a outra não é infelizmente, não posso fazer nada, né? Se tem algum tipo de remorso, não sei, mais eu não tenho. De nenhum deles que eu perdi. É igual eu falei, choro mesmo, quando eu tô, choro e tudo, mais é aquele chorar de saudade. A saudade vêm e você não tem como segurar não, né? Mais é a vida que segue.

Entrevistador: Ah não e é parte da vida. A gente nasce, a gente cresce e depois vai morrer.

Entrevistado: Quando eu perdi minhas irmã, depois perdi meu pai, eu comecei a ver a vida num outro sentido, tipo assim, já cumpriu a sua missão. Meu pai, as minhas irmã uma tragédia, meu pai cumpriu a missão aqui na Terra, cumpriu a missão e acabou. Eu comecei a ver a vida assim, entendeu? Tipo assim, é... você saiu aqui fora, alguém baleou alguém ali fora, opa! Foi uma tragédia. Você procurou a morte é uma tragédia, mais minha mãe tinha noventa e um ano! Morreu conversando comigo, pegava na minha mão, aí eu tô com sono, então dorme um pouquinho, ela tava morrendo, você entendeu? Descansou! Meu pai, ele passou mal, eu chamei o resgate, o resgate chegou aqui no planalto, bem na torre da Bandeirante. O resgate parou, o policial que tava atrás de mim falou assim, tem como você, nem é policial, né? Bombeiro, né? Tem como a senhora levar o seu (*suprimido*) no colo, aqui na parte de trás? O peitoral dele na cabeça, porque tá trepidando muito, eu falei tem. Saí daqui, sentei ali, meu pai aqui segurando a minha mão, mais foi só pra mim despedir. Na hora que ele segurou, que ele olhou pra mim, ele morreu, você entendeu? Então por que eu vô ter remorso? Se eu cuidei até a última hora. Não tenho, não tenho mesmo, não tô sendo hipócrita, não. Não tenho, não tenho mesmo, não tenho de jeito nenhum. E todo mundo conhece eu, todo mundo sabe do meu coração. Se eu falar pra você assim, agora dá, hoje não dá, não dá, mais se eu falar dá, eu vou até o fim, entendeu? E é isso que eu passo por posto, por isso que ele me conhece, porque eu não tenho nada a esconder... E aí a vida vai fio, e a vida vai e segue.

Entrevistador: Eu te agradeço por partilhar comigo sua história.

Entrevistado: Então, não sei se foi boa ou se foi ruim.

Entrevistador: Foi ótimo. Eu acho que eu vou conseguir tirar muita coisa da entrevista até pra minha vida, não é tanto da pesquisa, mas pra minha vida.